

# PDDL

Projeto Democratização da Leitura  
[www.portaldetonando.com.br](http://www.portaldetonando.com.br)

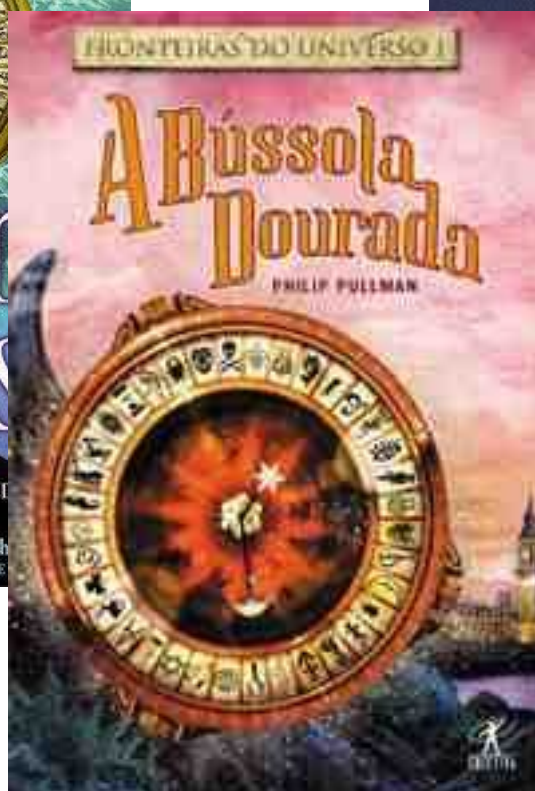
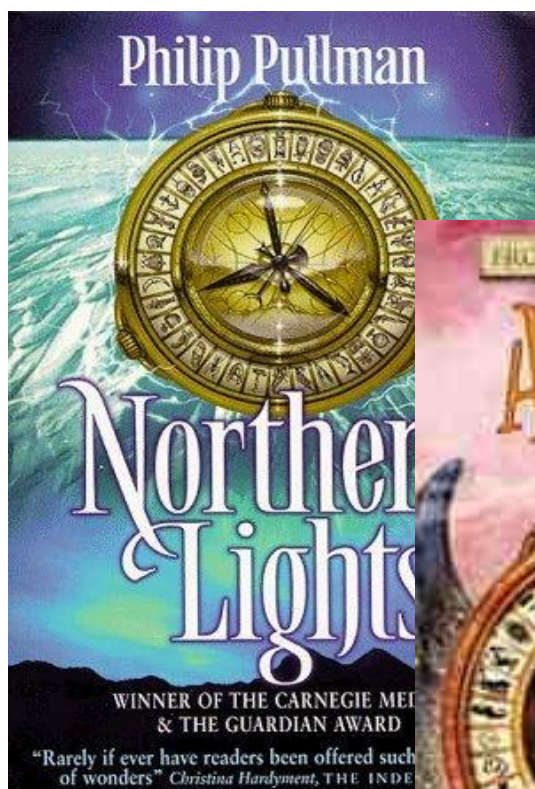
**Coleção**

**Fronteiras do Universo**

**Volume I**

**A Bússola Dourada**

**Philip Pullman**



Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!

[webmaster@portaldetonando.com.br](mailto:webmaster@portaldetonando.com.br)

Um mundo mágico... Um universo de fantasias onde os daemons correm pelas ruas de Oxford e Londres... onde um redemoinho de poeira misteriosa está por toda parte, tornando possível às crianças conhecerem segredos que os adultos dariam tudo para desvendar.

Primeira parte da trilogia Fronteiras do Universo, A Bússola Dourada é um romance de aventuras surpreendentes criado por Philip Pullman. Neste volume, a jovem Lyra se lança numa busca desesperada quando seu amigo Roger desaparece. Quem está por trás dessa trama que ameaça jovens e crianças? Como lutar contra essa força poderosa e maligna? São perguntas que Lyra terá de responder para descobrir o mistério que envolve o desaparecimento de Roger.

Na paisagem árida do norte, Lyra enfrenta terríveis obstáculos. Ursos de armaduras dominam a região. As bruxas-rainhas sobrevoam a paisagem gelada e sombria. Uma mulher misteriosa acompanhada de seu macaco dourado dedica-se a experiências indescritíveis e assustadoras. Sempre rodeada por perigos, Lyra não se intimida, irá aonde for preciso para descobrir o que aconteceu a Roger... mesmo que tenha que ir além dos limites do planeta.

Philip Pullman é autor consagrado entre o público infantojuvenil e elogiado pela crítica especializada. Traduzida em mais de 17 idiomas, A Bússola Dourada vem liderando a lista dos mais vendidos nos EUA. Comparado à obra de Tolkien, este livro foi indicado pela Publishers Weekly como um dos livros do ano de 1996.

A BÚSSOLA DOURADA  
Prêmio Guardian  
Prêmio Carnegie  
Melhor livro juvenil de 1996

FRONTEIRAS DO UNIVERSO I  
A BÚSSOLA DOURADA

"Realmente grandioso... Força e beleza, cena após cena."  
New York Times

"A obra mais ambiciosa desde O Senhor dos Anéis. Intelectualmente emocionante e narrativa magnífica."  
New Statesman

"A história se passa em vários níveis (...) uma aventura emocionante, com muita ação, por vezes violenta, em que a heroína adolescente possui mais do que simples semelhanças com Huckleberry Finn. (...) um texto belo, chocante, comovente, intelectualmente engraçado, de uma inventividade magnífica. Simplesmente uma grande história capaz de agradar a todas as idades."  
The London Times - Educational Supplement

"A Bússola Dourada agrada a leitores dos oito aos 80. (...) adultos experientes podem adivinhar que o bem triunfará no final. No entanto, a criança que existe em cada um de nós acompanha a história com arespiração suspensa e se vê perplexa diante da expectativa aterrorizante das últimas páginas. Por sorte, ainda há esperanças na promessa do próximo livro da série."  
The Standard

"O enredo intricado combina fantasia, suspense, mistério e uma busca repleta de demônios, vilões e crianças inocentes, porém maliciosas. O pano de fundo para esta aventura é Oxford, Londres e Escandinávia. A BÚSSOLA DOURADA é daqueles livros que o leitor não consegue fechar até chegar à última página. Uma história envolvente, sedutora, repleta de surpresas."  
The Scotsman  
\*\*\*\*\*

A BÚSSOLA DOURADA

Tradução de  
Eliana Sabino

OBJETIVA

Título original

HIS DARK MATERIALS 1: NORTHERN LIGHTS

Direitos em língua portuguesa para o Brasil adquiridos  
por EDITORA OBJETIVA LTDA.,

rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro -RJ - CEP: 22241-090

Tel.: (021) 556-7824 - Fax: (021) 556-3322

INTERNET: <http://www.objetiva.com>

Capa

Pós Imagem

Revisão

Rita Godoy

Isabel Cristina Aleixo

Umberto Figueiredo Pinto

1998

109876 5432

Nesse abismo selvagem, seio da natureza, e,  
talvez, seu túmulo, nesse abismo que não é  
nem mar, nem terra, nem ar, nem fogo, mas  
todos esses elementos confusamente  
misturados nas suas causas fecundas, que  
devem lutar sempre assim, a menos que o  
todo-poderoso Criador ordene aos seus  
negros materiais que criem novos mundos;  
nesse abismo selvagem, Satanás, o  
cauteloso inimigo, mantém-se à beira do  
inferno, contempla-o algum tempo,  
refletindo sobre a sua viagem...

John Milton: Paraíso Perdido, Livro II

(tradução de Conceição G. Sotto Maior -Clássicos  
de Bolso -Ediouro -pág. 52)

A BÚSSOLA DOURADA é a primeira parte de uma história em três volumes.

O primeiro volume é situado num universo como o nosso, porém diferente em várias coisas.

O segundo volume é situado no universo que conhecemos.

O terceiro volume irá movimentar-se entre os dois universos.

Observação:

A palavra "daemon" é latina, portanto deve ser pronunciada "dêmon".

PHILIP PULLMAN  
**FRONTEIRAS DO UNIVERSO**  
VOLUME UM

**A Bússola Dourada**

\*\*\*\*

Primeira Parte  
OXFORD

A Garrafa de Tokay

LYRA e seu daemon\* atravessaram o Salão, já bastante escuro, tomando cuidado para seguirem junto à parede, fora de vista da Cozinha. As três mesas grandes ao longo do Salão já estavam arrumadas e os bancos compridos estavam afastados, esperando os comensais. No alto, ao longo das paredes, os retratos de antigos Reitores estavam na penumbra. Lyra chegou ao tablado e voltou-se para olhar a porta aberta da Cozinha; não vendo ninguém, subiu para junto da mesa principal. Ali os talheres eram de ouro, não de prata, e os 14 lugares não eram num banco de carvalho, mas sim em cadeiras de mogno com almofadas de veludo. Lyra parou junto à cadeira do Reitor e deu um peteleco de leve na taça maior; o som percorreu todo o Salão.

-Você está de brincadeira. Comporte-se! -cochichou o daemon.

\* A palavra daemon pertence à língua latina e originou em português a palavra

"demônio", cujo significado atual não equivale ao da língua original nem ao usado nesta obra. (N.T.)

#13

O nome do daemon era Pantalaimon, e, no momento, ele tinha a forma de uma mariposa marrom para não se destacar na penumbra do Salão.

-Lá na Cozinha estão fazendo barulho demais - Lyra cochichou de volta. -E o Administrador só aparece depois do primeiro sino. Deixe de ser ranzinza.

Mas, em todo caso, ela colocou a palma da mão sobre o cristal que vibrava; Pantalaimon esvoaçou à frente dela, atravessando a extensão do tablado, e entrou pela porta entreaberta da

Sala Privativa, no outro extremo. Logo depois tornou a aparecer.

-Está deserta -sussurrou. -Mas temos que agir depressa.

Quase agachada, escondida pela mesa, Lyra venceu rapidamente a distância e entrou na Sala Privativa, onde tornou a ficar de pé e olhou em volta. A única luz vinha da lareira; a pilha de lenha em brasa desabou enquanto ela estava olhando, fazendo subir uma coluna de faíscas pela chaminé. Ela havia passado a maior parte da vida na Faculdade, mas nunca tinha visto a Sala Privativa; só os Catedráticos e seus convidados podiam entrar ali,

e nunca uma mulher. Nem as criadas entravam para limpar; esse trabalho só quem fazia era o Mordomo.

Pantalaimon acomodou-se no ombro dela.

-Está satisfeita agora? Podemos ir? -cochichou.

- Não seja medroso! Ainda quero dar uma espiada!

Era uma sala ampla, com uma mesa oval de madeira vermelha encerada e sobre ela várias garrafas e taças de cristal, e uma tabaqueira de prata com uma pequena estante de cachimbos.

Num aparador vizinho, havia um pequeno aquecedor de pratos e uma cesta com botões de papoula.

- Eles se tratam bem, hein, Pan? -ela comentou baixinho.

E foi sentar-se numa das poltronas de couro verde, tão funda que ela ficou quase deitada, mas endireitou-se e encolheu

#14  
as pernas. Depois pôs-se a examinar os retratos nas paredes:  
mais

Catedráticos, com certeza; barbados e melancólicos, de dentro de

suas molduras, eles lançavam olhares de solene desaprovação.

-Que acha que eles conversam aqui? -a garota perguntou, ou começou a perguntar, pois, antes de terminar a frase, ela ouviu vozes do lado de fora da porta.

-Para trás da poltrona. Depressa! -sussurrou Pantalaimon.

Como um raio, Lyra pulou da poltrona e foi se esconder atrás dela. Não era o melhor esconderijo: ela havia escolhido logo

a poltrona que ficava bem no meio da sala, e se não ficasse quietinha...

A porta se abriu, e a iluminação da sala mudou: um dos recém-chegados trazia uma lamparina, que ele colocou sobre o aparador. Lyra via as pernas dele, as calças verde-escuro e os sapatos pretos bem encerados: um criado.

Então uma voz grossa perguntou:

-Lorde Asriel já chegou?

Era o Reitor. Lyra prendeu a respiração ao ver o daemon do

criado (um cão, como os daemons de todos os criados) entrar trotando e sentar-se em silêncio aos pés dele, e então os pés do Reitor ficaram visíveis também, metidos nos sapatos velhos que ele sempre usava.

-Não, Reitor -disse o Mordomo. - Também não chegou notícia das Docas Aéreas.

-Imagino que ele vai chegar com fome. Leve-o direto para o Salão, está bem?

-Está bem, Reitor.

-E já separou um pouco do Tokay especial?

-Já, sim, Reitor. O 1898, como o senhor mandou. Lorde Asriel aprecia muito essa safra, se bem me lembro.

-Ótimo. Agora vá, por favor.

-Vai precisar da lamparina, Reitor?

#15

-Sim, pode deixá-la aí. Durante o jantar, venha ajeitar o pavio, está bem?

O Mordomo fez uma mesura leve e virou-se para sair, e seu daemon seguiu-o obedientemente. De seu precário esconderijo, Lyra ficou observando enquanto o Reitor ia até um grande armário de carvalho a um canto da sala, tirava a sua beca de um cabide e vestia-a com dificuldade -o Reitor tinha sido um homem muito forte, mas agora tinha bem mais de 70 anos e seus movimentos eram rígidos e lentos. O daemon do Reitor era uma fêmea de corvo, e assim que ele terminou de vestir a túnica o daemon saltou de cima do armário e foi se acomodar no seu lugar

de costume: o ombro direito dele.

Lyra sentia a aflição de Pantalaimon, embora este não emitisse um único som. Ela própria estava achando delicioso aquele friozinho na barriga...

Lorde Asriel, o visitante mencionado pelo Reitor, era tio dela, um homem a quem ela muito admirava... e temia. Diziam que ele estava envolvido em altas políticas, explorações secretas,

guerras distantes, e ela nunca sabia quando ele ia aparecer. Ele era muito bravo; se a apanhasse ali, ela seria severamente castigada, mas conseguiria agüentar.

Porém, o que ela viu em seguida mudou completamente as COISas.

O Reitor tirou do bolso um papel dobrado e colocou-o sobre a mesa. Tirou a rolha de uma garrafa que continha um vinho quase dourado, desdobrou o papel e deixou cair lá dentro um jorro fino de pó branco; depois amassou bem o papel e jogou-o no fogo da lareira. Então tirou um lápis do bolso e mexeu

o vinho até dissolver todo o pó, e depois recolocou a rolha. Seu daemon soltou um grasnido curto; o Reitor respondeu num murmúrio, e olhou em volta com os olhos semicerrados e severos, antes de sair pela porta por onde tinha entrado.

Lyra cochichou:

#16

-Viu isso, Pan?

-Claro que vi! Agora saia depressa, antes que o Administrador chegue!

Mas, enquanto ele falava, ouviu-se um sino tocando uma badalada na outra ponta do Salão.

-É o sino do Administrador! -Lyra exclamou. -Pensei que a gente ia ter mais tempo...

Pantalaimon esvoaçou até a porta do Salão e voltou correndo.

-O Administrador já está lá -avisou. -E você não vai poder sair pela outra porta...

A outra porta, aquela por onde o Reitor tinha entrado e saído, abria-se para o movimentado corredor entre a Biblioteca e a Sala de Estar dos Catedráticos. A essa hora do dia, esse corredor

estava cheio de homens indo vestir suas becas para o jantar, ou correndo para deixar papéis ou pastas na Sala de Estar antes de ir

para o Salão; sabendo disso, Lyra tinha planejado sair por onde entrara, contando com mais alguns minutos antes do sino do Administrador .

Se ela não tivesse visto o Reitor colocar aquele pó no vinho, poderia até ter desafiado a cólera do Administrador ou tentado passar despercebida no corredor movimentado. Mas estava confusa, e isso fez com que hesitasse.

Então ouviu passos pesados sobre o tablado: era o

Administrador vindo verificar se a Sala Privativa estava pronta, com as

papoulas e o vinho que os Catedráticos beberiam depois do jantar. Lyra correu para o armário de carvalho, abriu-o e escondeu-se lá dentro, puxando a porta bem no momento em que o

Administrador entrou. Ela não se preocupou com Pantalaimon: a sala era toda de cores escuras, e ele podia muito bem entrar debaixo de uma poltrona.

Ela escutou o resfolegar forte do Administrador e, pela fresta da porta, viu-o ajeitar os cachimbos na estantezinha junto à

#17

tabaqueira, lançando um olhar de relance para os frascos de bebida e as taças. Depois alisou os cabelos sobre as orelhas com ambas as mãos e disse algo ao seu daemon. Era um criado, de modo que ele era uma cadela; mas um criado de alta categoria,



de modo que o cão também era superior - um settervermelho. O daemon parecia suspeitar de alguma coisa e ficou olhando em volta como se sentisse uma presença intrusa, mas não foi até o armário, para grande alívio de Lyra. Ela temia muito o Administrador, que duas vezes lhe dera uma sova.

Lyra ouviu um sussurro bem fraquinho; obviamente Pantalaimon tinha se enfiado no armário.

-Agora vamos ter que ficar aqui. Por que você nunca escuta o que eu digo?

Lyra só respondeu depois que o Administrador saiu. Cabia a ele supervisionar os que serviam a mesa principal; ela ouviu os Catedráticos entrando no Salão, o murmúrio de vozes, o arrastar de pés.

-Ainda bem que não escutei -ela cochichou em resposta. -Senão não teríamos visto o Reitor colocar veneno no vinho.

Pan, era o Tokay que ele tinha pedido ao Mordomo! Vão assassinar Lorde Asriel!

-Você não sabe se aquilo é veneno.

-Claro que é! Você não se lembra? Ele esperou o Mordomo sair da sala; se fosse inocente, não se importaria que o Mordomo visse. E eu sei que está acontecendo alguma coisa. Alguma coisa política. Os criados só falam sobre isso. Pan, nós podíamos impedir um assassinato!

-Nunca ouvi tamanha bobagem -cortou ele. -Como acha que vai conseguir ficar quatro horas imóvel neste armário apertado? Deixe que eu vá vigiar o corredor; quando estiver deserto, eu aviso.

Ele voou do ombro dela, e ela viu a sombra minúscula aparecer na fresta de luz.

#18

-Não adianta, Pan, vou ficar aqui -declarou. -Há outra túnica ou sei lá o que aqui dentro; vou colocar isto no chão do armário e me acomodar. Tenho que ver o que eles fazem!

Até então ela estava agachada; ficou em pé com cuidado, Tateando à procura dos cabides para não fazer barulho, e descobriu que o armário era maior do que pensara. Havia várias becas

acadêmicas e capuzes, alguns orlados de pele, a maioria com forro de seda.

-Será que são todos do Reitor? -ela sussurrou. -Quando ele recebe diplomas honorários de outros lugares, talvez eles lhe dêem becas que ele guarda aqui para usar... Pan, você acha

mesmo que aquilo no vinho não é veneno?

-Não; assim como você, eu acho que é veneno. E acho que isso não é da nossa conta. E acho que interferir seria a mais

idiota de todas as coisas idiotas que você já fez na sua vida. Não temos nada a ver com isso.

-Não seja estúpido! -Lyra exclamou. -Não posso ficar aqui sentada vendo darem veneno a ele!

-Então vá para outro lugar.

-Você é um covarde, Pan.

-Claro que sou. Posso perguntar o que você pretende fazer? Vai dar um salto e arrancar a taça dos dedos trêmulos dele?

Qual é a sua idéia?

-Não tenho idéia, e você sabe muito bem -ela respondeu em voz baixa. -Mas agora que vi o que o Reitor fez, não tenho escolha. Pensei que você conhecesse a existência da consciência. Sabendo o que vai acontecer, como é que eu posso ir me sentar na Biblioteca ou em qualquer outro lugar e ficar tamborilando os dedos? Isso eu não pretendo fazer, juro!

-Era isso que você queria o tempo todo -ele disse depois de um momento. -Querida se esconder aqui e assistir a tudo. Por que eu não percebi antes?

#19

-Está certo, eu quero mesmo -ela confessou. -Todo mundo sabe que eles vêm fazer uma coisa secreta. Têm um ritual,

ou alguma coisa assim. E eu só queria saber o que é.

-Não é da nossa conta! Se eles querem ter seus segredinhos, você devia apenas se sentir superior e deixá-los em paz.

Esconder-se, espiar, tudo isso é coisa de criança boba.

-Sabia que você ia dizer isso. Agora pare de resmungar.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo, Lyra desconfortável no chão duro do armário e Pantalaimon pousado num

cabide com ar contrariado, vibrando suas antenas temporárias.

Lyra sentia vários pensamentos brigando dentro da sua cabeça e adoraria poder compartilhá-los com o seu daemon, mas era também orgulhosa e achou melhor tentar clarear os pensamentos sem a ajuda dele.

O que predominava era a aflição, e não por si própria -de tanto passar por situações difíceis, já estava acostumada. Dessa vez, estava aflita por causa de Lorde Asriel, e do que aquilo tudo queria dizer. Ele não costumava visitar a Faculdade, e o fato de estarem numa época de alta tensão política significava que ele não

estava vindo simplesmente para comer, beber e fumar com um punhado de velhos amigos. Ela sabia que tanto Lorde Asriel quanto o Reitor eram membros do Conselho do Gabinete, que era o órgão especial de assessoria ao Primeiro-ministro, de modo

que a visita podia ter alguma coisa a ver com isso; mas as reuniões do Conselho do Gabinete eram feitas no Palácio, não na Sala Privativa da Faculdade Jordan.

Além disso, havia o boato que estava provocando cochichos entre os criados da Faculdade: dizia-se que os tártaros tinham invadido Moscóvia e estavam avançando rumo ao Norte, para São Petersburgo, de onde poderiam dominar o Mar Báltico e acabar conquistando todo o oeste da Europa. E Lorde Asriel estivera no Extremo Norte: na última vez em que ela o vira, ele estava preparando uma expedição para a Lapônia...

#20

-Pan... -ela cochichou.

-Que é?

-Você acha que vai haver guerra?

-Ainda não. Lorde Asriel não estaria jantando aqui se a guerra fosse explodir na semana que vem.

-É o que eu acho. Mas depois?

-Psiu. Vem vindo alguém.

Ela sentou-se ereta e encostou o olho na fresta da porta. Era o Mordomo, entrando para verificar o pavio da lamparina, como o Reitor ordenara. A Sala de Estar e a Biblioteca eram iluminadas

por luz anbárica\*, mas, na Sala Privativa, os Catedráticos preferiam as lâmpadas de nafta, mais antigas e mais suaves. Isso não

mudaria enquanto o Reitor estivesse vivo.

O Mordomo aparou o pavio e colocou outra acha de lenha na lareira, depois escutou cautelosamente junto à porta antes de surrupiar um punhado de folhas da tabaqueira.

Mal tinha recolocado a tampa quando a maçaneta da outra porta girou, e ele deu um pulo, sobressaltado. Lyra tentou não rir. O Mordomo enfiou às pressas as folhas de fumo no bolso e virou-se para o recém-chegado.

-Lorde Asriel! -exclamou.

Um arrepio de surpresa gelou as costas de Lyra. Ela não conseguia vê-lo e tentou dominar a vontade de mudar de posição para avistá-lo.

-Boa noite, Wren -disse Lorde Asriel, naquela voz áspera que Lyra sempre escutara com uma mistura de prazer e apreensão. -Cheguei atrasado para o jantar. Vou esperar aqui.

O Mordomo parecia constrangido; só se entrava na Sala Privativa a convite do Reitor, e Lorde Asriel sabia disso. Mas o

\* Anbárica: tradução literal de anbaric, palavra inexistente na língua inglesa; a

ocorrência da letra "n" antes da letra "b" inexistente tanto em português quanto em

inglês -o Webster registra uma única exceção. (N. T.)

#21

Mordomo viu também o olhar de Lorde Asriel fixo em seu bolso estufado e resolveu não protestar.

-Devo avisar ao Reitor que o senhor chegou?

-Não seria mau. Pode me trazer café.

-Muito bem, senhor.

O Mordomo saiu apressado, seu daemon trotando obedientemente atrás. O tio de Lyra foi até a lareira e estendeu os braços

por cima da cabeça, espreguiçando-se e bocejando como um leão.

Estava usando roupas de viagem. Como sempre acontecia quando tornava a vê-lo, Lyra lembrou-se de quanto ele a assustava.

Agora estava fora de questão sair sem ser percebida; ela teria que

esperar e torcer.

O daemon de Lorde Asriel, uma pantera branca, postou-se logo atrás dele.

-Vai mostrar as projeções aqui? -ele perguntou em voz baixa.

-Vou. Vai ser menos confuso do que irmos para o Auditório. Não querer ver os espécimes também; daqui apouco vou mandar chamar o Porteiro. São tempos ruins, Stelmária.

-Você devia descansar .

Ele esticou-se numa das poltronas, de modo que seu rosto ficou escondido de Lyra.

-É, sim. E também mudar de roupa; com certeza, existe alguma regra de etiqueta que permite que eles me dêem uma multa

de uma dúzia de garrafas por entrar aqui sem estar vestido adequadamente. Eu precisava dormir uns três dias. Mas o caso é que...

Houve uma batida na porta, e o Mordomo entrou, trazendo um bule de chá e uma xícara numa bandeja de prata.

-Obrigado, Wren -disse Lorde Asriel. -Aquilo ali sobre a mesa é Tokay?

-O Reitor mandou separá-lo especialmente para o senhor

-informou o Mordomo. -Há só três dúzias de garrafas do 98.

#22

-Não há bem que sempre dure. Deixe a bandeja aqui ao meu lado. Ah, peça ao Porteiro para mandar as duas caixas que deixei na Portaria.

-Para cá, senhor?

-Sim, para cá, ora. E vou precisar de uma tela e uma lanterna de projeção, também aqui, também agora.

O Mordomo mal conseguia segurar o queixo de surpresa, mas conseguiu engolir a pergunta ou o protesto.

-Wren, você está esquecendo o seu lugar -disse Lorde

Asriel. -Não me questione; apenas faça o que eu lhe ordeno.

-Muito bem, senhor -replicou o Mordomo. -Se posso dar uma sugestão, senhor, talvez seja melhor avisar o Sr. Cawson do que o senhor está planejando, senhor, senão ele ficará

um tanto perplexo, se é que me entende.

-Está bem. Avise a ele, então.

O Sr. Cawson era o Administrador. Havia uma rivalidade antiga e bem-estabelecida entre ele e o Mordomo; o Administrador era mais graduado, porém o Mordomo tinha mais oportunidades de insinuar-se com os Catedráticos, e aproveitava cada uma delas. Ele ia adorar a oportunidade de mostrar ao Administrador que sabia mais do que ele sobre o que acontecia na Sala Privativa.

Fez uma mesura e saiu. Lyra observou o tio servir-se uma xícara de café, bebê-la de uma vez e servir-se outra, que passou a

beber mais devagar. Ela estava perplexa: caixas de espécimes? Uma lanterna de projeção? Que teria ele de tão urgente e importante para mostrar aos Catedráticos?

Então Lorde Asriel levantou-se e virou as costas ao fogo. Ela o viu de corpo inteiro, e maravilhou-se com o contraste que ele fazia com o Mordomo gorducho, os Catedráticos curvados e lânguidos: Lorde Asriel era um homem alto, de ombros largos, fisionomia soturna e feroz, olhos que pareciam cintilar com um humor selvagem. Tinha o rosto de uma pessoa a quem se obedecia

ou combatia -nunca poderia ser tratada como inferior ou digna

#23  
de compaixão. Todos os seus movimentos eram largos e possuíam

um equilíbrio perfeito, como os de um animal selvagem; dentro de um aposento como aquele, ele parecia uma fera presa numa jaula pequena demais.

No momento, sua expressão era distante e preocupada. O daemon aproximou-se e encostou a cabeça na cintura dele, e ele baixou os olhos para a pantera com um olhar enigmático, antes de voltar-lhe as costas e encaminhar-se para a mesa. Lyra de repente sentiu o estômago dar um nó, pois Lorde Asriel havia tirado a tampa do frasco de Tokay e estava enchendo uma taça. -Não!

O grito abafado saiu antes que ela pudesse contê-lo. Lorde Asriel ouviu-o e virou-se imediatamente.

-quem está aí?

Ela não conseguiu controlar-se: saltou para fora do armário e correu para arrancar a taça das mãos dele. O vinho voou, molhando a borda da mesa e o tapete, e a taça caiu e despedaçouse. Ele agarrou a menina pelo pulso, torcendo-o com força.

-Lyra! Que diabos está fazendo aqui?

-Me solte e eu lhe conto!

-Primeiro vou lhe quebrar o braço. Como ousa entrar aqui?

-Acabei de salvar a sua vida!

Por um segundo os dois ficaram imóveis, ela a se retorcer de dor e fazendo uma careta para reprimir os gemidos, ele inclinado sobre ela, de testa franzida, como um trovão anunciando tempestade.

-Que foi que disse? -ele perguntou, em voz mais baixa.

-O vinho está envenenado -ela resmungou, quase sem abrir a boca. -Vi o Reitor colocar um pó branco dentro dele. Lorde Asriel soltou-a e ela caiu no chão; nervoso, Pantalaimon esvoaçou para o ombro dela. O tio baixou os olhos com uma raiva controlada, e ela não ousou encará-lo nos olhos.

#24

-Entrei só para ver como era esta sala -ela contou. -Sei que não devia ter feito isso. Ia sair antes que alguém entrasse, mas o

Reitor apareceu e fiquei encurralada. O armário era o único esconderijo. E vi quando ele colocou o pó no vinho. Se eu não tivesse...

Bateram na porta.

-Deve ser o Porteiro -disse Lorde Asriel. -Volte para o armário. Se eu ouvir o menor barulho, vou fazer você ter vontade de morrer .

Ela correu a se esconder, e mal fechara a porta do armário quando Lorde Asriel falou em voz alta:

-Pode entrar!

Como ele tinha dito, era o Porteiro.

-Coloco aqui, senhor?

Lyra viu o velho parado à porta com ar indeciso, e atrás dele a ponta de um grande caixote de madeira.

-Isto mesmo, Shuter. Traga as duas para dentro e coloque no chão perto da mesa.

Lyra acalmou-se um pouquinho e permitiu-se sentir a dor no ombro e no pulso. Ela teria chorado de dor se fosse outro tipo de menina; mas só o que fez foi cerrar os dentes e movimentar de

leve o braço até senti-lo mais leve.

Então ouviu o ruído de vidro quebrado e o borbulhar de um líquido que se derramava.

-Maldição! Shuter, seu velho descuidado! Veja o que você fez!

Lyra conseguia ver mal e mal. O tio dera um jeito de derrubar a garrafa de Tokay, fazendo parecer que tinha sido o Porteiro. O velho pousou com cuidado o caixote no chão e começou a se desculpar.

-Sinto muito, mesmo, senhor. A mesa estava mais perto do que eu pensava...

-Arrume alguma coisa para limpar esta sujeira. Vá depressa, antes que o tapete fique impregnado!

#25

O porteiro e seu jovem ajudante saíram apressados. Lorde Asriel aproximou-se do armário e falou num cochicho:

-Já que está aí, pode fazer alguma coisa útil. Vigie atentamente o Reitor. Se me contar alguma coisa interessante a respeito dele, vou impedir que você tenha mais problemas do que

os que já vai ter. Entendeu?

-Sim, tio.

-Se fizer um barulho sequer aí dentro, não vou ajudá-la. Você está por sua conta.

Ele afastou-se, e estava novamente parado de costas para a lareira quando o Porteiro voltou com uma vassoura e uma pá para

os cacos de vidro, além de um pano e uma tigela para o líquido.

-Só posso pedir desculpas mais uma vez, senhor; juro que não sei o que me...

-Limpe isto aí e pronto.

Enquanto o Porteiro enxugava o vinho do tapete, o Mordomo bateu e entrou com o criado de Lorde Asriel - um homem chamado Thorold. Os dois carregavam um caixote pesado, de madeira encerada e alças de bronze. Viram o que o porteiro estava

fazendo e estacaram.

-Era o Tokay, sim -disse Lorde Asriel. -Uma pena.

A lanterna está aí? Coloque-a perto do armário, Thorold, por favor. A tela vai ficar no outro lado.

Lyra percebeu que pela fresta da porta conseguiria ver a tela e o que fosse projetado nela, e ficou curiosa em saber se o tio tinha

feito de propósito. Protegida pelo barulho que o criado fazia ao desenrolar o linho rígido e montar a tela e sua armação. ela cochichou:

-Está vendo? Não valeu a pena?

-Pode ser que sim... -disse Pantalaimon em tom severo, com sua vozinha de mariposa- ...e pode ser que não -completou.

#26

Lorde Asriel ficou parado perto da lareira bebericando o resto do café e observando com ar sisudo enquanto Thorold abria

a caixa da lanterna de projeção e desencapava as lentes antes de verificar o tanque de óleo.

-Há bastante óleo, senhor -disse. -Quer que eu mande chamar um técnico para fazer a projeção?

-Não, eu mesmo farei isso. Obrigado, Thorold. Eles já terminaram o jantar, Wren?

-Creio que estão quase terminando, senhor -respondeu o Mordomo. -Se entendi direito o que o Sr. Cawson disse, o Reitor e seus convidados vão se apressar quando souberem que

o senhor está aqui. Posso levar a bandeja do café?

-Pode levar.

-Muito bem, senhor .

Com uma mesurá leve, o Mordomo pegou a bandeja e saiu, e Thorold foi com ele. Assim que a porta se fechou, Lorde Asriel

olhou diretamente para o armário no outro lado da sala, e Lyra sentiu a força daquele olhar quase como se ele tivesse uma forma

física, como se fosse uma flecha ou uma lança. Então ele desviou

os olhos e falou baixinho com seu daemon.

A pantera veio sentar-se calmamente ao lado dele, alerta, elegante e perigosa, os olhos verdes examinando o aposento antes

de se voltarem, como os olhos negros dele, para a porta que dava

para o Salão, no momento em que a maçaneta girou. Lyra não conseguia ver a porta, mas escutou uma respiração profunda quando o primeiro homem entrou.

-Estou de volta, Reitor -disse Lorde Asriel. -Por favor , traga os seus convidados; tenho algo muito interessante para mostrar.

#27

A IMAGEM DO NORTE

-LORDE Asriel! -o Reitor exclamou em tom alto, e avançou para apertar-lhe a mão.

De seu esconderijo, Lyra observava os olhos

do Reitor, e de fato, por um segundo, eles foram até a mesa onde o Tokay estivera. Lorde Asriel falou:

-Reitor, cheguei Lorde demais, não quis atrapalhar seu jantar, de modo que me acomodei aqui. Olá, Vice-reitor. É bom vê-lo com tão boa aparência. Perdoem-me os trajés, acabei de chegar. Sim, Reitor, o Tokay se foi. Acho que o senhor está



parado

em cima dele. O Porteiro derrubou-o da mesa, mas a culpa foi minha. Olá, Capelão. Li seu último artigo com grande interesse...

Ele afastou-se com o Capelão, deixando a Lyra uma visão perfeita do rosto do Reitor. Este estava impassível, mas o daemon

em seu ombro arrepiava as penas e movia-se inquietamente de um pé para o outro. Lorde Asriel já estava dominando o ambiente, e, embora tivesse o cuidado de ser cortês com o Reitor no

território do próprio Reitor, era óbvio onde estava o poder.

Os Catedráticos saudaram o visitante e espalharam-se pela sala, alguns indo sentar-se em volta da mesa, outros procurando as poltronas, e logo o zumbido das conversas enchia o ar. Lyra percebia que eles estavam muito intrigados com a caixa de #28

madeira, a tela e a lanterna de projeção. Conhecia muito bem os Catedráticos: o Bibliotecário, o Vice-reitor, o Inquiridor e o resto.

Durante toda a vida, ela convivera com esses homens; eles a ensinavam, a castigavam, a consolavam, davam-lhe presentinhos,

proibiam-na de chegar perto das frutas no Pomar; eram toda a sua família. Ela podia até amá-los como se fossem mesmo a sua família se soubesse o que era uma família, embora nesse caso fosse

mais provável que ela sentisse isso pelos criados da Faculdade; os

Catedráticos tinham coisas mais importantes a fazer do que dar afeto a uma garota meio selvagem, meio civilizada, que o acaso colocara entre eles.

O Reitor acendeu o pavio sob o pratinho de prata e aqueceu um pouco de manteiga antes de abrir com uma faca meia dúzia de botões de papoula e jogá-los no prato. Depois de um jantar, sempre se servia papoula; ela clareava a mente e estimulava a língua, favorecendo a riqueza da conversa. A tradição era o próprio Reitor torrá-las.

Sob o chiar da manteiga no calor e o zumbido das conversas, Lyra mexeu-se, procurando uma posição mais confortável. Com enorme cuidado, ela tirou do cabide uma das becas -uma túnica de pele que ia até o chão -e estendeu-a no chão do armário.

-Você devia usar uma velha e áspera -sussurrou Pantalaimon. -

-Se ficar confortável demais, vai pegar no sono.

-Se isso acontecer, você tem obrigação de me acordar -ela respondeu.

Sentou-se e ficou a ouvir a conversa. U ma conversa bastante

chata, por sinal; quase toda sobre política, e ainda por cima política de Londres, nenhum assunto excitante como os tártaros. O cheiro agradável de papoula fritando na manteiga e de folha de tabaco penetrava pela fresta da porta do armário, e mais de uma vez Lyra percebeu que estava quase cochilando.

Finalmente,

porém, ouviu que alguém dava pancadinhas na mesa. As vozes silenciaram, e então o Reitor falou.

#29

-Cavalheiros, tenho certeza de que falo por todos ao dar as boas-vindas a Lorde Asriel. As visitas dele são raras, porém imensamente preciosas, e sei que esta noite ele tem algo de grande interesse para nos mostrar. Como todos sabemos, estamos numa época de grande tensão política; Lorde Asriel tem que estar amanhã cedo em White Hall, e há um trem esperando com a caldeira cheia de vapor para levá-lo a Londres assim que tivermos terminado esta conversa; portanto, devemos utilizar o tempo com sabedoria. Imagino que quando ele terminar de falar haverá algumas perguntas; por favor, que sejam breves e relevantes. Lorde Asriel, gostaria de começar?

-Obrigado, Reitor -disse Lorde Asriel. -Para começar, tenho alguns fotogramas para lhes mostrar. Vice-reitor, acho que vai enxergar melhor daqui. Talvez o Reitor queira sentar-se ali perto do armário.

O velho Vice-reitor era quase cego, de modo que era uma questão de cortesia arranjar-lhe um lugar perto da tela, e isso fez com que o Reitor acabasse sentado ao lado do Bibliotecário, a menos de um metro do armário onde Lyra estava acocorada. Ela ouviu o Reitor murmurar enquanto se acomodava na poltrona:

-Esse demônio! Ele sabia do vinho, tenho certeza.

O Bibliotecário cochichou de volta:

-Ele vai pedir dinheiro. Se forçar uma votação...

-Se ele fizer isso, temos que nos opor, com toda a eloquência que pudermos.

A lanterna começou a chiar enquanto Lorde Asriel bombeava-a com força. Lyra moveu-se ligeiramente para conseguir enxergar a tela, onde agora brilhava um círculo branco. Lorde Asriel pediu:

-Alguém pode diminuir a luz da lamparina?

Um dos Catedráticos levantou-se para fazer isso, e o aposento escureceu. Lorde Asriel começou:

#30

-Como alguns de vocês já sabem, há doze meses parti para o Norte numa visita diplomática ao Rei da Lapônia. Pelo menos

é o que eu fingia que ia fazer. Minha verdadeira intenção era chegar ainda mais ao norte, até o gelo, para tentar descobrir o que

aconteceu com a expedição Grumman. Uma das últimas mensagens de Grumman para a Academia em Berlim falava de um certo

fenômeno natural que só é visto nas terras do Norte. Eu estava decidido a investigar isso, e também a descobrir o que pudesse sobre Grumman. Mas a primeira figura que vou lhes mostrar não se refere a qualquer dessas coisas.

E ele colocou o primeiro slide na armação e deslizou-o para trás da lente. Um fotograma circular em preto e branco bem contrastado apareceu na tela. Tinha sido tirado à noite, sob alua cheia, e mostrava um casebre de madeira a meia distância, as paredes escuras contra a neve que o rodeava e jazia espessa no telhado. Ao lado do casebre, havia uma série de instrumentos filosóficos que aos olhos de Lyra eram como alguma coisa do Parque Anbárico na estrada para Yarnnton: antenas, fios, isoladores

de porcelana, tudo brilhando ao luar e pesadamente coberto de gelo. Um homem envolto em peles, o rosto mal visível pela abertura do capuz, postava-se em primeiro plano, com a mão erguida

como numa saudação. Ao lado dele, podia-se observar uma figura

menor. A lua banhava tudo na mesma claridade pálida.

-Este fotograma foi feito com uma emulsão padrão, de nitrato de prata -Lorde Asriel informou. -Quero que vejam outro, tirado no mesmo local apenas um minuto depois, com uma nova emulsão, de preparo especial.

Ele retirou o primeiro slide e colocou outro no lugar. Esse era bem mais escuro; era como se o luar tivesse sido bloqueado por um filtro. O horizonte ainda estava visível, com a sombra escura do casebre e o telhado coberto de neve clara destacandose, porém a complexidade dos instrumentos estava oculta na escuridão. Mas o homem havia mudado inteiramente: estava banhado

#31

em luz, e uma fonte de partículas cintilantes parecia jorrar da sua mão erguida.

-Esta luz está subindo ou descendo? -perguntou o Capelão.

-Está descendo -respondeu Lorde Asriel. -Mas não é luz. É Pó.

Alguma coisa no modo como ele disse isso fez Lyra imaginar "Pó" com letra maiúscula, como se não fosse uma poeira

comum.

A reação dos Catedráticos confirmou sua sensação, porque as palavras de Lorde Asriel provocaram um silêncio súbito e coletivo, seguido por exclamações de incredulidade.

-Mas, como...

-É claro que...

-Não se pode...

-Cavalheiros! - fez-se ouvir a voz do Capelão. - Vamos deixar Lorde Asriel explicar.

-É Pó - repetiu Lorde Asriel. -É registrado como luz porque as partículas de poeira afetam essa emulsão como os fótons afetam a emulsão de nitrato de prata. Foi em parte para testar isso que a minha expedição ao Norte foi montada. Como podem perceber, a figura do homem está perfeitamente visível. Agora quero que observem a figura à esquerda dele. Indicou a sombra desfocada da figura menor .

-Pensei que era o daemon do homem -disse o Inquiridor.

-Não. O daemon estava enrolado no pescoço dele em forma de serpente. A figura que os senhores não conseguem ver muito bem é uma criança.

-Uma criança seccionada? -perguntou alguém; a maneira como essa pessoa se interrompeu mostrava que ela sabia que aquilo era uma coisa que não devia ter sido dita.

Houve um silêncio intenso. Então Lorde Asriel disse calmamente:

#32

-Uma criança completa. O que, dada a natureza do Pó, é exatamente o xis da questão, não é?

Durante vários segundos ninguém falou. Então ouviu-se a voz do Capelão.

-Ah - fez ele, como um homem sedento que, tendo acabado de beber à vontade, baixa o copo para poder soltar a respiração que estava prendendo enquanto bebia. -E os rios de Pó...

-Caem do céu e o banham no que parece ser luz. Podem examinar este fotograma com toda minúcia. Vou deixá-lo com vocês. Estou mostrando agora para demonstrar o efeito dessa nova emulsão. Mas gostaria de lhes mostrar outro.

Ele mudou o slide. O fotograma seguinte também tinha sido tirado à noite, mas dessa vez sem lua. Mostrava um grupo de tendas em primeiro plano, vagamente delineadas contra o horizonte baixo, e atrás delas um monte de caixotes e um trenó. Mas o maior interesse da figura estava no céu. Jorros e véus de luz pendiam como cortinas, enlaçando-se e enfiando ganchos invisíveis com centenas de quilômetros de altura ou deslizando de lado no sopro de um vento inimaginável.

-Que é aquilo? - fez a voz do Vice-reitor .

-É um retrato da Aurora Boreal.

-É um lindo fotograma -disse o Catedrático de palmeriano.\* -  
Dos melhores que já vi.

-Perdoe minha ignorância -interpôs a voz trêmula do  
Diretor do Coral. -Mas se eu algum dia já soube o que é a  
Aurora Boreal, já esqueci. É o que eles chamam de Luzes do  
Norte?

-É. Ela tem muitos nomes. É composta de tempestades  
de partículas carregadas e raios solares de força intensa e  
extraordinária.

\* "Palmeriano" deve referir-se à Península Palmeriana, antigo  
nome da Península

Antártica. No caso, presume-se que "palmeriano" seria um  
idioma ensinado na  
Faculdade Jordan. (N.T.)

#33

São invisíveis, mas provocam esta irradiação luminosa  
quando interagem com a atmosfera. Se houvesse tempo, eu teria  
mandado pintar este slide para lhes mostrar as cores; verde e  
rosa

claros, na maior parte, com um toque de escarlate ao longo da  
borda inferior daquela formação que parece uma cortina. Isto foi  
tirado com emulsão comum. Agora quero que vejam uma  
imagem tirada com a emulsão especial.

Ele retirou o slide. Lyra ouviu o Reitor dizer baixinho:

-Se ele forçar uma votação, podemos tentar invocar a  
cláusula de residência. Ele ficou fora da Faculdade durante 30  
das  
últimas 52 semanas.

-Ele já tem o apoio do Capelão... -murmurou em  
resposta o Bibliotecário.

Lorde Asriel colocou um novo slide atrás da lente. A cena  
era a mesma: como acontecera com o outro par de fotos, muitas  
coisas visíveis à luz comum eram muito mais escuras neste,  
assim

como as cortinas de luz no céu.

Mas, no centro da Aurora, bem acima da paisagem sombria,  
Lyra distinguia alguma coisa sólida. Pressionou o rosto na fresta  
para ver melhor e constatou que os Catedráticos perto da tela  
também se inclinavam para a frente. Seu assombro cresceu ao  
ver

ali no céu o contorno inconfundível de uma cidade: torres,  
domos, muralhas... prédios e ruas, suspensos no ar! Ela quase  
engasgou-se de susto.

O Catedrático de cassington\* comentou:

-Aquilo ali parece... uma cidade!

-Exatamente -confirmou Lorde Asriel.

-U ma cidade em outro mundo, sem dúvida? -o Decano falou, em tom de desprezo.

\* Cassington: disciplina aparentemente imaginária, pois não foi encontrada qualquer referência a ela. (N .T .)

#34

Lorde Asriel ignorou-o. Havia um frêmito de excitação entre alguns Catedráticos, como se, tendo escrito tratados sobre a existência do unicórnio sem jamais terem visto um, lhes fosse apresentado um exemplar vivo, recém-capturado.

-É aquele negócio do Barnard-Stokes? -quis saber o Catedrático de palmeriano. -É, sim, não é?

-É isto que eu quero descobrir -disse Lorde Asriel.

Ele postou-se a um lado da tela iluminada. Lyra via seus olhos escuros observando os Catedráticos que contemplavam o slide da Aurora; ela via também, ao lado dele, o brilho verde dos olhos de seu daemon. Todas as cabeças veneráveis estavam eretas,

os óculos brilhando; apenas o Reitor e o Bibliotecário estavam recostados em suas poltronas, com as cabeças muito juntas.

O Capelão estava dizendo:

-O senhor diz que estava procurando notícias da expedição Grumman, Lorde Asriel. O Dr. Grumman também estava investigando este fenômeno?

-Acredito que sim, e acredito também que conseguiu bastante informação sobre isso. Mas ele não vai poder nos contar ,

porque está morto.

-Não! -exclamou o Capelão.

-Infelizmente sim, e eu tenho a prova aqui comigo.

Uma onda de excitada apreensão percorreu a Sala Privativa enquanto, sob ordens de Lorde Asriel, dois ou três Catedráticos mais jovens carregaram a caixa de madeira para a frente da sala. Lorde Asriel retirou o último slide, mas deixou a lanterna acesa e, no brilho teatral do círculo de luz, inclinou-se para abrir a caixa

com um pé-de-cabra. Lyra ouviu o rangido de pregos saindo de madeira úmida. O Reitor ficou de pé para enxergar, tapando a visão de Lyra. O tio dela tomou a falar:

-Se vocês se lembram, a expedição de Grumman desapareceu há dezoito meses. A Academia Alemã mandou-o avançar para o norte até chegar ao pólo magnético, e ali fazer várias

#35

observações astronômicas. Foi durante essa viagem que ele observou o curioso fenômeno que acabamos de ver. Logo depois, ele

desapareceu; supõe-se que tenha tido um acidente, e seu corpo esteja todo esse tempo caído numa fenda qualquer. Na verdade,

não houve acidente algum.

-Que é que você tem aí? -perguntou o Decano. -É um saco de lixo de um aspirador de pó?

Lorde Asriel não respondeu logo. Lyra ouviu o estalido de presilhas de metal e um sibilo de ar penetrando num objeto, e depois

houve silêncio. Mas o silêncio não durou muito; depois de um instante, Lyra ouviu uma explosão de exclamações confusas:

gritos

de horror, protestos veementes, vozes alteadas de raiva e medo.

-Mas o que...

-não é humano...

-ele foi...

-Mas que foi que aconteceu com ele?

A voz do Reitor calou todas as outras:

-Lorde Asriel, em nome de Deus, que é que o senhor tem aí?

-Esta é a cabeça de Stanislaus Grumman -a voz de

Lorde Asriel disse.

Acima do ruído de vozes, Lyra ouviu alguém ir tropeçando até a porta e sair, soltando gemidos incoerentes. Ela desejou poder

ver o que eles estavam vendo. Lorde Asriel continuou:

-Encontrei o corpo dele conservado no gelo perto de Svalbard. Os assassinos fizeram isto na cabeça dele. Reparem no padrão de escalpelo característico. Acho que o senhor deve estar familiarizado com isto, Vice-reitor .

A voz do ancião era firme ao responder:

-Já vi os tártaros fazerem isso. É uma técnica encontrada entre os aborígenes da Sibéria e do Tungusk.\* De lá, naturalmente,

\* Tungusk: possivelmente a bacia Tungusca, na Sibéria, ou a região onde habitavam os tungues, também na Sibéria. (N. T.)  
#36

essa prática espalhou-se para as terras dos esraelingues,\* embora eu acredite que ela agora esteja proibida na Nova Dinamarca. Posso examinar de perto, Lorde Asriel?

Depois de um silêncio breve, ele tornou a falar .

-Minha visão não é muito nítida, e o gelo está sujo, mas me parece que há um buraco no alto do crânio. Estou certo?

-Está, sim.

-Uma trepanação?

-Exatamente.

Isso provocou um murmúrio de excitação. O Reitor saiu da frente, e Lyra tornou a enxergar a cena. O velho Vice-reitor, no círculo de luz do lampião, segurava um pesado bloco de gelo bem perto dos olhos, e Lyra conseguiu ver o objeto dentro dele: uma bola sanguinolenta quase irreconhecível como uma cabeça

humana. Pantalaimon esvoaçou em volta de Lyra, e sua aflição perturbou-a.

-Psiu, escute -ela sussurrou.

-O Dr. Grumman já foi Catedrático nesta Faculdade -disse o Decano em tom veemente.

-Cair nas mãos dos tártaros...

-Mas tão ao norte?

-Eles devem ter penetrado mais do que se imaginava!

-Será que ouvi o senhor dizer que o encontrou perto de Svalbard? -perguntou o Decano.

-Isso mesmo.

-Então está querendo dizer que os panserbjornes têm algo a ver com isto?

Lyra não reconheceu aquela palavra, mas obviamente os Catedráticos sim.

\* Escraelingues: tradução literal de skraelings, nome dado pelos antigos exploradores

escandinavos aos índios norte-americanos ou aos esquimós.

(N.T.)

#37

-Impossível -disse o Catedrático de cassington com firmeza. -Eles nunca se comportariam assim.

-Então não conhece Iofur Raknison -retrucou o Catedrático de palmeriano, que tinha feito ele próprio várias expedições às regiões árticas. -Não me surpreenderia que ele tenha

começado a escarpelar as pessoas à moda dos tártaros.

Lyra tornou a olhar para o tio, que observava os Catedráticos com um brilho de humor sardônico, sem nada dizer.

-Quem é Iofur Raknison? -alguém perguntou.

-O rei de Svalbard -esclareceu o Catedrático de palmeriano. -

Sim, é isso mesmo, um dos panserbjornes. Ele é uma espécie de usurpador; chegou ao trono através de truques, pelo que sei; mas é uma figura poderosa, nem um pouco tolo, apesar de suas afetações ridículas: construir um palácio de mármore importado, criar o que ele chama de uma universidade...

-Para quem? Para os ursos? -interpôs outra pessoa, e todos riram.

Mas o Catedrático de palmeriano prosseguiu:

-Eu lhes digo que Iofur Raknison seria capaz de fazer isso a Grumman. Ao mesmo tempo, a poder de lisonjas, pode-se fazer

com que ele se comporte de maneira bem diferente.

-E o senhor sabe fazer isso bem, não é, Trelawney? -comentou o Decano com zombaria.

-Claro que sei. Quer saber o que ele deseja acima de tudo?

Até mais do que um diploma honorário? Ele quer um daemon!



Se alguém descobrir um meio de lhe dar um daemon, ele fará qualquer coisa.

Os Catedráticos riram com vontade.

Lyra acompanhava isso tudo com perplexidade: o que o Catedrático de palmeriano tinha dito não fazia sentido. Além disso, ela estava impaciente para ouvir mais sobre o escalpelamento, e as Luzes do Norte, e aquele Pó misterioso. Mas ficou

decepcionada, pois Lorde Asriel havia terminado de mostrar suas

#38

reliquias e suas fotos, e a conversa logo se transformou num debate acadêmico sobre a conveniência ou não de lhe dar dinheiro

para outra expedição. Os argumentos eram disparados de um lado para outro, e Lyra sentiu os olhos pesarem. Logo estava dormindo a sono solto, com Pantalaimon enrolado em seu pescoço, na sua forma de dormir favorita: como um arminho. Ela despertou com um susto quando alguém a sacudiu pelo ombro.

-Quieta! -ordenou o tio. A porta do armário estava aberta, e ele estava agachado na frente da luz. -Foram todos embora, mas ainda há alguns criados por aí. Vá para o seu quarto

agora, e cuide para não falar a ninguém sobre isso.

-Eles resolveram lhe dar o dinheiro? -ela perguntou com voz sonolenta.

-Sim.

-Que é Pó? -ela continuou, esforçando-se para ficar de pé depois de passar tanto tempo apertada.

-Não lhe interessa.

-Interessa, sim -ela retrucou. -Se queria que eu fosse uma espiã no armário, devia me contar sobre o que eu estou espionando. Posso ver a cabeça do homem?

A alva pelagem de arminho de Pantalaimon arrepiou-se; ela sentiu cócegas no pescoço. Lorde Asriel soltou uma risada curta.

-Não seja mórbida -disse, e começou a guardar os slides e a caixa de espécimes. -Vigiu o Reitor?

-Sim, e ele procurou o vinho antes de qualquer outra coisa.

-Ótimo. Por enquanto eu o derrotei. Agora faça o que mandei, vá para a cama.

-Mas para onde o senhor vai?

-De volta para o Norte. Parto em dez minutos.

-Posso ir

Junto?

#39

Ele interrompeu o que estava fazendo e olhou-a como se

fosse a primeira vez. Seu daemon também voltou para ela os enormes olhos verdes de pantera, e, sob os olhares concentrados de ambos, Lyra enrubesceu. Mas encarou-os com firmeza.

-Seu lugar é aqui -disse o tio finalmente.

-Mas por quê? Por que meu lugar é aqui? Porque não posso ir para o Norte com o senhor? Quero ver as Luzes do Norte, os ursos, os icebergs e tudo mais. Quero conhecer o Pó. E aquela cidade no ar. É um outro mundo?

-Você não vai, garota. Tire isso da cabeça; estamos numa época perigosa demais. Faça o que lhe mando e vá para a cama; se se comportar, trago-lhe uma presa de leão-marinho entalhada pelos esquimós. Não discuta mais, ou vou ficar muito zangado. E o daemon dele rosnou com tal ferocidade que Lyra de repente tomou consciência de como seria sentir aqueles dentes na garganta.

Lyra apertou os lábios e olhou de cara feia para o tio. Ele estava retirando o ar do compartimento de vácuo e não percebeu;

era como se já a tivesse esquecido. Sem uma palavra, mas com os

lábios apertados e o olhar furibundo, a garota e seu daemon saíram

e foram para a cama.

O Reitor e o Bibliotecário eram velhos amigos e aliados, e tinham

o costume, depois de um episódio difícil, de beber uma taça de BrantWijn\* e consolar-se mutuamente. Assim, depois que se despediram de Lorde Asriel, eles foram até os aposentos do Reitor

e se acomodaram no escritório dele; com as cortinas fechadas e o

fogo na lareira reforçado, seus daemons nos lugares de costume,

\* BrantWijn é uma corruptela de brandewijn. hoje grafado

brandy -em

português

"conhaque". (N.T.)

#40

sobre o joelho ou o ombro, eles se prepararam para conversar a respeito do que acabara de ocorrer .

-Acredita mesmo que ele sabia do vinho? -perguntou o Bibliotecário.

-Claro que sabia! Não imagino como, mas ele sabia, e derrubou a garrafa. Claro que foi.

-Perdão, Reitor, mas não consigo deixar de me sentir aliviado. Não estava gostando da idéia de...

-De envenená-lo?

-Sim. De assassinato.

-Acho que ninguém gosta disso, Charles. O caso era se fazer isso seria pior do que as conseqüências de não fazer. Bom, alguma Providência interveio, e não aconteceu. Só lamento ter perturbado você com essa informação.

-Não, não -protestou o Bibliotecário. -Mas eu queria que o senhor tivesse me contado mais.

O Reitor ficou em silêncio por um instante, antes de dizer:

-É, talvez eu devesse mesmo. O aletômetro\* avisa que as conseqüências serão funestas se Lorde Asriel continuar com sua pesquisa. Além do mais, a criança será envolvida e quero mantê-la a salvo enquanto for possível.

-As atividades de Lorde Asriel têm alguma coisa a ver com essa nova iniciativa do Tribunal Consistorial de Disciplina? Aquele tal de... como é mesmo o nome? ...Conselho de Obleação?

-Lorde Asriel... não, não. Pelo contrário. Também o Conselho de Obleação não está totalmente subordinado ao Tribunal Consistorial. É uma iniciativa semiprivada; está sendo dirigida por alguém que não gosta de Lorde Asriel. Entre os dois,

Charles, eu tremo.

\* Aletômetro: tradução literal de "alethiometer", palavra inexistente composta do grego alethés, que significa "verdade" ou "realidade", e do grego métron, significando "medir"; assim, "aletômetro" significa "medidor da verdade" (ou "da realidade"). (N. T.)

#41

o Bibliotecário ficou calado. Desde que o Papa João Calvino havia transferido a sede do Papado para Gênova e criado o Tribunal Consistorial de Disciplina, o poder da Igreja sobre todos os aspectos da vida tinha sido absoluto. O próprio Papado fora abolido após a morte de Calvino, e em seu lugar crescera um emaranhado de tribunais, colegiados e conselhos, conhecidos

coletivamente como o Magisterium. Esses órgãos nem sempre eram unidos; às vezes crescia entre eles uma amarga rivalidade. Durante grande parte do século anterior, o mais poderoso deles tinha sido o Colegiado dos Bispos, porém, nos anos mais recentes,

o Tribunal Consistorial de Disciplina tinha se tornado o mais atuante e o mais temido de todos os órgãos da Igreja.

Mas era sempre possível que entidades independentes crescessem sob a proteção de outra facção do Magisterium, e o Conselho de Obleação mencionado pelo Bibliotecário era uma dessas. O Bibliotecário não sabia muita coisa sobre ele, mas as

coisas que ouvira causavam-lhe desagrado e temor, de modo que ele compreendia perfeitamente a aflição do Reitor .

-O Catedrático de palmeriano citou um nome -disse, depois de um instante. -Barnard-Stokes? Que negócio é esse de Barnard-Stokes?

-Ah, não é da nossa esfera, Charles. Pelo que entendi, a Santa Igreja ensina que existem dois mundos: o mundo de tudo que podemos ver, ouvir e tocar, e outro mundo, o mundo espiritual do céu e do inferno. Barnard e Stokes eram dois teólogos... como posso dizer?... dois teólogos renegados, que postulavam a existência de vários outros mundos como este aqui, nem céu nem inferno, mas materiais e pecaminosos. Estão aqui, bem próximos, mas invisíveis e inatingíveis. Naturalmente a Santa Igreja desaprovou essa heresia abominável, e Barnard e Stokes foram silenciados. Mas, infelizmente para o Magisterium, parece haver sólidas provas matemáticas a favor dessa teoria dos #42

outros mundos. Eu próprio nunca as estudei, mas o Catedrático de cassington me disse que são muito sólidas.

-E agora Lorde Asriel tirou uma foto de um desses outros mundos -completou o Bibliotecário. -E nós lhe demos financiamento para ir procurá-los. Entendo.

-Isso mesmo. O Conselho de Oração e seus protetores poderosos irão pensar que a Faculdade Jordan é um antro de apoio à heresia. E entre o Tribunal Consistorial e o Conselho de Oração, Charles, tenho que manter o equilíbrio; enquanto isso, a criança está crescendo. Sei que não a esqueceram; mais cedo ou mais tarde, ela seria envolvida, mas será arrastada agora, com ou sem a minha proteção.

-Mas, pelo amor de Deus, como é que o senhor sabe disso? Foi o aletômetro de novo?

-Foi, sim. Lyra tem um papel importante a desempenhar . A ironia é que ela tem que fazer tudo sem saber o que está fazendo.

Mas pode ser ajudada, e se meu plano com o Tokay tivesse dado certo, ela ficaria em segurança por mais algum tempo. Eu gostaria de lhe poupar uma viagem para o Norte. Acima de tudo, eu queria poder explicar a ela...

-Ela não ia prestar atenção -contrapôs o Bibliotecário.

-Conheço muito bem o jeito dela. Se alguém tentar lhe dizer qualquer coisa séria, ela escuta mal e mal por cinco minutos e aí começa a se distrair. E não adianta lhe fazer perguntas depois,

porque ela terá esquecido tudo.

-E se eu conversasse com ela sobre o Pó? Não acha que ela iria prestar atenção?

O Bibliotecário fez um ruído indicando até que ponto achava isso improvável.

-Por que ela iria prestar atenção? -perguntou. -Por que um enigma teológico distante interessaria a uma criança cheia

de saúde e de instintos?

#43

-Por causa do que ela terá que viver. Inclusive uma grande traição...

-Quem é que vai atraí-la?

-Não, não, essa é que é a coisa mais triste: ela é quem vai trair, e a experiência será terrível. É claro que ela não pode saber disso, mas não há uma razão para ela não saber sobre o problema

do Pó. E você pode estar enganado, Charles; ela pode muito bem interessar-se, se lhe for explicado de maneira simples. E pode ser

que isso a ajude depois. Certamente ajudaria a diminuir a minha ansiedade.

-Este é o dever dos velhos: ter ansiedade por causa dos jovens -comentou o Bibliotecário. -E o dever dos jovens é desdenhar a ansiedade dos velhos.

Depois de algum tempo, os dois se despediram, pois era tarde e eles eram velhos e ansiosos.

#44

A Jordan de Lyra

A Faculdade Jordan era a mais imponente e mais rica faculdade de Oxford. Era provavelmente a maior, também, embora ninguém tivesse certeza disso. Os prédios, agrupados ao redor de três quadriláteros irregulares, datavam de todos os períodos, do início da Idade Média até meados do século XVIII. Sua arquitetura não tinha sido planejada; ela crescera aos poucos, com o passado e o presente misturando-se a cada esquina, e o efeito final era de uma

imponência confusa e decadente. Sempre havia uma parte quase desabando, e, durante cinco gerações, a mesma família -os Parslow -trabalhava para a Faculdade em tempo integral, como pedreiros. O Sr. Parslow atual estava ensinando a profissão ao filho; os dois, com mais três empregados, subiam como formigas

pelos andaimes que tinham erigido na esquina da Biblioteca, ou sobre o telhado da Capela, e puxavam para cima blocos de pedra,

rolos de chumbo brilhante, vigas de madeira.

A Faculdade possuía fazendas e propriedades por toda a Britânia. Dizia-se que era possível caminhar de Oxford a Bristol, numa direção, ou de Oxford a Londres, em outra, e nunca sair das terras da Jordan. Em toda parte do reino, havia fornos a lenha

#45

e tanques de tintura, florestas e oficinas de naves atômicas que pagavam aluguel à Jordan, e todo primeiro dia de cada trimestre o

Tesoureiro e seus funcionários somavam tudo, anunciavam o total

ao Concilium e encomendavam um par de cisnes para o Banquete.

Parte do dinheiro era reinvestida -o Conselho acabara de aprovar a compra de um prédio de escritórios em Manchester -, e o resto era usado para pagar os modestos salários dos Catedráticos e os salários dos criados (e dos Parslow, e de mais de uma dúzia de famílias

de artesãos e comerciantes que serviam à Faculdade), para manter a

adega bem provida de vinhos, para comprar livros e anbarógrafos

para a imensa Biblioteca -que ocupava um lado inteiro do Quadrilátero Melrose e se estendia, como a toca de uma toupeira,

por vários andares no subsolo -e também para comprar o equipamento filosófico mais moderno para a Capela.

Era importante manter a Capela na vanguarda do progresso, porque a Faculdade Jordan não tinha rival, na Europa ou na Nova França, como centro de teologia experimental. Lyra sabia disso, pelo menos. Tinha orgulho da proeminência da sua Faculdade e gostava de se vangloriar disso com os vários moleques com

quem brincava junto ao Canal ou nos Barreiros; e olhava para os eruditos e professores visitantes com desprezo e piedade, porque eles não pertenciam à Jordan, portanto deviam saber menos, coitados, do que o mais humilde Professor-assistente da Jordan.

O que era essa teologia experimental, Lyra sabia tão pouco quanto os moleques da rua. Tinha formado a idéia de que era algo relacionado à magia, aos movimentos das estrelas e planetas,

a minúsculas partículas de matéria -mas tudo isso era apenas palpite, na verdade. Com certeza, as estrelas tinham daemons, como os humanos, e na teologia experimental conversava-se com

eles. Lyra imaginava o Capelão falando solenemente, escutando

os comentários dos daemons das estrelas e depois assentindo com ar sábio, ou sacudindo a cabeça com tristeza. Mas o que se passava entre eles ela não conseguia imaginar.

#46

E nem estava particularmente interessada. De certo modo, podia-se dizer que Lyra tinha alma de moleque; o que ela mais gostava de fazer era subir nos telhados da Faculdade com Roger, o ajudante da cozinha que era seu amigo, para cuspir caroços de ameixa nas cabeças dos Catedráticos que passavam lá embaixo, ou piar como corujas do lado de fora da janela de uma sala de aula, ou apostar corrida nas ruas estreitas, roubar maçãs no mercado, brigar. Assim como ela não tinha consciência das forças políticas ocultas que agiam sob a superfície do cotidiano da Faculdade, também os Catedráticos, por sua parte, não conseguiriam enxergar o caldo fervilhante de alianças, inimizades, guerras e acordos que era a vida de uma criança em Oxford. Crianças brincando juntas: que cena agradável! Existe alguma coisa mais inocente e encantadora que isso?

Na verdade, Lyra e seus amiguinhos estavam travando uma guerra mortal, naturalmente. Primeiro, as crianças de uma faculdade -serviçais jovens, filhos de criados, Lyra -declaravam guerra às de outra, mas essa inimizade era esquecida quando as crianças da cidade atacavam uma criança de faculdade; então todas as faculdades uniam-se e lutavam contra as crianças da cidade. Essa rivalidade tinha cem anos e era bastante profunda e apreciada.

Mas até isso era esquecido quando outros inimigos ameaçavam.

Um inimigo era eterno: os filhos dos oleiros, que viviam perto dos Barreiros e eram desprezados tanto pelas crianças das faculdades como pelas da cidade. No ano anterior, Lyra e algumas

crianças da cidade tinham concordado numa trégua provisória e atacaram os Barreiros, atirando grandes pedaços de argila sobre os filhos dos fabricantes de tijolos e derrubando o castelo de barro

que eles haviam construído; depois rolaram cada um deles na substância pegajosa de onde eles tiravam o sustento, até que todos

-vencidos e vencedores -ficaram parecendo um bando de bonecos animados.

#47

o outro inimigo regular tinha sua época: as famílias de gípcios\*, que moravam em balsas, iam e vinham com as feiras

de

primavera e outono, e estavam sempre dispostos a brigar. Havia uma família em particular que voltava regularmente para seu atracadouro na parte da cidade conhecida como Jericó, com quem Lyra vinha lutando desde a primeira vez que conseguiu jogar uma pedra. Na última vez em que essa família esteve em Oxford, ela, Roger e alguns dos outros ajudantes da cozinha da Jordan e da Faculdade St. Michael's prepararam uma emboscada, jogando lama na barçaça pintada de cores brilhantes, até que a família inteira desembarcou para expulsá-los - e nesse momento o esquadrão de reserva, sob as ordens de Lyra, invadiu

o

barco e desatracou-o da margem, deixando que a embarcação flutuasse canal abaixo, atrapalhando os barcos que passavam, enquanto os soldados de Lyra revistavam a barçaça de uma ponta

à outra, procurando a rolha - Lyra acreditava firmemente nessa rolha e assegurou à sua tropa que se a puxassem o barco afundaria no mesmo instante; não a encontraram, e tiveram que abandonar o barco quando os gípcios apareceram; acabaram fugindo, pingando água e em meio a gritos de triunfo, pelas ruas estreitas de Jericó.

Aquele era o mundo e o reino de Lyra. Na maior parte do tempo, ela era uma selvagemzinha ambiciosa e grosseira, porém sempre tivera uma sensação vaga de que aquele não era o seu mundo inteiro, que uma parte de si pertencia à solenidade e aos rituais da Faculdade Jordan; e que, em algum lugar de sua vida, havia uma ligação com o elevado mundo da política

representado

por Lorde Asriel. Essa intuição apenas fazia com que ela se desse

\* Gípcio: no original, gyptian, que parece derivar do inglês egyptian (egípcio), que

por sua vez derivado grego rgipcim, que originou também a palavragipsy (cigano),

pois pensava-se que os ciganos eram originários do Egito. De fato as características

atribuídas ao povo gípcio nesta obra o colocam muito perto dos ciganos. (N. T.)

#48

ares de superioridade e mandasse nos outros moleques; nunca lhe

ocorrera tentar descobrir alguma coisa sobre isso.

De modo que assim, como um gato selvagem, ela passara a infância. A única variação em seus dias acontecia nas visitas irregulares de Lorde Asriel à Faculdade. Ter um tio rico e



poderoso era muito bom para se vangloriar, mas o preço disso era ter que ser agarrada pelo Catedrático mais ágil e levada à Governanta para ser lavada e vestida num traje limpo, sendo em seguida acompanhada (com várias ameaças) à Sala de Estar dos Decanos para tomar chá com Lorde Asriel. Alguns Catedráticos mais velhos também eram convidados. Lyra, rebelde, jogava-se numa cadeira até o Reitor lhe ordenar severamente que se sentasse direito, e ela então fazia uma cara tão zangada que até o Capelão achava graça.

Essas visitas formais e constrangedoras nunca variavam; depois do chá, o Reitor e o punhado de Catedráticos convidados deixavam Lyra e o tio a sós, e ele a chamava para ficar de pé à sua frente e contar o que aprendera desde a última visita dele. Ela então resmungava tudo que conseguia recordar sobre geometria, ou árabe, ou história ou anbarologia, e ele, recostado, pernas cruzadas, observava-a enigmaticamente até ela ficar sem palavras.

No ano anterior, antes da expedição ao Norte, ele tinha perguntado também:

-E como você passa o tempo quando não está estudando esforçadamente?

E ela respondeu:

-Eu brinco, só isso. Por aí pela Faculdade. Só... brincadeira.

Ele então pediu:

-Deixe-me ver suas mãos, garota.

Ela estendeu as mãos para serem inspecionadas, e ele as virou, para ver as unhas. Seu daemon estava deitada como uma

#49

Esfinge no tapete, sacudindo a cauda ocasionalmente e encarando

Lyra sem pestanejar.

-Sujas -declarou Lorde Asriel, empurrando as mãos dela. -Aqui neste lugar não lhe fazem tomar banho?

-Sim, mas as unhas do Capelão estão sempre sujas. Até mais que as minhas.

-Ele é um homem culto. Qual é a sua desculpa?

-Devo ter sujado depois que lavei.

-Onde é que você brinca, para se sujar tanto assim?

Ela o encarou com suspeita. Tinha o palpite de que subir ao telhado era proibido, embora ninguém tivesse lhe dito isso com todas as letras.

-Em algumas salas velhas -respondeu afinal.

-E onde mais?

-Nos Barreiros, às vezes.

-E?

-Em Jericó e Port Meadow.

-Mais algum outro lugar?

-Não.

-Está mentindo. Ontem mesmo vi você no telhado.

Ela mordeu o lábio e ficou calada. Ele a observava ironicamente.

-Quer dizer que brinca no telhado também? -continuou. -

Costuma entrar na Biblioteca?

-Não. Mas encontrei um corvo no telhado da Biblioteca.

-Foi mesmo? E o pegou?

-Ele tinha uma pata machucada. Eu ia matar e assar ele, mas Roger disse que tínhamos que cuidar dele. Então lhe demos restos de comida e um pouco de vinho, e ele melhorou e fugiu voando.

-Quem é Roger?

-Meu amigo. O ajudante da Cozinha.

-Entendo. Então você andou pelo telhado inteiro...

#50

-Não o telhado inteiro. Não dá para chegar no Prédio Sheldon porque é preciso dar um pulo da Torre do Peregrino, por cima de um buraco. Há uma clarabóia que se abre para lá, mas não tenho altura para alcançá-la.

-Você andou pelo telhado inteiro, exceto o Prédio Sheldon; e quanto aos subterrâneos?

-Subterrâneos?

-Para baixo do chão a Faculdade é tão grande quanto para cima. Estou surpreso de ver que você ainda não tinha descoberto isso. Bem, já estou de partida. Você parece bastante saudável. Tome aqui.

Tirou do bolso um punhado de moedas, de onde separou e entregou a ela cinco dólares de ouro.

-Não lhe ensinaram a agradecer? -perguntou.

-Muito obrigada -ela resmungou.

-Você obedece ao Reitor?

-Ah, sim.

-E respeita os Professores?

-Sim.

O daemon de Lorde Asriel riu baixinho. Era o primeiro som que ele fazia, e Lyra enrubescou.

-Então vá brincar -disse Lorde Asriel.

Lyra virou-se e disparou para a porta, aliviada, lembrando-se de parar e dizer até logo.

Assim tinha sido a vida de Lyra antes do dia em que ela resolveu esconder-se na Sala Privativa e pela primeira vez ouviu falar no Pó.

E naturalmente o Bibliotecário estava enganado ao dizer ao

Reitor que ela não prestaria atenção; ela teria ouvido ansiosamente quem quer que pudesse lhe falar do Pó. Nos meses seguintes, iria ouvir muita coisa sobre o assunto, e finalmente iria

#51

saber mais sobre o Pó do que qualquer outra pessoa no mundo; mas, enquanto isso, havia toda aquela variada vida da Jordan desenrolando-se à sua volta.

De qualquer maneira, havia outra coisa para se pensar. Nas últimas semanas, um boato vinha se espalhando pelas ruas -um boato que fazia algumas pessoas rirem e outras silenciarem, assim

como algumas pessoas riem de fantasmas e outras os temem: sem

que qualquer pessoa pudesse imaginar o motivo, estavam começando a desaparecer crianças.

Eis como acontecia: ao longo da margem oriental da grande rodovia que é o Rio Ísis, apinhado de barcaças de tijolos, asfalto ou milho navegando devagar, abaixo de Henley Maidenhead até Teddington, onde a maré do Oceano Germano alcança, e ainda bem mais abaixo até Mortlake, passando pela casa do grande mago Dr. Dee, por Falkeshall, onde os parques-jardins ostentam seus chafarizes e suas bandeirolas durante o dia, e seus lampiões nas árvores e seus fogos de artifício à noite; e passando pelo Palácio de White Hall, onde o Rei comanda semanalmente o Conselho de Estado; pela Torre Shot, a pingar seu infundável chuvisco de chumbo derretido nos barris de água escura; e ainda mais abaixo, até onde o rio, agora largo e imundo, faz uma grande curva para o sul.

Ali fica o bairro de Limehouse, e lá está a criança que vai desaparecer.

É um menino chamado Tony Makarios. A mãe pensa que ele tem nove anos de idade, mas ela tem memória fraca, destruída

pela bebida; ele deve ter oito, ou dez. Seu sobre-nome é grego, porém, assim como a idade, trata-se de mero palpito da mãe dele,

porque ele parece mais chinês que grego, e pelo lado da mãe tem sangue irlandês, escraelingue e lascar.\* Tony não é muito

\* Lascar: marinheiro indiano empregado em navio europeu.

(N.T.)

#52

inteligente, mas tem uma espécie de ternura desajeitada que às vezes o leva a dar um abraço rude na mãe e plantar um beijo pegajoso em seu rosto. A pobre mulher geralmente está tonta demais para tomar uma iniciativa dessas, mas corresponde com

carinho, quando percebe o que está acontecendo.

No momento, Tony está vagando pelo mercado na rua Pie. Está com fome; é de noite e ele não vai encontrar comida em casa. Tem no bolso um xelim que um soldado lhe deu para levar um recado à sua garota favorita, mas Tony não vai desperdiçar seu dinheiro em comida, quando se pode conseguir tanta coisa de graça.

De modo que ele vagueia pelo mercado com seu pequeno daemon -uma pardoca - no ombro observando tudo, por entre as barracas de roupas usadas e as de papéis-da-sorte, os vendedores de fruta e o vendedor de peixe frito; e quando uma barraqueira e seu daemon estão ambos olhando para o outro lado,

a pardoca dá o sinal, e as mãos de Tony vão à frente e voltam para

dentro da camisa larga com uma maçã ou um punhado de castanhas, e finalmente com um pastelão quentinho.

A barraqueira o vê e dá um grito, e seu daemon-gato salta, mas a pardoca de Tony está voando, e o próprio Tony já está quase na esquina. Palavrões e pragas o acompanham, mas não até

muito longe; ele pára de correr junto à escada do Oratório de Santa Catarina, onde se senta e pega seu troféu quente e amassado, deixando um rastro de molho na camisa.

E ele está sendo observado; uma dama usando um casaco longo de pele de raposa amarela e vermelha, uma linda jovem, cujos cabelos castanhos brilham delicadamente dentro da sombra

de seu capuz forrado de pele, está parada à porta do Oratório, alguns degraus acima do garoto. Talvez o ofício esteja terminando, pois pela porta atrás dela jorra luz, lá dentro um órgão está

tocando, e a dama está segurando um livro de orações ornado de pedras preciosas.

#53

Tony nada percebe. Feliz, com o rosto enterrado no pastelão, os dedos dos pés curvados para dentro e as solas juntas, ele mastiga e engole enquanto seu daemon se transforma numa ratazana alisando os bigodes.

O daemon da jovem dama está se destacando do casaco de pele de raposa. Ele tem a forma de um macaco, mas não um macaco comum: tem os pêlos compridos e sedosos, de um tom dourado forte e lustroso. Com movimentos sinuosos, ele desce lentamente a escadaria na direção de Tony e se senta no degrau acima do garoto.

Então a ratazana percebe alguma coisa e se transforma outra vez em pardoca, virando a cabecinha de lado e saltando dois

degraus.

O macaco observa a pardoca; o pássaro observa o macaco.

O macaco estende a mão devagar. Tem a mão pequena e preta, as unhas são garras perfeitas e resistentes, os movimentos são suaves e convidativos. A pardoca não consegue resistir; aproxima-se com mais alguns saltos e então esvoaça para a mão do macaco.

O macaco a ergue e a estuda de perto antes de se levantar e voltar para junto do seu ser humano, levando consigo o daemonpardoca.

A dama baixa a cabeça perfumada para lhe sussurrar alguma coisa. E então Tony se vira; não consegue evitar.

-Rateira! -chama, de boca cheia, com certo susto.

-Olá! -diz a linda dama. -Qual é o seu nome?

-Tony .

-Onde é que você mora, Tony?

-Na alameda Clarice.

-De que é este pastelão?

-De carne.

-Gosta de chocolate?

-Gosto!

#54

-Por acaso tenho mais chocolate do que poderia beber.

Quer vir me ajudar a acabar com ele?

Tony já está perdido -desde o momento em que seu daemon insensato saltou para a mão do macaco. Ele acompanha a jovem e o macaco dourado ao longo da rua Dinamarca, passando pelo Cais do Enforcado e descendo a Escadaria do Rei George, até uma portinhola verde na parede de um armazém de teto alto. Ela bate, a porta é aberta; eles entram, a porta se fecha. Tony nunca mais sairá -pelo menos por aquela entrada; e nunca mais vai ver a mãe; e ela, pobre bêbada, vai pensar que o filho fugiu, e, quando pensar nele, vai achar que a culpa foi sua e vai se desmanchar em lágrimas.

O pequeno Tony Makarios não foi a única criança capturada pela

mulher com o macaco dourado. No porão do depósito, ele encontrou uma dúzia de outras, meninos e meninas, nenhuma delas com mais de doze anos -apesar de que, tendo todos eles uma infância parecida, ninguém tinha certeza da própria idade. O que Tony não percebeu, naturalmente, era o fator que todos tinham em comum: nenhuma criança naquele porão quentinho tinha chegado à puberdade.

A gentil dama acomodou-o num banco ao longo da parede e lhe mandou, por uma criada silenciosa, uma caneca de chocolate

tirado da panela sobre o fogão de ferro. Tony comeu o resto do

pastelão e bebeu o líquido quente e doce sem prestar muita atenção ao que o cercava, como também o que o cercava não prestava muita atenção nele: era pequenino demais para ser uma ameaça e demasiado imperturbável para desempenhar satisfatoriamente o papel de vítima.

Foi outro menino quem fez a pergunta óbvia.

-Ei. dona! Por que trouxe todos nós para cá?

#55

Era um moleque de ar durão, com um bigode de chocolate e uma ratazana preta e magricela como daemon. A dama estava parada perto da porta, conversando com um homem corpulento com ar de capitão de navio; quando se virou para responder, ela tinha uma aparência tão angelical à luz sibilante da lamparina a nafta que todas as crianças silenciaram.

-Queremos a sua ajuda -ela disse. - Vocês não se importam em nos ajudar, não é?

Ninguém conseguia dizer uma palavra. Tímidos de repente, limitavam-se a contemplá-la. Nunca tinham visto uma mulher assim; ela era tão graciosa, simpática e boazinha que elas sentiam

que não mereciam tamanha sorte, e fariam com prazer tudo que ela pedisse, apenas para ficar mais um pouco na presença dela.

Ela revelou que iam fazer uma viagem; as crianças seriam bem alimentadas e vestidas, e aquelas que quisessem poderiam mandar uma mensagem para a família dizendo que estavam em segurança. Logo o Capitão Magnusson as levaria para o seu navio,

e quando a maré estivesse propícia, iam sair velejando rumo ao Norte.

Logo as poucas crianças que queriam mandar um recado para casa estavam sentadas em volta da linda dama, que escrevia o que elas lhe ditavam e deixava que desenhassem um X desajeitado no final, dobrava a folha, colocava-a dentro de um envelope

perfumado e escrevia nele o endereço que lhe davam. Tony teria gostado de mandar alguma coisa para a mãe, mas era realista: a mãe não ia conseguir ler. Deu um puxão na pele da manga do casaco da dama e cochichou que queria que ela dissesse à sua mãe

aonde ele estava indo; ela inclinou a cabeça graciosa para bem perto do corpinho malcheiroso do menino, acariciou-lhe a cabeça

e prometeu levar o recado.

Então as crianças se amontoaram para despedir-se. O macaco dourado acariciou os daemons de todas, e todas elas tocaram na pele de raposa para dar sorte, ou como se estivessem recebendo

#56

alguma força ou esperança ou bondade emanando da mulher, e ela despediu-se de todas e levou-as até uma lancha a vapor parada no cais, deixando-as aos cuidados do valente capitão. O céu já estava escuro, o rio era uma massa de luzinhas saltitantes. A dama ficou parada no cais acenando até não conseguir mais ver os rostos das crianças.

Então voltou para dentro do depósito, com o macaco dourado aninhado em seu seio, e jogou a pequena pilha de cartinhas na fornalha antes de sair por onde tinha entrado. Era muito fácil atrair as crianças dos bairros miseráveis, mas finalmente começou-se a perceber, e a polícia teve que entrar em ação, embora com relutância. Por algum tempo, não houve mais desaparecimentos. Mas o boato tinha nascido e, aos poucos, foi mudando, crescendo e se espalhando, e quando, passado algum tempo, umas crianças desapareceram em No!Wich, e depois em Sheffield, e depois em Manchester, as pessoas nesses lugares que

sabiam dos desaparecimentos em outras cidades acrescentavam novos fatos à história, dando-lhe novo vigor.

E assim cresceu a lenda de um misterioso grupo de feiticeiros que roubavam crianças. Alguns diziam que o chefe era uma linda mulher, outros falavam num homem alto, de olhos vermelhos, ao passo que uma terceira versão falava num rapaz que ria

e cantava para suas vítimas, que o seguiam como carneirinhos.

Quanto ao local para onde levavam essas crianças perdidas, não havia duas versões que concordassem. Alguns diziam que era

para o Inferno, para o subsolo, para a Terra Encantada. Outros afirmavam: para uma fazenda onde as crianças eram confinadas e engordadas para serem servidas à mesa. Outros diziam que as crianças eram vendidas como escravas para tártaros ricos...

Mas uma coisa em que todos concordavam era o nome desses raptos invisíveis. Tinham que ter um nome, ou então

#57

não poderiam ser mencionados, e falar sobre eles -especialmente para quem estava a salvo em casa, ou na Faculdade Jordan

-era delicioso. E o nome com que eles aparentemente foram batizados, sem que ninguém soubesse por quê, foi os Papões.

-Não fique fora até tarde, senão os Papões vão pegar você!

-Minha prima em Northampton conhece uma mulher cujo filho foi roubado pelos Papões...

-Os Papões estiveram em Stratford. Dizem que eles estão

vindo para o sul!

E inevitavelmente:

-Vamos brincar de crianças e Papões!

Foi o que Lyra disse a Roger, o ajudante de Cozinha da Faculdade Jordan. Ele a teria seguido até o fim do mundo.

-Como é que se brinca disso?

-Você se esconde e eu o encontro e o abro ao meio, como os Papões fazem.

-Você não sabe o que eles fazem. Pode ser que não façam nada disso.

-Você está com medo deles. Estou vendo! -disse ela.

-Não estou. Aliás, nem acredito neles.

-Eu acredito -ela retrucou com firmeza. -Mas também não tenho medo. Faço o que o titio fez na última vez que veio a Jordan. Eu vi. Ele estava na Sala Privativa e havia um convidado que não foi delicado, e titio só fez olhar para ele com força, e o homem caiu morto na hora, espumando pela boca.

-Duvido -fez Roger em tom de dúvida. -Nunca falaram sobre isso na Cozinha. De qualquer maneira, você não pode entrar na Sala Privativa.

-Claro que não falaram. Eles não iam contar esse tipo de coisa aos criados. E eu estive na Sala Privativa, sim. De qualquer

modo, titio está sempre fazendo isso. Fez com uns tártaros que o #58

agarraram certa vez. Amarraram o meu tio e iam tirar as tripas dele, mas, quando o primeiro se aproximou com uma faca, titio olhou bem para ele, e ele caiu morto, então veio outro, e titio fez a mesma coisa, e no final só sobrou um. Titio disse que ia deixar o homem escapar se ele o desamarrasse, e foi o que ele fez, e então

titio matou ele mesmo assim, para lhe dar uma lição.

Roger duvidava desse caso ainda mais do que dos Papões, mas era uma história boa demais para ser desperdiçada, de modo que os dois se revezaram sendo Lorde Asriel e os tártaros que iam

morrer; em lugar da espuma, os dois usaram sorvete.

No entanto, houve uma interrupção. Lyra estava concentrada fazendo o papel dos Papões e tinha conseguido encurralar Roger na adega do porão, onde eles entraram com o chaveiro de reserva do Mordomo. Juntos atravessaram os grandes domos onde o Tokay e o Canary da Faculdade, o Burgundye o brantwijn

jaziam sob as teias de aranha de muitos anos. Os antigos arcos de

pedra erguiam-se acima deles, apoiados em colunas grossas como



dez árvores juntas; o chão era de pedras irregulares, e por toda parte havia estantes de garrafas e barris. Era fascinante. Esquecendo-se dos Papões, as duas crianças foram de uma ponta à outra, cautelosamente, segurando uma vela com dedos trêmulos, tentando enxergar em cada canto escuro, com uma única pergunta cada vez mais forte na mente de Lyra: qual era o gosto do vinho?

Havia um modo fácil de responder. Lyra -apesar dos protestos veementes de Roger -escolheu a garrafa mais velha, retorcida e verde que conseguiu encontrar, e, não tendo como extrair a rolha, quebrou a garrafa no gargalo. Encolhidos no canto mais escondido, os dois bebericaram o líquido púrpura, curiosos para ver quando ficariam embriagados e como saberiam que estavam. Lyra não gostou muito do sabor, mas tinha que admitir que era um sabor solene e complicado. O mais engraçado era observar os dois daemons, que pareciam ficar cada vez mais tontos: caíam, davam risadinhas sem sentido e mudavam de #59

forma imitando monstros, cada um tentando ficar mais feio que o outro.

Finalmente, e quase ao mesmo tempo, as crianças descobriram como era ficar embriagado.

-Eles gostam disso? -ofegou Roger, depois de vomitar copiosamente.

-Gostam, sim -disse Lyra, nas mesmas condições. -E eu também -acrescentou teimosamente.

A única coisa que Lyra aprendeu nesse episódio foi que brincar de Papões le vava a lugares interessantes. Lembrou-se das palavras

do tio na sua última conversa e começou a explorar o subsolo, pois o que havia acima do solo era apenas uma pequena fração do todo; como um enorme fungo cujas raízes se estendem por muitos quilômetros, a Jordan, ao se ver brigando por espaço com

a Faculdade St. Michael's de um lado, a Faculdade Gabriel do outro e a Biblioteca da Universidade atrás, começara, ainda na Idade Média, a espalhar-se por baixo do solo. Túneis, poços, domos, porões, escadarias -tudo isso tinha escavado tanto a terra abaixo da Jordan e por centenas de metros ao redor dela que

havia quase tanto ar debaixo da terra quando acima dela; a Faculdade Jordan ficava sobre uma espécie de espuma de pedra. Tendo provado o gostinho de explorar o subsolo, Lyra abandonou seu território de costume, os Alpes irregulares que

eram os telhados da Faculdade, e mergulhou com Roger no limbo. Brincar de Papões foi substituído por caçá-los, pois o que seria mais provável do que haver Papões escondidos no subsolo, à espreita?

De modo que certo dia ela e Roger desceram para a cripta sob o Oratório. Era ali que as gerações de Reitores tinham sido enterradas, cada um em seu caixão de carvalho forrado de chumbo. Os caixões ficavam dentro de nichos ao longo das paredes de

#60

pedra. Uma placa de pedra abaixo de cada um dava os nomes deles:

Simon Le Clerc, Reitor 1765-1789 Cerebaton

Requiescant in pace

-Que quer dizer isso? -Roger perguntou.

-A primeira linha é o nome dele, e a segunda é romano.

Eas datas no meio da linha são quando ele foi Reitor. E o outro nome deve ser o daemon dele.

Sáiram caminhando ao longo da cripta silenciosa, lendo mais inscrições:

FrancisLyall Reitor 1748-1765 Zohariel

Requiescant in pace

Ignatius Cole, Reitor 1745-1748 Musca

Requiescant in pace

Lyra achou interessante constatar que, em cada caixão, uma placa de bronze trazia uma imagem diferente: num era um basilisco; no outro, uma mulher loura; no outro, uma serpente; no outro, um macaco. Percebeu que eram imagens dos daemons dos mortos. Quando as pessoas chegavam à idade adulta, seus daemons já tinham perdido o poder de transformar-se e ficavam com uma forma única e permanente.

-Esses caixões têm esqueletos dentro! -Roger sussurrou.

-Carne em putrefação -Lyra sussurrou de volta. -E vermes, lombrigas se retorcendo nos buracos dos olhos deles...

-Deve ter fantasmas por aqui... -disse Roger, arrepiando-se prazerosamente.

Atrás da primeira cripta, eles encontraram um corredor orlado de prateleiras de pedra. Cada prateleira era dividida em quadrados, e em cada quadrado descansava uma caveira.

#61

o daemon de Roger, com o rabo entre as pernas, estremeceu de encontro a ele e soltou um uivo breve e fraco.

-Psiu! - fez ele.

Lyra não enxergava Pantalaimon, mas sabia que, em sua forma de mariposa, ele estava descansando em seu ombro e com certeza arrepiado também.

Estendendo a mão, ela pegou a caveira mais próxima e

tirou-a do lugar.

-Que é que está fazendo? Não pode tocar nelas! -Roger protestou.

Sem lhe dar atenção, ela ficou girando a caveira nas mãos. De repente alguma coisa saiu pelo buraco na base do crânio, passou entre os dedos dela e caiu no chão ruidosamente. Com o susto, ela quase deixou cair a caveira.

-É uma moeda! -Roger exclamou, tateando no chão.

-Pode ser um tesouro!

Ele ergueu a moeda à luz da vela e ambos a contemplaram de olhos arregalados. Não era uma moeda, e sim um pequeno disco de bronze com uma entalhe grosseiro representando um gato.

-Como os dos caixões -disse Lyra. -É o daemon dele.

Só pode ser.

-É melhor levar de volta -Roger, inquieto, aconselhou.

Lyra girou a caveira e deixou o disco cair de volta em seu lugar imemorial antes de recolocá-la na prateleira. Os dois descobriram então que cada um dos crânios tinha sua moedadaemon mostrando a companheira da vida do dono ainda perto dele na morte.

-Que acha que estes eram quando estavam vivos? -Lyra perguntou. -Provavelmente Catedráticos, imagino. Só os Reitores ganham caixões. Com certeza, foram tantos Catedráticos

durante todos esses séculos que não haveria lugar para enterrar todos, de modo que eles cortam a cabeça e guardam. É mesmo a parte mais importante deles...

#62

Não encontraram Papões, mas as catacumbas sob o Oratório mantiveram Lyra e Roger ocupados durante muitos dias. Certa vez, ela tentou fazer uma brincadeira com alguns dos Catedráticos mortos, trocando os discos dentro dos crânios, dando-lhes daemons errados; Pantalaimon ficou tão agitado com isso que se transformou num morcego e pôs-se a voar para cima e para baixo soltando gritos agudos e batendo as asas no rosto dela, mas ela não deu atenção; a brincadeira era boa demais. Porém ela pagou por isso mais tarde. Na cama, em seu quatinho apertado no topo da Escadaria Doze, ela foi visitada por uma assombração e acordou gritando por causa das três figuras de túnica paradas à cabeceira da cama apontando os dedos ossudos antes de jogar para trás os capuzes e mostrar os tocos sangrentos onde deveriam estar as cabeças. Só quando Pantalaimon transformou-se num leão e rugiu foi que eles recuaram, fundindo-se à matéria da parede até que só restavam de fora os braços,

depois

as mãos engelhadas, cinzentas, depois os dedos em contorções, depois nada. De manhã, a primeira coisa que ela fez foi correr para as catacumbas e devolver as moedas-daemons para seus lugares, sussurrando "Perdão! Perdão!" às caveiras.

As catacumbas -eram muito maiores do que a adega, mas também tinham um limite. Depois que Lyra e Roger exploraram cada canto delas e se certificaram de que não havia Papões por lá, voltaram a atenção para outra coisa -mas não antes de terem sido vistos saindo da cripta pelo Intercessor, que os chamou ao Oratório.

O Intercessor era um ancião gorducho conhecido como Padre Heyst. Sua função era dirigir todos os ofícios da Faculdade,

pregar, orar e ouvir confissões. Tinha se interessado pelo bemestar espiritual de Lyra quando ela era criança, tendo sido desencorajado pela indiferença e pelos arrependimentos hipócritas dela.

Finalmente chegara à conclusão de que espiritualmente ela não era promissora.

#63

Ouvindo o chamado dele, Lyra e Roger viraram-se com relutância e se encaminharam, arrastando os pés, para dentro do Oratório com sua penumbra recendendo a mofo. Aqui e ali tremulavam chamas de velas diante das imagens dos santos; um ruído suave e distante vinha do poço do órgão, onde alguns reparos estavam sendo efetuados; um criado polia o púlpito de bronze. Padre Heyst, na porta da sacristia, acenou-lhes.

-Onde estiveram? -perguntou-lhes. -Já vi vocês saindo de lá mais de uma vez. Que é que estão tramando?

Seu tom não era de acusação; ele parecia genuinamente interessado. Empoleirado em seu ombro, seu daemon estendeu para eles a língua de lagarto. Lyra respondeu:

-Queríamos ver a cripta.

-Por que motivo?

-Os... os caixões. Queríamos ver todos os caixões -ela disse.

-Mas por quê?

Ela deu de ombros -sua resposta costumeira quando se sentia pressionada.

-E você? -ele continuou, voltando-se para Roger. O daemon do rapaz pôs-se a balançar a cauda, tentando acalmá-lo.

-Qual é o seu nome?

-Roger, Padre.

-Se é um criado, onde trabalha?

-Na Cozinha, Padre.

-Não devia estar lá agora?

-Sim, Padre.

-Então vá.

Roger virou-se e saiu correndo. Lyra arrastou o pé de um lado para o outro no chão.

-Quanto a você, Lyra, fico contente em ver que está se interessando pelas coisas do Oratório. É uma menina de sorte, por ter tanta História à sua volta.

#64

-Hum - fez ela.

-Mas me espanta a sua escolha de companheiros. É uma criança solitária?

-Não -ela disse.

-Sente... sente falta da companhia de outras crianças?

-Não.

-Não estou falando de Roger, o ajudante da Cozinha.

Estou falando de crianças como você. Crianças de berço nobre. Gostaria de ter alguns companheiros desse tipo?

-Não.

-Outras meninas, talvez...

-Não.

-Sabe, nenhum de nós quer que você perca todos os prazeres e divertimentos comuns da infância. As vezes penso que

sua vida aqui deve ser solitária, no meio dos velhos

Catedráticos.

Sente isso?

-Não.

Ele juntou os polegares sobre os outros dedos entrelaçados, incapaz de pensar em outra coisa para perguntar àquela criança obstinada.

-Se estiver com algum problema, sabe que pode me contar -disse finalmente. -Espero que sempre saiba disso.

-Sim.

-Tem feito suas orações?

-Sim.

-Muito bem. Agora vá.

Com um suspiro de alívio maldisfarçado, ela virou-se e saiu.

Não tendo conseguido encontrar Papões debaixo da terra,

Lyra voltou para as ruas. Era onde se sentia em casa.

Então, quando ela tinha quase perdido o interesse neles, os Papões apareceram em Oxford.

#65

A primeira notícia que ela teve foi quando sumiu um menino de uma família gípcia que ela conhecia.

Foi na época da Feira de Cavalos, e a bacia do canal estava apinhada de barcos e barcaças, com mercadores e viajantes, e os trapiches ao longo do cais em Jericó cintilavam com os arreios

brilhantes e ressoavam com o ruído de ferraduras e o clamor das barganhas. Lyra sempre gostara da Feira de Cavalos; além da chance de um passeio clandestino em algum cavalo mal vigiado, havia inúmeras oportunidades para provocar uma batalha. E esse ano ela forjara um ótimo plano; inspirada pela captura do barco no ano anterior, dessa vez ela pretendia navegar

um pouco mais antes de ser escorraçada. Se ela e os amigos das cozinhas das faculdades pudessem chegar até Abingdon, poderiam fazer uma grande bagunça no dique...

Mas nesse ano não haveria guerra. Enquanto percorria a borda do estaleiro de Pon Meadow ao sol da manhã com dois moleques, passando um para o outro um cigarro roubado e soprando a fumaça com bastante ostentação, ela escutou um grito

e reconheceu a voz.

-Bem, que foi que fez com ele, seu bunda-mole?

Era uma voz poderosa, voz de mulher -mas uma mulher com pulmões de couro e cobre. Lyra na mesma hora virou-se à procura dela, pois tinha reconhecido a voz de Mãe Costa, que, em duas ocasiões, tinha deixado Lyra quase desmaiada com uns pescoções, mas em três dera-lhe pãozinhos quentes, e cuja família

era famosa pelo luxo e pela imponência de seu barco. Eram príncipes entre os gípcios, e Lyra admirava muito Mãe Costa, mas

pretendia passar ainda algum tempo cautelosa, pois era deles o barco que ela havia roubado.

Um dos moleques companheiros de Lyra pegou automaticamente uma pedra no chão quando ouviu a gritaria, mas Lyra

ordenou:

#66

-Pode ir soltando. Ela está nervosa. Pode quebrar você ao meio como um graveto.

Na verdade, Mãe Costa parecia mais ansiosa do que zangada. O homem com quem falava, um mercador de cavalos, dava de ombros e espalmava as mãos.

-Bom, eu não sei -dizia ele. -Ele estava aqui e no minuto seguinte tinha sumido. Não cheguei a ver para onde ele foi...

-Ele estava ajudando você! Estava segurando seus malditos cavalos!

-Bom, ele devia ter ficado aqui, não é? Sair correndo no meio do trabalho...

O homem não chegou a terminar a frase, pois Mãe Costa lhe pregou um tremendo tabefe na lateral da cabeça,

acompanhado de tantos xingamentos e safanões que ele berrou e virou-se

para fugir. Os outros mercadores de cavalos zombaram, e um potro assustadiço empinou, sobressaltado.

-Que é que está acontecendo? -Lyra perguntou a um menino gípcio que a tudo assistia, boquiaberto. -Por que ela está com tanta raiva?

-É o filho dela -explicou o menino. - Billy. Com certeza, ela acha que os Papões pegaram o garoto. E pode ser verdade, mesmo. Eu não vejo o Billy desde...

-Os Papões? Então eles chegaram a Oxford?

O menino gípcio deu-lhes as costas para gritar para os amigos, que estavam observando Mãe Costa:

-Ela não sabe de nada! Nem sabe que os Papões estão aqui!

Meia-dúzia de moleques viraram-se para ela com expressão de desprezo, e Lyra jogou fora o cigarro, reconhecendo a deixa para uma boa briga. No mesmo instante, os daemons de todos se prepararam para a guerra: cada criança era acompanhada por dentes, ou garras, ou pêlos eriçados, e Pantalaimon, desprezando #67

a imaginação limitada daqueles daemons gípcios, transformouse num dragão do tamanho de um cão veadeiro.

Antes, porém, que a batalha começasse, Mãe Costa se imiscuiu, empurrando dois gípcios e confrontando Lyra como se fosse uma lutadora profissional.

-Sabe dele? -ela interpelou Lyra. -Viu o Billy?

-Não. Acabamos de chegar. Não vejo o Billy há meses.

O daemon de Mãe Costa fazia círculos no ar acima da cabeça dela -um falcão de olhos amarelos e ferozes que olhavam para todos os lados sem piscar. Lyra ficou com medo; ninguém se preocupava quando uma criança sumia por algumas horas, principalmente uma gípcia: no mundinho dos barcos gípcios, todas

as crianças eram preciosas e intensamente amadas, e cada mãe sabia que, se seu filho estivesse longe de sua vista, não estaria longe

da vista de outra mãe, que o protegeria instintivamente.

No entanto, ali estava Mãe Costa, rainha entre os gípcios, aterrorizada pela ausência de uma criança. Por quê?

Mãe Costa olhou sem ver o grupinho de crianças, virou-se e saiu tropeçando por entre a multidão, indo na direção do ancoradouro, sempre gritando pelo filho. No mesmo instante, as crianças esqueceram a briga, diante daquele sofrimento.

-Esses Papões são o quê, afinal? -perguntou Simon Parslow, amiguinho de Lyra.

O primeiro menino gípcio respondeu:

-Você sabe. Eles estão roubando crianças por toda parte.

São piratas...

-Eles não são piratas -corrigiu outro gípcio. -São canibais. É por isso que o nome deles é Papões.

-Eles comem crianças? -perguntou outro amigo de Lyra: Hugh Lovat, ajudante de Cozinha na St. Michael's.

-Ninguém sabe -disse o primeiro menino. -Levam a criança e ninguém mais tem notícia dela.

#68

-Isso nós todos sabemos -disse Lyra. -Há meses estamos brincando de crianças e Papões, antes de vocês. aposto. Mas aposto que ninguém já viu um Papão.

-Já viram -disse um garoto.

-Quem? -Lyra insistiu. -Você já viu? Como é que sabe que não é só uma pessoa?

-Charlie viu eles em Banbury -disse uma menina gípcia.

-Eles ficaram falando com uma mulher enquanto outro homem tirou o filho dela do jardim.

-É, eu vi eles fazerem isso! -confirmou Charlie, um menino gípcio.

-Como é que eles eram? -Lyra quis saber .

-Bom, eu não vi direito -Charlie confessou. -Mas vi o caminhão deles -acrescentou. -Eles chegam num caminhão branco. Colocam o menino no caminhão e saem disparados.

-Mas por que o nome deles ficou sendo Papões? -Lyra insistiu.

-Porque eles papam as crianças -disse o primeiro garoto gípcio. -Nos contaram lá em Northampton. Eles estiveram por lá. Tinha uma garota em Northampton, levaram o irmão dela e ela disse que os homens que levaram ele disseram que iam comer

ele. Todo mundo sabe disso. Eles comem as crianças.

Uma menina gípcia começou a chorar alto.

-É a prima de Billy -Charlie informou.

Lyra perguntou:

-Quem viu o Billy por último?

-Eu! -uma dúzia de vozes exclamou.

-Eu vi o Billy segurando aquele pangaré do Johnny Fiorelli.

-Eu vi ele perto do vendedor de maçã caramelada.

-Eu vi ele se balançando no guindaste...

Depois que conseguiu destrinchar aquilo, Lyra ficou sabendo que Billy tinha sido visto mais de duas horas antes.

#69

-Então, nas últimas duas horas, os Papões estiveram por aqui...

Todos olharam em volta, estremecendo, apesar do sol



quente, do porto apinhado, do cheiro familiar de alcatrão, cavalos e folha-de-fumo. O problema era que, já que ninguém sabia como eram esses Papões, qualquer pessoa podia ser um Papão, como Lyra declarou ao bando de crianças perplexas, todas elas - as das faculdades e as gípcias - já agora sob o seu domínio. -Eles têm que parecer pessoas comuns, senão seriam logo descobertos -ela explicou. -Se só aparecessem à noite, podiam ter qualquer aparência. Mas, se aparecem à luz do dia, têm que parecer gente normal. Então qualquer pessoa aqui pode ser um Papão...

-Não são, não -disse um gípcio em tom hesitante. - Conheço elas todas.

-Está certo, não estas aqui, mas qualquer outra -disse Lyra. -Vamos procurar os Papões! E o caminhão branco também!

Aquilo provocou um estouro de boiada. Outros logo se juntaram aos primeiros, e, em pouco tempo, havia umas trinta ou mais crianças gípcias correndo de uma ponta à outra dos ancoradouros, entrando e saindo dos estábulos, subindo pelos guindastes para dentro dos pátios, saltando por cima da cerca para junto da margem, 15 crianças ao mesmo tempo agarradas à corda que se usava para atravessar o rio de águas verdes, e correndo a toda pelas ruas estreitas de Jericó, por entre as casinhas de tijolos, e entrando no grande oratório de St. Barnabas, o Químico, com sua torre quadrada. Metade delas não sabia o que estavam procurando e achava que se tratava apenas de uma brincadeira, porém as mais próximas a Lyra sentiam medo e aflição de verdade cada vez que avistavam uma figura solitária num beco ou na penumbra do Oratório: seria um Papão?

#70

Mas, naturalmente, não era. Finalmente, sem sucesso e com a sombra do desaparecimento verdadeiro de Billy pesando sobre todo mundo, o entusiasmo foi desvanecendo. Quando Lyra e os dois jovens das faculdades saíam de Jericó perto da hora do jantar, viram os gípcios reunidos no ancoradouro vizinho àquele em que o barco dos Costa estava atracado. Algumas mulheres choravam em voz alta, e os homens, furiosos, formavam grupinhos; todos os seus demões estavam agitados, erguendo-se em vôos nervosos ou rosnando para as sombras.

-Aposto que os Papões não teriam coragem de vir aqui  
-Lyra disse a Simon Parslow quando os dois atravessavam a soleira do grande saguão da Jordan.

-Não... -ele concordou com hesitação. -Mas sei que sumiu uma garota do Mercado.

-Quem?

Lyra conhecia a maioria das crianças do Mercado, mas não tinha ouvido essa notícia.

-Jessie Reynolds, da selaria. Ontem ela saiu só para buscar um pedaço de peixe para o chá do pai, mas na hora de fechar ainda não tinha aparecido. E ninguém viu ela. Procuraram no Mercado inteiro e em toda parte.

-Ninguém me contou isso! -disse Lyra indignada.

Achava um lapso deplorável de seus súditos não a manterem sempre informada de tudo.

-Bom, foi ontem que aconteceu. Ela pode já ter aparecido.

-Vou perguntar -disse Lyra, virando-se para tornar a sair.

Mas ainda não tinha passado pelo portão quando o Porteiro a chamou.

-Venha cá, Lyra! Você não pode sair esta noite. Ordens do Reitor.

-Por que não?

#71

-Já disse, ordens do Reitor. Ele disse que se você voltasse, para não sair de novo.

-Então me pegue -ela o desafiou, e saiu correndo.

Atravessou em disparada a rua estreita e entrou no beco onde os caminhões descarregavam mercadoria para o Mercado Coberto. Sendo hora de fechar, havia poucos caminhões por ali, mas um grupinho de jovens fumava e conversava perto da porta central, em frente ao alto muro de pedra da Faculdade St. Michael's. Lyra conhecia um deles, um rapaz de 16 anos, a quem

ela admirava porque ele conseguia cuspir mais longe que qualquer

outra pessoa que ela conhecia; foi até lá e ficou esperando humildemente que ele apercebesse.

-Ei, que é que você quer? -ele finalmente perguntou.

-A Jessie Reynolds sumiu?

-Foi. Por quê?

-Porque um menino gípcio sumiu hoje, e tudo.

-Estão sempre sumindo esses gípcios. Depois de toda Feira de Cavalos eles somem.

-Os cavalos também -comentou um dos amigos dele.

-Mas é diferente -Lyra protestou. -Era um menino.

Ficamos procurando ele a tarde toda, e as outras crianças

disseram

que os Papões pegaram ele.

-Os quê?

-Os Papões -ela repetiu. -Nunca ouviu falar dos Papões?

Aquilo era novidade também para os outros rapazes, e, com exceção de alguns comentários grosseiros, eles escutaram com atenção o que ela lhes contou.

-Papões... -fez o conhecido de Lyra, cujo nome era Dick. -Que coisa idiota. Esses gípcios vivem com essas idéias idiotas.

-Disseram que os Papões apareceram em Banbury há poucas semanas e levaram cinco crianças -Lyra insistiu. -  
#72

Com certeza, vieram para Oxford agora para pegar as nossas. Devem ter sido eles que pegaram a Jessie.

-Sumiu um menino lá para as bandas de Cowley - contou um dos rapazes. -Agora me lembro. Minha tia, ela veio aqui ontem, porque vende peixe e batata frita numa barraquinha, e ouviu contar isso... Um menino pequeno... Mas não sei dessa história de Papões. Não existem Papões. É só uma história.

-Existem sim! -contestou Lyra. -Os gípcios já viram eles. Acham que eles comem as crianças que eles pegam e... Ela parou a frase no meio, porque de repente tinha se lembrado de uma coisa. Durante aquela noite estranha que ela passara escondida na Sala Privativa, Lorde Asriel tinha mostrado

um slide de um homem segurando um bastão com jorros de luz entrando nele; e ao lado do homem havia uma figura pequena com menos luz em volta; e Lorde Asriel tinha dito que era uma criança; e alguém perguntara se era uma criança seccionada, e o tio tinha dito que não, que essa era a questão. Lyra sabia que "seccionada" queria dizer cortada.

E então uma coisa lhe atingiu o coração: onde estava Roger? Ela não o via desde de manhã...

De repente ficou com medo. Pantalaimon, como um leão em miniatura, saltou para os seus braços e grunhiu. Ela se despediu dos rapazes junto ao portão e caminhou de volta para a rua Turl, depois correu o mais que podia até a Faculdade Jordan,

entrando pela porta um segundo antes do daemon, agora em forma de leopardo.

O Porteiro mostrou-se severo.

-Tive que ligar para o Reitor e contar a ele -declarou.

-Ele não gostou. Eu não queria estar no seu lugar, mocinha, por dinheiro nenhum.

-Onde está o Roger? -ela quis saber.

-Não vi. Ele também vai levar. Ah, quando o Sr. Cawson o pegar...

#73

Lyra correu para a Cozinha e penetrou naquela agitação barulhenta e fumegante.

-Onde está o Roger? -berrou.

-Some daqui, Lyra! Estamos ocupados!

-Mas onde é que ele está? Você deve saber! -Lyra gritou para o Chefe da Cozinha, que lhe deu um tapa na orelha e expulsou-a de lá.

Bernie, o Confeiteiro, tentou acalmá-la, mas não conseguiu.

-Eles pegaram o Roger! Aqueles Papões malditos, alguém devia pegar e matar eles! Eu odeio eles! Vocês não se importam com o Roger...

-Lyra, todos nós nos importamos com o Roger...

-Não, porque senão paravam o trabalho e iam procurar por ele nesse instante! Odeio vocês!

-Podia haver muitos motivos para o Roger ter sumido.

Escute a voz da razão. Temos o jantar para preparar e servir em menos de uma hora; o Reitor tem convidados na Residência e ele

também vai jantar lá, o que significa que o Chefe da Cozinha vai ter que mandar a comida para lá bem depressa, para não esfriar; com uma coisa e outra, Lyra, a vida tem que continuar. Tenho certeza de que o Roger vai aparecer...

Lyra saiu correndo da Cozinha, derrubando uma pilha de tampaS de bandeja de prata e ignorando o rugido de raiva que isso provocou. Correndo, desceu os degraus e atravessou o Quadrilátero, passou entre a Capela e a Torre

Palmer's e entrou no

Quadrilátero Yaxley, onde ficavam os prédios mais antigos da Faculdade.

Pantalaimon corria de um lado para o outro na frente dela como um leopardo em miniatura e disparou escada acima até o último andar, onde ficava o quarto de Lyra. A menina abriu a porta de sopetão, arrastou a cadeira cambaleante para perto da janela, abriu a persiana e passou para o lado de fora. Logo abaixo

#74

da janela havia uma calha de pedra forrada de chumbo com uns 30Cm de largura, para recolher a água da chuva; de pé sobre ela,

Lyra

virou-se e subiu pelas telhas até chegar à cumeeira do telhado.

Ali

ela abriu a boca e gritou. Pantalaimon, que sempre se transformava

em pássaro quando estava no telhado, voava em círculos ao

redor

dela, acompanhando-a com seu grasnar agudo de gralha.  
O céu do final de tarde tingia-se de cores -pêssego, abricó,  
creme, delicadas nuvens de sorvete num largo céu alaranjado.

As

torres e os campanários de Oxford erguiam-se em volta deles, na  
mesma altura; os bosques verdes de Château -Vert e White Ham  
mostravam-se a cada lado -um a leste, outro a oeste. Em algum  
lugar, havia gralhas grasnando e sinos tocando, e dos Currais  
dos

Bois as batidas ritmadas de um motor a gás anunciavam a  
decolagem diária do zepelim do Correio Real para Londres.

Lyra

ficou vendo-o subir acima do campanário da Capela da St.  
Michael's, a principio do tamanho da ponta do dedo mindinho  
dela quando ela estendia o braço, depois ficando cada vez  
menor,

até virar um pontinho no céu perolado.

Ela virou-se e baixou o olhar para o Quadrilátero envolto  
em sombras, onde os Catedráticos, vestindo suas becas pretas, já  
começavam a chegar, sozinhos ou aos pares, para a Dispensa,  
seus

daemonscaminhando ou voejando ao lado deles, ou então  
calmamente empoleiradas em seus ombros. Estavam acendendo  
as

luzes no Salão; ela via os vitrais da janela começando a brilhar  
um

a um à medida que um criado percorria o aposento acendendo  
as lamparinas sobre as mesas. O sino do Administrador pôs-se a  
tocar, anunciando a meia hora antes do jantar.

Aquele era o mundo dela. Ela queria que ele permanecesse  
a mesma coisa para sempre, mas ele estava mudando ao seu  
redor ,

pois alguém lá fora estava roubando crianças. Ela se sentou na  
cumeira do telhado, o queixo apoiado nas mãos.

-É melhor irmos socorrer o Roger, Pantalaimon -  
declarou.

#75

Ele respondeu da chaminé, com sua voz de gralha:

-Vai ser perigoso.

-Claro! Eu sei dis so.

-Lembre-se do que eles disseram na Sala Privativa.

-O que foi?

-Alguma coisa sobre uma criança lá no Artico. Aquela  
que não estava atraindo o Pó.

-Disseram que era uma criança completa... E daí?

-Pode ser isso que vão fazer com o Roger, os gípcios e as

outras crianças.

-Como é?

-Bom, que é que completa quer dizer?

-Sei lá. Com certeza, cortam elas no meio. Acho que elas viram escravas. Isso seria mais útil. Com certeza, eles têm minas por lá. Minas de urânio para as naves atômicas. Aposto que é isso.

Se mandassem adultos para o fundo das minas, eles morreriam, de modo que usam crianças porque elas são mais baratas. Foi isso

que fizeram com ele.

-Eu acho...

Mas a opinião de Pantalaimon teve que esperar; porque uma voz que vinha de baixo começou a gritar:

-Lyra! Lyra! Desça daí neste instante!

Alguém batia na janela. Lyra reconheceu a voz e a impaciência: era a Sra. Lonsdale, a Governanta. Impossível esconder-se dela! De rosto tenso, Lyra escorregou pelo telhado até a calha e tornou a entrar pela janela. A Sra. Lonsdale estava enchendo de água uma pequena bacia descascada, com o acompanhamento de gemidos e batidas que o sistema hidráulico produzia.

-Quantas vezes já lhe disseram para não ir ao telhado...

Veja o seu estado! Veja esta saia: está imunda! Tire a roupa imediatamente e se lave enquanto eu procuro alguma coisa decente que não esteja rasgada. Não sei por que você não consegue ficar limpa e arrumada...

#76

Lyra estava deprimida de mais até para perguntar por que tinha que se lavar e se vestir, e nenhum adulto fornecia uma razão

por iniciativa própria. Ela puxou o vestido pela cabeça e deixou cair sobre a cama estreita, e pôs-se a se lavar com má vontade enquanto Pantalaimon, agora um canário, saltava cada vez mais para perto do daemon da Sra. Lonsdale, um impassível cão de caça, tentando em vão implicar com ele.

-Veja o estado deste guarda-roupa! Faz semanas que você não pendura um vestido! Veja como este está amassado...

Veja isso, veja aquilo... Lyra não queria ver. Ela fechou os olhos enquanto esfregava o rosto com a toalha fina.

-Vai ter que usar este assim mesmo. Não dá tempo de passar. Deus me perdoe, menina, veja os seus joelhos, veja o estado deles...

-Não quero ver nada -Lyra resmungou.

A Sra. Lonsdale deu-lhe um tapa na perna.

-Lave -ordenou com ferocidade. -Tire toda esta sujeira.

-Por quê? -Lyra finalmente perguntou. -Eu nunca

lavo os joelhos. Ninguém vai olhar para os meus joelhos. Por que

tenho que fazer isso tudo? A senhora também não liga para o Roger, igual ao Cozinheiro Chefe. Eu sou a única que...

Outro tapa, na outra perna.

-Chega dessa bobagem. Sou uma Parslow, como a mãe do Roger. Ele é meu primo em segundo grau. Aposto que não sabia disso, porque aposto que você nunca perguntou, Srta.

Lyra.

Aposto que isso nunca lhe passou pela cabeça. Não me acuse de não gostar do menino. Deus sabe que eu gosto até mesmo de você, que me dá poucos motivos para isso e nenhuma gratidão.

Ela pegou a flanela e esfregou os joelhos de Lyra com tanta força que deixou a pele rosada e ardendo, porém limpa.

-O motivo disso é que você vai jantar com o Reitor e os convidados dele. Peço a Deus que você se comporte. Fale somente

#77

quando falarem com você, seja discreta e educada, sorria e nunca

diga "Sei lá" quando lhe perguntarem alguma coisa.

Ela enfiou o melhor vestido de Lyra no corpo magro da menina, ajeitou-o, pescou na confusão de uma gaveta uma fita vermelha e escovou os cabelos dela com uma escova de cerdas duras.

-Se tivessem me avisado antes, eu podia ter lavado os seus cabelos. Bom, é uma pena. Tomara que não olhem muito de perto... Pronto. Agora sente-se direito. Onde estão aqueles sapatos bons, de verniz?

Cinco minutos mais tarde, Lyra estava batendo na porta da Residência do Reitor, a casa imponente e um pouco lúgubre que se abria para o Quadrilátero Yaxley e dava fundos para o Jardim da Biblioteca. Pantalaimon, que por polidez se transformara num

arminho, esfregou-se na perna dela. A porta foi aberta por Cousins, criado do Reitor e velho inimigo de Lyra; mas ambos sabiam que aquilo era uma trégua.

-A Sra. Lonsdale disse para eu vir -Lyra explicou.

-Sim -fez Cousins, pondo-se de lado. -O Reitor está na Sala de Estar.

Ele a levou para o aposento amplo que dava para o Jardim da Biblioteca. Os últimos raios de sol ali entravam através do vazio

entre a Biblioteca e a Torre Palmer's, e iluminava os quadros pesados e a prataria severa que o Reitor colecionava. Iluminava também os convidados, e Lyra entendeu por que não iam jantar no Salão: três deles eram mulheres.

-Ah, Lyra! Que bom que pôde vir! -exclamou o Reitor.

-Cousins, arranje uma coisa que ela possa beber. Dama Hannah, acho que não conhece Lyra... A sobrinha de Lorde Asriel, a senhora sabe.

Dama Hannah Relf, Diretora de uma das faculdades femininas, era uma senhora de cabelos grisalhos cujo daemon era um sagüi. Lyra cumprimentou-a com toda educação e depois foi #78

apresentada aos outros convivas, que eram, como Dama Hannah,

estudiosos de outras Faculdades e bastante desinteressantes.

Então o Reitor chegou ao último convidado.

-Sra. Coulter, esta é a nossa Lyra. Lyra, venha cumprimentar a Sra. Coulter.

-Olá, Lyra -disse a Sra. Coulter.

Era linda e jovem. Os cabelos negros e lisos emolduravam o rosto dela, e seu daemon era um macaco dourado.

#79

#### O ALETÔMETRO

-EspERO que seu lugar no jantar seja ao meu lado -disse a Sra. Coulter, abrindo espaço para Lyra no sofá. -Não estou acostumada com o luxo da Residência de um Reitor. Vai ter que me mostrar quais garfos e facas devo usar.

-A senhora é uma Professora? -Lyra perguntou.

Ela considerava as Professoras como desdém próprio a uma pessoa da Jordan: essas pessoas existiam, porém, coitadinhas, nunca seriam levadas a sério -não mais que animais vestidos de gente, representando uma peça. A Sra. Coulter, por outro lado, não se parecia com qualquer Professora que Lyra já tivesse visto e certamente não como as duas senhoras idosas e sérias que eram

as outras convidadas. Lyra havia feito essa pergunta esperando uma resposta negativa, pois a Sra. Coulter tinha um ar elegante que encantou a garota; Lyra mal conseguia tirar os olhos dela.

-Na verdade, não -respondeu a Sra. Coulter. -

Pertenço à faculdade da Dama Hannah, porém a maior parte do meu trabalho é feita fora de Oxford... Fale-me sobre você, Lyra. Sempre morou na Faculdade Jordan?

#80

Cinco minutos depois, Lyra tinha contado a ela tudo da sua vida meio selvagem: seus caminhos favoritos pelos telhados, a batalha dos Barreiros, a ocasião em que ela e Roger tinham apanhado e assado uma gralha, sua intenção de capturar um barco

dos gípcios e ir velejando até Abingdon, etc. Contou-lhe até (depois de olhar em volta, e baixando a voz) sobre a brincadeira



dela e de Roger com as caveiras na cripta.

-E os fantasmas apareceram no meu quarto, sabe, sem cabeça! Não conseguiam falar, só faziam uns barulhos de gorgolejo, mas eu sabia muito bem o que eles queriam. Então no dia

seguinte fui até lá embaixo e coloquei as moedas de volta. Senão eles podiam até me matar.

-Quer dizer que você não tem medo do perigo? -disse a Sra. Coulter em tom de admiração.

A essa altura já estavam jantando; como a Sra. Coulter esperava, estavam sentadas juntas. Lyra ignorou completamente seu outro vizinho -o Bibliotecário -e passou a refeição inteira conversando com a Sra. Coulter .

Quando as senhoras se retiraram para o café, a Dama Hannah disse:

-Diga-me, Lyra, vão mandá-la para a escola?

-Sei l... Eu não sei -ela corrigiu a tempo. -Provavelmente não -acrescentou, com segurança. -Eu não ia querer dar esse trabalho a eles -continuou, em tom de santinha. -E essa despesa. Certamente é melhor que eu continue morando na Jordan, sendo educada pelos Catedráticos daqui quando eles têm um tempinho livre. Como já estão aqui, certamente vai ser de graça.

-E seu tio, Lorde Asriel, tem algum plano para você? -perguntou a outra senhora, que era uma Professora na outra faculdade feminina.

-Acho que sim -disse Lyra. -Mas não uma escola. Ele vai me levar para o Norte na próxima viagem.

#81

-Eu me lembro, foi o que ele me contou -disse a Sra. Coulter.

Lyra pestanejou. As duas Professoras sentaram-se ligeiramente mais eretas, embora seus daemons, por boa educação ou por preguiça, se limitassem a olhar de relance um para o outro.

-Nós nos encontramos no Régio Instituto do Pólo Ártico -continuou a Sra. Coulter. -Aliás, é em parte por causa desse encontro que estou aqui hoje.

-A senhora também é exploradora? -Lyra perguntou.

-De certo modo, sim. Estive várias vezes no Norte. No ano passado, fiquei três meses na Groelândia fazendo observações da Aurora Boreal.

Foi o que bastou; daí em diante, para Lyra nada -e ninguém mais -existia. Ela contemplava a Sra. Coulter com respeitoso deslumbramento e escutava atenta e extasiada as descrições da construção de iglus, das caçadas de focas, das negociações com as bruxas da Lapônia. As duas Professoras não

tinham coisas tão interessantes para contar e ficaram sentadas em

silêncio até a chegada dos homens.

Mais tarde, quando os convidados se preparavam para partir, o Reitor disse:

-Fique mais um pouco, Lyra; eu gostaria de conversar um minutinho com você. Vá para o meu escritório, sente-se e espere por mim lá.

Intrigada, cansada e excitada, Lyra obedeceu. O criado Cousins levou-a ao escritório e deixou a porta aberta propositalmente para poder ver do saguão -onde ajudava os convidados

a vestir os abrigos -o que ela estaria fazendo. Lyra procurou a Sra. Coulter com o olhar, mas não a viu, e então o Reitor entrou no escritório e fechou a porta.

Sentou-se pesadamente na poltrona junto à lareira. Seu daemon esvoaçou para as costas da cadeira e empoleirou-se perto

#82

da cabeça do Reitor, fixando em Lyra os velhos olhos semicerrados. A lamparina sibilava baixinho. O Reitor disse:

-Bem, Lyra, você andou conversando com a Sra. Coulter; gostou de ouvir o que ela dizia?

-Gostei!

-É uma dama notável.

-É maravilhosa. É a pessoa mais maravilhosa que já conheci.

O Reitor suspirou. Com seu terno e gravata pretos, ele se parecia com o seu daemon, e de repente ocorreu a Lyra que um dia não muito distante ele seria enterrado na cripta sob o Oratório, e um artista iria gravar o daemon dele na placa de bronze para

o caixão, e o nome do daemon constaria ao lado do dele.

-Eu já devia ter arranjado tempo para ter uma conversa com você, Lyra -ele começou, depois de um instante. -Estava pretendendo mesmo fazer isso, mas parece que já passou mais tempo do que eu imagina va. Você sempre esteve segura aqui na Jordan, minha cara. Acho que tem sido feliz. Não lhe foi fácil nos

obedecer, mas gostamos muito de você, e você nunca foi uma criança má. Há muita bondade e ternura na sua natureza, e muita determinação. Você vai precisar de tudo isso. No mundo lá fora, estão acontecendo coisas das quais eu gostaria de proteger você, prendendo-a aqui na Jordan, porém isso não é mais possível. Ela o encarou sem falar. Então iam mandá-la embora?

-Você sabia que um dia teria que ir para a escola -o

Reitor continuou. -Nós aqui lhe ensinamos algumas coisas,

mas não muito bem, nem de maneira organizada. Nosso conhecimento é de outro tipo. Você precisa aprender coisas que homens idosos não têm condições de lhe ensinar, principalmente na sua idade. Você certamente sabia disso. Não é filha de criados,

não poderíamos entregá-la para ser adotada por uma família da cidade. Eles poderiam cuidar de você em certas coisas, mas as suas

necessidades são diferentes. O que estou querendo dizer, Lyra, é

#83  
que esta parte da sua vida dentro da Faculdade Jordan está chegando ao fim.

-Não, não! -ela protestou. -Não quero sair da Jordan!

Gosto daqui. Quero ficar aqui para sempre!

-Quando a gente é jovem, pensa que as coisas duram para sempre. Infelizmente, elas não duram. Lyra, não falta muito tempo, no máximo um par de anos, para você se tornar uma moça, não mais uma criança. Uma senhorita. Pode acreditar, aí você vai achar a Faculdade Jordan um lugar muito difícil para se morar.

-Mas é o meu lar!

-Tem sido o seu lar. Mas agora você precisa de outra coisa.

-Escola, não. Eu não vou para a escola.

-Você precisa de companhia feminina. De orientação feminina.

A expressão "orientação feminina" fez Lyra pensar nas Professoras, e ela fez uma careta involuntária. Ser exilada da imponência da Jordan, do esplendor e fama de seu ensino, para uma faculdade num prédio de tijolos parecendo uma pensão no subúrbio de Oxford, com Professoras desmazeladas que cheiravam a repolho e naftalina, como aquelas duas!

O Reitor percebeu a expressão dela e viu piscarem em vermelho os olhos de gambá de Pantalaimon. Perguntou:

-E se por acaso fosse a Sra. Coulter?

No mesmo instante, o pêlo de Pantalaimon mudou de marrom-escuro para puro branco. Lyra arregalou os olhos.

-De verdade?

-Ela é conhecida de Lorde Asriel. O seu tio, naturalmente, está muito preocupado com o seu bem-estar, e quando a Sra. Coulter ouviu falar de você, ela no mesmo instante se ofereceu para ajudar. Aliás, ela é viúva. O marido morreu num acidente muito triste há alguns anos; de modo que você se lembre disso antes de perguntar alguma coisa.

#84

Lyra assentiu ansiosamente e perguntou:

-E ela vai mesmo... tomar conta de mim?

-Você gostaria?

-Sim!

Lyra mal conseguia ficar sentada. O Reitor sorriu. Isso acontecia tão raramente que ele tinha perdido a prática, e quem estivesse prestando atenção (coisa que Lyra não estava em condições de fazer) pensaria que se tratava de uma careta de desgosto.

-Bem, então é melhor convidá-la para vir conversar sobre isso -disse.

Ele saiu do escritório e quando voltou, um minuto depois, com a Sra. Coulter, Lyra estava de pé, excitada demais para ficar sentada. A Sra. Coulter sorriu, e seu daemon mostrou os dentes brancos numa expressão travessa e satisfeita. Ao passar por Lyra a caminho de uma poltrona, a Sra. Coulter tocou de leve seus cabelos e Lyra sentiu uma onda de carinho cobri-la, e enrubescou.

Depois que o Reitor serviu branwijn à Sra. Coulter, ela disse:

-Bem, Lyra, quer dizer que vou ter uma assistente?

-Sim -disse Lyra simplesmente. Teria dito "sim" a qualquer coisa.

-Preciso de ajuda em muita coisa.

-Posso trabalhar!

-E talvez tenhamos que viajar.

-Não me importo. Vou a qualquer lugar.

-Mas pode ser perigoso. Podemos ter que ir para o Norte.

Lyra ficou sem fala. Finalmente conseguiu perguntar:

-Logo?

A Sra. Coulter riu e disse:

-Talvez. Mas sabe que vai ter que trabalhar muito. Vai ter que aprender matemática, navegação, geografia celeste.

-A senhora vai me ensinar?

-Vou. E você vai ter que me ajudar tomando notas, arrumando meus papéis, fazendo vários cálculos básicos, etc. E

#85

como vamos visitar algumas pessoas importantes, temos que arrumar roupas bonitas para você. Há muito que aprender, Lyra.

-Não me importo. Quero aprender tudo.

-Tenho certeza de que vai conseguir. Quando voltar à Jordán, será uma viajante célebre. Agora, vamos partir muito cedo

amanhã de manhã, pelo zepelim da madrugada, de modo que é melhor você ir dormir. Vejo você no café da manhã. Boa noite!

-Boa noite -retribuiu Lyra. Lembrando-se da pouca etiqueta que conhecia, ela virou-se da porta e disse: -Boa noite, Reitor.

Ele assentiu.

-Durma bem.

-E obrigada - fez Lyra, dirigindo-se à Sra. Coulter.

Ela finalmente conseguiu dormir, embora Pantalaimon não tivesse sossegado até ela ralar com ele, e ele então se transformou

em porco-espinho de pura má-criação. Ainda estava escuro quando alguém a sacudiu.

-Lyra... psiu... Não se assuste... acorde, garota!

Era a Sra. Lonsdale. Estava segurando uma vela; ela inclinou-se e falou baixinho, segurando Lyra com a mão livre.

-Escute. O Reitor quer falar com você antes de você se encontrar com a Sra. Coulter no café da manhã. Levante-se depressa e corra até a Residência. Entre no jardim e bata na porta-janela do escritório. Entendeu?

Completamente acordada e fervendo de curiosidade, Lyra assentiu e enfiou os pés nos sapatos que a Sra. Lonsdale colocou no chão para ela.

-Não se preocupe em se lavar. Pode fazer isso depois.

Agora vá direto e volte direto. Vou começar a arrumar sua bagagem e separar alguma coisa para você usar. Agora se apresse.

#86

O Quadrilátero escuro ainda estava cheio do ar frio da noite.

No céu as últimas estrelas ainda estavam visíveis, mas a luz que vinha do leste gradualmente ocupava o céu acima do Salão. Lyra correu para o Jardim da Biblioteca e ficou por um momento parada na imensa quietude, olhos erguidos para os pináculos de pedra da Capela, a cúpula verde-perolada do Prédio Sheldon, o lampião pintado de branco da Biblioteca. Agora que ia deixar aquele ambiente, perguntou-se se sentiria muita saudade. Alguma coisa se moveu na porta-janela do escritório e um brilho de luz cintilou por um instante. Ela lembrou-se do que tinha que fazer e bateu na porta de vidro, que se abriu de imediato.

-Muito bem. Entre depressa. Não temos muito tempo - disse o Reitor, fechando a cortina sobre a janela assim que ela entrou.

Ele estava inteiramente vestido de preto, como de costume.

-Quer dizer que eu não vou, afinal? -Lyra perguntou.

-Vai, sim. Não posso lhe pedir -disse o Reitor, sem que Lyra percebesse na ocasião que aquilo era algo estranho de se dizer. -Lyra, quero lhe dar uma coisa, mas você vai ter que prometer que não vai contar a ninguém. Você jura?

-Juro - fez Lyra.

Ele foi até a escrivaninha e tirou de uma gaveta um pacotinho embrulhado em veludo preto. Quando ele desdobrou o pano, Lyra viu uma coisa como um relógio de pulso grande, ou um relógio de parede pequeno: um disco espesso de bronze e

crystal. Podia ser uma bússola ou algo assim.

-O que é isso? -ela perguntou.

-É um aletômetro. Só existem seis no mundo, Lyra, e novamente eu aviso: mantenha-o em segredo. Seria melhor se a Sra. Coulter não soubesse. O seu tio...

-Mas que é que isso faz?

-Diz a verdade. Quanto à maneira de operar, você vai ter que descobrir sozinha. Agora vá, está clareando. Corra de volta ao seu quarto antes que alguém a veja.

#87

Ele dobrou o veludo sobre o instrumento e colocou-o nas mãos dela. Era surpreendentemente pesado. Então ele colocou as mãos de cada lado da cabeça da menina e segurou-a de leve por um instante.

Ela tentou erguer os olhos para ele e perguntou:

-Que era que o senhor ia dizer do meu tio Asriel?

-O seu tio presenteou-o à Faculdade Jordan há alguns anos. Ele podia...

Antes que ele pudesse terminar a frase, ouviu-se uma batida leve na porta. Ela sentiu as mãos dele estremecerem.

-Vá depressa, agora, criança -ele disse baixinho. -Os poderes deste mundo são muito grandes. Homens e mulheres são

movidos por ondas muito mais violentas do que você pode imaginar, que nos arrastam a todos na correnteza. Vá em paz, Lyra. Seja discreta.

-Obrigada, Reitor -ela disse em tom formal.

Apertando o pacote de encontro ao peito, ela saiu do escritório, pela porta para o jardim, olhando de relance para trás e vendo o daemon do mestre observando-a do peitoril da janela.

O céu já estava mais claro; havia um cheiro novo no ar.

-Que é isso aí? -perguntou a Sra. Lonsdale, fechando a pequena e maltratada mala.

-O Reitor me deu. Será que vai caber na mala?

-Tarde demais. Não vou tornar a abrir. Seja o que for, vai ter que ir no bolso do seu casaco. Vá depressa para a Cantina;

não faça os outros esperarem...

Só depois de se despedir dos poucos criados que estavam acordados e da Sra. Lonsdale foi que ela se lembrou de Roger, e então

sentiu-se culpada por não ter pensado nele uma só vez depois que conhecera a Sra. Coulter. Como as coisas tinham acontecido depressa!

#88

E agora ela estava a caminho de Londres; sentada junto à janela num zepelim, com as pequenas e afiadas garras das patas traseiras de arminho de Pantalaimon enfiadas em sua coxa, enquanto as patas dianteiras do seu daemon apoiavam-se na vidraça através da qual ele espiava. Ao lado de Lyra, a Sra. Coulter

trabalhava em alguns papéis, mas logo guardou-os e se pôs a conversar. Que conversa interessante! Lyra ficou deslumbrada; dessa vez a conversa não era sobre o Norte, mas sobre Londres, os restaurantes e salões de baile,

as festas nas Embaixadas

e nos Ministérios, as fofocas entre White Hall e Westminster.

Para Lyra a conversa rivalizava em fascínio com a paisagem mutante vista da aeronave. O que a Sra. Coulter estava dizendo parecia ser acompanhado de um perfume de "adulter", alguma coisa ao mesmo tempo perturbadora e atraente:

era o cheiro

do luxo.

A aterrissagem em Falkeshall Gardens, a viagem de barco atravessando o rio marrom, o quarteirão de mansões imponentes no

Embankment, onde um mensageiro corpulento (uma espécie de carregador de bagagem condecorado)\* cumprimentou a Sra.

Coulter e piscou para Lyra, que o estudou com expressão impassível.

E depois o apartamento...

Lyra só fazia abrir a boca.

Em sua curta vida, ela já havia visto muita beleza, mas era uma beleza jordaniana, uma beleza oxfordiana - imponente, pétrea, masculina. Na Faculdade Jordan, muita coisa era grandiosa, mas nada era mimoso; no apartamento da Sra.

Coulter

tudo era mimoso. Ele era cheio de luz, pois as janelas largas eram

\* Houve em Londres um serviço de mensageiros e carregadores de bagagens leves

desempenhado por soldados veteranos de guerra. (N. T.)

#89

viradas para o sul, e as paredes eram cobertas de um delicado papel

listado em branco e dourado. Quadros encantadores em molduras douradas, um espelho antigo, arandelas interessantes servindo

de base para luminárias anárquicas com cúpulas embabadadas; e babados nas almofadas, também, e sanefas estampadas de flores escondendo o trilho das cortinas, e um macio tapete verde estampado de folhas; e aos olhos inocentes de Lyra parecia que

cada superfície estava coberta de lindas caixinhas, pastoras e arlequins de porcelana.

A Sra. Coulter sorriu da admiração da menina.

-É, Lyra, há tanta coisa para lhe mostrar! Tire o casaco e vou levá-la até o banheiro. Você pode se lavar, depois vamos almoçar e fazer compras...

O banheiro era outra maravilha. Lyra estava acostumada a lavar-se com um grosseiro sabão amarelo numa bacia trincada, onde a água que pingava das torneiras nunca ficava mais do que morna, e muitas vezes vinha pintalgada de ferrugem; mas ali a água era quente, o sabão era cor-de-rosa e as toalhas eram felpudas

e macias como nuvens. E em volta da borda do espelho fumê havia pequenas luzes cor-de-rosa, de modo que quando Lyra olhou-se ao espelho ela viu uma figura iluminada suavemente, bem diferente da Lyra que ela conhecia.

Pantalaimon, que procurava imitar a forma do daemon da Sra. Coulter, estava agachado na beirada da bacia, fazendo caretas

para ela. Ela o empurrou para dentro da água ensaboada e de repente lembrou-se do aletômetro no bolso do casaco. Tinha deixado o casaco numa cadeira na sala. Tinha prometido ao Reitor guardar segredo da Sra. Coulter...

Ah, aquilo era confuso. A Sra. Coulter era tão boa e sábia, ao passo que Lyra tinha visto o Reitor tentando envenenar tio Asriel. A qual dos dois ela devia mais obediência?

Enxugou-se às pressas e correu de volta para a sala, onde seu casaco ainda estava intocado, naturalmente.

#90

-Pronta? Acho que podemos ir almoçar no Régio Instituto do Pólo Ártico. Sou uma das poucas mulheres membros, de modo que é melhor usar os privilégios que tenho.

Uma caminhada de vinte minutos levou-as a um imponente prédio com fachada em pedra, onde elas se sentaram num amplo salão de refeições com toalhas brancas como neve e talheres

de prata brilhante sobre as mesas, e comeram fígado de vitela e bacon.

-O fígado de vitela não faz mal, e nem o de foca, mas se você ficar sem comida no Artico, não deve comer fígado de urso.

Ele é cheio de um veneno que mata em poucos minutos. Enquanto comiam, a Sra. Coulter comentava sobre alguns dos membros nas outras mesas.

-Está vendo aquele senhor idoso, de gravata vermelha? É o Coronel Carborn. Ele fez o primeiro vôo de balão por cima do Pólo Norte. E o homem alto perto da janela, aquele que acaba



de se levantar, é o Dr. Flecha Partida.

-Ele é esraelingue?

-É, sim. Foi ele quem mapeou as correntes oceânicas do Grande Oceano Ártico...

Lyra contemplou todos aqueles grandes homens com curiosidade e respeito. Eram estudiosos, sem dúvida, mas eram exploradores também. O Dr. Flecha Partida sabia sobre o fígado dos

ursos; ela duvidava que o Bibliotecário da Jordan soubesse.

Depois do almoço, a Sra. Coulter mostrou-lhe algumas das preciosas relíquias do Artico na Biblioteca do Instituto: o arpão que matara a grande baleia Grimssdur, a pedra com a inscrição numa linguagem desconhecida encontrada na mão do explorador Lorde Rukh, morto por congelamento na solidão da sua barraca, um acendedor de fogo usado pelo Capitão Hudson em sua famosa viagem à Terra de Van Tieren. Ela contou a história de cada relíquia, e Lyra sentiu o coração fremir de admiração por aqueles grandes heróis corajosos e distantes.

#91

Depois foram às compras. Tudo naquele dia extraordinário era uma experiência nova para Lyra, mas fazer compras foi a mais

estonteante. Entrar num prédio enorme cheio de roupas lindas, onde as pessoas deixavam a gente experimentar, onde a gente se olhava nos espelhos... E as roupas eram tão bonitinhas... As roupas de Lyra tinham vindo através da Sra. Lonsdale, e muitas delas eram usadas e bastante remendadas. Ela raramente teve alguma coisa nova, e quando tinha, era uma roupa escolhida pela

praticidade, não pela aparência; ela nunca escolhera alguma coisa

para si. E agora, com a Sra. Coulter sugerindo isto, elogiando aquilo e pagando tudo, e mais ainda...

Quando terminaram, Lyra estava corada e tinha os olhos brilhantes de cansaço. A Sra. Coulter instruiu que a maior parte das roupas fosse embalada e entregue em sua casa, mas levou uma

ou duas coisas consigo quando ela e Lyra caminharam de volta para o apartamento.

Depois, um banho com espuma espessa e perfumada. A Sra. Coulter entrou no banheiro para lavar os cabelos de Lyra, e ela não esfregava e arranhava como a Sra. Lonsdale. Ela era delicada. Pantalaimon observava com intensa curiosidade até que

a Sra. Coulter olhou para ele, que entendeu o que ela queria dizer e virou-se de costas, desviando pudicamente o olhar daqueles mistérios femininos, como o macaco dourado estava

fazendo. Ele antes disso nunca tinha precisado desviar os olhos de Lyra.

Então, depois do banho, um leite quente com ervas; e uma camisola nova de flanela com estampado de flores e bainha recortada, e chinelos de lã de carneiro tingida de azul-claro; e depois para a cama.

Tão macia, aquela cama! Tão delicada, a luz anárquica na mesa-de-cabeceira! E o quarto tão aconchegante, com as pequenas mesas-de-cabeceira e a penteadeira e a cômoda onde seriam

#92

guardadas suas roupas novas, e um tapete de uma parede à outra, e lindas cortinas cobertas de estrelas, luas e planetas! Lyra, tensa,

estava cansada demais para dormir, encantada demais para questionar qualquer coisa.

Depois que a Sra. Coulter lhe desejou uma boa noite e saiu do quarto, Pantalaimon puxou-lhe o cabelo. Ela o afastou com um gesto, mas ele sussurrou:

-Onde está o negócio?

Ela sabia o que ele queria dizer. O casaco velho e humilde estava pendurado no armário; segundos depois ela estava de volta

na cama, sentada de pernas cruzadas à luz da luminária, com Pantalaimon observando atentamente enquanto ela desdobrava o veludo preto e contemplava aquilo que o Reitor lhe dera.

-Como foi que ele chamou? -ela cochichou.

-Aletômetro.

Não adiantava perguntar o que isso significava. O objeto pesava nas mãos dela, a face de cristal brilhando, o corpo de bronze primorosamente usinado. Era muito parecido com um relógio, ou uma bússola, pois havia ponteiros apontando para lugares em volta do mostrador, mas em vez de horas ou pontos cardeais havia várias figuras pequeninas, todas pintadas com precisão extraordinária, como se fosse em marfim com o mais fino e delicado pincel de visom. Ela girou o mostrador nas mãos para observar todas elas. Havia uma âncora; uma ampulheta encimada por uma ca veira; um touro, uma colmeia... Ao todo eram 36 desenhos, e ela nem imaginava o que significavam.

-Há um botão, olhe -Pantalaimon avisou. -Veja se consegue dar corda nele.

Na verdade, havia três pequenos pinos giratórios facetados, e cada um movimentava um dos três ponteiros menores, que se moviam em volta do mostrador numa série de pequenos estalidos. Podiam ser apontados para qualquer uma das figuras; e

#93

uma vez entrando em posição, apontando exatamente para o centro de cada uma, eles não podiam ser movidos.

O quarto ponteiro era mais comprido e fino, e parecia ser feito de metal menos brilhante do que os outros três. Lyra não conseguiu controlar o movimento dele; ele ia para onde queria, como a agulha de uma bússola, mas não parava.

-O final "metro" significa "medida" -Pantalaimon

declarou. -Como termômetro. O Capelão nos ensinou isso.

-É, mas essa é a parte fácil -ela respondeu num cochicho. -Para que será que serve?

Nenhum dos dois conseguiu adivinhar. Lyra passou muito tempo movendo os ponteiros para apontar para um ou outro símbolo (anjo, elmo, golfinho; globo, bandolim, bússolas; vela, raio, cavalo) e observando o ponteiro grande mover-se de modo errático e ,incessante; embora não tenha entendido coisa alguma, ela ficou intrigada e deliciada com a complexidade e o detalhamento. Pantalaimon transformou-se num rato para poder chegar mais perto e descansou as patas minúsculas na borda, os olhinhos redondos negros de curiosidade enquanto ele observava os movimentos do ponteiro.

-Que é que acha que o Reitor quis dizer sobre o tio Asriel?

-ela perguntou.

-Talvez a gente tenha que manter isto em segurança e depois entregar a ele.

-Mas o Reitor ia envenenar tio Asriel! Talvez seja o contrário. Talvez ele fosse dizer: não entregue ao seu tio.

-Não -contradiu Pantalaimon. -É dela que temos que manter isto escondido...

Ouviram-se batidas leves na porta. A Sra. Coulter disse:

-Lyra, se eu fosse você, apagava a luz. Você está cansada, e teremos muito trabalho amanhã.

#94

Lyra tinha depressa enfiado o aletômetro debaixo das cobertas.

-Está certo, Sra. Coulter -disse.

-Então boa noite.

-Boa noite.

Ela deitou-se e apagou a luz. Antes de adormecer, enfiou o aletômetro debaixo do travesseiro, por medida de segurança.

#95

A FESTA

NOS dias que se seguiram, Lyra foi a toda parte com a Sra. Coulter, quase como se ela própria fosse um daemon. A Sra. Coulter conhecia muita gente, e as duas frequentavam vários tipos de lugares. De manhã podia haver uma reunião de geógrafos no Régio Instituto do Pólo Ártico, a que Lyra assistia; depois a Sra.

Coulter

podia almoçar com um político ou um clérigo num restaurante elegante, onde todos eram muito simpáticos com Lyra e lhe ofereciam pratos especiais, e ela aprendeu a comer aspargos e o sabor de tripas de carneiro. A tarde talvez fossem às compras, pois

a Sra. Coulter estava preparando sua expedição -era preciso comprar peles, lonas e botas à prova d' água, assim como sacos de

dormir, facas e instrumentos de desenho que deliciaram Lyra.

Depois disso talvez fossem tomar chá com algumas damas tão bem vestidas quanto a Sra. Coulter, embora não tão belas ou elegantes: eram mulheres tão diferentes das catedráticas, ou das mães de família dos barcos gípcios, ou das criadas das faculdades,

que quase pareciam ser de um sexo diferente, com perigosos poderes e qualidades tais como elegância, charme e graça. Lyra vestia-se com apuro para essas ocasiões, e as damas a papericavam,

#96

incluindo-a em suas conversas sutis e agradáveis, que eram sempre

sobre pessoas: um artista, um político, dois amantes.

E quando chegava a noite, a Sra. Coulter talvez levasse Lyra ao teatro, onde também haveria muitas pessoas elegantes com quem conversar e por quem ser admirada, pois parecia que a Sra.

Coulter conhecia todas as pessoas importantes de Londres.

Nos intervalos de tantas atividades, a Sra. Coulter ensinava-lhe os rudimentos de geografia e matemática. A cultura de Lyra tinha grandes lacunas, como um mapa-múndi roído pelos ratos, pois na Jordana ensinavam-lhe desordenadamente: designavam um Professor-assistente para ensinar-lhe certas matérias e ela comparecia às aulas relutantemente durante uma semana, mais ou menos, até que "se esquecia" de aparecer, para grande alívio do Professor. Ou então um Catedrático esquecia-se do que deveria ensinar a ela e lhe aplicava um curso intensivo sobre a sua

pesquisa na época, qualquer que fosse; assim, não é de admirar que seu conhecimento se assemelhasse a uma colcha de retalhos.

Ela conhecia alguma coisa sobre átomos e partículas

elementares,

cargas anbaromagnéticas, as quatro forças fundamentais e mais um ou outro item da teologia experimental, mas nada sobre o sistema solar. Na verdade, quando a Sra. Coulter percebeu isso e lhe explicou que a Terra e os outros cinco planetas giravam ao redor do sol, Lyra riu da piada.

No entanto estava ansiosa para mostrar que sabia algumas coisas, e quando a Sra. Coulter estava lhe falando dos elétrons, ela afirmou, com ar de sapiência:

-É, são partículas com carga negativa. Um pouco parecidos com o Pó, mas o Pó não tem carga.

Assim que ela disse isso, o daemon da Sra. Coulter ergueu a cabeça para olhar para ela, e todos os pêlos dourados eriçaram-se, como se eles próprios fossem carregados. A Sra. Coulter pousou a mão no dorso do daemon.

-Pó? -ecoou, em tom de pergunta.

#97

-Sim. Do espaço, a senhora sabe. Aquele Pó.

-Que é que você sabe sobre isso, Lyra?

-Ah, que ele vem do espaço e acende as pessoas, se a gente tiver uma câmera especial para filmar. Mas as crianças não. Ele não afeta as crianças.

-Onde foi que aprendeu isso?

A essa altura, Lyra percebia que havia uma forte tensão no ar, porque Pantalaimon tinha se esgueirado como um arminho para o colo dela, e tremia violentamente.

-Uma pessoa lá na Jordan -disse a menina em tom vago.

-Não me lembro quem. Acho que foi um dos Catedráticos.

-Foi durante uma aula?

-É, pode ter sido, ou então pode ter sido dito de passagem.

É, acho que foi isso. Aquele Professor, acho que ele era da Nova Dinamarca, ele estava conversando com o Capelão sobre o Pó, eu estava passando e achei interessante. Então tive que parar e escutar. Foi isso.

-Entendo -fez a Sra. Coulter .

-Está correto o que ele me disse? Eu entendi errado?

-Bem, não sei. Tenho certeza de que você sabe muito mais que eu. Vamos voltar para os elétrons...

Mais tarde Pantalaimon disse:

-Lembra quando o daemon dela arrepiou-se todo?

eu estava atrás dele, e ela agarrou a pele dele com tanta força, que

os nós dos dedos dela ficaram brancos. Não dava para você ver. Demorou muito até ele voltar ao normal. Pensei que ia pular em cima de você.

Aquilo era estranho, sem dúvida; mas nenhum deles tinha idéia do porquê.

E finalmente havia outro tipo de aulas, dadas com sutileza que não pareciam aulas: como lavar os cabelos, escolher as cores que a favoreciam, como dizer não de maneira tão encantadora que não causasse ofensa, como passar batom, pó,

#98

perfume. É verdade que a Sra. Coulter não ensinou estas últimas artes diretamente, mas sabia que Lyra estava observando enquanto ela se maquiava, e tomava cuidado para que Lyra visse onde

ela guardava os cosméticos e para lhe proporcionar um tempo livre para explorá-los e experimentá-los.

O tempo passou, e o outono começou a virar inverno. De vez em quando Lyra pensava na Faculdade Jordan, que lhe parecia pequena e sossegada, em comparação com a vida agitada que ela levava agora. De vez em quando, pensava em Roger, também, e ficava inquieta, mas havia sempre uma ópera, ou um vestido novo, ou uma visita ao Régio Instituto do Pólo Ártico, e ela tornava a esquecer-se dele.

Quando já havia cerca de seis semanas que Lyra morava lá, a Sra. Coulter resolveu dar uma festa. Lyra tinha a impressão de que havia uma coisa a ser comemorada, embora a Sra. Coulter não dissesse o que era. Ela encomendou flores, debateu drinques e canapés com a firma do bufê, passou horas com Lyra decidindo

quem convidar.

-Temos que chamar o Arcebispo. Não posso deixá-lo de fora, embora ele seja um velho odioso e esnobe. O Lorde Boreal

está na cidade; ele é divertido. E a Princesa Postnikova. Acha que

seria correto convidar Erik Andersson? Não sei se já está na hora

de admiti-lo...

Erik Andersson era o mais recente dançarino da moda. Lyra não tinha idéia do que significava "admitir", mas mesmo assim gostava de dar sua opinião. Anotou todos os nomes que a Sra. Coulter sugeriu, com muitos erros de ortografia, depois riscava-os quando a Sra. Coulter resolvia não convidá-los.

Quando Lyra foi deitar-se, Pantalaimon cochichou-lhe:

-Ela nunca irá para o Norte! Vai nos prender aqui para sempre. Quando é que vamos fugir?

#99

-Vai, sim -Lyra cochichou de volta. -É que você não gosta dela. Bem, azar o seu; eu gosto dela. E por que ela ia nos ensinar navegação se não pretende nos levar para o Norte?

-Para que você não fique impaciente, só por isso. Você, na verdade, não vai querer ficar plantada na festa sendo simpática

e bonitinha. Ela está fazendo de você um bichinho de estimação.

Lyra virou-lhe as costas e fechou os olhos. Mas o que Pantalaimon tinha dito era verdadeiro: ela vinha se sentindo presa

e oprimida por aquela vida de etiqueta, por mais luxuosa que fosse. A garota daria qualquer coisa por um dia com seus amigos

moleques de Oxford, com uma batalha nos Barreiros e uma corrida ao longo do canal. A única coisa que lhe fazia ser educada

e atenta com a Sra. Coulter era a tentadora esperança de ir para o Norte -talvez encontrassem Lorde Asriel, talvez ele e a Sra.

Coulter se apaixonassem, se casassem e adotassem Lyra, e salvassem Roger dos Papões.

Na tarde da festa, a Sra. Coulter levou Lyra a um cabeleireiro da moda, onde seus rebeldes cachos louros foram amaciados e penteados, e suas unhas foram lixadas e pintadas; aplicaram-lhe até um pouco de maquilagem nos olhos e nos lábios, para ensinar

como fazer isso. Depois elas foram buscar o vestido que a Sra. Coulter tinha mandado fazer para Lyra, e compraram sapatos de verniz; então chegou a hora de voltar para o apartamento, verificar as flores e vestir-se.

Lyra saiu do quarto radiante com a sensação da sua própria formosura.

-A bolsa a tiracolo, não, querida -disse a Sra. Coulter .

Lyra tinha o hábito de levar sempre consigo uma bolsinha a tiracolo de couro branco, para ter o aletômetro sempre perto.

A Sra. Coulter, ajeitando um buquê de rosas que tinha sido mal colocado dentro de um vaso, viu que Lyra não se movia, e olhou fixamente para a porta.

-Ah, por favor, Sra. Coulter, eu adoro esta bolsa!

#100

-Não dentro de casa, Lyra. É absurdo usar uma bolsa a tiracolo em sua própria casa. Guarde-a imediatamente e venha me ajudar a verificar essas taças...

Não foi apenas o tom irritado como também as palavras "em sua própria casa" que fizeram Lyra resistir com teimosia.

Pantalaimon voou para o chão e imediatamente tornou-se um gambá, arqueando as costas contra as meias soquetes brancas que

ela usava. Assim encorajada, Lyra disse:

-Mas ela não vai atrapalhar. E é a única coisa que eu gosto mesmo de usar. Acho que ela realmente combina com...

Ela não terminou a frase, pois o daemon da Sra. Coulter saltou do sofá como um raio dourado e prendeu Pantalaimon no tapete antes que esse pudesse se mover. Lyra soltou uma exclamação de

susto, depois de medo e dor, enquanto Pantalaimon se contorcia, guinchando e rosnando, sem conseguir soltar-se das garras do macaco dourado. Poucos segundos depois, o macaco tinha uma

das patas negras em volta da garganta de Pantalaimon e as duas patas traseiras prendendo as pernas do gambá; com a outra pata dianteira o macaco agarrou uma das orelhas de Pantalaimon e pôs-se a puxá-la como se quisesse arrancá-la. Não parecia fazer aquilo com raiva, mas com uma força fria que era horrível de ver e ainda pior de sentir. Lyra chorava de terror.

-Não! Por favor! Pare de nos machucar!

A Sra. Coulter ergueu os olhos das flores.

-Então faça o que eu mando -disse.

-Eu prometo!

O macaco dourado largou Pantalaimon, como se de repente se sentisse entediado. Pantalaimon voou para Lyra, que o pegou no colo para acariciá-lo e beijá-lo.

-Agora, Lyra -disse a Sra. Coulter .

Lyra virou-se de costas, foi para seu quarto batendo a porta atrás de si, mas esta no mesmo instante tornou a abrir-se; a Sra. Coulter estava parada a menos de um metro.

#101

-Lyra, se você se comportar desta maneira grosseira e vulgar, vamos brigar, e eu vou vencer. Largue esta bolsa imediatamente. Desmanche esta careta desagradável. Nunca mais bata

uma porta, na minha presença ou longe dela. Agora, os primeiros

convidados vão chegar em poucos minutos, e vão achar você simpática, encantadora, inocente, educada, de comportamento impecável. Este é o meu desejo, está me entendendo, Lyra?

-Sim, Sra. Coulter.

-Então me dê um beijo.

Ela inclinou-se e ofereceu a face; Lyra teve que ficar na ponta dos pés para beijá-la. Notou a maciez da pele e o cheiro leve e curioso da carne da Sra. Coulter: perfumado, mas um pouco metálico. Ela afastou-se e colocou a bolsa sobre a penteadeira, antes de seguir a Sra. Coulter de volta à sala.

-Que é que está achando das flores, minha cara? -a Sra.

Coulter perguntou como se nada tivesse acontecido. -Escolher rosas é garantia de não errar, mas o exagero pode ficar feio...

Será

que o pessoal do bufê trouxe gelo suficiente? Faça-me esta gentileza, vá verificar. Bebida quente é horrível...

Lyra achou muito fácil fingir estar alegre e simpática, embora o tempo todo estivesse consciente da contrariedade de



Pantalaimon e do ódio dele pelo macaco dourado. Finalmente soou a campainha da porta, e logo o aposento estava repleto de senhoras vestidas no rigor da moda e cavalheiros bonitões ou elegantes. Lyra movia-se entre eles oferecendo canapés ou sorrindo com doçura e dando respostas bonitinhas quando falavam

com ela. Ela se sentia um bichinho de estimação universal; e no instante em que pensou isso, Pantalaimon estendeu suas asas de pintassilgo e piou bem alto.

Ela sentiu a satisfação dele ao perceber esses sentimentos dela. e ficou um pouco mais retraída.

-E quando é que vai para a escola, minha cara? -perguntou uma dama idosa, examinando Lyra através de um pincenê.

#102

-Não vou para a escola -disse-lhe Lyra.

-É mesmo? Pensei que sua mãe ia mandá-la para a escola dela. Um lugar bastante satisfatório...

Lyra ficou perplexa, até entender o equívoco da velha senhora.

-Ah, ela não é minha mãe! Eu sou só a assistente dela. Sou a secretária -disse, em tom importante.

-Entendo. E quem são seus pais?

Mais uma vez Lyra teve que raciocinar para entender o que ela queria dizer, antes de responder:

-Um conde e uma condessa. Morreram num acidente aeronáutico no Norte.

-Que conde?

-O Conde Belacqua. Ele era irmão do Lorde Asriel.

O daemon da dama, uma espécie de papagaio vermelho, mexeu-se de um pé para o outro, como se estivesse irritado. A velha senhora estava começando a mostrar forte curiosidade, de modo que Lyra sorriu com doçura e seguiu em frente.

Estava passando por um grupo de homens e uma mulher jovem perto do sofá grande quando ouviu a palavra "Pó". A essa altura, ela já conhecia suficientemente a sociedade para perceber quando homens e mulheres estavam flertando, e observava fascinada o processo, embora ficasse mais fascinada pela menção ao

Pó, e deixou-se ficar por ali para escutar. Os homens pareciam ser Catedráticos; pelo modo como a moça os interrogava, Lyra concluiu que ela era estudante.

-Quem descobriu foi um moscovita, um homem chamado Rusakov -dizia um homem de meia-idade, enquanto a moça o contemplava com admiração. -Se já souber dessas coisas, me avise. Bom, elas costumam ser chamadas de Partículas de Rusakov, por causa dele. Partículas elementares que não interagem

com outras de maneira alguma. Muito difíceis de serem detectadas.

#103

Mas o extraordinário é que parece que elas são atraídas pelos seres humanos.

-É mesmo? - fez a jovem, arregalando os olhos.

-Ainda mais extraordinário: alguns seres humanos mais do que outros -proseguiu ele. -Os adultos as atraem, mas não as crianças. Pelo menos não muito, e só depois da adolescência. Aliás, foi exatamente por isso... -Ele baixou a voz e chegou

mais perto da moça, colocando a mão no ombro dela. -Foi exatamente por isso que o Conselho de Oblação foi criado.

Aliás,

como a nossa boa anfitriã poderia lhe contar.

-É mesmo? Ela está envolvida com o Conselho de Oblação?

-Minha cara, ela é o próprio Conselho de Oblação. O prOjeto é inteiramente dela... O homem ia contar mais alguma coisa quando reparou em

Lyra. Ela o encarou sem pestanejar, e talvez ele tenha bebido um pOUCO demais, ou talvez estivesse ansioso para impressionar a moça, pois disse:

-Esta senhorita sabe tudo sobre isso, aposto. Você está a salvo do Conselho de Oblação, não está, minha cara?

-Ah, sim -disse Lyra. -Aqui estou a salvo de todo mundo. Onde eu morava, em Oxford, havia todo tipo de coisas perigosas. Havia os gípcios, eles roubam crianças e vendem como

escravos para os turcos. E em Port Meadow na lua cheia há um lobisomem que sai do velho convento em Gostow. Uma vez eu escutei o uivo dele. E também os Papões...

-É disso que estou falando - interrompeu o homem. - É assim que chamam o Conselho de Oblação, não é?

Lyra sentiu Pantalaimon estremecer de repente, mas ele estava muito bem comportado. Os daemons dos dois adultos, uma gata e uma borboleta, pareciam não ter percebido.

-Papões? -repetiu a moça. -Que nome estranho! Por que chamam de Papões?

#104

Lyra estava prestes a contar a ela uma das histórias de arrepiar os cabelos que ela havia inventado para assustar os garotos

de Oxford, mas o homem já estava falando.

-Deve ter sido por causa da lenda de um bicho devorador que come crianças. Ninguém sabe direito, nem o próprio Conselho de Oblação, mas eles acharam muito bom incentivar essa

teoria do bicho-papão. Conselho Geral de Oração... Uma idéia bem antiga, aliás. Na Idade Média, os pais davam os filhos para a Igreja, para serem monges ou freiras. E as coitadas das crianças

eram conhecidas como oblatos. Significa um sacrifício, uma oferta, algo assim. De modo que essa idéia foi aproveitada quando

estavam pesquisando esse negócio do Pó... como nossa amiguinha provavelmente sabe. Por que não vai conversar com Lorde

Boreal? -acrescentou, dirigindo-se diretamente a Lyra. -

Tenho certeza de que ele gostaria de conhecer a protegida da Sra.

Coulter... É aquele, ali, o homem de cabelos grisalhos e um daemon-serpen te.

Lyra sabia que ele queria livrar-se dela para conversar mais tranqüilamente com a jovem. Mas a jovem, ao que parecia, ainda

estava interessada em Lyra e afastou-se do homem para conversar com ela.

-Espere um instante... qual é o seu nome?

-Lyra.

-Eu sou Adele Starminster. Sou jornalista. Podemos conversar um pouco?

Achando muito natural que as pessoas quisessem conversar com ela, Lyra disse simplesmente:

-Sim.

O daemon-borboleta ergueu-se no ar, voejando para a esquerda e a direita, e baixou um pouco para cochichar alguma coisa, e Adele Starminster disse:

-Vamos até o banco da janela.

#105

Era o lugar favorito de Lyra; dali contemplava-se o rio, e àquela hora da noite as luzes da margem oposta brilhavam acima

de seus reflexos na água escura da maré alta. Uma fila de balsas subia o rio, puxada por um rebocador. Adele Starminster sentouse e deslizou

pela almofada para deixar lugar para Lyra.

-O Professor Docker disse que você tem uma certa ligação com a Sra. Coulter .

-É verdade.

-Que ligação é? Você não é filha dela, ou algo assim? Acho que eu deveria conhecer...

-Não! Claro que não. Sou a secretária dela -Lyra esclareceu.

-Secretária dela? Você é um pouco novinha para isso, não é? Pensei que fosse uma parenta, ou coisa assim. Como é ela?

-É muito inteligente -disse Lyra. Antes dessa noite, ela teria dito muito mais, porém as coisas estavam mudando.

-Sim, mas pessoalmente - insistiu Adele Starminster.

-Quero dizer, ela é amigável, ou impaciente, ou o quê? Você mora aqui com ela? Como ela é na vida particular?

-É muito boazinha -disse Lyra, inabalável.

-Que tipo de coisas você faz? Como é o seu trabalho?

-Faço cálculos, coisas assim. Para navegação, por exemplo.

-Ah, entendo... E de onde você vem? Como é mesmo o seu nome?

-Lyra. Venho de Oxford.

-Por que a Sra. Coulter escolheu você para...

De repente ela emudeceu, porque a Sra. Coulter em pessoa tinha aparecido ao lado dela. Pelo modo como Adele Starminster

olhou para ela, e pela agitação da borboleta esvoaçando em volta da cabeça da jornalista, Lyra percebia que a jovem não fora convidada para a festa.

#106

-Não sei o seu nome, mas vou descobrir dentro de cinco minutos, e então você nunca mais vai trabalhar como jornalista

-disse a Sra. Coulter em voz baixa. -Agora levante-se com muita calma, sem fazer cena, e vá embora. Devo acrescentar que quem quer que tenha trazido você aqui vai sofrer também.

A Sra. Coulter parecia estar carregada de alguma espécie de força anárquica. Chegava a ter um cheiro diferente: um cheiro quente, como metal aquecido, saía de seu corpo. Lyra sentira um pouco dele mais cedo, mas agora ela o via dirigido a outra pessoa,

e a pobre Adele Starminster não teve forças para resistir. Seu daemon caiu em seu ombro e bateu duas vezes as lindas asas antes

de desmaiar, e a própria mulher parecia incapaz de ficar em pé ereta. Com passos tortos e costas ligeiramente curvadas, ela atravessou a multidão que conversava ruidosamente e saiu pela porta da sala. Com uma das mãos agarrada ao ombro, ela amparava o daemon desfalecido.

-Bem? -a Sra. Coulter disse para Lyra.

-Não contei nada de importante -Lyra falou.

-Que foi que ela estava perguntando?

-Só o que eu faço e quem eu sou, coisas assim.

Enquanto falava, Lyra percebeu que a Sra. Coulter estava sozinha, sem seu daemon. Como podia ser isso? Mas, no momento seguinte, o macaco dourado apareceu ao lado dela e, inclinando-se, ela pegou a mão dele e num gesto

gracioso puxou-o para seu ombro. No mesmo instante, ela pareceu tranqüila novamente.

-Se encontrar qualquer pessoa que flagrantemente não foi convidada, minha cara, por favor me procure e me avise, está bem?

O cheiro quente de metal estava desaparecendo. Talvez Lyra tivesse apenas imaginado aquilo. Ela sentia novamente o perfume da Sra. Coulter, e das rosas, e da fumaça da cigarrilha, e

o perfume das Outras mulheres. A Sra. Coulter deu a Lyra um

#107 sorriso que parecia dizer "Você e eu compreendemos essas coisas,

não é?", e afastou-se para conversar com os convidados.

Pantalaimon cochichou ao ouvido de Lyra:

-Enquanto ela estava aqui, o daemon dela estava saindo do nosso quarto. Andou espionando por lá. Ele sabe do aletômetro!

Lyra sentiu que isso provavelmente era verdade, mas nada podia fazer a respeito. O que aquele Catedrático estava dizendo sobre os Papões? Olhou em volta à procura dele, mas, no mesmo instante em que o avistou, o mensageiro (usando nessa noite um traje de criado) e outro homem tocaram no ombro do Professor e falaram com ele em voz baixa; ele empalideceu e seguiu-os para

fora da sala. Aquilo não levou mais que dois segundos, e foi feito

com tanta discrição que quase ninguém percebeu. Mas deixou Lyra aflita e se sentindo exposta.

Ela vagou pelas duas amplas salas onde a festa estava acontecendo, mal ouvindo as conversas à sua volta, meio interessada no sabor dos

coquetéis que não tinha permissão de experimentar, e cada vez mais irritada. Não havia percebido que alguém a observava até que o mensageiro surgiu ao seu lado e inclinouse para dizer:

-Srta. Lyra, o cavalheiro perto da lareira gostaria de conversar com você. Se você não sabe, ele é o Lorde Boreal.

Lyra olhou para o outro lado da sala. O homem grisalho aparentando poder olhava diretamente para ela; quando os olhares se encontraram, ele assentiu e chamou-a com um gesto. De má vontade, porém agora mais interessada, ela atravessou a sala.

-Boa noite, filha -disse ele. Sua voz era suave e cheia de autoridade. A cabeça escamosa e os olhos cor de esmeralda do seu

daemon-serpente cintilavam à luz da luminária de cristal na parede vizinha.

-Boa noite -respondeu Lyra.

#108

-Como vai meu velho amigo, o Reitor da Jordan?

-Muito bem, obrigada.

-Imagino que todos ficaram tristes quando você partiu.

-Ficaram, sim.

-E a Sra. Coulter está mantendo você ocupada? Que é que ela está lhe ensinando?

Por estar se sentindo revoltada e inquieta, Lyra não respondeu a esta pergunta paternalista com a verdade, ou com um dos COstumeiros produtos da sua imaginação, mas disse:

-Estou aprendendo tudo sobre as partículas de Rusakov e o Conselho de Obleção.

Ele imediatamente pareceu se concentrar, como se pode concentrar o fecho de uma lanterna anárquica. Toda a atenção dele

jorrava sobre ela com força.

-E se você me COntar o que sabe? -disse ele.

-Estão fazendo experiências no Norte -Lyra contou.

Agora estava se sentindo arrojada. -Como o Dr. Grumman.

-Continue.

-Eles têm uma espécie de fotograma especial onde se pode ver o Pó, e quando agente vê um homem, parece que a luz toda está indo para ele, e nenhuma para uma criança. Pelo menos não muita.

-A Sra. Coulter lhe mOstrou um fotograma assim?

Lyra hesitou, pois isso não era mentir e sim Outra coisa, em que ela não tinha prática.

-Não -respondeu depois de um instante. -Eu vi na Faculdade Jordan.

-Quem foi que lhe mostrou?

-Ele não estava mostrando para mim -Lyra admitiu.

-Eu estava passando e vi. E então meu amigo Roger foi levado pelo Conselho de Obleção. Mas...

-Quem lhe mostrou o fotograma?

-O meu tio Asriel.

#109

-Quando?

-Na última vez em que ele esteve na Faculdade Jordan.

-Entendo. E que mais você andou aprendendo? Será que ouvi você mencionar o Conselho de Obleção?

-Foi, sim. Mas não ouvi isso dele, ouvi aqui.

O que era a pura verdade, ela pensou.

Ele a estudava com os olhos apertados. Ela devolveu o olhar com toda a inocência que possuía. Finalmente ele assentiu.

-Então a Sra. Coulter deve ter resolvido que você está pronta para ajudá-la nesse trabalho. Interessante. Você já tomou parte?

-Não -disse Lyra.

Ela pensava: de que ele está falando? Pantalaimon, com esperteza, tinha a sua forma mais inexpressiva, uma mariposa, e não poderia delatar os sentimentos dela; e ela pensara que conseguiria manter a expressão inocente.

-E ela lhe contou o que acontece com as crianças?

-Não, isso ela não me contou. Eu só sei que tem a ver com o Pó, e elas são uma espécie de sacrifício.

Também isso não era exatamente uma mentira, ela pensou; afinal, não tinha dito que a Sra. Coulter lhe contara isso.

- "Sacrifício" é uma palavra meio forte. O que é feito é para o bem delas, assim como o nosso. E é claro que todas acompanham a Sra. Coulter por vontade própria. É por isso que ela é tão preciosa. Elas têm que querer fazer parte, e qual a criança

que poderia resistir a ela? E se ela vai usar você também para trazê-las, melhor ainda. Estou muito contente.

Ele deu um sorriso como o da Sra. Coulter: como se ambos compartilhassem um segredo. Ela sorriu de volta educadamente, e ele virou-se para conversar com outra pessoa.

Ela e Pantalaimon sentiam o horror um do outro. Ela queria ficar sozinha e conversar com ele; tinha vontade de deixar o apartamento; queria voltar para a Faculdade Jordan e para seu #110

quartinho humilde na Escadaria Doze; queria encontrar Lorde Asriel...

E como em resposta a esse desejo, ela ouviu o nome dele ser mencionado, e com o pretexto de se servir de um canapé numa bandeja sobre a mesa, aproximou-se do grupo que conversava ali

perto. Um homem com a púrpura de bispo estava dizendo:

-Não, eu não acho que Lorde Asriel vai nos incomodar por bastante tempo.

-E onde mesmo ele está preso?

-Na fortaleza de Svalbard, me disseram. Vigiado pelos panserbjornes, sabem, os ursos de armadura. Criaturas tremendas! Ele não vai conseguir escapar nem em mil anos. O fato é que

eu realmente acho que o caminho está bem claro...

-As últimas experiências confirmaram o que eu sempre acreditei: que o Pó é uma emanção do próprio princípio das trevas e...

-Será que estou detectando a heresia zoroastriana?

-O que costumava ser uma heresia...

-E se pudéssemos isolar o princípio das trevas...

-Você disse Svalbard?

-Ursos de armadura...

-O Conselho de Obleção...

-As crianças não sofrem, tenho certeza disso...

-Lorde Asriel prisioneiro...

Lyra tinha ouvido o suficiente. Ela virou-se, e movendo-se sem ruído, foi para o seu quarto e fechou a porta, abafando o barulho da festa.

-E então? -cochichou, e Pantalaimon se tornou um pintassilgo no ombro dela.

-Vamos fugir? -ele cochichou em resposta.

-Claro. Se formos agora, com toda essa gente, ela pode não perceber por algum tempo.

-Mas ele percebe.

#111

Pantalaimon estava falando do daemon da Sra. Coulter .

Quando Lyra pensava naquela figura dourada e esguia, ela sentia

náuseas de medo.

-Desta vez vou lutar com ele -afirmou Pantalaimon corajosamente. -Eu posso mudar, e ele não pode; vou mudar tão depressa que ele não vai conseguir me segurar. Desta vez eu vou vencer, você vai ver.

Lyra assentiu distraidamente. Que roupa deveria vestir?

Como poderia sair sem ser vista?

-Você vai ter que ir vigiar-cochichou. -Assim que o caminho estiver livre nós teremos que correr. Seja mariposa -acrescentou. -Lembre-se, no instante em que ninguém estiver olhando...

Ela abriu uma fresta da porta, e ele saiu, um pontinho escuro contra a luz quente e rósea do corredor.

Enquanto isso, ela vestia as roupas mais quentes que possuía e enfiava mais algumas numa das bolsas de seda carbonífera comprada na loja elegante que elas haviam visitado naquela mesma tarde. A Sra. Coulter tinha lhe dado dinheiro como se, em vez de moedas, fossem biscoitos, e embora Lyra tivesse gastado

prodigamente, ainda sobraram vários soberanos, que ela colocou no bolso do seu casaco de pele de lobo.

Finalmente ela guardou o aletômetro dentro do pedaço de veludo preto. Teria aquele macaco abominável encontrado o aparelho? Certamente que sim; com certeza tinha contado à Sra. Coulter; ah, se o tivesse escondido melhor...

Foi pé ante pé até a porta. Por sorte seu quarto dava para o final do corredor mais perto do saguão, e a maioria dos convidados estava nas duas salas mais distantes. Havia o som de



vozes

conversando em voz bem alta, risos, o ruído abafado de uma descarga sanitária, o tilintar de copos; e então uma vizinha de mariposa disse em seu ouvido:

-Agora! Depressa!

#112

Ela esgueirou-se pela porta e saiu para o corredor, e em menos de três segundos estava abrindo a porta da frente do apartamento. Um instante depois já passara por ela, fechando-a atrás de si, e com Pantalaimon novamente como pintassilgo, ela correu para as escadas e fugiu dali.

#113

As TARRAFAS

ELA caminhou depressa, afastando-se do rio, porque a calçada ao longo da margem era larga e bem iluminada. Havia um emaranhado de ruelas entre aquele lugar e o Régio Instituto do Pólo Ártico, que era o único lugar que Lyra tinha certeza de conseguir

localizar, e foi nesse labirinto escuro que ela penetrou. Se ao menos conhecesse Londres tão bem quanto conhecia Oxford! Então saberia as ruas a serem evitadas, ou onde conseguiria comida, ou, melhor que tudo, em que porta bater para conseguir abrigo. Naquela noite fria, os becos escuros à sua volta

pululavam de movimento e vida secreta, e ela de nada sabia sobre ISSO.

Pantalaimon tornou-se um gato-do-mato, passando a examinar a escuridão com seus olhos que enxergavam à noite. A todo momento, ele parava, arrepiando-se, e ela evitava a ruela em que estava prestes a entrar. A noite estava cheia de ruídos; gargalhadas

ébricas, duas vozes estridentes elevando-se numa canção, estalidos

e rangidos vindo de alguma máquina mal lubrificada num porão qualquer. Lyra caminhava cuidadosamente por isso tudo,

#114

mantendo-se nas sombras e nos becos estreitos, seus sentidos expandidos e misturados com os de Pantalaimon.

De vez em quando, ela precisava atravessar uma rua mais larga, bem iluminada, onde os bondes zumbiam e faiscavam sob seus fios anárquicos. Havia regras para atravessar as ruas londrinas, mas ela não dava atenção a isso, e quando alguém gritava, ela fugia.

Era ótimo estar livre outra vez! Ela sabia que Pantalaimon,

caminhando com seus passinhos de gato-do-mato a seu lado, sentia a mesma alegria por estar ao ar livre, mesmo sendo o poluído ar londrino, carregado de fumaça e fuligem, e repleto de barulho. Eles logo teriam que meditar sobre o significado do que tinham ouvido no apartamento da Sra. Coulter, mas ainda não era o momento. E em algum momento teriam que encontrar um lugar para dormir.

Numa esquina onde havia uma grande loja de departamentos com vitrines cujo brilho se espelhava na calçada molhada, havia também uma banca de café: uma barraquinha sobre rodas com um balcão sob a janela de madeira que se abria para cima e ficava como um toldo. Lá dentro brilhava uma luz amarela, e o cheiro do café espalhava-se pelo ar. O proprietário, de jaleco branco, estava debruçado sobre o balcão, conversando com dois ou três fregueses.

Aquilo era tentador; Lyra estava andando havia uma hora, e a noite estava fria e úmida. Com Pantalaimon transformado em pardal, ela foi até o balcão e levantou a mão para chamar a atenção

do proprietário.

-Um café e um sanduíche de presunto -pediu.

-Está na rua até tarde, minha cara -disse um cavalheiro de cartola e cachecol de seda.

-É -fez ela, dando-lhe as costas para observar o movimentado cruzamento.

#115

Num teatro ali perto, a sessão terminara e grupos de pessoas ocupavam a calçada iluminada, chamando os táxis aos gritos, vestindo os sobretudos. Na outra direção ficava a entrada de uma

Estação de Trem Ctônico\*, com muita gente subindo e descendo a escada.

-Pronto, meu bem -disse o dono da barraca. -São dois xelins.

-Deixe que eu pago -ofereceu o homem de cartola.

Lyra pensou: por que não? Consigo correr mais depressa que ele, e mais tarde posso precisar de todo o meu dinheiro. O homem de cartola deixou cair uma moeda no balcão e sorriu para

ela. Seu daemon era uma lêmure; agarrada à lapela dele, ela encarava Lyra de olhos arregalados.

Lyra mordeu o sanduíche, com os olhos voltados para o movimento da rua. Não tinha idéia de onde estava, porque nunca havia visto um mapa de Londres e sequer sabia o tamanho da cidade e se teria que caminhar muito para chegar ao campo.

-Qual é o seu nome? -o homem perguntou.

-Alice.

-Que lindo nome. Deixe-me colocar uma gotinha disso no seu café... Para lhe dar calor...  
Ele estava tirando a tampa de um frasco de prata.  
-Não gosto -protestou ela. -Gosto só de café.  
-Aposto que nunca tomou conhaque assim antes.  
-Tomei, sim. Vomitei tudo. Tomei uma garrafa inteira, ou quase.  
-Faça como quiser -disse o homem, vertendo o conhaque em seu próprio café. -Aonde está indo, assim sozinha?  
-Vou me encontrar com meu pai.  
-E quem é ele?

\* Ctônico: tradução literal de chthonic, que significa subterrâneo. (N. T.)

#116

-É um assassino.  
-Ele é o quê?  
-Já disse, um assassino. É a profissão dele. Está fazendo um trabalho esta noite. Estou trazendo roupas limpas para ele, porque em geral ele está coberto de sangue no final de um trabalho.  
-Ah, você está brincando.  
-Não estou, não.

A lêmure soltou um miado baixo e passou para trás da cabeça do homem, de onde ficou espiando Lyra. Impassível, a menina bebeu o café e comeu o resto do sanduíche.

-Boa noite -disse finalmente. -Estou vendo papai chegando. Ele parece meio zangado.

O homem de cartola olhou em volta, e Lyra partiu na direção da multidão em frente ao teatro. Por mais que tivesse vontade de conhecer o Trem Ctônico (que a Sra. Coulter tinha dito que não era para pessoas de sua classe social), ela estava temerosa de ficar presa no subsolo; melhor ficar ao ar livre, onde poderia correr se quisesse.

Prosseguiu em sua caminhada pelas ruas cada vez mais escuras e desertas. Estava garoando, mas, mesmo se não houvesse

nuvens no céu da cidade, as luzes não iam deixar ver as estrelas.

Pantalaimon achava que estavam indo para o norte, mas quem poderia ter certeza?

Ruas infundáveis, de casinhas de tijolos idênticas, com jardins onde só cabia uma lata de lixo; grandes e soturnas fábricas

atrás de cercas de arame, com uma única luz anárquica no alto de um muro e um vigia noturno cochilando junto ao seu braseiro; de vez em quando um oratório desolado, que só se diferenciava de um armazém pelo crucifixo na fachada. Uma vez ela

experimentou a porta de um deles, e ouviu um gemido vindo de um banco a um metro dela, na escuridão. Percebeu que o pórtico do oratório estava repleto de vultos adormecidos, e fugiu.

#117

-Onde é que vamos dormir, Pantalaimon? -ela perguntou, enquanto desciam uma rua de lojas fechadas.

-Numa soleira qualquer.

-Mas não quero que me vejam, e elas são tão abertas...

-Há um canal ali embaixo...

Ele estava olhando para uma rua lateral à esquerda. Realmente, uma mancha de brilho escuro denunciava água, e quando os dois foram cautelosamente até lá, encontraram um porto na margem de um canal onde cerca de uma dúzia de balsas estavam amarradas aos ancoradouros, algumas altas na água, outras mais afundadas sob o peso da carga, perto dos guindastes que mais pareciam forcas. Uma luz fraca brilhava na janela de uma cabana

de madeira, e um fio de fumaça subia da chaminé de metal; fora isso, as únicas luzes eram colocadas no alto -na parede de um armazém ou na cabine de um guindaste -, deixando o solo na escuridão. Nos ancoradouros, havia pilhas de barris com álcool de carvão, pilhas de grandes troncos redondos, rolos de cabos cobertos de cautchu.

Lyra foi pé ante pé até a cabana e olhou pela janela. Um velho estava lendo com dificuldade um jornal de história em quadrinhos e fumando um cachimbo, com seu daemon-spaniel dormindo enrodilhado sobre a mesa. Enquanto Lyra espiava, o homem levantou-se e foi buscar no fogão uma chaleira escurecida, e colocou um pouco de água numa caneca rachada, antes de

tornar a se acomodar com o jornal.

-Será que devemos pedir para ele nos deixar entrar, Pan?

-ela sussurrou.

Mas ele estava ocupado, transformando-se em morcego, depois coruja, depois novamente gato-do-mato; ela olhou em volta, sentindo o pânico dele, e então viu-os ao mesmo tempo que ele: dois homens correndo para ela, um de cada lado, o mais próximo segurando uma tarrafa.

#118

Pantalaimon soltou um grito agudo e transformando-se em leopardo pulou sobre a raposa de aparência feroz que era o daemon do homem mais próximo, jogando-a para trás, de modo que a raposa caiu sobre as pernas do homem. O homem praguejou e desviou-se para o lado, e Lyra passou correndo por ele, na direção do terreno aberto do ancoradouro; o que não podia era

ficar encurralada num canto.

Pantalaimon, agora uma águia, mergulhou sobre ela e gritou:

-A esquerda! A esquerda!

Ela se desviou para aquele lado e viu um espaço aberto entre os barris de álcool de carvão e o final de um barracão de chapas de ferro, e como uma flecha correu para lá.

Mas aquelas tarrafas!

Ela ouviu um assobio no ar, e alguma coisa caiu sobre ela, açoitando-a e picando-a dolorosamente no rosto, e cordões imundos de piche enrolaram-se por sua cabeça, seus braços, suas mãos, prendendo-a; ela caiu no chão, resmungando e lutando em vão.

-Pan! Pan!

Mas o daemon-raposa atacou o Pantalaimon-gato, e Lyra sentiu a dor em sua própria carne, e soltou um grito forte e soluçado quando ele caiu. Um homem pôs-se a enrolar a rede em

volta das pernas dela, da garganta, do corpo, da cabeça, rolando de um lado para outro no chão. Ela estava indefesa, exatamente como uma mosca sendo enrolada pelo fio da aranha. O coitado do Pan estava se arrastando em sua direção, com o daemonraposa atacando-lhe as costas, e não tinha forças sequer para mudar de forma; e o outro homem estava deitado numa poça, com uma flecha atravessada no pescoço...

O mundo inteiro ficou imóvel quando o homem que a enrolava na rede também viu.

#119

Pantalaimon levantou-se até ficar sentado e pestanejou, e então houve um ruído baixo e seco, e o homem da tarrafa caiu, engasgado e ofegante, bem por cima de Lyra, que gritou de horror: havia sangue jorrando de dentro dele!

Passos apressados, e alguém arrastou o homem para longe e inclinou-se sobre ele; então outras mãos ergueram Lyra, uma faca brilhou, e os cordões da tarrafa caíram um por um, e ela desvencilhou-se, cuspidando, e correu para ajoelhar-se junto a Pantalaimon.

Nessa posição, ela virou a cabeça para olhar os recém-chegados.

Três homens morenos, um deles armado com um arco, os outros com facas; quando a viu, o arqueiro levou um susto.

-Não é a Lyra?

A voz era familiar, mas ela não a reconheceu até que ele avançou um passo, e a luz caiu em seu rosto e no daemon-falcão no ombro dele. Então ela o reconheceu: um gipcio! Um gipcio de Oxford!

-Sou Tony Costa -ele esclareceu. -Lembra-se? Você costumava brincar com meu irmãozinho Billy nos barcos em

Jericó, antes de os Papões pegarem ele.

-Ah, meu Deus, Pan, estamos salvos! -ela sussurrou.

Mas então um pensamento lhe veio à cabeça: tinha sido dos Costa o barco que ela roubara; e se ele se lembrasse?

-É melhor vir com agente -ele disse. -Está sozinha?

-Estou. Eu fugi...

-Está bem, não fale agora. Fique quietinha. Jaxer, arraste os corpos para um lugar escuro. Kerim, fique vigiando.

Lyra levantou-se, trêmula, segurando Pantalaimon-gato-do-mato no colo. Ele tentava girar o corpo para ver alguma coisa; ela seguiu o olhar dele, compreendendo e de repente curiosa também: que é que tinha acontecido aos daemons dos mortos? Eles estavam esmaecendo, essa era a resposta; desvanecendo-se e

se dispersando no ar como átomos de fumaça, embora se esforçassem

#120

para ficar agarrados aos homens. Pantalaimon desviou o olhar, e Lyra correu às cegas atrás de Tony Costa.

-Que é que está fazendo aqui? -ela perguntou.

-Quieta, garota. Já temos problemas suficientes. Vamos conversar no barco.

Ele levou-a por uma pontezinha de madeira para o coração do porto. Os outros dois homens os acompanhavam silenciosamente. Tony seguiu ao longo da beira do cais e saiu para um

trapiche de madeira; passou para um barco estreito e abriu a porta da cabine.

-Entre depressa -instruiu.

Lyra obedeceu, apalpando a bolsa (que não soltara nem uma vez, mesmo presa na rede) para ter certeza de que o aletômetro ainda estava -lá. Na cabine comprida e estreita, à luz de uma tlamparina presa num gancho, ela viu uma mulher forte e corpulenta, de cabelos grisalhos, sentada a uma mesa com um jornal.

Lyra reconheceu a mãe de Billy.

-Quem é esta? -a mulher quis saber. -Ora, será a

Lyra?

-Isso mesmo. Mamãe, temos que sair daqui. Matamos dois homens lá no porto. Pensamos que eram Papões, mas acho que eram mercadores turcos. Tinham agarrado a Lyra. Vamos deixar a conversa para depois, quando estivermos em movimento.

-Venha cá, criança -chamou Mamãe Costa.

Lyra obedeceu, meio aliviada, meio apreensiva, pois Mãe Costa tinha mãos como porretes, e agora ela tinha certeza: fora

mesmo o barco deles que ela capturara com Roger e outros amigos das faculdades. Mas a mulher colocou as mãos de cada lado do rosto de Lyra, e seu daemon- um enorme cachorro cinzento que parecia um lobo -inclinou-se para lambe delicadamente a cabeça de gato-do-mato de Pantalaimon. Então Mãe Costa rodeou Lyra com seus braços enormes e apertou-a contra os seios.

#121

-Não sei o que você está fazendo aqui, mas parece exausta. Pode usar a cama do Billy, depois que eu lhe der uma bebida quente. Sente-se aqui, criança.

Parecia que o ato de pirataria tinha sido perdoado, ou pelo menos esquecido. Lyra deslizou pela almofada do banco atrás de uma mesa de tampo de pinho enquanto o ronco baixo do motor a gasolina sacudia o barco.

-Aonde vamos? -Lyra perguntou.

Mãe Costa estava colocando uma panela de leite sobre o fogão de ferro e cutucando o por entre a grade para avivar o fogo.

-Para longe daqui. Não fale agora. Vamos conversar de manhã.

E nada mais disse; entregou uma xícara de leite quente a Lyra e subiu para o convés quando o barco se pôs em movimento,

trocando cochichos com os homens de vez em quando. Lyra bebeu o leite devagar e ergueu uma ponta da cortina para observar

os ancoradouros escuros que passavam pela janela. Minutos depois estava dormindo profundamente.

Despertou numa cama estreita, com o reconfortante ronco do motor soando lá embaixo. Ela se sentou, bateu com a cabeça, soltou um palavrão, tateou em volta e levantou-se com mais cuidado. Uma luz cinzenta permitia ver três outras camas, todas vazias e bem arrumadas, uma abaixo da dela e as outras duas do outro lado da minúscula cabine. Ela percebeu que estava usando apenas suas roupas de baixo, e viu o vestido e o casaco de pele de

lobo dobrados na ponta da sua cama, junto com sua bolsa. O aletômetro ainda estava lá.

Vestiu-se depressa e saiu pela porta no fundo do compartimento, encontrando-se na cozinha do barco, onde estava mais quente por causa do fogão. Não havia pessoa alguma ali. Pelas

#122

janelas, ela viu um lençol de neblina espessa, com formas escuras

que poderiam ser prédios ou árvores.

Antes que pudesse subir para o convés, a porta para fora

abriu-se, e Mãe Costa desceu, enrolada num velho casaco de tweed onde a umidade tinha formado milhares de pequenas pérolas.

-Dormiu bem? -perguntou, pegando uma frigideira.

-Agora vá se sentar fora do meu caminho e eu vou lhe fazer um café da manhã. Não fique aí de pé; isso aqui é muito apertado.

-Onde é que estamos? -Lyra perguntou.

-No Canal Grand Junction. Você fique escondida, criança. Não quero ver você lá fora. Há problemas.

Ela colocou duas fatias de bacon e um ovo na frigideira.

-Que tipo de problemas?

-Nada que a gente não consiga resolver, se você ficar escondida.

E não quis dizer mais nada até Lyra ter acabado de comer . Em certo momento, o barco diminuiu a velocidade, e alguma coisa bateu na lateral dele, e ela ouviu vozes masculinas irritadas;

então uma piada de alguém fez com que rissem, as vozes se afastaram e o barco retomou seu caminho.

Finalmente Tony Costa desceu para a cabine. Como a mãe, sua roupa tinha pérolas de umidade, e ele sacudiu a touca de lã sobre o fogão para fazer as gotas saltarem sobre a chapa quente.

-Que é que vamos dizer a ela, Mãe?

-Perguntar primeiro, contar depois.

Ele serviu café numa xícara de lata e sentou-se. Era um homem forte e sisudo, e agora que podia vê-lo à luz do dia, Lyra viu em seu rosto uma expressão de tristeza.

-Certo -ele concordou. -Agora você vai nos contar o que estava fazendo em Londres, Lyra. Pensávamos que tinha sido levada pelos Papões.

-Eu estava morando com uma dama, certo, então...

#123

Com dificuldade Lyra juntou e arrumou sua história, como se estivesse preparando um baralho para uma partida. Contou tudo, menos sobre o aletômetro.

-E então ontem à noite no tal do coquetel eu descobri o que eles faziam mesmo. A Sra. Coulter faz parte dos Papões, e ia me usar

para ajudar a pegar mais crianças. E o jeito de fazer isso é...

Mãe Costa saiu da cabine e foi para o convés. Tony esperou até que ela fechasse a porta e disse:

-Sabemos o que eles fazem. Pelo menos um pedaço.

Sabemos que elas não voltam. As crianças são levadas para o Norte, bem longe, e eles fazem experiências com elas. No princípio, a gente achava que experimentavam doenças e remédios,

mas não há motivo para começar isso de repente, há dois ou três



anos. Então ficamos achando que eram os tártaros, talvez algum acordo secreto que estivessem fazendo lá pela Sibéria; porque os tártaros querem ir para o Norte tanto quanto o resto, por causa do álcool de carvão e das minas de fogo, e os boatos de guerra começaram antes dos Papões. E achamos que os Papões estivessem subornando os chefes tártaros dando-lhes crianças, porque os tártaros comem crianças, não é? Assam e comem.

-Essa não!

-Comem, sim. Têm muitas outras coisas para contar.

Você já ouviu falar nos Nalkainens?

-Não, nunca. Nem pela Sra. Coulter. Quem são eles?

-É um tipo de fantasma que existe lá em cima naquelas florestas. É do tamanho de uma criança, mas não tem cabeça. De noite se guiam pelo tato, e se a pessoa está dormindo na floresta, eles pegam ela e não soltam por nada neste mundo. Essa palavra,

nalkainen, vem do Norte. E os chupadores de ar também são perigosos. Ficam deslizando pelo ar. As vezes a gente encontra um

monte deles boiando, ou presos nos galhos. Assim que eles tocam

na pessoa, ela perde toda a força. A gente não consegue ver esses

fantasmas, só uma espécie de ondulação no ar. E os sem-ares...

#124

-Quem são eles?

-São guerreiros semimortos. Estar vivo é uma coisa, estar morto é outra, mas estar meio-morto é pior que tudo. Eles não conseguem morrer e não podem mais viver. Ficam vagando para sempre. São chamados de sem-ares por causa do que fazem a eles.

-O quê? -perguntou Lyra de olhos arregalados.

-Os tártaros do norte abrem as costelas deles e puxam para fora os pulmões. Fazer isso é uma arte; os guerreiros não morrem, mas seus pulmões só trabalham quando seus daemons os bombeiam manualmente, de modo que o resultado é que estão

sempre no meio do caminho entre respirar e não respirar, entre a vida e a morte. Estão meio-mortos, entende? E os daemons deles

têm que bombear dia e noite, para não morrerem junto com os guerreiros. Dizem que às vezes na floresta agente encontra um batalhão inteiro de sem-ares. E existem também os panserbjornes,

já ouviu falar? Significa ursos de armadura. São uma espécie de ursos polares, só que...

-É, já ouvi falar neles! Ontem à noite um dos homens disse que o meu tio, o Lorde Asriel, está preso numa fortaleza vigiado pelos ursos de armadura.

-É mesmo? E o que seu tio estava fazendo por lá?

-Explorando. Mas pelo jeito que o homem estava falando, acho que meu tio não está do mesmo lado dos Papões. Acho que estavam felizes por ele estar preso.

-Bom, ele não vai conseguir fugir se os ursos de armadura estiverem vigiando. São como mercenários, sabe o que isso quer dizer? Vendem sua força para quem pagar. Têm mãos como os homens, e há muito tempo aprenderam o segredo de trabalhar o ferro, principalmente o ferro meteórico, e fazem grandes folhas

e chapas para se cobrirem. Há séculos eles atacam os escaelinguês.

São assassinos ferozes, absolutamente impiedosos. Mas respeitam

a palavra dada. Quem faz um acordo com um panserbjorne pode confiar.

#125

Lyra pensou nesses horrores com temor .

-Mamãe não gosta de ouvir falar no Norte -Tony acrescentOU depois de alguns minutOs. -por causa do que pode ter acontecido com o Billy. Sabemos que eles levaram o Billy para

o Norte, entende?

-Como é que sabem disso?

-Pegamos um dos Papões e o obrigamos a falar .Foi assim que soubemos um pouco do que eles fazem. Aqueles dois ontem à noite não eram Papões; eram desajeitados demais. Se fossem Papões, a gente ia pegar eles vivos. Sabe, nós, o povo gípcio, nós

fomos os mais atingidos por esses Papões, e estamos nos juntando

para resolver o que vamos fazer. Era o que a gente estava fazendo

naquele porto, abastecendo, porque vamos fazer uma grande reunião nos Pântanos, o que a gente chama de Encontro. E o que eu acho é que vamos mandar um grupo de resgate, depois que ouvirmos o que os outros gípcios sabem, depois que juntarmos nossos conhecimentos. É o que eu faria, se fosse o John Faa.

-Quem é John Faa?

-O rei dos gípcios.

-E vocês vão mesmo salvar as crianças? E quanto ao Roger?

-Quem é Roger?

-O ajudante da Cozinha da Faculdade Jordan. Ele foi

levado no mesmo dia que o Billy, na véspera de eu vir embora com a Sra. Coulter. Aposto que se eu fosse presa ele ia me salvar.

Se vocês vão salvar o Billy, eu quero ir também e salvar o Roger.

E o tio Asriel também, ela pensou, mas não mencionou isso .

#126

JOHN FAA

AGORA que tinha uma missão pela frente, Lyra sentia-se muito melhor. Ajudar a Sra. Coulter tinha sido muito bom, mas Pantalaimon tinha razão: ela não estava trabalhando de verdade, era apenas um bichinho de estimação. No barco gípcio, havia trabalho de verdade a fazer, e a Mãe Costa fazia com que ela trabalhasse:

Lyra limpava e varria, descascava batatas e fazia chá, lubrificava os rolamentos do eixo da hélice, mantinha limpa a grade protetora em cima da hélice, lavava pratos, abria comportas, amarrava

o barco nos trapiches, e em poucos dias sentia-se tão à vontade nessa vida nova como se tivesse nascido gípcia.

O que ela não percebia era que os Costa estavam o tempo todo alertas, observando se havia sinais de interesse em Lyra por parte de pessoas das margens. Embora não tivesse consciência disso, ela era importante, e a Sra. Coulter e o Conselho de Oblação certamente estavam procurando por ela em toda parte. Realmente, Tony ouviu, nas fofocas dos bares ao longo do caminho, que a polícia estava revistando casas, fazendas, canteiros

de obras e fábricas sem qualquer explicação, embora houvesse um

boato de que estavam procurando uma menina sumida. E isso #127

era estranho, levando-se em conta que tantas crianças tinham sumido sem terem sido procuradas. Tanto os gípcios quanto as pessoas de terra estavam ficando cada vez mais nervosos e apreensivos.

E havia outra razão para o interesse dos Costa em Lyra, mas ela só saberia disso alguns dias depois.

Assim, mantinham a menina na cabine sempre que passavam pela casa de um guardador de comporta ou por um porto de canal, ou onde quer que pudesse haver gente. Uma vez passaram por uma cidade onde a polícia estava revistando todos os barcos que vinham pelo canal, prendendo o trânsito em ambas

as direções. Mas os Costa sabiam como enfrentar esse tipo de coisa: havia um compartimento secreto debaixo da cama de Mãe

Costa, onde Lyra ficou apertada durante duas horas, enquanto a polícia percorria o barco de uma ponta a outra, inutilmente.

-Mas por que os daemons deles não me encontraram? - ela perguntou depois.

Mamãe mostrou-lhe o forro do esconderijo: cedro, que tinha um efeito soporífero nos daemons; e era verdade, pois Pantalaimon tinha passado o tempo todo dormindo tranqüilamente junto à cabeça de Lyra.

Lentamente, com muitas paradas e muitos desvios, o barco dos Costa aproximava-se dos Pântanos, aquela vasta extensão nunca inteiramente desbravada, com céus imensos e pântanos infundáveis, na Anglia oriental. A borda do terreno misturava-se aos riachos e lagoas de maré do mar raso, e o outro lado do mar misturava-se com a Holanda; e partes dos Pântanos tinham sido drenadas e fechadas com diques pelos holandeses, alguns dos quais haviam se estabelecido lá; de modo que a língua nos Pântanos tinha muita influência holandesa. Mas algumas áreas não foram drenadas, plantadas ou desbravadas, e nas regiões centrais -as mais selvagens, onde enguias deslizavam e pássaros aquáticos se reuniam, onde sinistros fogos-fátuos tremeluziam e #128

criaturas atraíam os viajantes descuidados para a morte nos pântanos -o povo gípcio sempre encontrara segurança.

E agora, através de mil canais, regatos e cursos d' água serpenteantes, barcos gípcios seguiam para o Byanplats, a única área de terreno ligeiramente mais alto em meio às centenas de quilômetros quadrados de pântanos e atoleiros. Havia lá uma espécie de auditório num pavilhão antigo, feito de madeira, com algumas moradias permanentes em volta, trapiches e atracadouros e um Mercado de Enguias. Quando um Encontro era marcado, quando havia uma convocação de gípcios, tantos barcos

enchiam os cursos d'água que uma pessoa podia caminhar mais de um quilômetro em qualquer direção passando de um barco a outro- era o que se dizia. Os gípcios mandavam nos Pântanos; ninguém mais ousava entrar lá, e, como os gípcios mantinham a paz e comerciavam com honestidade, as autoridades faziam vista

grossa ao contrabando incessante e às rixas ocasionais. Se o cadáver de um gípcio aparecia numa praia levado pela maré, ou vinha numa rede de pesca, bem, era só um gípcio.

Lyra escutava fascinada as histórias dos habitantes dos Pântanos, do grande cão-fantasma Concha Negra, dos fogosfátuos subindo das bolhas de óleo-de-bruxa, e mesmo antes de chegarem aos Pântanos ela já começava a se sentir uma gípcia.

Logo voltou a ter o sotaque de Oxford, e agora estava pegando o sotaque gípcio, completo com algumas palavras em pântanoholandês.

Mãe Costa teve que lhe recordar algumas coisas:

-Você não é gípcia, Lyra. Com alguma prática poderia passar por gípcia, mas não é só a língua gípcia; dentro de nós há coisas muito fortes. Nós somos totalmente um povo da água, e você não é, você é do fogo. O que mais parece com você é o fogo-fátuo, é o lugar que você tem no esquema gípcio; você tem óleo-de-bruxa na alma. Enganadora é o que você é, criança. Lyra ficou magoada.

-Nunca enganei ninguém! A senhora pergunte...

#129

Não havia a quem perguntar, naturalmente, e Mãe Costa riu, mas com bondade.

-Não está vendo que estou lhe fazendo um elogio, sua bobinha?

Ouvindo isto, Lyra acalmou-se, embora não tivesse entendido.

Chegaram ao Byanplats à tardinha, e o sol estava prestes a se pôr num céu manchado de vermelho. A ilha baixa e o Zaal estavam acorados de encontro à luz, como o amontoado de prédios em volta; fios de fumaça erguiam-se no ar parado, e dos numerosos barcos apinhados em volta deles vinham cheiros de peixe fritando, de folha de fumo, de genebra.

Atracaram perto do Zaal, num trapiche que Tony disse ter sido usado por várias gerações da sua família. Mãe Costa pôs a frigideira para funcionar, com duas gordas enguias sibilando e espirrando gordura, e ferveu água para preparar o purê de batata em pó. Tony e Kerim passaram óleo nos cabelos, colocaram suas

melhores jaquetas de couro e lenços azuis no pescoço, encheram os dedos de anéis de prata e foram cumprimentar alguns velhos amigos nos barcos vizinhos e beber uma ou duas taças no bar mais

próximo. Voltaram com novidades importantes.

-Chegamos bem na hora. O Encontro vai ser esta noite mesmo. E estão dizendo na cidade, imaginem só, estão dizendo que a criança desaparecida está num barco gípcio e que vai aparecer esta noite no Encontro!

Ele riu alto e despenteou os cabelos de Lyra. Desde que tinham entrado nos Pântanos, ele vinha ficando cada vez mais bem-humorado, como se a expressão feroz que seu rosto mostrava

fosse apenas um disfarce. E Lyra sentiu a excitação crescer em seu

peito enquanto comia às pressas e lavava a louça antes de pentear

os cabelos, enfiando o aletômetro dentro do bolso do casaco de pele de lobo e saltando para terra com todas as outras famílias que subiam a ladeira para o Zaal.

#130

Ela achava que Tony estava brincando. Logo descobriu que ele não estava, ou então ela se parecia menos com uma gípcia do que havia imaginado, pois muita gente ficou olhando para ela, e as crianças apontavam; quando chegaram aos grandes portões do

Zaal, estavam caminhando sozinhos, a cada lado uma multidão de pessoas que se afastaram deles para poderem observá-los e para dar-lhes espaço.

Então Lyra começou a ficar nervosa de verdade. Não saiu de perto de Mãe Costa, e para tranquilizá-la Pantalaimon tomou sua forma de pantera, a maior que conseguia tomar. Mãe Costa subiu os degraus como se nada no mundo pudesse obrigá-la a parar ou a andar mais depressa, e Tony e Kerim caminhavam orgulhosamente, como príncipes, um de cada lado.

O auditório estava iluminado por lamparinas de nafta, que iluminavam satisfatoriamente os rostos e os corpos dos presentes, mas deixavam as imensas traves do telhado ocultas na escuridão.

As pessoas que entravam tinham que se esforçar para encontrar lugar em pé, pois os bancos já estavam lotados; mas as famílias se

apertavam para abrir espaço, as crianças iam para o colo e os daemons se enrodilhavam no chão debaixo dos bancos ou se empoleiravam fora do caminho, nas ásperas paredes de madeira. Na frente da assistência, havia um tablado com oito cadeiras de madeira entalhada. Enquanto Lyra e os Costa encontravam lugar de pé ao longo da parede do auditório (não havia mais onde

se sentar), oito homens surgiram das sombras atrás do tablado e pararam diante das cadeiras. Uma onda de excitação percorreu a platéia enquanto as pessoas pediam silêncio ou tentavam se sentar

nas extremidades dos bancos próximos. Finalmente fez-se silêncio e sete dos homens no tablado se sentaram.

O único que ficou de pé tinha mais de 70 anos, mas era alto e forte, musculoso. Usava paletó de lonita e camisa quadriculada, como muitos gípcios; nada havia nele que o distinguisse, além do

ar de poder e autoridade. Lyra reconheceu esse ar: tio Asriel o

#131

tinha, e também o Reitor da Jordan. O daemon desse homem era uma gralha muito parecida com o corvo-fêmea do Reitor.

-Este é John Faa, o chefe dos gípcios do Oriente -Tony

cochichou.

John Faa começou a falar devagar, em voz profunda.

-Gípcios! Bem-vindos ao Encontro. Viemos escutar e viemos decidir. Todos vocês sabem a razão: há muitas famílias aqui que perderam um filho. Algumas perderam dois. Alguém está levando essas crianças. É verdade que os da terra também estão perdendo crianças. Sobre este assunto não temos rixa com os da terra.

Fez uma pausa e continuou:

-Ora, andam falando de uma criança e uma recompensa.

Eis a verdade, para acabar com os mexericos: o nome da criança é Lyra Belacqua, e ela está sendo procurada pela polícia dos andarilhos.\* Há uma recompensa de mil soberanos para quem entregar a garota. Ela é uma criança andarilha, está sob os

nossos cuidados e assim vai continuar. Qualquer pessoa que se sentir tentada por esses mil soberanos é melhor que vá encontrar um lugar para se esconder que não seja nem na terra, nem na água. Não vamos entregar a criança.

Lyra sentiu-se enrubescer desde a raiz dos cabelos até a sola do pé; Pantalaimon transformou-se em mariposa para se esconder. Todos os olhos estavam voltados para eles, e ela só conseguiu

olhar para Mãe Costa em busca de segurança.

Mas John Faa estava falando novamente:

-Por mais que a gente converse, não vai mudar nada. Se quisermos modificar as coisas, vamos ter que agir. Eis mais um fato para vocês: os Papões, esses ladrões de crianças, estão

levando

seus prisioneiros para uma cidade no extremo Norte, bem lá  
\* Andarilhos: tradução literal de landloper; que neste contexto significa "os que vivem em terra firme". (N.T.)

#132

dentro da terra das trevas. Não sei o que fazem com elas lá.

Algumas pessoas dizem que matam, outras dizem outra coisa.

Não sabemos. O que sabemos é que eles fazem isso com a ajuda da polícia andarilha e dos padres. Todos os poderes dos andarilhos estão ajudando. Lembrem-se disso: eles sabem o que está

acontecendo e ajudam sempre que podem.

Depois de outra pausa, ele continuou:

-De modo que o que estou propondo não é fácil. Preciso da autorização de vocês. Estou propondo que a gente mande um bando de guerreiros para o Norte para libertar as crianças e trazer

todas de volta vivas. Estou propondo que a gente use o nosso

ouro

e toda a esperteza e a coragem que conseguirmos juntar. Sim, Raymond van Gerrit?

Um homem na platéia havia levantado a mão, e John Faa sentou-se para deixá-lo falar.

-Com licença, Lorde Faa. Lá tem crianças andarilhas também, além das gípcias. Está dizendo que a gente vai salvar essas também?

John Faa ficou de pé para responder.

-Raymond, você está dizendo que a gente devia passar por todo tipo de perigos para chegar a um grupinho de crianças assustadas e então dizer para algumas delas que elas vão voltar para casa e dizer para as outras que elas têm que ficar? Não, você

é bondoso demais para isso. Bem, temos a aprovação de todos, meus amigos?

A pergunta pegou todos de surpresa, pois houve um instante de hesitação; mas então um rugido encheu o salão, e as pessoas puseram-se a bater palmas de braços estendidos, sacudir o punho fechado, erguer a voz num clamor excitado. As traves do Zaal estremeceram, e de seus poleiros lá em cima na escuridão

um bando de pássaros que dormiam despertaram apavorados e bateram asas, provocando pequena precipitação de poeira.

#133

John Faa deixou o clamor prosseguir por um minuto, depois ergueu a mão pedindo silêncio.

-Vai levar algum tempo para organizar isso tudo. Quero que os chefes das famílias façam uma coleta e reúnam homens. Tornaremos a nos reunir daqui a três dias. Enquanto isso, vou conversar com a criança e com Farder Coram, e fazer um plano para expor a vocês. Boa noite para todos.

Sua presença forte, simples e imponente teve o poder de acalmar a multidão. As pessoas começaram a sair pelos grandes portões para o frio da noite, voltando para seus barcos ou indo encher os bares do pequeno povoado. Lyra perguntou a Mãe

Costa:

-Quem são os outros homens no tablado?

-Os chefes das seis famílias, e o outro homem é Farder Coram.

Era fácil entender o que ela queria dizer com "o outro homem", porque ele era o mais idoso ali. Caminhava com uma bengala e durante todo o tempo em que estivera sentado atrás de John Faa ele tremia como se tivesse febre.

-Venha, é melhor levar você para cumprimentar John Faa. Você deve chamá-lo de Lorde Faa. Não sei o que ele vai perguntar, mas trate de dizer a verdade.



Pantalaimon era um pardal agora, cheio de curiosidade, empoleirado no ombro de Lyra, as garras cravadas no casaco de pele de lobo, enquanto ela acompanhava Tony através da multidão até o tablado.

Ali chegando, Tony ergueu-a do chão e colocou-a em cima do tablado. Sabendo que todos ainda no salão estavam olhando para

ela, e consciente daqueles mil soberanos que de repente ela passara

a valer, Lyra ficou vermelha e hesitou. Pantalaimon saltou para o

colo dela e transformou-se num gato-do-mato, sibilando baixinho

enquanto olhava em volta com expressão vigilante.

Lyra sentiu um empurrão e caminhou na direção de John Faa. Ele era sério, enorme, inexpressivo, mais como uma coluna

#134

de pedra do que um homem, mas inclinou-se e estendeu a mão para ela apertar. Quando ela colocou a mão na dele, sua mãozinha

quase desapareceu.

-Seja bem-vinda, Lyra -disse ele.

De perto ela sentia a voz dele ressoar como a própria terra.

Teria ficado amedrontada se não fosse por Pantalaimon, e pelo fato de que a expressão pétrea de John Faa tinha se amenizado um pouco. Ele estava sendo delicado com ela.

-Obrigada, Lorde Faa -ela respondeu.

-Agora venha ao escritório e vamos ter uma conversa -

disse John Faa. -Estão alimentando você direito, os Costa?

-Ah, estão, sim. Comemos enguias no jantar.

-As verdadeiras enguias dos Pântanos, eu espero.

O escritório era um aposento confortável, com uma grande lareira acesa, prateleiras carregadas de prata e porcelana e uma mesa pesada escurecida pelos anos, tendo em volta doze cadeiras.

Os outros homens no tablado não estavam ali, mas o ancião trêmulo estava. John Faa ajudou-o a sentar-se.

-Agora você se sente aqui à minha direita -John Faa disse a Lyra.

Ele sentou-se à cabeceira, e Lyra encontrou-se em frente a Farder Coram. Sentia um pouco de medo do rosto encaveirado e do tremor contínuo dele. O daemon dele era uma linda gata com as cores do outono, enorme, que atravessou a mesa com andar elegante, de cauda erguida, e examinou Pantalaimon, encostando o focinho no dele antes de acomodar-se no colo de Farder Coram, entrecerrar os olhos, e pôr-se a ronronar baixinho.

Uma mulher que Lyra não tinha notado saiu das sombras com uma bandeja cheia de copos, colocou-a junto à John Faa, fez uma mesura e saiu. John Faa serviu pequenos cálices de aguardente de cereais de um frasco de pedra para si mesmo e para

Farder Coram, e vinho para Lyra.

-Quer dizer, Lyra, que você fugiu -disse John Faa.

#135

-Foi.

-E quem era a dama de quem você fugiu?

-O nome dela é Sra. Coulter. E eu achava que ela era boa, mas descobri que ela é dos Papões. Ouvi alguém dizendo o que os

Papões eram, eles eram chamados de Conselho Geral de Oblação,

e ela estava encarregada de tudo, era tudo idéia dela. E todos eles

estavam planejando uma coisa, sei lá o que era, só sei que iam me

fazer ajudar a pegar as crianças para ela. Mas eles não sabiam...

-O que eles não sabiam?

-Bom, primeiro não sabiam que eu conhecia umas crianças que eles roubaram. Meu amigo Roger que era ajudante da Cozinha da Jordan, e Billy Costa, e uma menina do Mercado Coberto em Oxford. E outra coisa... o meu tio, sabe, o Lorde Asriel, eu ouvi quando falaram das viagens dele para o Norte, e não acho que ele tenha alguma coisa a ver com os Papões.

Porque

eu espionei o Reitor e os Catedráticos da Jordan, sabe, me escondi

na Sala Privativa onde ninguém pode entrar além deles, e ouvi quando ele contou a todos sobre a expedição para o Norte, e o Pó que ele viu, e ele trouxe de volta a cabeça de Stanislaus Grumman, os tártaros tinham feito um buraco nela. E agora os Papões prenderam ele em algum lugar. Os ursos de armadura estão vigiando ele. E eu quero ir salvar ele.

Ali sentada, pequenina contra o encosto alto da cadeira entalhada, ela parecia feroz e decidida. Os dois anciãos não conseguiram reprimir um sorriso, mas, enquanto o sorriso de Farder Coram era uma expressão hesitante, rica e complicada que

tremulou pelo seu rosto como um raio de sol perseguindo sombras num dia ventoso de final de inverno, o sorriso de John Faa era lento, cálido, simples e bondoso.

-É melhor você nos contar o que ouviu seu tio dizer

naquela noite -pediu John Faa. -Não deixe nada de fora, está ouvindo? Conte-nos tudo.

#136

Lyra assim fez, mais devagar do que tinha contado aos Costa, porém com mais franqueza; tinha medo de John Faa, e o que mais temia nele era a bondade: Quando ela terminou, Farder Coram falou pela primeira vez. Tinha a voz rica e musical, com tantos tons quanto eram as cores do pêlo de seu daemon.

-Esse Pó, eles alguma vez usaram outro nome para ele, Lyra?

-Não, só Pó. A Sra. Coulter me contou o que era, partículas elementares, foi o que ela falou.

-E eles acham que fazendo alguma coisa com crianças eles vão conseguir descobrir mais sobre isso?

-É. Mas não sei o que é. Embora o meu tio... Esqueci de contar uma coisa. Quando ele estava mostrando os fotogramas, ele tinha um outro. Era a Orora...

-Era o quê? -interrompeu John Faa.

-A Aurora Boreal -disse Farder Coram. -Não é isso, Lyra?

-É isso aí. E nas luzes da tal Orora tinha feito uma cidade. Cheia de torres e igrejas e cúpulas e tal. Era um pouco como Oxford, pelo menos eu achei. E o tio Asriel, ele estava mais interessado nisso, eu acho, mas o Reitor e os outros Catedráticos estavam mais interessados no Pó, como a Sra. Coulter e o Lorde Boreal e eles.

-Entendo -disse Farder Coram. -Isso é muito interessante.

-Agora, Lyra, eu vou lhe contar uma coisa -disse John Faa. -Farder Coram, ele é um mago. Um vidente. Ele vem acompanhando tudo que está acontecendo com o Pó e os Papões e Lorde Asriel e tudo, e ele vem acompanhando você. Toda vez que os Costa iam para Oxford, ou meia-dúzia de outras famílias também, eles traziam algumas notícias. Sobre você, menina. Sabia disso?

#137

Lyra sacudiu a cabeça. Estava começando a ficar assustada. Pantalaimon estava rosnando baixo demais para alguém ouvir, mas ela sentia o rosnado dele nas pontas dos dedos enfiados nos pêlos dele.

-Ah, sim, tudo que você fazia vinha parar aqui nos ouvidos de Farder Coram.

Lyra não conseguiu se controlar:

-Nós não estragamos nada! Juro! Foi só um pouquinho de lama! E não fomos muito longe...

-De que é que está falando, menina? -perguntou John Faa.

Farder Coram riu. Quando ria, seu tremor cessava e seu rosto ficava jovem e brilhante.

Mas Lyra não estava rindo. Com lábios trêmulos ela disse:  
-E mesmo se a gente tivesse encontrado a rolha, não íamos retirar ela! Era só uma brincadeira. Não íamos afundar o barco, nunca!

Então John Faa pôs-se a rir também. Deu um tapa tão forte na mesa que os copos tilintaram, e seus ombros enormes estremeeceram, e ele teve que enxugar as lágrimas dos olhos.

Lyra

nunca vira uma coisa como aquela, nunca ouvira uma gargalhada

assim; era como uma montanha gargalhando.

-É, sim -ele disse, quando conseguiu falar. -Nós ouvimos essa história também, garotinha! Eu soube que depois disso os Costa não vão a lugar nenhum sem que escutem piadinhas. É melhor deixar um vigia no seu barco, Tony, dizem. Temos criancinhas ferozes por aqui! Ora, esse caso se espalhou por toda parte nos Pântanos, garota. Mas não vamos castigar você

por isso. Não, não! Fique tranqüila.

Ele olhou para Farder Coram, e os dois tornaram a rir, porém com menos estardalhaço. E Lyra sentiu-se bem e segura.

Finalmente John Faa sacudiu a cabeça e ficou de novo sério.

#138

-Eu estava dizendo, Lyra, que conhecemos você desde pequena. Desde bebê. Você devia saber o que nós sabemos. Não posso imaginar o que eles lhe contaram na Faculdade Jordan sobre de onde você veio, mas eles não conhecem toda a verdade. Alguma vez lhe contaram quem eram os seus pais?

Agora Lyra estava inteiramente atordoada.

-Contaram, sim -respondeu. -Disseram que eu era... disseram que eles... disseram que Lorde Asriel me levou para lá quando meu pai e minha mãe morreram num acidente de aeronave. Foi o que me disseram.

-Ah, foi? Bem, menina, vou lhe contar uma história, mas uma história real. Sei que é real porque uma gípcia me contou, e todos eles dizem a verdade a John Faa e Farder Coram. De modo

que é a verdade sobre você, Lyra. Seu pai não morreu num acidente de aeronave, porque seu pai é Lorde Asriel.

Lyra estava pasma. John Faa prosseguiu:

-Foi assim que aconteceu: quando era rapaz, Lorde Asriel saiu explorando todo o Norte e voltou com uma grande fortuna. E era um homem temperamental, que se zangava facilmente, um homem apaixonado. E sua mãe, ela também era apaixonada.

Não

tão bem-nascida quanto ele, mas uma mulher inteligente.

Estudiosa, e aqueles que a viam diziam que era muito bonita.

Ela e

seu pai se apaixonaram assim que se conheceram. O problema era que sua mãe já era casada. Tinha se casado com um político. Ele era membro do partido do Rei, um de seus assessores mais próximos. Um homem em ascensão.

Houve um silêncio breve, e John Faa continuou:

-Ora, quando sua mãe descobriu que estava grávida, teve medo de contar ao marido que a criança não era dele. E quando você nasceu, não era nada parecida com o marido dela, e sim com

o seu pai verdadeiro, e ela achou melhor esconder você e dizer que o bebê havia morrido. Então levaram você para Oxfordshire, onde o seu pai tinha propriedades, e a entregaram para uma mulher

#139

gípcia criar. Mas alguém contou tudo ao marido da sua mãe, e ele veio voando e destruiu a cabana onde a gípcia estivera, só que ela

havia fugido para a casa grande; e o marido enganado foi atrás, com

intenções assassinas. Seu pai estava caçando, mas ficou sabendo e

voltou a galope a tempo de encontrar o marido da sua mãe ao pé da

escada; mais um minuto e ele teria forçado a porta do armário onde

a gípcia estava escondida com você, mas Lorde Asriel o desafiou e

eles duelaram ali mesmo, e Lorde Asriel o matou. A mulher gípcia

ouviu e viu tudo, Lyra, e foi assim que soubemos.

John Faa suspirou e prosseguiu:

-A consequência foi um enorme processo judicial. Seu pai não é o tipo de homem de esconder ou negar a verdade, e isso

criou um problema para os juizes. Ele tinha matado, sim, derramara sangue, mas estava defendendo seu lar e sua filha de um

invasor. Por outro lado, a lei permite que um homem vingue a violação do seu casamento, e os advogados do morto alegaram que era isso que ele estava fazendo. O processo se arrastou durante

semanas, com horas de discussão. No fim, os juizes puniram Lorde Asriel confiscando todas as propriedades e as terras dele, deixando-o pobre; e ele tinha sido mais rico que um rei. Quanto à sua mãe, ela não quis saber de nada, nem de você. Deu as costas

a tudo isso. A gípcia me disse que muitas vezes ela teve medo pensando em como a sua mãe ia tratar você, porque era uma mulher orgulhosa e cheia de desprezo. Agora chega de falar dela.

Ele parou para respirar.

-E além disso havia você -continuou. -Se as coisas tivessem sido diferentes, Lyra, você poderia crescer como gípcia,

porque a gípcia implorou ao tribunal que deixassem você com ela;

mas nós, gípcios, somos pouco considerados pela lei. O tribunal decidiu que você seria colocada num Convento, e assim você foi para as Irmãs da Obediência em Watlington. Você não se lembra.

John Faa suspirou e continuou a falar:

#140

-Mas Lorde Asriel não permitiu isso. Ele odiava ábades, monges e freiras, e sendo um homem impulsivo, ele um dia apareceu e levou você embora de lá. Não para cuidar ele mesmo, nem para dar aos gípcios; levou você para a Faculdade Jordan e desafiou a lei a desfazer seu ato. Bem, a lei deixou as coisas por isso mesmo. Lorde Asriel voltou para as suas explorações, e você

cresceu na Faculdade Jordan. A única coisa que ele, seu pai, disse,

a única condição que impôs, foi que sua mãe não podia visitar você. Se alguma vez tentasse, teria que ser impedida, e ele teria que ser informado, porque toda a raiva que havia em sua natureza

tinha se voltado contra ela. O Reitor prometeu fazer isso. E o tempo passou. Então começou toda essa aflição por causa do Pó.

E no país inteiro, no mundo inteiro, magos e magas começaram também a se preocupar. Para nós, gípcios, isso não tinha a menor

importância, até que começaram a levar nossas crianças. Foi quando nos interessamos. E temos ligações em todo tipo de lugares que você nem imaginaria, inclusive na Faculdade Jordan.

Você não sabia, mas havia uma pessoa tomando conta de você e nos contando tudo desde que você foi para lá. Porque temos interesse em você, e aquela mulher que a criou, ela nunca deixou de se preocupar com você.

-Quem é que tomava conta de mim? -Lyra quis saber.

Sentia-se imensamente importante e estranhava que os seus atos preocupassem pessoas tão distantes.

-Era um criado da Cozinha. Bernie Johansen, o confeitiro. Ele é meio gípcio. Você não sabia disso, apostou.

Bernie era um homem bondoso, solitário, uma das raras pessoas que têm o daemon do mesmo sexo. Foi com Bernie que ela havia gritado em desespero quando Roger tinha sido levado. E Bernie contava tudo aos gípcios! Ela ficou impressionada.

John

Faa continuou:

-Bem, nós ouvimos dizer que você ia sair da Faculdade Jordan, e que nessa mesma ocasião Lorde Asriel estava preso e #141

não poderia impedir. E nos lembramos do que ele dissera ao Reitor para jamais fazer, e nos lembramos que o homem com quem sua mãe tinha se casado, o tal político que Lorde Asriel matou, chamava-se Edward Coulter.

-A Sra. Coulter... -fez Lyra, estupefata. -Ela não é a minha mãe, é?

-É, sim. E se o seu pai estivesse livre, ela jamais teria a ousadia de desafiá-lo, e você ainda estaria na Jordan sem saber de

nada. Mas o que o Reitor pretendia, deixando você ir embora, é um mistério que não consigo explicar. Ele estava encarregado de tomar conta de você. Só posso imaginar que ela tenha algum poder sobre ele.

Lyra entendeu de repente o curioso comportamento do Reitor na manhã da sua partida.

-Mas ele não queria... -ela começou, tentando lembrar-se exatamente. -Ele... ele mandou me chamar de manhã bem cedo, e eu não podia contar à Sra. Coulter... era como se ele quisesse me proteger da Sra. Coulter...

Ela se interrompeu e olhou atentamente para os dois homens; então resolveu contar-lhes toda a verdade sobre a Sala Privativa.

-Sabem, tem outra coisa. Naquela noite, que me escondi na Sala Privativa, vi o Reitor tentar envenenar Lorde Asriel. Vi quando ele colocou um pozinho no vinho, e eu contei ao tio e ele derrubou a garrafa da mesa e derramou o vinho. Quer dizer que eu salvei a vida dele. Nunca entendi por que o Reitor queria envenenar Lorde Asriel, que sempre foi tão bom. Então, na manhã em que fui embora, ele me chamou cedinho ao escritório, tive que ir escondido para que ninguém ficasse sabendo, e ele disse... -Lyra concentrou-se para tentar recordar exatamente o que o Reitor tinha dito, mas não adiantou. Ela sacudiu a cabeça.

-A única coisa que consegui entender foi que ele me deu uma #142

coisa que eu tinha que esconder dela, da Sra. Coulter. Acho que não tem importância contar para vocês...

Ela enfiou a mão no bolso do casaco de pele de lobo e tirou o embrulho de veludo. Colocou-o sobre a mesa e sentiu sobre

ele,

como um holofote, a curiosidade simples e sólida de John Faa e a inteligência cintilante de Farder Coram.

Quando ela desembrolhou o aletômetro, foi Farder Coram quem falou primeiro:

-Nunca pensei que ia tornar a ver um desses. É um leitor de símbolos. Ele lhe contou alguma coisa sobre isso, filha?

-Não. Só disse que eu ia ter que descobrir sozinha como fazer isso funcionar. E chamou de aletômetro.

-Que quer dizer isso? -John Faa perguntou, voltando-se para o companheiro.

-Acho que vem do grego alétheia, que quer dizer "verdade". É um medidor de verdade. E você descobriu como é que se usa? -perguntou à menina.

-Não. Pelo menos consigo fazer os três ponteiros menores apontar para figuras diferentes, mas não consigo controlar o ponteiro grande. Ele se mexe para toda parte. A não ser às vezes, é, sim, às vezes, quando estou bem concentrada, consigo fazer o ponteiro grande ir para um lado ou outro só pensando.

-Que é que ele faz, Farder Coram? E como é que se lê?

-John Faa perguntou.

Farder Coram segurou delicadamente o instrumento na direção do olhar forte de John Faa e disse:

-Todas essas figuras ao redor da borda são símbolos, e cada um deles significa uma série de coisas. A âncora, por exemplo: o primeiro significado dela é esperança, porque a esperança nos prende como uma âncora, de modo que agente não cede. O segundo significado é firmeza. O terceiro significado

é empecilho, ou prevenção. O quarto é o mar. E assim por diante com dez, doze, talvez uma série infinita de significados.

#143

-E você conhece todos?

-Conheço alguns, mas para ler tudo eu precisaria do livro.

Já vi o livro e sei onde ele está, mas não está comigo.

-Depois falaremos sobre isso; continue a explicar como se lê -pediu John Faa.

-Existem esses três ponteiros que podemos controlar, e são usados para fazermos uma pergunta. Apontando cada um para um símbolo, pode-se fazer qualquer pergunta, porque cada símbolo tem muitos níveis. Depois de feita a pergunta, o ponteiro

grande gira e aponta para outros símbolos, que darão a resposta.

-Mas como ele sabe em qual nível a gente está pensando quando faz a pergunta? -John Faa quis saber.

-Ah, ele sozinho não sabe. Só funciona se quem pergunta pensar nesses níveis. Primeiro é preciso conhecer todos os



significados, e deve haver mais de mil. Depois tem que conseguir manter os níveis na mente sem se impacientar, e ficar observando os movimentos do ponteiro grande. Quando ele tiver dado uma volta completa, a pessoa saberá qual é a resposta. Sei como isso funciona porque já vi um sábio em Uppsala mexendo com um desses, e foi a única vez que vi. Sabe que eles são raríssimos?

-O Reitor me disse que só seis foram fabricados -Lyra contou.

-Sejam quantos forem, são pouquíssimos.

-E você guardou segredo da Sra. Coulter, como o Reitor pediu? -John Faa perguntou.

-Guardei, sim. Mas o daemon dela, sabem, ele costumava entrar no meu quarto. E ele descobriu, eu tenho certeza.

-Entendo. Bem, Lyra, não sei se algum dia vamos chegar a compreender tudo, mas tenho um palpite, nada mais que isso: Lorde Asriel encarregou o Reitor de tomar conta de você e não deixar sua mãe chegar perto. E foi o que ele fez, por mais de dez anos. Então os amigos da Sra. Coulter na Igreja ajudaram sua mãe a criar esse tal de Conselho de Oblação, ainda não sabemos #144

com que intenção, e ela ficou tão poderosa quanto Lorde Asriel. Seus pais, os dois poderosos, os dois ambiciosos, e o Reitor da Jordan mantendo você equilibrada entre eles. Bom, o Reitor tem mil coisas para cuidar; sua primeira preocupação é a faculdade, de modo que se surgir uma ameaça, ele tem que agir contra ela. E a Igreja, ultimamente, Lyra, tem ficado mais autoritária. Criaram conselhos disso e daquilo; estão falando em reviver o

Ofício da Inquisição, Deus me livre. E o Reitor tem que pisar com cuidado entre todos esses poderes. Tem que manter a Faculdade Jordan nas graças da Igreja, se não ela não vai sobreviver.

Ele fez uma pausa curta e em seguida continuou:

-Outra preocupação do Reitor é você, minha filha. Bernie Johansen sempre foi muito claro sobre isso: o Reitor da Jordan e os outros Catedráticos amam você como se fosse filha. Fariam qualquer coisa para que você fique em segurança, não só porque prometeram a Lorde Asriel, mas por sua causa também. Então, se o Reitor entregou você à Sra. Coulter depois de prometer a Lorde Asriel que não faria isso, ele deve ter achado que você estaria mais segura com ela do que na Faculdade Jordan, apesar das

aparências. E quando ele resolveu envenenar Lorde Asriel, deve ter achado que as coisas que Lorde Asriel estava fazendo iam colocar todos eles em perigo, e talvez todos nós também; talvez o mundo

inteiro. Considero o Reitor um homem que tem que fazer escolhas terríveis; seja qual for a sua escolha, isso vai causar dano; mas, talvez, se ele fizer a coisa certa, o dano será um pouco menor do que se ele escolher de maneira errada. Deus me livre de ter que fazer esse tipo de escolha. E quando as coisas chegaram ao ponto de ter que deixar você partir, ele lhe deu o leitor de símbolos e pediu que você o guardasse. Fico me perguntando o que ele pretendia que você fizesse com o instrumento; como você não sabe fazer a coisa funcionar, fico sem entender o que ele estava querendo.

-Ele disse que tio Asriel deu o aletômetro de presente à Faculdade Jordan há muitos anos -Lyra contou, tentando #145

lembrar-se. -Ia dizer mais alguma coisa, mas bateram na porta, e ele teve que parar. O que eu achei foi que ele podia querer que eu escondesse o aletômetro de Lorde Asriel também.

-Ou ao contrário - interveio John Faa.

-Como assim, John? -quis saber Farder Coram.

-Ele podia estar pretendendo pedir a Lyra para devolver isto a Lorde Asriel, como uma espécie de recompensa por tentar envenená-lo. Pode ter achado que o perigo que Lorde Asriel representava tinha passado. Ou que Lorde Asriel conseguiria tirar

algum proveito deste instrumento e desistir da sua intenção. Se Lorde Asriel está preso agora, isso poderia ajudar a libertá-lo.

Bem,

Lyra, é melhor você guardar em segurança este leitor de símbolos.

Se conseguiu até agora, não me preocupo. Mas pode chegar a hora

de precisarmos consultá-lo, e então vamos pedi-lo a você.

Ele embrulhou o instrumento no veludo e deslizou-o por cima da mesa. Lyra queria fazer todo tipo de perguntas, mas de repente sentiu-se tímida diante daquele homenzarrão de olhos tão vivos e bondosos no rosto cheio de rugas.

Porém uma coisa ela precisava perguntar .

-Quem foi a mulher gípcia que me amamentou?

-Ora, foi a mãe de Billy Costa, é claro. Ela não iria contar a você porque eu não permiti, mas sabe qual é o assunto desta nossa conversa. Aliás, é melhor você voltar para ela agora. Tem muita coisa em que pensar, filha. Depois de passados três dias,

vamos ter outra reunião e discutir o que se há de fazer.

Comporte-se. Boa noite, Lyra.

-Boa noite, Lorde Faa. Boa noite, Farder Coram -ela disse educadamente, apertando o aletômetro contra o peito com uma das mãos e pegando Pantalaimon com a outra.

Ambos os anciãos sorriram-lhe com bondade. Do lado de fora do aposento, Mãe Costa estava à espera e, como se nada tivesse acontecido desde que Lyra nascera, a gípcia levantou-a em

seus braços enormes e beijou-a antes de levá-la para a cama.

#146

### FRUSTRAÇÃO

LYRA tinha que digerir aquela nova história da sua vida, e para isso precisava de tempo. Ver Lorde Asriel como seu pai era uma coisa, mas aceitar a Sra. Coulter como sua mãe não era assim tão fácil. Alguns meses antes, ela teria gostado, naturalmente, e sabendo disso também, ficava confusa.

Mas, sendo Lyra, não se preocupou muito tempo com isso, pois havia a cidade do Pântano para explorar e muitas crianças gípcias para impressionar. Antes de passado o prazo de três dias, ela

era especialista -pelo menos se considerava -em manejar a vara que impulsionava os barcos e tinha reunido um bando de crianças

com histórias de seu pai poderoso que fora preso injustamente.

-E então uma noite o Embaixador da Turquia foi convidado para jantar na Jordan. E ele tinha ordens do próprio Sultão para matar o meu pai, certo, e tinha no dedo um anel com uma pedra oca cheia de veneno. E quando chegou o vinho, ele esticou

o braço por cima da taça do papai e deixou o veneno cair dentro dela. Fez isso tão depressa que ninguém viu, mas...

-Que tipo de veneno? -quis saber uma menina de rosto magro.

#147

-Veneno de uma serpente turca muito especial, que eles atraem tocando flauta e depois jogam em cima uma esponja encharcada de mel; a serpente morde e não consegue livrar os dentes, eles

então tiram o veneno dela. De qualquer maneira, papai tinha visto

o que o turco fez e disse: "Senhores, quero fazer um brinde pela amizade entre a Faculdade Jordan e a Faculdade de Izmir" (que era

a faculdade do Embaixador turco). "E para mostrar nossa boa vontade de sermos amigos, vamos trocar de taças, cada um

bebendo

o vinho do outro." O embaixador ficou enalacrado, porque não podia recusar sem cometer uma ofensa mortal, e não podia beber porque sabia que o vinho estava envenenado. Ele ficou pálido e desmaiou ali mesmo. Quando voltou a si, eles estavam ainda todos

sentados, esperando e olhando para ele. E então ele teve que beber

o veneno ou então confessar tudo.

-Então que foi que ele fez?

-Ele bebeu. Levou cinco minutos para morrer, e sofreu o tempo todo.

-Você viu isso tudo acontecer?

-Não, porque meninas não têm permissão para se sentar na Mesa Principal. Mas vi o corpo dele, depois. A pele estava toda

enrugada, como uma maçã velha, e os olhos tinham saltado.

Tiveram que enfiar eles para dentro...

E assim por diante.

Enquanto isso, na periferia da região dos Pântanos, policiais batiam nas portas, revistavam porões e quintais, inspecionavam papéis e interrogavam todos que dissessem ter visto uma menininha loura. Em Oxford, a busca foi ainda mais severa: vasculharam

a Faculdade Jordan desde o mais empoeirado quarto de guardados até o porão mais escuro, e fizeram o mesmo com Gabriel e

St. Michael's, até que os reitores de todas as faculdades lançaram

um protesto coletivo invocando seus direitos. A única idéia que Lyra teve de que a procuravam era o incessante zumbido dos motores a gás das aeronaves cruzando o céu. Elas não eram visíveis

#148

porque as nuvens estavam baixas, e pelo regulamento as aeronaves

tinham que manter uma certa altura acima da região do Pântano, mas quem sabia que instrumentos de espionagem elas poderiam estar carregando? Era melhor ir se esconder quando ouvia os motores, ou usar uma capa cobrindo seus cabelos louros.

E ela interrogou Mãe Costa sobre cada detalhe da história do seu nascimento. Teceu esses detalhes formando uma tapeçaria

mental mais clara do que as histórias que tinha inventado, e revivia vezes sem conta a fuga do casebre, o esconderijo no armário, o desafio, o choque de espadas...

-Espadas? Meu Deus, garota, você está sonhando? -

perguntOU Mãe Costa. -O Sr. Coulter tinha uma pistola, e Lorde Asriel tirou-a da mão dele e derrubou-o com um só soco. Depois houve dois tiros. Não sei como você não se lembra; devia lembrar, embora fosse pequena. O primeiro tiro foi de Edward Coulter, que pegou a arma e disparou, e o segundo foi de Lorde Asriel, que tornou a arrancar a arma do outro e apontou para ele. Atirou bem no meio dos olhos dele, espalhando os miolos. Então, com a maior calma, ele disse: "Pode sair, Sra. Costa, e traga o bebê", porque você estava berrando tanto, você e esse daemon; ele pegou você, brincou com você e carregou você nos ombros de um lado para o outro, com ótimo humor, com o morto estendido ali, e me pediu para trazer vinho e para limpar o chão. No final da quarta repetição, Lyra estava firmemente convencida de que se lembrava de tudo, e até mesmo ofereceu detalhes da cor do casaco do Sr. Coulter e dos mantos e das peles penduradas no armário. Mãe Costa riu. E sempre que estava sozinha Lyra pegava o aletômetro e ficava contemplando-o como se fosse o retrato de um namorado. Então cada imagem tinha vários significados? Por que ela não conseguiria entender todos eles? Afinal, não era filha de Lorde Asriel? Lembrando-se do que Farder Coram tinha dito, ela tentou focalizar a mente em três símbolos escolhidos ao acaso e moveu #149 os ponteiros para cada um deles. Descobriu que, se segurasse o aletômetro de uma certa maneira na palma das mãos e olhasse para ele de um jeito especial, meio preguiçoso (como ela chamava), o ponteiro maior começava a se movimentar. Em vez de passear pelo mostrador, ele ia de uma figura para outra. De vez em quando, parava em três delas, às vezes em duas, às vezes em cinco ou mais, e embora ela nada compreendesse, aquilo lhe dava uma calma agradável e profunda, diferente de tudo que ela conhecia. Pantalaimon ficava debruçado sobre o mostrador, às vezes em forma de gato, às vezes de rato, acompanhando o ponteiro grande com a cabeça; e, uma ou duas vezes, os dois compartilharam um vislumbre de significado que parecia como um raio de sol que tivesse atravessado as nuvens para iluminar uma majestosa silhueta de grandes montes à distância -alguma coisa muito além e jamais suspeitada. E Lyra sentia, nessas ocasiões, o mesmo arrepio que sentira durante toda a sua vida ao ouvir a palavra Norte.

Assim se passaram os três dias, com muitas idas e vindas entre a grande quantidade de barcos e o Zaal. E então chegou a noite da segunda reunião do Encontro. O salão estava mais cheio do que antes, se isto fosse possível. Lyra e os Costa chegaram a tempo de se sentar na frente, e assim que as luzes trêmulas mostraram que o salão estava repleto, John Faa e Farder Coram apareceram na plataforma e se sentaram atrás da mesa. John Faa não precisou pedir silêncio; apenas colocou as mãos enormes sobre a mesa e olhou para a platéia, e o burburinho cessou. Ele então falou:

-Bom, vocês fizeram o que eu pedi, e melhor do que eu esperava. Agora vou chamar os chefes das seis famílias para subirem aqui, entregar seu ouro e oferecer suas possibilidades. Nicholas Rokeby, você vem primeiro.

Um homenzarrão de barbas pretas subiu para a plataforma e colocou sobre a mesa uma pesada sacola de couro.

#150

-Este é o nosso ouro, e nós oferecemos 38 homens.

-Obrigado, Nicholas -disse John Faa.

Farder Coram estava tomando notas. O primeiro homem ficou parado nos fundos da plataforma enquanto John Faa chamava o seguinte, e o seguinte; e cada um deles subia, colocava

uma sacola na mesa e anunciava o número de homens que tinha para oferecer. Os Costa faziam parte da família Stefanski, e naturalmente Tony tinha sido um dos primeiros a se oferecer como voluntário. Lyra percebeu o daemon-falcão dele mexendo de uma pata para outra e estendendo as asas enquanto o ouro dos Stefanski e 23 homens eram oferecidos a John Faa.

Depois que os chefes das seis famílias tinham sido chamados, Farder Coram mostrou suas anotações a John Faa, que ficou de pé para dirigir-se outra vez à assistência.

-Amigos, conseguimos 107 homens. Agradeço a todos com muito orgulho. Quanto ao ouro, não duvido, pelo peso, que todos

vocês raspam seus cofres, e meus agradecimentos são também por

isso. O que vamos fazer é o seguinte: vamos arrendar um navio e

velejar para o Norte, encontrar as crianças e libertar todas elas. Pelo

que sabemos, pode haver luta. Não será a primeira nem a última vez

que lutamos, mas nunca tivemos que lutar com pessoas que roubam

crianças, e vamos precisar ter uma esperteza fora do comum.

Mas

não vamos voltar sem as nossas crianças. Sim, Dirk Vries?

Um homem levantou-se e perguntou:

-Lorde Faa, o senhor sabe por que levaram nossos filhos?

-Ouvimos dizer que é um assunto teológico. Estão fazendo uma experiência, mas não sabemos qual. Para dizer a verdade a vocês, nem sequer sabemos se o que estão fazendo com

elas é bom ou ruim. Mas, seja como for, eles não têm o direito de aparecer de noite e roubar criancinhas de suas casas. Sim, Raymond van Gerrit?

O homem que tinha falado na primeira reunião levantou-se e disse:

#151

-Essa criança, Lorde Faa, essa que o senhor disse que estava sendo procurada, essa que está agora sentada na primeira fila. Ouvi dizer que as casas de todas as pessoas na beira dos Pântanos estão sendo revistadas e reviradas de cabeça para baixo por causa dela. Ouvi dizer que hoje mesmo estão votando no Parlamento para acabar com nossos privilégios tradicionais por causa desta criança. Sim, amigos -ele continuou, acima dos cochichos que surgiram. -Eles vão passar uma lei acabando com o nosso direito de liberdade de movimentos dentro e fora dos Pântanos. Agora, Lorde Faa, o que queremos saber é o seguinte: quem é esta criança que pode fazer isso conosco? Ela não é gípcia,

pelo que ouvi dizer. Como é que uma menina andarilha pode colocar todos nós em perigo?

Lyra ergueu os olhos para John Faa. Seu coração batia com tanta força que ela mal conseguiu ouvir as primeiras palavras da resposta dele.

-Ora, fale claramente, Raymond, não seja tímido -ele disse. -Quer que agente entregue a criança para os perseguidores dela, é isso?

O homem ficou em silêncio, de cara feia.

-Bom, pode ser que sim, pode ser que não -John Faa continuou. -Mas se algum homem ou alguma mulher precisa de uma razão para fazer o bem, que pense nisso: essa menininha é nada menos que a filha de Lorde Asriel. Para os que esqueceram,

foi Lorde Asriel quem intercedeu com os turcos pela vida de Sam

Broekman. Foi Lorde Asriel quem permitiu aos barcos gípcios passagem livre nos canais dentro das suas propriedades. Foi Lorde

Asriel quem derrotou a Lei dos Cursos d' Agua no Parlamento, para grande benefício nosso. E foi Lorde Asriel quem lutou noite

e dia nas enchentes de 53 e mergulhou de cabeça na água duas vezes para salvar o jovem Ruud e Nellie Koopman. Esqueceram-se disso? Que vergonha, que vergonha. E agora esse mesmo Lorde Asriel está preso nas regiões mais frias, distantes e escuras, na #152 fortaleza de Svalbard. Preciso dizer a vocês o tipo de criaturas que estão vigiando ele lá? E esta é a filhinha dele que nós estamos cuidando, e Raymond van Gerrit ia entregá-la para as autoridades em troca de um pouco de paz. É verdade, Raymond? Fique de pé e responda, homem! Mas Raymond van Gerrit estava afundado no assento e não se levantou. Um sussurro baixo de desaprovação percorreu o grande salão, e Lyra sentiu a vergonha que ele devia estar sentindo, assim como uma onda de orgulho por seu corajoso pai. John Faa virou-se e olhou para os outros homens na plataforma. -Nicholas Rokeby, você vai ficar encarregado de encontrar um navio e vai ser o comandante dele quando partirmos. Adam Stefanski, quero que se encarregue das armas e munições, e comande a batalha. Roger van Poppel, você cuida de todos os outros suprimentos, da comida até as roupas para frio. Simon Hartmann, você vai ser o tesoureiro e vai prestar contas a todos nós do emprego do nosso ouro. Benjamin de Ruyter, quero que se encarregue da espionagem; há muita coisa que precisamos saber, e vou colocar você encarregado disso, e vai fazer seus relatórios a Farder Coram. Michael Canzona, você vai ficar responsável por coordenar o trabalho dos quatro primeiros, e vai fazer os relatórios para mim, e se eu morrer, você ficará no meu lugar. Bem, já fiz as disposições de acordo com o nosso costume, e se qualquer homem ou mulher discordar, pode dizer isso com toda liberdade. Depois de um momento, uma mulher se levantou. -Lorde Faa, não vai levar mulheres nessa expedição para tomar conta das crianças depois que as encontrar? -Não, Nell. Vamos ter pouco espaço. As crianças que libertarmos vão estar melhores conosco do que lá onde estão agora. -Mas se descobrir que não vai poder soltar as crianças sem



algumas mulheres disfarçadas de guardas, de criadas ou de sei lá o que.

#153

-Bom, eu não tinha pensado nisso -John Faa confessou.

-Prometo que vamos pensar nisso com muito cuidado quando formos para o escritório.

Ela se sentou, e um homem ficou de pé.

-Lorde Faa, ouvi o senhor dizer que Lorde Asriel está no cativeiro. Faz parte do nosso plano libertar Lorde Asriel?

Porque,

caso faça, e se ele estiver em poder daqueles ursos como eu acho que o senhor disse, vamos precisar de mais do que 107 homens.

E por mais que Lorde Asriel seja nosso amigo, não sei se temos o

dever de fazer isso.

-Adriaan Braks, você não está enganado. O que eu tinha em mente era ficarmos de olhos e ouvidos abertos e vermos o

que

podemos descobrir enquanto estivermos no Norte. Pode ser que a gente possa fazer alguma coisa para ajudá-lo, e pode ser que

não,

mas pode confiar em mim: não vamos usar o que vocês nos deram, homens ou ouro, para qualquer coisa além de

encontrarmos e trazermos para casa as nossas crianças.

Outra mulher levantou-se.

-Lorde Faa, não sabemos o que esses Papões podem estar fazendo com os nossos filhos. Todos nós ouvimos boatos e histórias horríveis. Falam em crianças sem cabeças, ou crianças cortadas ao meio e depois costuradas, e outras coisas horríveis demais para dizer. Fico muito triste de ter que falar nisso, mas todos nós escutamos esse tipo de coisa e quero que tudo seja esclarecido. Agora, caso o senhor encontre esse tipo de coisa, Lorde Faa, espero que sua vingança seja total. Espero que não vá

deixar essas idéias de piedade e bondade impedirem que sua mão

ataque com toda força, dando um golpe poderoso no coração dessa maldade infernal. Tenho certeza de que todas as mães que tiveram um filho levado pelos Papões concordam comigo.

Houve um ruidoso murmúrio de concordância, e ela se sentou. Em todo o Zaal as pessoas faziam gestos de concordância.

John Faa esperou que se fizesse silêncio, então disse:

#154

-Nada vai segurar minha mão, Margaret, se não for uma questão de estratégia. Se eu não atacar no Norte, vai ser para

poder

atacar com mais força no Sul. Atacar cedo demais é tão ruim quanto atacar o lugar errado. É claro que há um sentimento muito forte no que você diz. Mas, se seguirem esse sentimento, amigos, estarão fazendo aquilo que eu sempre aconselhei a não fazer: estarão colocando a satisfação dos seus sentimentos acima do trabalho que têm a fazer. Nosso trabalho agora é primeiro o salvamento, depois o castigo. Não é agradar a ninguém. Nossos sentimentos não têm importância. Se salvarmos as crianças e não

castigarmos os Papões, fizemos a coisa mais importante. Mas se pretendemos castigar os Papões primeiro e assim perdermos a chance de salvar as crianças, vai ser um fracasso.

John Faa ficou um instante em silêncio.

-Mas de uma coisa você pode ter certeza, Margaret - prosseguiu. -Quando chegar a hora de castigar, vamos lhes dar um golpe tamanho que eles vão se acovardar. Vamos tirar a força

deles. Vamos deixar todos eles arruinados e liquidados, partidos em mil pedaços e espalhados aos quatro ventos. O meu próprio martelo está sedento de sangue, amigos. Ele não sente o gosto de sangue desde que eu matei o campeão tártaro nas estepes do Casaquistão; ele está sonhando, pendurado lá no meu barco; mas está sentindo cheiro de sangue no vento que vem do Norte.

Ontem à noite, ele falou comigo e contou sua sede, e eu disse: logo, logo. Margaret, você pode se preocupar com mil coisas, mas

não se preocupe com que o coração de John Faa esteja mole demais para lutar quando chegar a hora. É quem vai dizer quando

a hora chegar vai ser o raciocínio, não os sentimentos. Alguém mais quer dizer alguma coisa?

Ninguém quis, e John Faa pegou a sineta de encerramento e tocou-a com força, balançando-a num grande arco, produzindo sons que enchiam o salão e subiam até as vigas.

#155

John Faa e os outros homens na plataforma foram para o escritório. Lyra ficou um pouquinho decepcionada: não iam querê-la com eles lá dentro? Mas Tony riu.

-Eles têm que fazer planos -explicou. -Você já fez sua parte, Lyra. Agora é por conta de John Faa e do conselho.

-Mas ainda não fiz nada! -Lyra protestou, enquanto seguia os outros relutantemente para fora do Salão, descendo a rua calçada

de pedras na direção do ancoradouro. -Só o que fiz foi fugir da Sra. Coulter! Este foi só o começo. Quero ir para o Norte!

-Vamos fazer o seguinte: eu lhe trago um dente de

leão-marinho, está bem? -disse Tony.

Lyra fechou a cara. Quanto a Pantalaimon, ele estava ocupado fazendo caretas para o daemon de Tony, que, desdenhoso, fechou os olhos castanhos. Lyra chegou ao ancoradouro

e ficou com seus novos amigos, sacudindo lamparinas penduradas em fios sobre a água escura para atrair os peixes de olhos

esbugalhados que vinham nadando devagar, arriscando-se a serem espetados pelas crianças, coisa que nunca acontecia.

Mas os pensamentos dela estavam com John Faa e a conferência no escritório, e não demorou muito antes que ela subisse outra vez a rua até o Zaal. Havia luz na janela do escritório. A janela era alta demais para que Lyra enxergasse o outro lado, mas

ela conseguiu ouvir o som de vozes lá dentro.

Então foi até a porta e bateu com firmeza cinco vezes. As vozes se calaram, uma cadeira foi arrastada e a porta se abriu, derramando uma cálida luz de nafta sobre o degrau úmido.

-Sim? - fez o homem que abriu a porta.

Atrás dele, Lyra via os outros homens em volta da mesa, com sacolas de ouro, papéis e canetas, cálices e um frasco de genebra.

-Quero ir para o Norte -Lyra falou para que todos ouvissem. -Quero ir ajudar a salvar as crianças. Era o que eu pretendia fazer quando fugi da Sra. Coulter. E até antes, eu #156

pretendia salvar meu amigo Roger, o ajudante de Cozinha da Jordan que foi raptado. Quero ir e ajudar. Sei fazer navegação e posso fazer as leituras anbaromagnéticas da Aurora, e sei quais as

partes comestíveis de um urso, e todo tipo de coisas úteis. Vocês vão se arrepender se chegarem lá e descobrirem que iam precisar de mim e tinham me deixado para trás. E como aquela mulher disse, podem precisar de mulher para fazer um papel, e, ora, podem precisar de crianças também. Vocês não sabem. Portanto, deviam me levar, Lorde Faa, desculpe interromper sua reunião. Ela já estava dentro da sala com todos os homens e seus daemonsolhando para ela, alguns achando divertido e outros com

irritação, mas ela só tinha olhos para John Faa. Pantalaimon estava no colo dela, e seus olhos verdes de gato-do-mato soltavam

faíscas. John Faa disse:

-Lyra, é impossível levarmos você para o perigo, de modo que trate de não se iludir, minha filha. Fique aqui, ajude a Mãe Costa e mantenha-se em segurança. É o que você tem que fazer.

-Mas estou aprendendo a ler o aletômetro, também. Está ficando mais claro a cada dia! Vocês vão precisar disso, vão sim!

Ele sacudiu a cabeça.

-Não. Sei que seu coração estava decidido a ir para o Norte, mas acho que nem a Sra. Coulter ia levar você. Se quer ver o Norte, vai ter que esperar todos esses problemas terminarem. Agora vá. Pantalaimon ciciou baixinho, mas o daemon de John Faa voou das costas da cadeira dele e avançou para os dois com suas asas negras, sem ameaçar, mas como um lembrete de boas maneiras. Lyra girou nos calcanhares, e a ave, que planava sobre sua cabeça, voltou para junto de John Faa. A porta fechou-se atrás

da menina com um estalo ruidoso.

-Nós vamos, sim! -ela disse a Pantalaimon. -Eles que tentem nos impedir. Nós vamos !

#157

Os ESPIÕES

DURANTE os dias seguintes, Lyra inventou uma dúzia de planos e descartou todos eles com impaciência, pois no fundo todos consistiam em ir como clandestina, e como alguém poderia esconder-se num barco pequeno? Naturalmente a viagem em si seria feita num navio de verdade, e ela conhecia histórias suficientes para imaginar que num navio havia muitos esconderijos:

nos porões, ou até nos escaleres, fosse lá o que fosse isso; mas primeiro ela teria que chegar até o navio, e o percurso dos Pântanos até o navio seria feito à moda gípcia.

E mesmo se ela conseguisse chegar sozinha à costa, podia acabar escondida no navio errado. E seria mesmo uma gracinha esconder-se num navio e acordar a caminho do Alto Brasil...

Enquanto isso, à volta dela o trabalho hercúleo de preparar a expedição continuava noite e dia. Ela ficou por perto de Adam Stefanski, observando enquanto ele escolhia os voluntários para a força de guerra. Encheu Roger van Poppel de sugestões sobre os suprimentos que seriam necessários: ele tinha se lembrado dos

óculos de neve? E por acaso conhecia o melhor lugar para encontrar mapas da Região Ártica?

#158

o homem que ela mais queria ajudar era Benjamin de Ruyter, o espião. Mas ele tinha partido na madrugada seguinte ao segundo Encontro, e naturalmente ninguém sabia informar para onde ele tinha ido ou quando voltaria. Assim, Lyra grudouse a Farder Coram.

-Acho que seria melhor aceitar minha ajuda, Farder  
Coram, porque eu provavelmente sei mais coisas sobre os  
Papões

do que qualquer outra pessoa, pois eu quase fui um deles.  
Provavelmente o senhor vai precisar de mim para ajudar a  
decifrar

as mensagens do Sr. de Ruyter.

Ele ficava com pena da menina corajosa e desesperada e não  
a mandava embora; em vez disso conversava com ela e escutava  
as lembranças dela de Oxford e da Sra. Coulter, e ficava  
observando enquanto ela lia o aletômetro.

-Onde está o tal livro que tem todos os símbolos? -ela  
lhe perguntou um dia.

-Em Heidelberg -ele informou.

-E só existe esse?

-Pode haver outros, mas esse é o único que eu já vi.

-Aposto que tem um na Biblioteca Bodley's em Oxford.

Ela mal conseguia tirar os olhos do daemon de Farder  
Coram, que era o mais bonito que ela já vira. Quando  
Pantalaimon era gato, ele era magro, maltratado e bravo, mas  
Sophonax,

que era o nome dele, tinha olhos dourados e era  
indescritivelmente elegante, duas vezes maior do que um gato  
de verdade e com

uma pelagem maravilhosa. Quando a luz do sol o tocava,  
iluminava mais tons de castanho-marrom-bege-areia-dourado do  
que

Lyra conseguiria distinguir. Sua vontade de tocar naquela pele,  
esfregar o rosto nela, era enorme, mas naturalmente nunca fez  
isso, pois a maior grosseria imaginável era tocar no daemon de  
outra pessoa. Os daemons podiam tocar-se uns aos outros,  
naturalmente, ou brigar; mas a proibição contra o contato gentedaemon  
era tão séria que nem mesmo na batalha

um guerreiro tocava

#159

no daemon do inimigo. Era proibido. Lyra não se lembrava de  
ter

ouvido isso de alguém, mas sabia instintivamente, como sabia  
que vomitar era ruim, e o conforto era bom. Assim, embora  
admirasse a pelagem de Sophonax e até mesmo especulasse  
como

ele seria, nunca fez a menor menção de tocá-lo, e nunca faria.

Sophonax era tão esguio e cheio de saúde quanto Farder  
Coram era velho e fraco. Talvez por doença, ou por ter sofrido  
um grande golpe, o fato era que ele não conseguia caminhar sem  
se apoiar em duas bengalas, e tremia constantemente, como uma  
folha ao vento. Porém tinha a mente clara, aguçada e poderosa,

e depressa conquistou Lyra com seu conhecimento das coisas e a

firmeza com que a instruía.

-O que significa esta ampulheta, Farder Coram? -ela perguntou, debruçada sobre o aletômetro, numa manhã ensolarada no barco dele. -Ela está sempre voltando para lá.

-Costuma haver uma pista, se você olhar com atenção.

Que é essa coisinha em cima dela?

Ela franziu os olhos para olhar.

-É uma caveira!

-Então que é que você acha que isso significa?

-A morte... Isso é a morte?

-Isso mesmo. De modo que nos significados da ampulheta está a morte. Aliás, depois da passagem do tempo, que é o primeiro, vem a morte em segundo lugar.

-Sabe uma coisa que eu percebi, Farder Coram? O ponteiro pára em cima dela na segunda volta! Na primeira volta, ele só estremece, e na segunda ele pára. Isso quer dizer que é o segundo significado?

-Provavelmente. Que é que você está perguntando, Lyra?

-Eu estou pensando... -Ela se interrompeu, surpresa ao descobrir que estava mesmo fazendo uma pergunta sem perceber .

-Eu só juntei três figuras porque... Eu estava pensando no Sr.

#160

de Ruyter, entende... e juntei a serpente, o cadinho e a colmeia, para perguntar como ele está indo com a sua espionagem, e...

-Por que escolheu esses três símbolos?

-Porque eu achei que a serpente era esperta, como um espião tem que ser, e o cadinho podia significar conhecimento, uma coisa que é destilada, e a colmeia era o trabalho, porque as abelhas estão sempre trabalhando; então, do trabalho e da esperteza vem o conhecimento, entende, que é a missão do espião;

apontei para os três e pensei na pergunta, e o ponteiro parou na morte... Acha que isto está mesmo funcionando, Farder Coram?

-Está funcionando, sim, Lyra. O que não sabemos é se estamos lendo direito. Isto é uma arte muito sutil. Será que...

Antes que ele pudesse terminar a frase, bateram na porta, e um jovem gípcio entrou.

-Com licença, Farder Coram, Jacob Huismans acabou de voltar, e ele está muito ferido.

-Ele estava com Benjamin de Ruyter -disse Farder

Coram. -Que foi que aconteceu?

-Ele não quer falar -disse o rapaz. -É melhor vir logo, Farder Coram, porque ele não vai durar muito, está sangrando por dentro.

Farder Coram e Lyra trocaram um olhar assustado e perplexo, mas só por um segundo; Farder Coram saiu caminhando, apoiado em suas bengalas, com a maior velocidade possível, seu daemon andando na frente. Lyra foi também, saltando de impaciência.

O rapaz levou-os até um barco atracado, onde uma mulher com um avental de flanela vermelha abriu a porta para eles. Vendo o olhar de suspeita que ela lançou a Lyra, Farder Coram disse:

-É importante que a menina escute o que Jacob tem a dizer, senhora.

#161

Então a mulher deixou-os entrar e ficou para trás, com seu daemon-esquilo empoleirado no relógio de madeira. Numa cama,

sob uma colcha de retalhos, estava deitado um homem com o rosto branco coberto de suor e os olhos embaçados.

-Já mandei vir o médico, Farder Coram -disse a mulher com voz trêmula. -Por favor não deixe ele ficar agitado. Está sofrendo muito de dor. Ele chegou no barco de Peter Hawker há poucos minutos.

-Onde está Peter?

-Está atracado. Foi ele que disse que eu tinha que chamar o senhor .

-Está certo. Agora, Jacob, está me ouvindo?

Jacob girou os olhos para olhar para Farder Coram sentado na cama oposta, a meio metro dele.

-Olá, Farder Coram -murmurou.

Lyra olhou para o daemon dele. Era uma fuinha, deitada imóvel junto à cabeça dele, enrodilhada mas não adormecida, pois tinha os olhos abertos e embaçados como os dele.

-Que foi que aconteceu? -Farder Coram perguntou.

-Benjamin está morto -foi a resposta. -Está morto, e Gerard foi preso.

Tinha a voz rouca e a respiração difícil. Quando parou de falar, seu daemon desenrodilhou-se dolorosamente e lambeu a face dele; retirando forças desse gesto, ele continuou:

-Estávamos entrando no Ministério da Teologia, porque Benjamin tinha ouvido, de um dos Papões que aprisionamos, que

o quartel-general era lá e que era de lá que saíam todas as ordens...

Ele tornou a silenciar .

-Vocês capturaram Papões? -perguntou Farder Coram.

Jacob assentiu e olhou para seu daemon. Era incomum os daemons falarem com outros humanos além dos seus, mas às vezes

acontecía, e nessa ocasião ele falou:

#162

-Pegamos três Papões em Clerkenwell e os obrigamos a nos contarem para quem estavam trabalhando e de onde vinham as ordens, coisas assim. Eles não sabiam para onde estavam levando as crianças, a não ser que era para o Norte, para a Lapônia...

Ela teve que parar, ofegante, o pequeno peito arfando, e descansar um pouquinho, antes de conseguir continuar.

-E então os Papões nos falaram do Ministério da Teologia e de Lorde Boreal. Benjamin disse que ele e Gerard Hook deviam

entrar no Ministério, e Frans Broekman e Tom Mendham deviam ir descobrir mais sobre Lorde Boreal.

-Eles conseguiram?

-Não sabemos. Eles não voltaram. Farder Coram, parecia que tudo que fazíamos eles ficavam sabendo antes, e pelo que sabemos, Frans e Tom foram engolidos vivos assim que chegaram

perto de Lorde Boreal.

-Vamos voltar a Benjamin -disse Farder Coram, percebendo a respiração de Jacob se tornar cada vez mais ofegante

e vendo seus olhos fecharem-se de dor.

O daemon de Jacob soltou um pequeno miado de preocupação e amor, e a mulher aproximou-se alguns passos, com as mãos junto à boca; mas não falou, e o daemon continuou em voz fraca:

-Benjamin, Gerard e nós fomos para o Ministério em White Hall e descobrimos uma portinha lateral que não estava muito vigiada. Ficamos de vigia do lado de fora enquanto eles abriam a fechadura e entravam. Não havia se passado um minuto

quando ouvimos um grito de medo e o daemon de Benjamin veio

voando, fez um gesto nos chamando e tornou a entrar, e nós pegamos nossa faca e corremos atrás dele; só que o lugar estava escuro, cheio de formas e sons que nos confundiam com seus movimentos horríveis; tentamos lutar, mas houve uma confusão mais em cima, e um grito, e Benjamin com seu daemon caíram

#163

de uma escadaria alta, o daemon tentando segurá-lo em vão, pois

eles se esborracharam no chão de pedra e morreram. Não conseguíamos saber de Gerard, mas ouvimos a voz dele soltando um

urro lá em cima, e ficamos aterrorizados e confusos demais para



fazer alguma coisa, e então uma flecha nos atingiu no ombro e penetrou profundamente...

A voz do daemon estava mais débil, e do homem ferido veio o som de um gemido. Farder Coram inclinou-se e com delicadeza

puxou a colcha, e ali, saindo do ombro do ferido, havia aponta cheia de plumas de uma flecha, numa massa de sangue coagulado.

O resto da flecha estava tão enterrado no peito do pobre homem que só aqueles dez centímetros ficavam fora da pele. Lyra sentiu uma vertigem.

Houve um ruído de passos e vozes lá fora, no ancoradouro.

Farder Coram endireitou-se.

-Chegou o médico, Jacob. Vamos sair agora. Quando você estiver se sentindo melhor, conversaremos com mais calma.

A caminho da porta, ele colocou a mão sobre o ombro da mulher. No ancoradouro, Lyra ficou perto dele, porque já havia um ajuntamento de pessoas cochichando e apontando. Farder Coram deu ordem a Peter Hawker para ir imediatamente chamar John Faa, depois disse:

-Lyra, assim que soubermos se Jacob vai viver ou morrer precisamos ter outra conversa sobre aquele aletômetro. Vá se ocupar

em outro lugar, minha filha; nós mandaremos chamá-la.

Lyra afastou-se sozinha e foi sentar-se na margem cheia de vegetação, pondo-se a jogar lama dentro da água. Sabia de uma coisa: não estava feliz ou orgulhosa por conseguir ler o aletômetro

-estava com medo. Fosse qual fosse o poder que fazia aquele ponteiro andar e parar, ele sabia coisas, como um ser inteligente.

-Acho que é um espírito -disse ela, e por um instante ficou tentada a jogar o pequeno instrumento no meio do pântano.

#164

-Eu veria o espírito, se houvesse um aí dentro -disse Pantalaimon. -Como o fantasma velho em Godstow. Eu vi, e você não.

-Existe mais de um tipo de espírito -disse Lyra em tom de reprovação. -Você não consegue ver todos. De qualquer maneira, e aqueles Catedráticos mortos sem cabeça? Eu vi, lembra-se?

-Aquilo foi só um pesadelo.

-Não foi, não. Eram espíritos, mesmo, e você sabe disso.

Mas seja qual for o espírito que está movendo esse maldito ponteiro, não é daquele tipo de espírito.

-Pode não ser um espírito -teimou Pantalaimon.

-Que mais poderia ser?

-Poderia ser... Poderiam ser partículas elementares.

Ela soltou uma risadinha de desprezo.

-Poderiam, sim -ele insistiu. -Lembra-se daquela ventoinha movida a luz que eles têm na Gabriel? Então?

Na Faculdade Gabriel, havia um objeto muito sagrado que ficava guardado no altar principal do Oratório, coberto (agora Lyra pensava nisso) com um pano de veludo preto, como o que embrulhava o aletômetro. Ela o tinha visto quando acompanhou o Bibliotecário da Jordan num culto religioso. No auge da cerimônia, o Intercessor levantou o pano e revelou na penumbra um domo de vidro; dentro dele havia alguma coisa distante demais para ser vista, até que ele puxou um cordão preso a uma persiana lá em cima, deixando um raio de sol cair exatamente sobre o domo. Então ficou claro o que era: uma coisinha como uma ventoinha, com quatro pás pretas de um lado e brancas do outro, que começaram a girar quando a luz bateu nela. O Intercessor disse então que aquilo ilustrava uma lição moral, pois

o negror da ignorância fugia da luz, ao passo que a alvura da sabedoria era atraída por ela. Lyra acreditou naquilo; de qualquer

maneira, fosse qual fosse o significado, as pequenas pás giratórias

#165

eram lindas; o movimento era impulsionado pela força dos fótons, disse o Bibliotecário enquanto voltavam para a Jordan. Então talvez Pantalaimon tivesse razão. Se as partículas elementares conseguiam fazer girar uma ventoinha, sem dúvida podiam mover um ponteiro com muito mais facilidade; mas isso ainda a preocupava.

-Lyra! Lyra!

Era Tony Costa, acenando para ela do ancoradouro.

-Venha até aqui -ele chamou. -Você tem que ir falar com John Faa no Zaal. Depressa, garota, é urgente!

Ela encontrou John Faa com Farder Coram e os outros chefes, parecendo preocupados. John Faa falou:

-Lyra, minha filha, Farder Coram me contou sobre a sua leitura daquele instrumento. E lamento dizer que o coitado do Jacob acaba de morrer. Acho que vamos ter que levar você conosco afinal, contra a minha vontade. Estou muito preocupado com isso, mas parece que não temos alternativa. Assim que Jacob

for enterrado, segundo a tradição, nós vamos partir. Você compreende, Lyra: vai também, mas não é uma ocasião de alegria.

Há problemas e perigos esperando por todos nós. Vou colocá-la sob os cuidados de Farder Coram. Não lhe cause problemas ou

riscos, senão vai sentir a força da minha cólera. Agora vá explicar

para Mãe Costa e fique preparada para partir .

As duas semanas seguintes foram as mais atarefadas da vida de Lyra. Atarefadas, mas não rápidas, pois havia tediosos períodos de espera, de esconder-se em armários apertados e úmidos, de contemplar a paisagem triste e chuvosa de outono passando pela janela, de esconder-se outra vez, de dormir perto do

escapamento

do motor e acordar com uma terrível dor de cabeça e -pior de tudo - nem uma vez ter permissão para sair para o ar fresco,

#166

correr pela margem, subir ao convés, agarrar uma corda jogada da margem.

Mas naturalmente ela devia ficar escondida. Tony Costa contou-lhe o boato nas tavernas da costa: que, por todo o reino, caçava-se uma menininha loura, com uma grande recompensa pela sua descoberta e severos castigos para quem a escondesse. Havia também uns boatos estranhos: as pessoas diziam que ela era a única criança que conseguira escapar dos Papões e que possuía segredos terríveis. Outro boato dizia que ela não era uma

criança humana, mas sim um par de espíritos em forma de criança

e daemon, enviados a este mundo pelos poderes infernais para causar grande mal; no entanto, outro boato dizia que não se tratava de uma criança mas de um humano adulto, encolhida por magia e trabalhando para os tártaros, para vir espionar o bom povo inglês e preparar o caminho para uma invasão tártara.

Lyra escutava estas histórias a princípio achando graça, mais tarde com desânimo. Todas aquelas pessoas com medo e raiva dela! E ansiava por sair daquela cabine estreita e apertada.

Ansiava

por já estar no Norte, na neve sob a cintilante Aurora Boreal. E às vezes ansiava por estar de volta à Faculdade Jordan, pulando pelos telhados com Roger e o sino do Administrador batendo a meia-hora para o jantar, e os ruídos de louça, de fritura e de gritos

na Cozinha... Então desejava apaixonadamente que nada tivesse mudado, que nada jamais mudasse, que ela pudesse ser para sempre a Lyra da Faculdade Jordan.

A única coisa que lhe tirava o tédio e a irritação era o aletômetro. Ela o lia todos os dias, às vezes com Farder Coram e às

vezes sozinha, e descobriu que era cada vez mais fácil entrar no estado

de calma em que os significados dos símbolos se esclareciam, e

aquelas altas montanhas tocadas pelo sol emergiam em sua visão.

Ela esforçou-se para explicar como era, a Farder Coram.

-É quase como conversar com alguém, só que a gente não consegue ouvir as outras pessoas e fica se sentindo meio burra #167

porque as outras são mais inteligentes que a gente, só que elas nunca ficam zangadas nem nada... E elas sabem tanta coisa, Farder Coram! Quase como se soubessem tudo! A Sra. Coulter era inteligente, sabia muita coisa, mas isto aqui é um tipo de conhecimento diferente... É como compreender, eu acho...

Ele fazia perguntas específicas, e ela procurava as respostas.

-Que é que a Sra. Coulter está fazendo agora? -ele perguntava; as mãos dela moviam-se no mesmo instante, e ele pedia: -Diga-me o que está fazendo.

-Bem, a Madona é a Sra. Coulter, e penso "mamãe" quando coloco o ponteiro ali; e a formiga é atarefada -essa é fácil, é o primeiro significado; e a ampulheta tem "passagem do tempo" entre seus significados, e no meio da lista está "agora", e eu fixo o pensamento nisso.

-E como sabe o que são esses significados?

-É como se eu visse. Ou melhor, sentisse, como descer uma escada à noite, agente baixa o pé e acha outro degrau. Bom, eu baixo o pensamento e acho outro significado, e eu sinto qual é. Então junto tudo. Existe um truque, como desfocar os olhos.

-Faça isso então, e veja o que ele diz.

Lyra obedeceu. O ponteiro grande começou a girar no mesmo instante, parou, continuou, tornou aparar, numa série precisa de movimentos e pausas. Era uma sensação de tamanha graciosidade e tamanho poder que Lyra, compartilhando dele, sentiu-se

como um filhote de passarinho aprendendo a voar. Farder Coram, observando do outro lado da mesa, anotou os lugares onde

o ponteiro parava e observava a menininha segurando os cabelos longe do rosto e mordiscando de leve o lábio inferior, os olhos a princípio seguindo o ponteiro, mas depois, quando este regularizava seu movimento, olhando para outras partes do mostrador.

Mas não ao acaso. Farder Coram era jogador de xadrez, e sabia como os jogadores ficavam durante uma partida. Um bom jogador parecia ver linhas de força e influência sobre o tabuleiro,

#168

seguia as linhas importantes e ignorava as fracas; e os olhos de Lyra moviam-se do mesmo modo, segundo algum campo magnético semelhante que ela conseguia enxergar e ele, não.

O ponteiro parou no raio, no menino, na serpente, no elefante e numa criatura cujo nome Lyra não sabia: uma espécie de lagarto de olhos grandes e um rabo enrolado em volta do galho onde ele estava empoleirado. Enquanto Lyra observava, o ponteiro repetiu várias vezes esta seqüência.

-Qual é o significado deste lagarto? -perguntou Farder Coram, interrompendo a concentração dela.

-Não entendo... Vejo o que ele está dizendo, mas acho que estou lendo errado. O raio eu acho que é raiva, e a criança... acho que sou eu... Eu estava conseguindo um significado para o lagarto, Farder Coram, mas o senhor falou comigo e ele sumiu. Está vendo, ele está indo para qualquer lugar.

-É, estou vendo. Sinto muito, Lyra. Está cansada? Quer parar?

-Não quero, não.

Mas seu rosto estava vermelho e os olhos brilhantes. Tinha todos os sinais de uma superexcitação, intensificada pelo longo confinamento naquela cabine abafada.

Ele olhou pela janela. Estava quase escuro, e eles viajavam ao longo do último trecho de rio antes de chegar à costa. Sob um céu encoberto estendia-se a amplidão marrom de um estuário até um grupo distante de tanques de álcool de carvão, enferrujados e trespassados por canos, junto a uma refinaria onde uma mancha

espessa de fumaça subia com relutância para juntar-se às nuvens.

-Onde é que nós estamos? -Lyra perguntou. -Posso ir lá fora só um pouquinho, Farder Coram?

-Aqui é a água do Colby -ele disse. -O estuário do rio Cole. Quando chegarmos à cidade, vamos atracar junto ao Mercado de Defumados e vamos a pé até o porto. Estaremos lá dentro de uma ou duas horas...

#169

Mas estava ficando escuro, e na desolação do rio nada se movia além do barco deles e uma distante balsa de carvão indo para a refinaria; e Lyra estava tão vermelha e cansada, e tinha ficado tanto tempo fechada, que Farder Coram continuou:

-Bem, acho que não tem importância alguns minutinhos ao ar livre. Não posso chamar de ar fresco, pois ele só é fresco quando sopra do mar; mas você pode se sentar lá em cima e apreciar a paisagem até chegarmos mais perto.

Lyra deu um salto, e Pantalaimon no mesmo instante transformou-se numa gaiivota, ansioso por estender as asas a céu aberto. Mas estava frio lá fora e, embora estivesse bem

agasalhada,

logo Lyra estava tremendo. Pantalaimon, por outro lado, girava no ar com pios de felicidade, dando rasantes em volta do barco. Lyra adorou isso, sentindo-se como ele enquanto ele voava e insistindo mentalmente para que ele fosse desafiar o daemonbiguá do velho piloto para uma corrida. Mas o daemon ignorou Pantalaimon e acomodou-se sonolentemente na roda do timão, perto do seu humano.

Naquela amplidão árida e marrom, não havia vida, e apenas o ruído constante do motor e o som abafado da água no casco rompiam o silêncio. Nuvens pesadas cobriam o céu sem oferecer chuva; o ar estava cheio de fumaça. Só a elegância do vôo de Pantalaimon possuía alguma vida e alegria.

Enquanto ele saía de um rasante com as asas brancas contra o cinzento, alguma coisa o atingiu. Ele caiu de lado, cheio de choque e dor, e Lyra gritou, sentindo também. Outra coisa escura

Juntou-se à primeira; não se moviam como pássaros, mas como besouros voadores, pesados e diretos, com um zumbido forte. Enquanto Pantalaimon caía, tentando virar-se para alcançar o barco e os braços desesperados de Lyra, as coisas pretas não paravam de atacá-lo. Lyra estava quase louca com o medo de Pantalaimon e o seu próprio, mas então alguma coisa passou por ela e se elevou.

#170

Era o daemon do piloto do barco; com toda a sua aparência desajeitada e pesada, seu vôo era poderoso e rápido. Ela virava a cabeça para os lados -houve um clarão de asas escuras, um estremecimento branco e uma coisinha preta caiu sobre o teto da cabine enquanto Pantalaimon pousava na mão estendida dela. Antes que ela pudesse acariciá-lo, ele mudou para sua forma de gato-do-mato e saltou sobre a criatura, empurrando-a da borda

do telhado para onde ela estava tentando fugir. Pantalaimon segurou-a firmemente com as garras e ergueu os olhos para o céu

que escurecia, onde as asas escuras da biguá faziam círculos enquanto ela procurava a outra criatura.

Então a biguá voltou voando e grasnou alguma coisa para o piloto, que disse:

-Fugiu. Não deixe essa outra escapar. Tome aqui.

Ele derramou o resto do líquido da caneca de lata e jogou-a para Lyra, que no mesmo instante prendeu o animal que zumbia e roncava como uma máquina.

-Segure firme -pediu Farder Coram atrás dela, para em seguida ajoelhar-se e enfiar um pedaço de papelão sob a caneca.

-Que é isso, Farder Coram? -ela perguntou, trêmula.

-Vamos lá para baixo dar uma olhada. Leve com cuidado, Lyra. Segure com força.

Ao passar, ela olhou para o daemon do piloto, pretendendo agradecer-lhe, mas ela havia fechado os olhos. Então Lyra agradeceu ao piloto.

-Você devia ter ficado lá embaixo - foi tudo que ele disse.

Ela levou a caneca para a cabine, onde Farder Coram tinha encontrado um copo de cerveja. Ele segurou a caneca de cabeça para baixo sobre o copo e então retirou o cartão, de modo que a criatura caiu dentro do copo. Ele segurou o copo de modo que ambos pudessem ver claramente a coisinha furiosa.

#171

Tinha o tamanho do polegar de Lyra e era verde-escuro, não preta. As asas estavam eretas, como uma joaninha prestes a voar, e batiam tão furiosamente que eram apenas um borrão. As seis pernas tentavam segurar-se na superfície de vidro.

-Que é isso? -ela perguntou.

Pantalaimon, ainda um gato-do-mato, estava agachado sobre a mesa, os olhos verdes seguindo os círculos da criatura dentro do copo.

-Se a gente abrir isso aí, não vai encontrar vida. Não é animal nem inseto. Já vi uma dessas antes, e nunca pensei que fosse ver outra aqui tão ao norte. São africanas. Têm um mecanismo dentro, e preso na mola um espírito mau com um feitiço

atravessando o coração.

-Mas quem foi que mandou isso?

-Você não precisa ler os símbolos, Lyra; pode adivinhar tão bem quanto eu.

-A Sra. Coulter?

-Claro. Ela não explorou só o Norte; estão acontecendo muitas coisas estranhas lá pelas lonjuras do Sul. Foi em Marrocos

que vi pela última vez uma dessas coisas. O perigo delas é mortal;

enquanto o espírito estiver dentro, ela nunca pára, e quando a gente liberta o espírito, ele está tão furioso que mata a primeira coisa que encontra.

-Mas que é que ela estava procurando?

-Estava espionando. Fui um idiota em deixá-la ir lá fora. E devia ter deixado você decifrar os símbolos, em vez de interromper.

-Agora estou entendendo! -Lyra exclamou de repente.

-Significa "ar" aquele lagarto! Eu vi isso, mas não conseguia ver onde se encaixava, de modo que tentei entender e perdi o pensamento.

-Ah, então também estou vendo -disse Farder Coram.

-Não é um lagarto, é por isso; é um camaleão. E significa ar porque eles não comem nem bebem, vivem de ar.

#172

-E o elefante...

-A Africa -ele completou. -Ah!

Eles se entreolharam. A cada revelação do poder do aletômetro, eles ficavam mais impressionados.

-Ele estava nos falando destas coisas o tempo todo - disse Lyra. -Devíamos ter escutado. Mas o que podemos fazer com esta aí, Farder Coram? Podemos matar, ou coIsa assIm.

-Acho que não podemos fazer nada. Vamos ter que prender isso aí numa caixa e nunca mais soltar. O que me preocupa mais é o outro, o que fugiu. Ele agora deve estar voando

de volta para a Sra. Coulter, com a notícia de que encontrou você.

Droga, Lyra, sou um idiota.

Ele remexeu num armário e encontrou uma lata de guardar folhas de fumar com cerca de dez centímetros de diâmetro. Ela tinha sido usada para guardar parafusos, mas ele esvaziou-a e limpou o interior com um pano antes de inverter o copo sobre ela com o cartão ainda no lugar.

Depois de um momento de perigo, quando uma perna da criatura escapou e afastou a lata com força surpreendente, eles conseguiram prendê-la na lata e enroscar a tampa com força.

-Assim que chegarmos ao navio, vou colocar uma solda em volta, como segurança -disse Farder Coram.

-Mas a corda não vai acabar?

-Se fosse um mecanismo comum, sim. Mas, como eu disse, este aqui fica sempre esticado pelo espírito preso no meio. Quanto mais ele luta, mais a corda é dada, e maior é a força.

Agora

vamos guardar esse sujeito...

Ele enrolou a lata num pedaço de flanela para abafar o zumbido incessante e escondeu-a debaixo da cama.

Já estava escuro, e Lyra contemplava pela janela as luzes de Colby cada vez mais próximas. O ar pesado transformava-se em neblina, e quando atracaram ao lado do Mercado de Defumados, tudo em volta estava desfocado. A escuridão transformada em

# 173

véus cinza-prateados cobria os caixotes e os depósitos, as barraquinhas de

madeira e o prédio de granito com muitas chaminés, que davam nome ao mercado, onde dia e noite havia peixes sendo defumados pela perfumada fumaça do carvalho. As chaminés contribuía para o ar abafado, e o cheiro agradável de peixe



defumado -arenque, cavala e hadoque -parecia sair das pedras do chão.

Lyra, enrolada numa capa de chuva e com um enorme capuz escondendo os cabelos indiscretos, caminhava entre Farder

Coram e o piloto. Todos os três daemons estavam alertas, vigiando as esquinas à frente, vigiando atrás, tentando escutar as mais leves passadas.

Mas eles eram as únicas figuras à vista. Os cidadãos de Colby estavam todos dentro de casa, provavelmente bebericando aguardente de cereais junto a uma lareira quentinha. Não encontraram ninguém até chegarem ao porto, e o primeiro homem que viram foi Tony Costa, vigiando os portões.

-Graças aDeus vocês chegaram -disse ele baixinho, deixando-os passar. -Acabamos de saber que Jack Verhoeven levou um tiro e o barco dele foi afundado, e ninguém sabia onde vocês estavam. John Faa já está no navio, louco para partir. Lyra achou o navio imenso. Tinha no centro a casa do leme e a chaminé, o castelo da proa bem alto e um guindaste acima de uma grande abertura coberta por uma lona; luz amarela brilhando nas escotilhas e na ponte, e luz branca no topo do mastro; e

três ou quatro homens no convés, trabalhando apressadamente em coisas que ela não conseguia enxergar .

Ela subiu depressa a rampa de madeira, passando à frente de Farder Coram, e olhou em volta com excitação. Pantalaimon tornou-se um macaco e imediatamente pôs-se a subir pelo guindaste, mas ela o chamou de volta; John Faa conversava baixinho

com Nicholas Rokeby, o gípcio encarregado do navio. John Faa não fazia nada às pressas. Lyra estava esperando que ele a

#174  
cumprimentasse, mas ele terminou o que dizia sobre a maré e a pilotagem antes de virar-se para os recém-chegados.

-Boa noite, amigos. O coitado do Jack Verhoeven está morto, talvez vocês já saibam. E os filhos dele foram capturados.

-Nós também temos más notícias -disse Farder Coram, e relatou o encontro com os espíritos voadores.

John Faa sacudiu a cabeça, mas não os repreendeu.

-Onde está a criatura agora? -perguntou.

Farder Coram pegou a lata e colocou-a sobre a mesa. De dentro vinha um zumbido tão furioso que a própria lata moviase lentamente sobre o tampo de madeira.

-Já ouvi falar desses demônios mecânicos, mas nunca os tinha visto -disse John Faa. -Não há jeito de domesticá-lo ou acabar com a corda, isso eu sei. Também não adianta colocar um peso de chumbo e jogar no fundo do mar, porque um dia a lata iria enferrujar, o demônio iria sair e ir atrás da garota onde quer que ela estivesse. Não, vamos ter que guardar e vigiar. Sendo Lyra a única mulher a bordo (pois John Faa, depois de muito meditar, tinha resolvido não levar mulheres), ela tomou uma cabine só para si. Não muito grande, naturalmente; na verdade, era pouco mais que um armário com uma cama e uma escotilha. Ela guardou seus poucos pertences na gaveta sob a cama e subiu correndo, excitada, para debruçar-se sobre a amurada e contemplar a Inglaterra desaparecendo lá atrás, descobrindo então que a maior parte da Inglaterra tinha desaparecido na neblina antes que ela subisse.

Mas o ruído da água lá embaixo, o movimento no ar, as luzes do navio brilhando corajosamente na escuridão, o ronco do motor, o cheiro de sal, de peixe e de álcool de carvão eram suficientemente excitantes. Não demorou que outra sensação se somasse àquelas, quando o navio começou a balançar nas ondulações do Oceano Germânico. Quando alguém chamou Lyra

#175

para jantar, ela descobriu que tinha menos fome do que imaginara, e depois de algum tempo achou que seria uma boa idéia deitar-se -por causa de Pantalaimon, porque a pobre criatura estava se sentindo pouco à vontade.

E assim começou a viagem dela para o Norte.

#176

\*\*\*\*

Segunda Parte

Bolvangar

#178

O Cônsul e o Urso

JOHN Faa e os outros chefes tinham decidido que iriam para Trollesund, o principal porto da Lapônia. As bruxas tinham um consulado nessa cidade, e John Faa sabia que, sem a ajuda delas - ou pelo menos sua neutralidade amigável -, seria impossível salvar as crianças cativas.

No dia seguinte, quando as náuseas de Lyra tinham diminuído um pouco,

ele explicou sua idéia a ela e a Farder Coram.

O sol brilhava, e as ondas verdes quebravam-se de encontro à proa

formando esteiras de espuma. No convés, com a brisa soprando e o mar inteiro brilhando com luz e movimento, ela sentia pouco enjôo; e agora que Pantalaimon tinha descoberto o prazer de ser uma gaivota e depois uma procelária roçando os picos das ondas,

Lyra distraiu-se com a alegria dele e não conseguiu ficar entregue

aos sofrimentos de um marinheiro de primeira viagem.

JohnFaa, Farder Coram e mais dois ou três homens estavam sentados na popa, sob o sol, conversando sobre o próximo passo.

-Bom, Farder Coram conhece essas bruxas da Lapônia

-disse John Faa. -E se não me engano há uma dívida de favor.

#179

-É isso mesmo, John -confirmou Farder Coram. -

Foi há 40 anos, mas para uma bruxa isso não é nada; algumas vivem isso multiplicado várias vezes.

-Que foi que aconteceu para criar essa dívida, Farder Coram? -perguntou Adam Stefanski, o homem encarregado da tropa de combate.

-Salvei a vida de uma bruxa -Farder Coram explicou.

-Ela caiu do céu, perseguida por um enorme pássaro vermelho, nunca vi outro igual. Ela caiu ferida no pântano, e eu saí procurando. Estava quase afogada, e eu a coloquei dentro do barco e dei um tiro no pássaro. Ele caiu num atoleiro, infelizmente, pois era do tamanho de uma galinhola e vermelho como

uma labareda.

-Ah... -murmuraram os outros, presos à narrativa de Farder Coram.

-Bom, quando coloquei a moça no barco, tive o maior choque da minha vida, porque ela não tinha daemon.

Foi como se ele tivesse dito "não tinha cabeça"; essa idéia era repugnante. Os homens estremeceram, seus daemons se eriçaram, ou se sacudiram, ou piaram roucamente, e os homens as

acalmaram. Pantalaimon esgueirou-se para o colo de Lyra, os corações de ambos batendo em uníssono.

-Pelo menos era o que parecia- continuou Farder

Coram. -Tendo caído do céu, eu já suspeitava que era uma bruxa. Parecia mesmo uma mulher jovem, mais magra que algumas e mais bonita que a maioria, mas não ver o daemon me causou um grande choque.

-Então as bruxas não têm daemon? -quis saber outro homem: Michael Canzona.

-Os daemons delas são invisíveis, eu acho -disse Adam Stefanski. -Ele estava lá o tempo todo, e Farder Coram não viu.

-Não, você está enganado, Adam -contestou Farder

Coram. -Ele não estava lá, não. As bruxas têm o poder de se  
#180  
separar de seus daemons a uma distância muito maior do que  
nós.  
Se for preciso, elas podem mandar seus daemons viajar para  
terras  
distantes, ou até as nuvens, ou até o fundo do mar .E essa bruxa  
que eu encontrei não tinha descansado nem uma hora quando o  
daemon dela chegou voando, porque ele sentiu o medo e os  
machucados dela, é claro. E eu acredito, embora ela nunca tenha  
admitido, que o grande pássaro vermelho que eu matei era o  
daemon de outra bruxa. Poxa, fiquei tremendo quando pensei  
nisso. Se eu soubesse, não teria atirado; teria tomado outra  
medida qualquer, no mar ou em terra; mas eu atirei. De qualquer  
maneira, eu salvei a vida dela, e ela me deu uma lembrança  
disso  
e disse para eu lhe pedir ajuda se algum dia precisasse. E uma  
vez  
ela me mandou ajuda quando os esraelingues me acertaram  
uma  
flecha envenenada. Nós tínhamos outras ligações, também.  
..Não  
nos vemos há muitos anos, mas ela vai se lembrar.  
-E essa bruxa mora em Trollesund?  
-Não, não. Elas moram nas florestas e na tundra, não em  
um porto marítimo entre homens e mulheres. O negócio delas é  
com a natureza. Mas elas têm lá um consulado, e eu vou mandar  
um recado para ela, sem dúvida.  
Lyra estava louca para saber mais sobre as bruxas, mas a  
conversa virou para a questão de combustível e suprimentos, e  
afinal ela ficou impaciente para conhecer o resto do navio. Saiu  
vagando pelo convés na direção da proa, e logo fez amizade  
com  
um Marinheiro Qualificado- amizade essa que começou com  
ela atirando nele, uma por uma, as sementes que guardara da  
maçã que tinha comido no café da manhã.  
Ele era um homem corpulento e tranquilo, e depois que lhe  
disse um palavrão e ouviu outro dela em resposta, eles se  
tornaram  
grandes amigos. O nome dele era Jerry .Sob a orientação dele,  
ela  
descobriu que ter alguma coisa para fazer impedia a náusea, e  
que  
até um trabalho como lavar o convés podia ser prazeroso, se  
fosse  
feito como um marinheiro fazia. Ela ficou entusiasmada com  
essa

#181

idéia, e depois disso passou a dobrar as cobertas da sua cama à moda dos marinheiros, a guardar seus pertences no armário à moda dos marinheiros e usar o termo "estivar" em vez de "arrumar" para esse processo.

Depois de dois dias no mar, Lyra estava resolvida que aquela era a vida que ela queria. Tinha toda liberdade no navio, desde a casa de máquinas até a ponte, e logo sabia o nome de toda a tripulação. O Capitão Rokeby deixou que ela tocasse o apito a vapor para sinalizar para uma fragata das Holandas\*; o cozinheiro

aceitou a ajuda dela para misturar o pudim de pêssego; e só uma reprimenda de John Faa impediu que ela subisse ao topo do mastro para contemplar da gávea o horizonte.

O navio ia para o Norte, e cada dia o frio era mais intenso.

Procuraram-se, nos depósitos, lonas que pudessem ser cortadas para ela, e Jerry ensinou-lhe a costurar, uma arte que ela aprendeu

de boa vontade, embora na Jordan a tivesse desdenhado, fugindo às aulas da Sra. Lonsdale. Juntos fizeram para o aletômetro uma sacola à prova d' água que ela podia usar em volta da cintura, caso

caísse na água, segundo ela. Com o instrumento em segurança, ela usando a capa e o capuz de lona, agarrava-se à amurada, enquanto a espuma gelada derramava-se por cima da proa e molhava o convés. Ocasionalmente ela sentia enjôo, especialmente quando o vento crescia e o navio mergulhava pesadamente por

uma crista das ondas verde-acinzentadas, e então foi a vez de Pantalaimon distraí-la roçando as ondas como uma procelária, porque ela conseguia sentir a euforia de liberdade dele ao sabor do vento e da água e esquecer o enjôo. De vez em quando, ele tentava até mesmo ser um peixe, e certa vez juntou-se a um cardume de golfinhos, para grande surpresa e prazer deles. Lyra

\* As Holandas atualmente são os Países Baixos, ou seja: a Holanda do Norte e a

Holanda do Sul. Era um antigo condado do Império Romano no Mar do Norte,

antes de ser dividida. (N.T.)

#182

ficou, tremendo de frio, no castelo de proa, e riu de prazer enquanto seu amado Pantalaimon, esguio e poderoso, saltava da água com meia dúzia de outras figuras cinzentas e rápidas. Era prazer, mas não um prazer simples, pois nele havia também dor e medo: e se ele gostasse mais de ser golfinho do que gostava dela?

Seu amigo, o Marinheiro Qualificado, estava por perto e

enquanto ajeitava a tampa de lona sobre a abertura da proa ele parou para observar o daemon da menina nadando e saltando com

os golfinhos. Seu próprio daemon, uma gaivota, estava empoleirado no cabrestante, com a cabeça enfiada sob a asa. Ele sabia o

que Lyra estava sentindo.

-Eu me lembro a primeira vez que vim para o mar, eu era bem novinho e a minha Belisária ainda não tomara apenas uma forma, e ela adorava ser toninha, que é uma baleia pequena. Eu tinha medo de que ela ficasse assim para sempre. No meu primeiro navio, tinha um velho marinheiro que nunca podia ir à terra, porque o daemon dele tinha ficado sendo um golfinho, e ele nunca podia sair do mar. Era um marinheiro muito bacana, o melhor navegador que já se viu; podia ter feito fortuna com a pesca; mas não gostava. Nunca foi feliz até morrer e poder ser enterrado no mar.

-Por que os daemons têm que ficar com uma forma só?

-Lyra perguntou. -Quero que Pantalaimon possa mudar sempre. Ele também quer.

-Ah, eles sempre ficam com uma só, e sempre ficarão. Faz parte de crescer. Vai chegar um tempo em que você vai ficar cansada de tantas mudanças dele, e vai querer que ele tenha uma forma estabelecida.

-Nunca vou querer isso!

-Ah, vai, sim. Vai querer crescer como todas as outras meninas. De qualquer maneira, a forma única tem suas vantagens.

-Quais?

#183

-Saber que tipo de pessoa você é. A velha Belisária, por exemplo; ela é uma gaivota, o que significa que eu sou uma espécie

de gaivota, também. Não sou grandioso, esplêndido, nem bonito, mas sou durão e consigo sobreviver em qualquer lugar, e sempre arranjo comida e boa companhia. Vale a pena saber disso. E quando o seu daemon se estabelecer numa forma, você vai saber que tipo de pessoa é.

-Mas e se o meu daemon se estabelecer numa forma que eu não goste?

-Bom, você vai se decepcionar, não é? Tem muita gente que gostaria de ter um daemon-leão e acabam com um poodle. E até aprenderem a se contentar com o que são, reclamam muito.

Acho isso um desperdício de energia.

Mas Lyra tinha a impressão de que nunca cresceria.

Certa manhã, havia no ar um cheiro diferente, e o navio moviase de modo estranho, balançando-se de um lado para o outro, em

vez de mergulhar a proa e tornar a erguê-la. Lyra despertou e em menos de um minuto estava no convés, olhando avidamente para

terra: uma visão tão estranha, depois de toda aquela água, pois embora só tivessem permanecido alguns dias navegando, para Lyra era como se tivessem passado meses no oceano. Bem à frente

do navio erguia-se uma montanha de encostas verdes e o pico coberto de neve, e no sopé uma cidadezinha e um porto: casas de

mádeira com telhados pontudos, a torre fina de uma igreja, caixotes no porto e nuvens de gaivotas voando em círculo e gritando. O cheiro era de peixe, mas junto com ele vinham também cheiros de terra firme: resina de pinheiro, barro, e alguma coisa animal e almiscarada, e mais alguma coisa, que era fria, informe e livre: podia ser neve. Era o cheiro do Norte. Em volta do navio, brincavam focas, mostrando seus rostos de palhaço acima da água antes de mergulharem de novo ruidosamente.

#184

O vento que levantava espuma das cristas brancas das ondas era monstruosamente frio, e procurava toda abertura que houvesse no casaco de Lyra, e logo as mãos dela doíam e o rosto estava dormente. Pantalaimon, em sua forma de arminho, aquecia o pescoço dela, mas o tempo estava frio demais para que

ficassem do lado de fora por muito tempo sem um trabalho a fazer, mesmo que fosse observar as focas, e Lyra desceu para tomar

seu mingau do café da manhã e olhar pela escotilha do refeitório.

Dentro do porto, o mar estava calmo, e enquanto o barco avançava ao longo do gigantesco quebra-mar, Lyra começou a sentir-se tonta por causa da falta de movimento. Ela e Pantalaimon observavam atentamente enquanto o navio moviase de

modo lento e majestoso em direção ao atracadouro. Durante a hora seguinte, o ruído do motor diminuiu para um ronco baixo, vozes gritavam ordens ou perguntas, cordas eram jogadas, passarelas baixadas, portas abertas.

-Vamos, Lyra- chamou Farder Coram. -Já arrumou sua bagagem?

A bagagem de Lyra, por assim dizer, já estava arrumada desde que ela acordara de manhã e avistara terra firme. Tudo que precisava fazer agora era correr até a cabine e pegar a sacola de compras.

A primeira coisa que ela e Farder Coram fizeram em terra firme foi visitar a casa do Cônsul das Bruxas. Não demoraram a encontrar; a cidadezinha rodeava o porto, sendo o oratório e a casa do Governador as únicas construções um pouco maiores. O Cônsul das Bruxas morava numa casa de madeira pintada de verde com vista para o mar, e quando eles tocaram a campainha, o som ressoou pela rua silenciosa.

Um criado levou-os para uma saleta e lhes trouxe café. Finalmente o próprio Cônsul veio recebê-los. Era um homem gordo, de rosto exuberante, usando um sóbrio terno preto. Seu nome era Martin Lanselius. Seu daemon era uma serpente pequena

#185

da mesma cor verde intensa e brilhante dos olhos dele, que eram a única coisa de bruxo na aparência dele; mas Lyra não tinha

certeza de como imaginava a aparência de uma bruxa.

-Em que posso ajudá-lo, Farder Coram? -ele perguntou.

-De duas maneiras, Dr. Lanselius. Primeiro, estou ansioso para entrar em contato com uma bruxa que conheci há alguns anos, na região dos Pântanos na Anglia Oriental. O nome dela é Serafina Pekkala.

O Dr. Lanselius tomou nota com uma lapiseira de prata.

-Há quanto tempo foi o seu encontro com ela? -quis saber.

-Deve ter uns 40 anos. Mas acho que ela se lembra.

-E qual é a segunda maneira em que posso ajudá-lo?

-Estou representando um grupo de famílias gípcias que perderam seus filhos. Temos razões para acreditar que existe uma

organização sequestrando essas crianças, as nossas e as andarilhas,

e que essas crianças são trazidas para o Norte com algum objetivo

desconhecido. Gostaria de saber se o senhor ou o seu povo ouviu

alguma coisa sobre isso.

O Dr. Lanselius ficou bebericando calmamente seu café.

-Não é impossível que notícias de tal atividade possam ter chegado às nossas paragens -disse. -o senhor sabe que as relações

entre o meu povo e os nortelandenses são inteiramente cordiais.

Seria difícil encontrar uma justificativa para eu ir contra eles.

Farder Coram assentiu como se compreendesse muito bem.

-Naturalmente -respondeu. -E não me seria necessário perguntar-lhe se eu poderia conseguir a informação de



qualquer outra maneira. Foi por isso que primeiro perguntei pela minha amiga.

Agora foi o Dr. Lanselius quem assentiu como se compreendesse muito bem. Lyra observava esse jogo com perplexidade e respeito. Havia muita coisa acontecendo por detrás das palavras, e ela viu que o Cônsul das Bruxas estava chegando a uma decisão.

#186

-Muito bem -ele disse. -Naturalmente, isso é verdade, e o senhor fique sabendo que seu nome não nos é desconhecido, Farder Coram. Serafina Pekkala é a rainha de um clã de

bruxos na região do Lago Enara. Quanto à sua outra pergunta, naturalmente fica entendido que essa informação não chegou ao senhor através de mim.

-Naturalmente.

-Bem, aqui mesmo nesta cidade existe uma filial de uma organização chamada Companhia de Exploração Progresso do Norte, que finge estar procurando minério, mas que na realidade é controlada por uma coisa chamada Conselho Geral Londrino de Obleação. Por acaso sei que essa organização importa crianças.

Isto não é conhecido na cidade; o governo da Noruega não tem conhecimento oficial do fato. As crianças não ficam muito tempo

aqui. São levadas para o interior.

-Sabe para onde, Dr. Lanselius?

-Não. Eu lhe contaria, se soubesse.

-E sabe o que acontece a elas lá?

Pela primeira vez o Dr. Lanselius olhou de relance para Lyra.

Ela o encarou de volta, impassível. O pequeno daemon-serpente verde ergueu a cabeça do colarinho do Cônsul e cochichou algo em

seu ouvido, deixando ver a língua pequena e rápida. O Cônsul declarou:

-Já ouvi a expressão "o Processo Maystadt" em relação a este assunto. Acho que é um nome usado para evitar o uso do nome real. Também já ouvi a palavra "intercissão", mas não sei a que se refere.

-E no momento há crianças na cidade? -Farder Coram perguntou.

Ele estava acariciando o pêlo de seu daemon, sentado alerta em seu colo. Lyra percebeu que ela havia parado de ronronar.

-Acho que não -disse o Dr. Lanselius. -Um grupo de umas dez chegou na semana passada e foi embora anteontem.

#187

-Ah, há tão pouco tempo assim? Então isso nos dá alguma esperança. Como foi que viajaram, Dr. Lanselius?

-De trenó.

-E o senhor não tem idéia de para onde foram?

-Muito pouca. Não é um assunto que nos interesse.

-Naturalmente. Agora, o senhor respondeu todas as minhas perguntas de boa vontade, e só tenho mais uma. Se o senhor fosse eu, que pergunta faria ao Cônsul dos Bruxos?

Pela primeira vez o Dr. Lanselius sorriu.

-Eu perguntaria onde poderia obter os serviços de um urso de armadura -disse.

Lyra endireitou-se na cadeira e sentiu o coração de Pantalaimon dar um salto em suas mãos.

-Pensei que os ursos de armadura estivessem a serviço do Conselho de Oblação -disse Farder Coram, surpreso. -Quero dizer, da Companhia de Progresso do Norte, ou seja lá qual for o nome que estão usando.

-Pelo menos um deles não está. Vai encontrá-lo no entreposto de trenós no final da rua Langlokur. No momento, ele ganha a vida lá, mas seu temperamento é tão forte, e tão forte é o medo que ele causa nos cachorros, que seu emprego talvez não dure muito.

-Então ele é um renegado?

-Parece que sim. O nome dele é Iorek Byrnison. Você me perguntou o que eu perguntaria, e eu lhe disse. Agora eis o que eu faria: eu agarraria a chance de empregar um urso de armadura, mesmo que fosse uma oportunidade muito mais distante do que esta.

Lyra mal conseguia ficar sentada. Farder Coram, no entanto, conhecia o ritual de entrevistas como esta, e pegou outro pedaço de pão-de-mel. Enquanto ele comia, o Dr. Lanselius virou-se para Lyra.

#188

-Fiquei sabendo que você possui um aletômetro- disse, para grande surpresa dela; como poderia saber disso?

-Sim -ela respondeu. Então, impulsionada por um cutucão de Pantalaimon, ofereceu: -Gostaria de dar uma olhada nele?

-Gostaria muito.

Ela puxou de dentro da roupa a sacola de lona e entregou-lhe o embrulho de veludo. Ele desembulhou o instrumento e ergueu-o com grande cuidado, contemplando o mostrador como um sábio contemplando um manuscrito raro.

-Que maravilha! -exclamou. -Já vi outro exemplar, mas não era tão bonito quanto este. E você possui o livro de instruções?

-Não -Lyra começou.

Antes, porém, que ela pudesse dizer mais alguma coisa,

Farder Coram interveio:

-Não, é uma grande pena que embora Lyra possua o aletômetro não haja meio de consultá-lo. É um mistério igual às manchas de tinta que os hindus usam para ler o futuro. E o livro de instruções mais próximo, pelo que sei, é o da Abadia de St. Johann em Heidelberg.

Lyra entendeu por que ele dizia isso: não queria que o Dr.

Lanselius soubesse do poder de Lyra. Mas ela via também uma coisa que Farder Coram não conseguia ver: a agitação do daemon

do Dr. Lanselius. Ela logo percebeu que não adiantava fingir.

Portanto, disse:

-Na verdade, eu consigo ler o aletômetro.

Ela se dirigiu tanto ao Dr. Lanselius quanto a Farder Coram, mas quem reagiu foi o Cônsul.

-É muito sábio da sua parte -disse. -Onde foi que obteve este exemplar?

-O Reitor da Faculdade Jordan em Oxford me deu. Dr.

Lanselius, o senhor sabe quem foi que construiu estas coisas?

#189

-Dizem que tiveram origem em Praga. O inventor do primeiro aletômetro estava aparentemente tentando descobrir um modo de medir a influência dos planetas, de acordo com os princípios da astrologia. Ele pretendia criar um mecanismo que reagisse à percepção de Marte ou Vênus, assim como a bússola reage à percepção do Norte. Nisso ele fracassou, mas o mecanismo que criou está obviamente reagindo a algo, mesmo que

ninguém saiba exatamente a quê.

-E onde ele conseguiu estes símbolos?

-Ah, foi no século XVII. Havia símbolos e emblemas por toda parte. Os prédios e os quadros podiam ser lidos como livros.

Tudo simbolizava outra coisa; se a pessoa tivesse o dicionário certo, poderia ler até a Natureza. Não era estranho que os filósofos

usassem a simbologia da sua época para interpretar um conhecimento vindo de uma origem misteriosa. Mas, vocês sabem,

durante mais de dois séculos eles não foram corretamente usados.

Devolveu o instrumento a Lyra e acrescentou:

-Posso lhe fazer uma pergunta? Sem o livro dos símbolos, como é que você lê?

-Eu faço minha cabeça ficar vazia e então é como olhar para dentro d' água. Agente deixa os olhos encontrarem o nível

certo, porque é o único que fica em foco. Mais ou menos isso - ela falou.

-Será que posso vê-la fazer isso? -ele pediu.

Lyra olhou para Farder Coram, com vontade de concordar, porém esperando a aprovação dele. O ancião assentiu.

-Que é que vou perguntar? -Lyra quis saber.

-Quais são as intenções dos tártaros em relação a Kamchatka?

Esta não era difícil. Lyra girou um ponteiro até o camelo, que significava Ásia, que significa os tártaros; outro, para a cornucópia, significando Kamchatka, onde ficavam as minas de ouro; e o terceiro para a formiga, que significava atividade, que

#190 significava propósito e intenção. Então ficou imóvel, deixando a mente reunir os três níveis de significado, esperando tranquilamente a resposta, que veio quase no mesmo instante. O ponteiro

comprido estremeceu sobre o golfinho, o elmo, o bebê e a âncora,

dançando entre eles e até o cadinho num desenho complicado que os olhos de Lyra acompanharam sem hesitação, mas que era incompreensível para os dois homens.

Depois que ele completou várias vezes o movimento, Lyra ergueu os olhos. Pestanejou duas vezes, como se saísse de um transe.

-Eles vão fingir que atacam lá, mas não vão atacar, porque é longe demais, e eles iam ficar espalhados demais -disse.

-Pode me dizer como leu isto?

-O golfinho, um dos significados mais profundos dele é brincar, fazer brincadeiras -ela explicou. -Sei que é esse significado porque ele parou no símbolo um certo número de vezes e ficou claro nesse nível e em nenhum outro. O bebê significa... significa dificuldade... O ataque seria muito difícil para

eles, e a âncora diz por quê: porque eles iam ficar esticados como

acorda da âncora. É assim que eu vejo, entende?

O Dr. Lanselius assentiu.

-Notável -comentou. -Fico-lhe muito grato. Não vou esquecer.

Então olhou estranhamente para Farder Coram e depois para Lyra.

-Posso lhe pedir mais uma demonstração?- perguntou.

-No quintal atrás desta casa você vai encontrar vários galhos de pinheiro-nubígeno\* pendurados na parede. Um deles foi usado por Serafina Pekkala; você pode me dizer qual?

-Claro! -disse Lyra, sempre pronta para fazer bonito.

\* Pinheiro-nubígeno: tradução literal de cloud-pine. (N.T.)

#191

Pegou o aletômetro e saiu depressa. Estava ansiosa para ver o tal pinheiro-nubígeno que as bruxas usavam para voar.

Enquanto ela estava ausente, o Cônsul perguntou:

-Sabe quem é esta criança?

-É a filha de Lorde Asriel -respondeu Farder Coram.

-E a mãe é a Sra. Coulter, do Conselho de Oblação.

-E além disto?

O velho gípcio sacudiu a cabeça.

-Não, eu não sei mais. Mas é uma criatura estranha e inocente, e eu não quero que nenhum mal lhe aconteça. Como ela consegue ler aquele instrumento eu não sei, mas acredito no que ela diz. Por que pergunta, Dr. Lanselius? Que é que o senhor sabe sobre ela?

-Há séculos as bruxas falam dessa criança -disse o Cônsul. -Por viverem tão próximas do lugar onde o véu entre os mundos é fino, de vez em quando elas escutam sussurros imortais, as vozes daqueles seres que passam de um mundo a outro. E eles falaram de uma criança como esta, que tem um grande destino que não poderá ser cumprido neste mundo, mas num lugar muito além dele. Sem esta criança, morreremos todos,

é o que dizem as bruxas. Mas ela tem que cumprir esse destino sem saber o que está fazendo, porque somente na ignorância dela

nós podemos ser salvos. Está entendendo, Farder Coram?

-Não -disse Farder Coram. -Não posso dizer que estou.

-O que significa que ela deve ser livre para cometer erros. Devemos esperar que ela não cometa, mas não podemos guiá-la. Estou feliz por ter visto esta criança antes de morrer .

-Mas como foi que o senhor a reconheceu? E que foi que quis dizer quando falou em seres que passam de um mundo a outro? Não consigo compreender o que o senhor diz, Dr. Lanselius, por mais que o considere um homem ho neste...

#192

Mas antes que o Cônsul pudesse responder, a porta se abriu e Lyra entrou, triunfante, trazendo um raminho de pinheiro.

-É este aqui! -exclamou. - Testei todos eles, e tenho certeza de que é este.

O Cônsul examinou-o com atenção e assentiu.

-Correto -disse. -Bem, Lyra, isto é notável. Você tem sorte de ter um instrumento como este, e eu lhe desejo sorte com ele. Gostaria de lhe dar uma coisa...

Pegou o galho e partiu um raminho para ela.

-Ela voou com isto? -Lyra quis saber, impressionada.

-Voou, sim. Não posso lhe dar todo, porque preciso dele

para entrar em contato com ela, mas isto é suficiente. Cuide bem dele.

-Vou cuidar. Muito obrigada.

Ela enfiou o pedacinho de ramo dentro da bolsa, ao lado do aletômetro. Farder Coram tocou no ramo de pinheiro como se fosse

um amuleto, e Lyra viu no rosto dele uma expressão que nunca tinha

visto antes: quase nostálgica. O Cônsul levou-os até a porta, onde

apertou a mão de Farder Coram, e a de Lyra também.

-Espero que sejam bem-sucedidos -disse.

Ficou parado na soleira, no frio penetrante, observando-os seguir pela pequena rua.

-Ele já sabia da resposta sobre os tártaros -Lyra contou a Farder Coram. -O aletômetro me contou, mas eu não disse.

Foi o cadinho.

-Imagino que estava testando você, filha. Mas fez bem em ser gentil, já que não temos certeza do que ele já sabe. E aquela

dica do urso foi muito útil. De outra maneira, não ficaríamos sabendo.

Conseguiram encontrar o entreposto, que consistia em dois armazéns de concreto numa área matagosa de terrenos baldios onde o capim fino crescia entre pedras cinzentas e poças de lama gelada. No escritório, um homem carrancudo informou que eles #193

poderiam falar com o urso no final do expediente, às seis horas, mas teriam que chegar na hora, porque em geral ele ia diretamente

para o quintal atrás do Bar de Einarsson, onde lhe davam bebida.

Então Farder Coram levou Lyra para a melhor loja de roupas da cidade e comprou para ela algumas roupas próprias para o frio. Compraram um casacão feito de pele de rena, porque os pêlos da rena são ocos e isolam muito bem; e o capuz era feito

de pele de carcaju\*, porque esse pêlo expulsa o gelo que se forma

quando a pessoa respira. Compraram roupas de baixo e forros de bota de pele de filhote de rena, e luvas de seda para usar debaixo das grossas luvas de pele. As botas e essas luvas eram feitas da

pele da perna da rena, que é muito resistente, e as solas das botas eram

feitas com a pele da foca barbada, que é tão grossa quanto o couro

do leão-marinho, porém mais leve. Finalmente, compraram uma

capa semitransparente que a envolvia completamente, feita de intestino de foca.

Vestindo tudo isso, com um cachecol de seda em volta do pescoço e uma touca de lã tapando as orelhas e o grande capuz puxado para a frente, ela sentia até calor; mas eles iam para lugares

ainda muito mais frios.

John Faa, que tinha ficado supervisionando o descarregamento do navio, estava ansioso para saber o que o Cônsul das Bruxas dissera, e ficou ainda mais curioso quando soube do urso.

-Vamos lá hoje mesmo -decidiu. -Já falou alguma vez com uma criatura dessas, Farder Coram?

-Já, sim; e já lutei contra uma, também, embora não sozinho, graças aDeus. Temos que nos preparar para lidar com ele, John. Ele vai pedir muito, tenho certeza, e deve ser ranzinza e difícil de tratar; mas precisamos dele.

-Ah, precisamos, sim. E a sua bruxa?

\* Carcaju -tradução de wolverine, pequeno lobo da América do Norte. (N. T.)

#194

-Bem, ela está muito longe, e agora é rainha de um clã

-contou Farder Coram. -Eu esperava que pudesse mandar um recado para ela, mas a resposta ia demorar demais.

-Ah, sim. Agora vou contar o que foi que eu descobri, amigo.

Pois John Faa estava impaciente para lhes contar uma coisa.

Ele havia conhecido no porto um explorador, um homem da Nova Dinamarca chamado Lee Scoresby, do país do Texas, e esse

homem tinha um balão! A expedição que ele pretendia acompanhar fracassara por falta de fundos antes de sair de Amsterdã, de modo que ele estava livre.

-Pense no que podemos fazer com a ajuda de um aeróstata, Farder Coram! -disse John Faa, esfregando as mãos. -

Contratei o sujeito para ir conosco. Parece que estamos tendo sorte neste lugar.

-Ainda mais sorte teríamos se tivéssemos uma idéia de aonde estamos indo -disse Farder Coram.

Mas nada conseguia diminuir o prazer de John Faa por estar novamente em campanha.

Depois que escureceu e que toda a carga tinha sido retirada do navio e estava esperando no cais, Farder Coram e Lyra seguiram

ao longo da praia procurando o Bar de Einarsson. Encontraram facilmente: um tosco barracão de concreto com um cartaz de néon

vermelho piscando irregularmente acima da porta e o som de vozes altas passando através das janelas embaçadas de condensação. Um beco de solo acidentado ao lado do bar levava a um portão de ferro que dava para os fundos do prédio, onde havia um barracão. A luz fraca que saía pela janela dos fundos do bar mostrava uma figura grande e pálida agachada, devorando uma posta de carne que segurava com ambas as mãos. Lyra teve um vislumbre de um focinho sujo de sangue, olhos pequenos e maus, e uma imensidão de pêlos amarelados e sujos. A figura soltava sons ao mastigar e engolir, rosnados e ofegos.

#195

Farder Coram parou junto ao portão e chamou:

-Iorek Byrnison!

O urso parou de comer. Pelo que eles podiam ver, o urso estava olhando diretamente para eles, mas era impossível decifrar

sua expressão.

-Iorek Byrnison! -tornou a chamar Farder Coram. -

Posso falar com você?

Lyra tinha o coração disparado, porque alguma coisa na presença do urso dava-lhe uma sensação quase de frio, de uma força perigosa e brutal, mas uma força controlada pela inteligência; e não uma inteligência humana, nada parecido com isto,

porque naturalmente os ursos não tinham daemons. Aquela estranha figura mastigando carne não se parecia com o que ela havia imaginado, e ela sentiu admiração e piedade profundas pela criatura solitária.

Ele deixou a perna de rena cair na lama e foi andando de quatro até o portão. Ali ficou de pé, com seus mais de três metros

de altura, como se quisesse mostrar seu poder e frisar que aquele portão seria inútil para contê-lo.

-Bom, quem são vocês?

Sua voz era tão grossa que parecia sacudir a terra. O fedor que vinha do seu corpo era quase insuportável.

-Sou Farder Coram, do povo gípcio da Anglia Oriental.

E esta menininha é Lyra Belacqua.

-Que é que vocês querem?

-Queremos lhe oferecer um emprego, Iorek Byrnison.

-Já tenho emprego.

O urso pôs-se de quatro novamente. Sua voz era tão grossa e sem entonação que era difícil detectar nela alguma expressão, fosse de ironia ou de raiva.



-Que é que você faz no entreposto de trenós? -Farder Coram quis saber.

#196

-Conserto máquinas e artigos de ferro. Levanto coisas pesadas.

-Que tipo de trabalho é esse para um panserbjorne?

-Trabalho pago.

Atrás do urso, na porta do bar abriu-se uma fresta, e um homem colocou no chão um grande jarro de barro antes de erguer os olhos para eles.

-Quem está aí?

-São desconhecidos -disse o urso.

O dono do bar parecia que ia perguntar mais alguma coisa, mas o urso lançou-se na direção dele, e o homem, assustado, fechou a porta. O urso passou uma garra pelo cabo do jarro e levou-o à boca. Lyra sentiu o cheiro forte de álcool.

Depois de beber vários goles, o urso largou o jarro e voltou a morder a carne, aparentemente esquecido de Farder Coram e Lyra; mas de repente ele tornou a falar.

-Que trabalho vocês estão oferecendo?

-Combate, com certeza -disse Farder Coram. -

Estamos viajando para o Norte até encontrarmos o lugar para onde levaram algumas crianças roubadas. Quando encontrarmos o lugar, vamos ter que lutar para libertar as crianças; e então vamos

trazer todas de volta.

-E como pagam?

-Não sei o que lhe oferecer, Iorek Byrnison. Se quiser ouro, nós temos.

-Não serve.

-Que é que lhe pagam no entreposto de trenós?

-Comida e bebida.

O urso silenciou; deixou cair o osso esfrangalhado e tornou a levar o jarro à boca, engolindo a forte bebida como se fosse água.

Farder Coram falou então:

#197

-Desculpe a indiscrição, Iorek Byrnison, mas você podia viver com orgulho e liberdade no gelo, caçando focas e leões-marinhos, ou podia ir para a guerra e ganhar muitos prêmios; que

é que prende você a Trollesund e ao Bar de Einarsson?

Lyra sentiu o corpo inteiro arrepiar-se. Achava que uma pergunta como aquela, sendo quase um insulto, iria enraivecer a enorme criatura, e impressionou-se com a coragem de Farder Coram em perguntar. Iorek Byrnison largou o jarro e aproximou-se do portão para estudar o rosto do ancião. Farder

Coram não se abalou.

-Sei quem é o pessoal que vocês estão procurando, os mutiladores de crianças -disse o urso. -Saíram da cidade anteontem, indo para o Norte com mais crianças. Ninguém vai lhes falar sobre eles; fingem não ver, porque os mutiladores de crianças trazem dinheiro e negócios para a cidade. Ora, eu não gosto dos mutiladores de crianças, de modo que vou responder com educação. Fico aqui e bebo porque os homens daqui tiraram a minha armadura, e sem ela eu posso matar focas, mas não posso

ir para a guerra. Eu sou um urso de armadura: a guerra é o mar onde eu nado e o ar que eu respiro. Os homens desta cidade me deram bebida, me fizeram beber até dormir, e então tiraram a minha armadura. Se eu soubesse onde ela está, iria derrubar a cidade até pegar de volta. Se querem o meu serviço, o preço é este:

devolver minha armadura. Se fizerem isto, eu vou ajudar na sua luta até morrer ou até vocês vencerem. O preço é a minha armadura; quando eu tiver de volta a minha armadura, nunca mais vou precisar da bebida.

#198

A Armadura

QUANDO voltaram para o navio, Farder Coram, John Faa e os outros chefes passaram

muito tempo em conferência no salão de refeições, e Lyra foi mandada para a sua cabine para consultar o aletômetro. Cinco minutos depois ela sabia exatamente onde estava a armadura do urso e por que o resgate seria difícil.

Ficou sem saber se ia ao refeitório contar para John Faa e para os outros, mas resolveu que se quisessem saber eles lhe perguntariam. Talvez até já soubessem.

Ficou deitada na cama pensando naquele urso poderoso e selvagem e no modo como ele engolia aquela bebida forte, e a solidão dele naquele barracão sujo. Como era diferente ser gente,

com seu daemon sempre por perto para conversar! No silêncio do

navio parado, sem os contínuos estalidos de metal e madeira ou o ronco do motor ou o barulho da água no casco, Lyra gradualmente adormeceu, com Pantalaimon em cima do travesseiro

dormindo também.

Ela estava sonhando com seu pai aprisionado quando de repente, sem qualquer razão, despertou. Não tinha idéia das horas. Havia na cabine uma luz fraca que ela imaginou ser da lua,

#199

e ela viu, no canto da cabine, as suas roupas novas. E no mesmo instante teve vontade de experimentá-las.

Depois de vesti-las, ela quis sair para o convés, e um minuto depois estava no topo da escada, abrindo a porta, e saiu para o convés.

Viu imediatamente que alguma coisa estranha estava acontecendo no céu. Pensou que fossem nuvens movendo-se e estremecendo sob uma agitação nervosa, mas Pantalaimon cochichou:

-A Aurora Boreal!

O êxtase dela foi tão grande que ela precisou agarrar-se à amurada para não cair.

A luz enchia todo o céu ao Norte; sua imensidão mal podia ser concebida. Como se presas no próprio céu, grandes cortinas de delicada luz pendiam e estremeciam. Com seus tons de verde-claro e rosa, transparentes como a renda mais fina, e tendo como bainha uma faixa de um púrpura profundo e gritante como as chamas do Inferno, elas balançavam e cintilavam com mais graça do que a mais graciosa dançarina. Lyra chegou a pensar que

as escutava: um sussurro intenso e distante. No meio daquela delicadeza evanescente, ela experimentou uma emoção tão profunda como a que havia sentido quando estava perto do urso. Aquilo a comovia, era muito lindo, quase sagrado; ela sentiu lágrimas nos olhos, e as lágrimas dividiram ainda mais a luz em arco-íris prismáticos. Não demorou para que ela se encontrasse no mesmo tipo de transe de quando consultava o aletômetro.

Pensou calmamente: talvez a mesma força que move o ponteiro do aletômetro crie também a Aurora Boreal. Podia ser até o próprio Pó. Ela pensou isto sem perceber que tinha pensado, e logo esqueceu; só foi se lembrar muito tempo depois.

Enquanto Lyra observava, a imagem de uma cidade formou-se atrás dos véus e dos jatos de translúcida luz: torres e domos, templos e colunatas, amplas praças e parques iluminados #200

pelo sol. Olhar para aquilo dava-lhe uma sensação de vertigem, como se não estivesse olhando para cima e sim para baixo, através

de um abismo tão largo que nada poderia atravessá-lo -aquela cidade ficava a um universo inteiro de distância.

Mas alguma coisa movia-se através do abismo, e, ao tentar focalizar a visão no momento, ela se sentiu tonta, porque a coisinha que se movia não fazia parte da Aurora Boreal ou do outro universo atrás da Aurora; era no céu, acima dos telhados da cidade. Quando conseguiu distinguir claramente, ela havia saído inteiramente do transe e a cidade celeste tinha

desaparecido.

A coisa voadora aproximou-se e rodeou o navio com as asas estendidas. Depois desceu e pousou com rápidos movimentos das

asas poderosas, parando no convés a poucos metros de Lyra.

À luz da Aurora, ela viu um pássaro enorme, um lindo ganso cinzento com a cabeça coroada por um clarão de puro branco.

Mas não era um pássaro: era um daemon, embora não houvesse pessoa alguma à vista. Isso encheu Lyra de grande medo. O pássaro perguntou:

-Onde está Farder Coram?

E de repente Lyra compreendeu quem devia ser: o daemon de Serafina Pekkala, a rainha do clã, a bruxa amiga de Farder Coram. Gaguejou em resposta:

-Eu... Ele está... Vou chamar.

Virou-se e desceu a escada aos tropeços; abriu a porta da cabine que Farder Coram ocupava e falou para a escuridão:

-Farder Coram! O daemon da bruxa apareceu! Está esperando no convés. Voou até aqui sozinho, eu vi quando ele vinha pelo céu...

O ancião pediu:

-Peça para ele esperar no convés de ré, minha filha.

O ganso avançou majestosamente para a popa do navio, onde olhou em volta, ao mesmo tempo elegante e selvagem, #201

causando uma mistura de terror e fascinação em Lyra, que tinha a sensação de estar falando com um fantasma.

Então Farder Coram apareceu, enrolado em suas roupas de frio, seguido de perto por John Faa. Os dois velhos fizeram uma mesura respeitosa, e seus daemons também cumprimentaram o visitante.

-Saudações -disse Farder Coram. -Estou feliz e orgulhoso por vê-lo de novo, Kaisa. Agora, gostaria de entrar, ou

prefere ficar aqui ao ar livre?

-Eu prefiro ficar ao ar livre, obrigado, Farder Coram. Vai ficar aquecido por algum tempo aqui?

Os bruxos e seus daemons não sentiam frio, mas sabiam que os outros humanos sentiam.

Farder Coram assegurou que estavam todos bem agasalhados e perguntou:

-Como vai Serafina Pekkala?

-Ela manda lembranças, Farder Coram, está muito bem e forte. Quem são estas duas pessoas?

Farder Coram apresentou os dois. O daemon-ganso olhou atentamente para Lyra.

-Já ouvi falar desta criança -declarou. -As bruxas

conversam sobre ela. Então vieram guerrear?

-Guerrear, não, Kaisa. Viemos libertar as crianças que nos roubaram. E espero que as bruxas nos ajudem.

-Nem todas irão ajudar. Alguns clãs estão trabalhando com os caçadores do Pó.

-É assim que vocês chamam o Conselho de Oblação?

-Não sei o que possa ser esse Conselho. Eles são caçadores do Pó. Vieram para a nossa região há dez anos com

instrumentos

filosóficos. Pagaram-nos para permitir que construíssem

estações

em nossas terras e nos trataram com cortesia.

-Que Pó é esse?

#202

-Ele vem do céu. Alguns dizem que sempre existiu;

outros, que está caindo agora. O certo é que quando as pessoas tomam consciência dele, ficam apavoradas, e não descansam até descobrirem o que é. Mas nada disso interessa às bruxas.

-E onde estão agora esses caçadores do Pó?

-Quatro dias a nordeste daqui, num lugar chamado

Bolvangar. Nosso clã nunca fez acordo com eles, e por causa da nossa antiga dívida com você, Farder Coram, vim mostrar como encontrar esses caçadores do Pó.

Farder Coram sorriu, e John Faa bateu palmas com satisfação.

-Muitíssimo obrigado, senhor- disse ao ganso. -Mas

diga-nos uma coisa: sabe algo mais sobre esses caçadores do Pó?

Que é que eles fazem nessa tal de Bolvangar?

-Construíram edifícios de metal e concreto, e algumas câmaras subterrâneas. Queimam álcool de carvão, que trazem com muita despesa. Não sabemos o que fazem, mas nesse lugar, e por muitos quilômetros em volta, o ar está cheio de ódio e de medo; as bruxas conseguem ver estas coisas onde os humanos não

conseguem. Os animais também ficam de longe. Nenhum

pássaro voa lá; os lemingues e as raposas fugiram. Daí o nome

Bolvangar: as campinas do mal. Eles não chamam assim:

chamam

de Estação Experimental. Mas para todo mundo é Bolvangar .

-E como se defendem?

-Eles têm uma companhia de tártaros do Norte armados

de rifles. São bons soldados, mas não têm prática, porque

ninguém jamais atacou o posto. Além disso, à volta do terreno, há

uma cerca de arame com energia anárquica. Pode haver outras

defesas que não conhecemos, pois, como eu expliquei, isso não nos interessa.

Lyra estava louca para fazer uma pergunta; o daemon-ganso sentiu isso e olhou para ela como se lhe desse permissão para perguntar.

#203

-Por que as bruxas falam de mim? -ela quis saber.

-Por causa do seu pai e do conhecimento que ele tem dos outros mundos -respondeu o daemon.

Aquilo surpreendeu os três. Lyra olhou para Farder Coram, que lhe retribuiu o olhar com um leve espanto, e para John Faa, cuja expressão era preocupada.

-Outros mundos?-repetiu. -Perdoe-me, senhor, mas que mundos seriam esses? Está falando das estrelas?

-Claro que não.

-Talvez o mundo dos espíritos? -arriscou Farder Coram.

-Também não.

-É a cidade nas luzes, não é? -disse Lyra.

O ganso virou para ela a sua majestosa cabeça. Tinha os fios negros rodeados por uma linha fina de puro azul-celeste, e seu olhar era intenso.

-Sim -respondeu. -Há milhares de anos as bruxas sabem dos outros mundos. Eles às vezes podem ser vistos nas Luzes do Norte. Não fazem parte deste universo; até mesmo as estrelas mais distantes fazem parte deste universo, mas as luzes nos mostram outro universo, inteiramente diferente. Não é mais distante, e sim misturado a este. Aqui, neste convés, existem milhões de outros universos que não sabem uns dos outros...

Ele ergueu as asas e estendeu-as, antes de tornar a dobrá-las.

-Acabei de esbarrar em outros dez milhões de mundos, e eles nem sabem. Estamos tão próximos quanto de nós mesmos, mas não podemos tocar, ver ou ouvir esses outros mundos, a não ser nas Luzes do Norte.

-E por que lá? -quis saber Farder Coram.

-Porque as partículas carregadas na Aurora Boreal têm a propriedade de afinar a matéria deste mundo, de modo que por um momento conseguimos ver através dele. As bruxas sempre souberam disso; mas raramente falamos sobre o assunto.

#204

-Papai acredita nisso -Lyra afirmou. -Eu sei, porque ouvi ele falando e mostrando figuras sobre a Aurora Boreal.

-Isso tem alguma coisa a ver com o Pó? -perguntou John Faa.

-Quem sabe? -fez o daemon-ganso. -Só posso lhes dizer que os caçadores do Pó têm medo dele como se fosse um veneno mortal. Foi por isso que aprisionaram Lorde Asriel.

-Mas por quê? -Lyra perguntou.

-Eles acham que ele pretende usar o Pó de alguma forma para fazer uma ponte entre este mundo e o mundo do outro lado

da Aurora.

Lyra sentia a cabeça muito leve. Ouviu Farder Coram perguntar:

-E ele pretende mesmo?

-Pretende, sim -respondeu o daemon-ganso. -Eles não acreditam que ele consiga, acham que ele é louco por acreditar em outros mundos. Mas é verdade, esta é a intenção dele. E ele é uma figura tão forte que eles ficaram com medo que ele fosse atrapalhar os planos deles, de modo que fizeram um pacto com os ursos de armadura para capturá-lo e mantê-lo prisioneiro na fortaleza de Svalbard. Alguns dizem que como parte do trato eles ajudaram o novo urso-rei a chegar ao trono.

Lyra perguntou:

-As bruxas desejam que ele faça essa ponte? Estão a favor dele, ou contra ele?

-Esta é uma pergunta com uma resposta complicada demais. Em primeiro lugar, as bruxas não são unidas; há diferenças de opinião entre nós. Em segundo lugar, a ponte de Lorde

Asriel terá influência numa guerra que existe no momento entre algumas bruxas e várias outras forças, algumas no mundo dos espíritos. A posse dessa ponte, se ela algum dia existisse, daria uma

vantagem enorme a quem a possuísse. Em terceiro lugar, o clã de

Serafina Pekkala, o meu clã, ainda não faz parte de qualquer #205

aliança, embora esteja sofrendo grande pressão para se declarar de um lado ou do outro. Sabem, são questões de alta política, difíceis de responder.

-E os ursos, de que lado eles estão? -Lyra perguntou.

-Do lado de quem lhes pagar. Não têm o menor interesse nesses assuntos; não têm daemons; não se preocupam com os problemas humanos. Pelo menos é como os ursos costumavam ser, mas ouvimos dizer que o novo rei está disposto a mudar os velhos hábitos... De qualquer maneira, os caçadores do Pó pagaram a eles para aprisionar Lorde Asriel, e eles vão fazer isso até a

última gota de sangue do corpo do último urso vivo.

-Mas não de todos! -protestou Lyra. -Existe um que não está em Svalbard. É um urso renegado, e ele vai com agente. O ganso dirigiu a Lyra outro de seus olhares penetrantes.

Desta vez ela sentiu a fria surpresa dele. Farder Coram remexeu-se desconfortavelmente e disse:

-Na verdade, Lyra, acho que ele não vai. Ouvimos dizer que ele está cumprindo pena de trabalhos forçados; não está

livre,

como pensamos. Até ser liberado, ele não poderá ir conosco, com

ou sem armadura, que, aliás, ele não vai conseguir de volta.

-Mas ele disse que foi enganado! Fizeram ele ficar bêbado e roubaram a armadura dele!

-Nós ouvimos uma história diferente -John Faa contestou. - Ouvimos dizer que ele é um malandro perigoso, isto sim.

Lyra ficou tão indignada que mal conseguiu falar:

-Se o aletômetro diz alguma coisa, eu sei que é verdade.

Eu perguntei, e ele disse que o urso estava dizendo a verdade, que

ele foi mesmo enganado e são eles que estão mentindo, não ele.

Eu acredito nele, Lorde Faa! Farder Coram, você também viu o urso e acredita nele, não é?

-Eu pensei que acreditasse, filha. Mas não tenho tanta certeza quanto você.

#206

-Mas de que é que eles têm medo? Estão achando que ele vai sair matando as pessoas assim que estiver de armadura? Ele podia matar um monte delas agora!

-E matou -disse John Faa. -Bom, não um monte, mas algumas. Quando tiraram sua armadura, ele saiu em busca dela; arrombou a delegacia e o banco e nem sei mais o quê, e pelo

menos dois homens morreram. Só não foi morto a tiros por causa

da sua habilidade fantástica com metais; queriam usá-lo como operário.

-Como escravo! -protestou Lyra com veemência. - Não tinham esse direito!

-Seja como for, podiam ter matado o urso por causa dos homens que ele liquidou, e não mataram. Ele foi condenado a trabalhos forçados no interesse da cidade até pagar os estragos e a indenização pelos assassinatos.

Farder Coram interveio:

-John, não sei o que você acha, mas acredito que nunca vão lhe devolver a tal armadura. Quanto mais tempo ele ficar preso, mais zangado vai estar quando tiver a armadura de volta.

-Mas se nós lhe devolvermos a armadura, ele vai com a gente e nunca mais vai incomodar a cidade -disse Lyra. -Eu prometo, Lorde Faa.

-E como é que vamos fazer isso?

-Eu sei onde ela está!

Houve um silêncio, durante o qual todos os três tomaram consciência do daemon da bruxa olhando fixamente para Lyra.

Os três se voltaram para ele, inclusive seus próprios daemons,



que

até então tinham mantido a extrema delicadeza de manter os olhos afastados de tão singular criatura ali presente sem seu corpo.

-Você não vai ficar surpresa em saber que o aletômetro é a outra razão de as bruxas estarem interessadas em você, Lyra. Nosso cônsul nos contou sua visita hoje de manhã. Acredito que foi o Dr. Lanselius quem lhe falou do urso.

#207

-Foi, sim -disse John Faa. -Lyra e Farder Coram foram falar com ele. Acho que o que Lyra diz é verdade, mas se nós agirmos contra a lei dessa gente, só vamos conseguir entrar em briga com eles, e o que devíamos estar fazendo é ir para essa tal de Bolvangar, com ou sem urso.

-Ah, mas você não viu esse urso, John -protestou Farder Coram. -E eu acredito em Lyra. Podíamos nos responsabilizar por ele, talvez. Ele pode fazer uma grande diferença.

-Que é que o senhor acha? -John Faa perguntou ao daemon da bruxa.

-Tivemos pouco contato com os ursos. Os desejos deles são tão estranhos para nós quanto os nossos para eles. Se esse urso

é um renegado, pode ser menos confiável do que dizem que os ursos são. Vocês vão ter que resolver sozinhos.

-Está certo -disse John Faa em tom firme. -Mas agora, senhor, pode nos dizer como chegar a Bolvangar?

O daemon-ganso começou a explicar. Falou em vales e montes, na linha de árvores e na tundra, nas estrelas. Lyra escutOU

durante algum tempo e depois recostou-se na cadeira, com Pantalaimon enrolado em seu pescoço, e pensou na grandiosa visão que o daemon-ganso trouxera consigo. Uma ponte entre dois mundos... Aquilo era muito mais esplêndido do que ela poderia esperar! E somente seu maravilhoso pai poderia ter concebido tudo isso. Assim que tivessem resgatado as crianças, ela iria a Svalbard com o urso para levar o aletômetro a Lorde Asriel, usando-o para ajudar a libertá-lo; e os dois juntos construiriam a ponte e seriam os primeiros a atravessá-la...

Em algum momento durante a noite, John Faa deve ter carregado

Lyra para a cama dela, porque era onde ela estava ao acordar. O sol fraco estava em sua posição mais alta, apenas o espaço de uma

mão acima do horizonte, de modo que devia ser quase meio-dia;

#208

breve, quando se aproximassem mais do Norte, não haveria sol algum.

Ela vestiu-se depressa e correu para o convés, onde nada de especial estava acontecendo. Todos os suprimentos tinham sido descarregados, trenós e juntas de cães haviam sido alugados e aguardavam a partida; tudo estava pronto, e nada se movia. A maioria dos gípcios estava sentada em volta de compridas mesas de madeira numa taverna cheia de fumaça defronte ao mar, comendo rosquinhas e bebendo café forte e doce sob os estalidos

de algumas antiquadas lâmpadas anárquicas.

-Onde está Lorde Faa? -ela perguntou, sentando-se com Tony Costa e os amigos dele. -E Farder Coram? Eles foram pegar a armadura do urso?

-Eles estão conversando com o Alcaide. É assim que eles chamam o governador. Você viu esse tal urso, Lyra?

-Vi, sim!

Ela se pôs a explicar tudo sobre o urso. Enquanto ela falava, mais alguém puxou uma cadeira e juntou-se ao grupo.

-Quer dizer que você falou com o velho Iorek? - perguntou.

Lyra olhou com surpresa para o recém-chegado. Tratava-se de um homem alto e magro, com um bigode preto fino e olhos azuis apertados, e uma eterna expressão de distanciamento, de cinismo e de estar achando graça nas coisas. Ela ficou instantaneamente impressionada com ele, mas sem saber se gostava

dele ou não. O daemon dele era uma lebre humilde, magra e com

a mesma aparência valente que ele tinha.

O homem estendeu a mão, que ela apertou com cautela.

-Lee Scoresby -ele se apresentou.

-O aeróstata! -ela exclamou. -Onde está o seu balão?

Posso subir nele?

-No momento, ele está embalado, senhorita. Você deve ser a famosa Lyra. Que foi que achou de Iorek Byrnison?

#209

-Conhece ele?

-Lutei ao lado dele na campanha da Tunguska. Droga, conheço Iorek há anos. Os ursos são criaturas difíceis, mas aquele

é um problema, sem dúvida. Digam-me, algum dos cavalheiros está disposto a um jogo de azar?

Um baralho surgiu do nada na mão dele. Ele o manejou com destreza.

-Bom, já ouvi falar da habilidade que seu povo tem com as cartas -Lee Scoresby declarou enquanto cortava e embaralhava as

cartas com uma das mãos e com a outra pescava um charuto no

bolso da camisa. -Então achei que não iam negar a um pobre viajante texano a chance de jogar contra a sua habilidade e ousadia

no campo de batalha de papelão. Que é que dizem, cavalheiros? Os gípcios tinham orgulho de sua habilidade com as cartas, e vários homens se interessaram e aproximaram as cadeiras.

Enquanto

resolviam com Lee Scoresby que tipo de jogo seria e quanto apostariam, o daemon dele mexia as orelhas para Pantalaimon, que

compreendeu e saltou para o lado dele como um esquilo.

Ele estava falando também para Lyra, naturalmente, e Lyra escutou-o dizer baixinho:

-Vá direto ao urso e fale direto com ele. Assim que souberem o que está acontecendo vão levar a armadura dele para outro lugar .

Lyra levantou-se, levantou sua rosquinha consigo, e ninguém percebeu; Lee Scoresby já estava distribuindo as cartas e todos olhavam com suspeita para as mãos dele.

Na luz fraca daquela tarde interminável, ela chegou ao entreposto de trenós. Era uma coisa que ela sabia que tinha que fazer, mas sentia-se inquieta, e com medo também.

Do lado de fora do maior dos barracões de concreto, o grande urso estava trabalhando, e Lyra ficou olhando junto ao portão aberto. Iorek Byrnison estava desmontando um trator movido a gás que tinha dado uma trombada; a cobertura de metal

#210

do motor estava retorcida e rasgada, e um eixo curvava-se para cima. O urso levantou o metal como se fosse papelão, virando-o nas mãos enormes, como se estivesse testando o peso, antes de colocar uma pata traseira num canto e depois esticar toda a folha de metal de tal modo que as amassaduras desapareceram e a forma

original foi restaurada. Encostando-o à parede, ele levantou o trator com uma das patas e deitou-o de lado, antes de inclinar-se para examinar o eixo empenado.

Neste momento, avistou Lyra. Ela sentiu uma onda gelada de medo, por ele ser tão poderoso e desconhecido. Ela o contemplava através da cerca de tela a uns 30 metros de distância, e

cônsua de que ele conseguiria cobrir essa distância em um ou dois

saltos e rebentar a cerca como se fosse uma teia de aranha, ela quase virou-se para fugir. Mas Pantalaimon disse:

-Pare! Deixe que eu vou falar com ele.

Ele tomou a forma de uma gaivota e sem esperar resposta

dela voou por cima da cerca para o solo gelado do outro lado. Havia um portãozinho aberto, e Lyra poderia tê-lo seguido, mas ficou para trás. Pantalaimon olhou para ela e virou um texugo. Ela sabia o que ele estava fazendo. Os daemons não podiam se afastar mais de alguns metros de seus humanos, e se ela ficasse

junto à cerca e ele continuasse um pássaro, ele não conseguiria chegar perto do urso; portanto, ele ia ter que fazer força.

Ela se sentiu infeliz e irritada. As patas do texugo enfiaram-se na terra, e ele avançou. Era um sentimento muito estranho e doloroso quando o daemon de uma pessoa forçava a ligação entre

os dois; em parte, uma dor física no fundo do peito; em parte, uma tristeza e um amor intensos. E ela sabia que o mesmo acontecia com ele. Todos testavam isso quando eram crianças: ver a distância que conseguiam colocar entre os dois, tornando a reduzi-la depois com intenso alívio.

Ele forçou um pouco mais.

-Não, Pan!

#211

Mas ele não parou. O urso observava, imóvel. A dor no coração de Lyra ficava cada vez mais insuportável, e um soluço subiu-lhe à garganta.

-Pan...

Ela então atravessou o portão e correu para ele pela lama gelada; ele transformou-se num gato-do-mato e saltou para o colo

dela; os dois ficaram fortemente abraçados, ambos soltando trêmulos suspiros de infelicidade.

-Pensei que você ia mesmo...

-Não...

-Incrível como doeu...

Então ela enxugou as lágrimas com raiva e fungou com força; ele aninhou-se nos braços dela, e ela tomou consciência de

que preferia morrer do que deixar que os dois se separassem e enfrentar aquela tristeza outra vez; ela enlouqueceria de sofrimento e terror. Mesmo quando ela morresse, eles continuariam

juntos, como os Catedráticos na cripta da Jordan.

Então a menina e seu daemon olharam para o urso solitário.

Ele não tinha um daemon; estava sozinho, sempre estaria sozinho.

Ela sentiu uma onda de tamanha piedade por ele que quase estendeu a mão para tocar no pêlo dele, e apenas o senso de cortesia para com aqueles olhos frios e ferozes a impediu.

-Iorek Byrnison -ela chamou.

-Sim?

-Lorde Faa e Farder Coram foram tentar pegar sua armadura.

Ele não se moveu nem falou. Estava claro o que pensava das chances dos dois homens.

-Mas eu sei onde ela está -continuou a menina. -Se eu lhe contar, talvez você mesmo possa ir pegar, não sei.

-Como é que você sabe onde ela está?

-Eu tenho um leitor de símbolos. Acho que eu devia lhe contar, Iorek Byrnison, já que foram eles que enganaram você.

#212

Não acho isso direito. Eles não deviam ter agido assim. Lorde Faa

vai discutir com o Alcaide, mas provavelmente não vão querer devolver sua armadura; assim, se eu lhe contar, você vem com a gente e ajuda a libertar as crianças de Bolvangar?

-Vou.

-Eu... -Ela não queria ser intrometida, mas não conseguia controlar sua curiosidade. -Por que você simplesmente não faz uma armadura com todo este metal, Iorek Byrnison?

-Porque não adianta. Veja. -Ele levantou a capa do motor com uma das mãos e com as garras da outra mão rasgou o metal como se fosse papel. -Minha armadura é feita de ferro-celeste\* especialmente para mim. A armadura de um urso é

a alma dele, assim como o seu daemon é a sua alma. Você poderia

livrar-se do seu daemon e colocar no lugar um boneco cheio de serragem? É a mesma coisa. Agora, onde está minha armadura?

-Escute, você vai ter que prometer não se vingar. Eles erraram quando tiraram sua armadura, mas você vai ter que aguentar.

-Está bem. Sem vingança. Mas se eles tentarem me impedir de pegar minha armadura, vão morrer.

-Está escondida no porão da casa do padre. Ele acha que tem um espírito dentro dela e anda tentando expulsar esse espírito. Mas ela está lá.

Ele ergueu-se nas patas traseiras e virou-se para o oeste, de modo que os últimos raios do sol tingiram seu focinho de um amarelo esbranquiçado e brilhante no meio da penumbra. Ela sentia a força emanar da enorme criatura como ondas de calor.

-Tenho que trabalhar até o pôr-do-sol -ele declarou.

-Hoje de manhã, dei a minha palavra ao dono daqui. Ainda estou devendo alguns minutos de trabalho.

\* Ferro-celeste: tradução literal de sky-iron. (N.T.)

#213

-Aqui onde eu estou o sol já se pôs -ela afirmou, pois

o sol tinha desaparecido atrás do promontório a sudoeste.

Ele ficou de quatro.

-É verdade -disse, com o rosto agora na sombra, como o dela. -Qual é o seu nome, filha?

-Lyra Belacqua.

-Então tenho uma dívida com você, Lyra Belacqua -ele afirmou.

Virou-se e afastou-se, atravessando o solo congelado com tanta rapidez que Lyra mal conseguiu acompanhá-lo, mesmo correndo. Mas ela correu, e Pantalaimon voou como uma gaiivota

para ver aonde o urso ia e gritar instruções para ela.

Iorek Byrnison saiu correndo do entreposto e desceu a ruela estreita, virando na rua principal da cidade; passou em frente ao jardim da residência do Alcaide -onde uma bandeira pendia no ar imóvel e uma sentinela marchava rigidamente de um lado para outro -e desceu a colina, passando pelo final da rua onde o Cônsul das Bruxas morava. A essa altura a sentinela percebera o que estava acontecendo e tentava decidir o que fazer, mas Iorek

Byrnison já havia virado uma esquina perto do porto.

As pessoas paravam para olhar ou saíam do caminho dele.

A sentinela deu dois tiros para o alto e saiu correndo morro abaixo

atrás do urso, estragando a cena ao escorregar na ladeira cheia de

gelo, só recuperando o equilíbrio depois de agarrar-se a uma grade. Lyra não vinha muito atrás; quando passou pela casa do Alcaide, ela viu várias figuras saindo para o pátio para ver o que estava acontecendo, e imaginou ter visto Farder Coram entre elas;

mas passou depressa, correndo rua abaixo na direção da esquina por onde a sentinela nesse momento desaparecia, seguindo o urso.

A casa do padre era mais velha do que a maioria, e feita de tijolos, um material de alto preço. Três degraus levavam à porta da rua, que agora pendia de lado, e de dentro da casa vinham #214

gritos e o barulho de madeira despedaçada. A sentinela hesitou do lado de fora, o rifle de prontidão; mas ao ver que as pessoas começavam a agrupar-se na calçada e a observar das janelas, o homem decidiu que tinha que agir e deu um tiro para o alto antes de entrar correndo.

No momento seguinte, a casa inteira pareceu estremecer.

Em três janelas, as vidraças estilhaçaram e uma telha deslizou do

telhado, e então uma criada saiu correndo da casa, aterrorizada,

o galo que era o seu daemon atrás dela, batendo as asas. Soou outro disparo dentro da casa, e ouviu-se um rugido feroz que fez a criada gritar. Então o próprio padre saiu como se tivesse sido arremessado de um canhão, com seu daemonpelicano de penas arrepiadas e expressão de orgulho ferido. Lyra escutou ordens gritadas e virou-se ao ver um pelotão de policiais armados

surgir correndo da esquina, alguns com pistolas e outros com rifles, e logo atrás vinha John Faa e a figura gorducha e nervosa do Alcaide.

O som de algo que se partia fez com que todos olhassem para a casa. Uma janela ao nível do solo, obviamente dando para um porão, foi arrancada ruidosamente. A sentinela que tinha seguido Iorek Byrnison para dentro da casa saiu lá de dentro disparada e parou de frente para a janela do porão com o rifle em

posição de tiro; e então a janela escancarou-se com violência e por ela surgiu Iorek Byrnison, o urso de armadura.

Sem ela, ele inspirava respeito; com ela, inspirava terror. A armadura era vermelho-ferrugem e toscamente montada: grandes

folhas e placas de metal descolorido e marcado, que rangiam e raspavam umas nas outras ao se sobreporem. O elmo era pontudo

como o focinho do dono, com fendas no lugar dos olhos, e deixava as mandíbulas de fora para que ele usasse os dentes.

A sentinela disparou vários tiros, e os policiais também apontaram as armas, mas Iorek Byrnison simplesmente jogou longe as balas com uma sacudidela, como se fossem gotas de #215

chuva; lançou-se para a frente em meio ao rangido do metal e derrubou a sentinela antes que esta pudesse fugir. O daemon da sentinela, uma cadela husky, jogou-se sobre a garganta do urso, mas este deu-lhe a atenção que daria a uma mosca; puxando a sentinela para si com uma das patas, ele inclinou-se e enfiou a cabeça do homem entre os dentes. Lyra sabia exatamente o que ia acontecer a seguir: ele ia esmagar a cabeça da sentinela como um ovo, e haveria uma luta sangrenta, mais mortes, mais atraso; e eles nunca se livrariam, com ou sem o urso.

Sem pensar, ela lançou-se para a frente e colocou a mão no único local vulnerável na armadura do urso -o buraco que aparecia entre o elmo e a grande placa dos ombros quando ele baixava a cabeça -, onde ela entrevia a pelagem brancoamarelada entre as bordas enferrujadas. A menina enfiou os dedos lá

dentro, e Pantalaimon no mesmo instante voou para o local e virou um gato-do-mato, agachado, pronto para defendê-la; mas

Iorek Byrnison ficou imóvel, e os soldados não atiraram.

Em veemente cochicho, ela lhe disse:

-Iorek! Escute! Você tem uma dívida comigo, certo? Pojs agora pode pagar. Faça o que eu peço: não lute com esses homens.

Vamos embora daqui. Nós precisamos de você, Iorek, você não pode ficar. Venha andando comigo até o porto e não olhe para trás. Farder Coram e Lorde Faa estão ali, deixe a conversa para eles, eles vão se sair bem. Largue este homem e venha comigo...

O urso abriu a boca lentamente. A cabeça da sentinela, sangrenta, molhada e pálida como a morte, bateu no chão quando

ele desmaiou, e seu daemon pôs-se a acariciá-lo e acalmá-lo enquanto o urso recuava para o lado de Lyra.

Ninguém mais se movia. Ficaram todos observando o urso dar as costas à sua vítima apedido da menininha com o daemon-gato, e em seguida abriram caminho para dar passagem a Iorek Byrnison, que com passos pesados atravessou a multidão ao lado

de Lyra em direção ao porto.

#216

Toda a atenção de Lyra estava concentrada no urso; portanto, ela não viu a confusão atrás deles, o medo e a raiva que cresceram na sentinela depois que ele se foi. Ela caminhava ao lado dele, e Pantalaimon ia à frente dos dois, como se abrisse caminho.

Quando chegaram ao porto, Iorek Byrnison baixou a cabeça e desabotoou o elmo com uma garra, deixando-o cair sonoramente no solo congelado. Os gípcios saíram do café, sentindo

que alguma coisa estava acontecendo, e à luz das lâmpadas anárquicas do convés do navio assistiram a Iorek Byrnison despir o resto da armadura e deixá-la amontoada na beira do cais. Sem uma palavra, ele foi até a água, mergulhou nela sem provocar uma só ondulação e desapareceu.

-Que foi que aconteceu? -perguntou Tony Costa ao ouvir as vozes indignadas dos moradores e da polícia descendo para o porto.

Lyra contou-lhe, como pôde.

-Mas para onde ele foi? -quis saber o rapaz. -Pois ele não acabou de largar a armadura aí no chão? Eles vão pegar ela de volta assim que chegarem aqui!

Lyra também tinha medo de que isso acontecesse, pois um policial já vinha virando a esquina, depois outro, depois o Alcaide

e o padre, e uns 20 ou 30 espectadores, com John Faa e Farder



Coram tentando alcançá-los.

Mas eles pararam quando viram o grupo no cais, pois tinha surgido mais alguém: sentado sobre a armadura do urso, com um tornozelo apoiado no joelho, via-se a figura comprida de Lee Scoresby, tendo na mão a pistola mais comprida que Lyra já havia visto, apontando, de maneira casual, para a ampla barriga do Alcaide.

-Parece que vocês não cuidaram direito da armadura do meu amigo -disse, em tom de bate-papo. -E não me surpreenderia de encontrar traças nela. Agora fiquem paradinhos #217

aí, bem calminhos, e que ninguém se mova até o urso voltar com um lubrificante qualquer. Ou melhor, acho que vocês todos podem ir para casa ler jornal. A escolha é de vocês.

-Ali está ele! -exclamou Tony, apontando para uma rampa na ponta do cais.

Ali Iorek Byrnison emergia da água arrastando uma coisa escura atrás de si. Uma vez em cima do cais, ele se sacudiu, soltando água em todas as direções, até seus pêlos estarem secos.

Então inclinou-se para tornar a pegar com os dentes o objeto negro e arrastou-o até onde estava a armadura. Era uma foca morta.

-Iorek! -disse o aeróstata, pondo-se de pé preguiçosamente e mantendo a pistola fixa no Alcaide. -Oi!

O urso ergueu os olhos e soltou um rosnado curto, antes de rasgar com a garra uma abertura na foca. Lyra observou, fascinada, enquanto ele esticava a pele do animal morto e arrancava tiras

de gordura, que começou a passar em toda a armadura, colocando

mais quantidade nos lugares onde as placas se sobrepunham em movimento.

-Você está com esta gente? -ele perguntou a Lee Scoresby.

-Claro. Acho que nós dois somos empregados deles, Iorek.

-Onde está o seu balão? -Lyra perguntou ao texano.

-Embalado em dois trenós -ele informou. -Aí vem o patrão.

John Faa e Farder Coram, juntamente com o Alcaide, desceram o cais com quatro policiais armados.

-Urso! -disse o Alcaide em voz alta e áspera. -Desta vez você tem permissão para partir em companhia dessas pessoas.

Mas fique sabendo que se aparecer de novo dentro dos limites da cidade será tratado sem piedade.

#218

Iorek Byrnison não lhe deu a menor atenção, mas continuou esfregando gordura de foca em toda a armadura; o cuidado e a atenção que ele dedicava a essa tarefa lembrou a Lyra sua própria devoção a Pantalaimon. Exatamente como o urso tinha dito: a armadura era a alma dele. O Alcaide e os policiais retiraram-se, e aos poucos os espectadores viraram-se e foram-se embora, apesar de alguns terem ficado para assistir.

John Faa levou as mãos à boca e chamou:

-Gípcios!

Estavam todos prontos para partir e ansiosos para seguir caminho desde que tinham desembarcado; os trenós estavam preparados, os cães a postos.

John Faa anunciou:

-Hora da partida, amigos. Estamos todos reunidos e o caminho nos espera. Sr. Scoresby, já arrumou suas coisas?

-Estou pronto para partir, Lorde Faa.

-E você, Iorek Byrnison?

-Assim que vestir minha armadura -respondeu o urso.

Ele havia terminado de lubrificar a armadura. Sem querer desperdiçar a carne da foca, ergueu a carcaça nos dentes e jogou-a

sobre o trenó maior de Lee Scoresby antes de vestir a armadura.

Era impressionante ver a leveza com que ele a manjava: em certos

locais, as folhas de metal tinham quase três centímetros de espessura, mas ele as jogava em cima de si mesmo como se fossem

panos de seda. Levou menos de um minuto, e desta vez não se ouviu um só rangido do ferro.

Assim, em menos de meia hora, a expedição seguia para o norte. Sob um céu pontilhado de milhões de estrelas e uma lua exuberante, os trenós avançavam aos solavancos, fazendo ruído por sobre os buracos e as pedras até chegarem à neve limpa na periferia da cidade. Então o som mudou, tornando-se mais regular, e os cães começaram a aumentar a velocidade.

#219

Lyra, no trenó de Farder Coram, tão agasalhada que só tinha os olhos de

fora, cochichou a Pantalaimon:

-Está vendo Iorek?

-Ele vem caminhando ao lado do trenó de Lee Scoresby

-respondeu o daemon, olhando para trás em sua forma de arminho enquanto se agarrava ao capuz de pêlo de carcaju que

ela usava.

A frente deles, acima das montanhas ao norte, os arcos volteios pálidos das Luzes do Norte começaram a brilhar e tremeluzir. Lyra via-as através dos olhos semicerrados, e teve uma sensação sonolenta de perfeita felicidade, de estar viajando para o norte sob a Aurora Boreal. Pantalaimon lutava contra a sonolência dela, mas em vão; ele então virou um ratinho e enrodilhou-se dentro do capuz dela. Podia contar a ela quando despertassem e provavelmente era um animal, ou um sonho, ou um tipo qualquer de espírito local inofensivo; mas alguma coisa estava seguindo a fila de trenós, saltando com leveza de galho em galho pelos pinheiros, e aquilo trazia até ele a preocupante lembrança de um macaco.

#220

O Menino Perdido

VIAJARAM durante várias horas e então pararam para comer. Enquanto os homens acendiam as fogueiras e derretiam neve para beber, com

Iorek Byrnison observando Lee Scoresby assar carne de foca, John Faa conversava com Lyra.

-Lyra, você consegue enxergar o instrumento para poder ler? -perguntou.

A lua já havia se posto muito tempo antes. A luz da Aurora Boreal era mais forte do que o luar, porém inconstante. No entanto Lyra tinha boa visão; enfiando a mão dentro de suas peles,

ela retirou a sacola de veludo negro.

-Consigo, sim -disse. -Mas de qualquer maneira já sei o lugar da maioria dos símbolos. Que é que vou perguntar, Lorde Faa?

-Quero saber mais sobre como é que estão defendendo esse lugar, Bolvangar- ele pediu.

Sem sequer precisar pensar, ela viu que seus dedos moviam os ponteiros apontando para o elmo, o grifo e o cadinho, e sentiu a mente escolher os significados corretos como um complicado diagrama em três dimensões. No mesmo instante, o ponteiro

#221

Enquanto o aeróstata se aproximava do trenó, Lyra saiu de fininho e foi falar com o urso.

-Iorek, você já viajou por aqui?

-Uma vez -ele respondeu.

-Tem uma aldeia aqui perto, não é?

-Do outro lado da serra -ele disse, erguendo os olhos para o topo por entre as poucas árvores.

-Fica longe?

-Para você ou para mim?

-Para mim.

-Longe demais. Para mim, nem um pouco.

-Quanto tempo você levaria, então?

-Eu poderia ir e voltar três vezes antes do próximo nascer da lua.

-Porque, Iorek, escute, eu tenho um leitor de símbolos que me diz as coisas, entende, e ele me disse que tem uma coisa importante que eu tenho que fazer naquela aldeia, e Lorde Faa não quer me deixar ir. Ele quer viajar depressa, e sei que isso é importante também. Mas se eu não for até lá e descobrir o que é, podemos nunca ficar sabendo o que os Papões estão fazendo. O urso ficou em silêncio. Estava sentado como um humano, as enormes patas juntas no colo, os olhos escuros fixos nos dela. Sabia que ela queria alguma coisa. Pantalaimon falou:

-Pode nos levar lá e alcançar os trenós depois?

-Eu poderia. Mas dei a minha palavra a Lorde Faa que ia obedecer a ele e a ninguém mais.

-Se eu tivesse a permissão dele? -Lyra perguntou.

-Então sim.

Ela virou-se e voltou correndo pela neve.

-Lorde Faa! Se Iorek Byrnison me levar até a aldeia no outro lado podemos descobrir o que está havendo lá e depois alcançar os trenós. Ele conhece o caminho. Eu não ia pedir, mas é como o que eu fiz antes, Farder Coram, o senhor se lembra #223

daquele camaleão. Na hora eu não entendi, mas era verdade, nós descobrimos logo depois. E tenho a mesma sensação agora. Não consigo entender direito o que o leitor de símbolos está dizendo, mas sei que é importante. E Iorek Byrnison conhece o caminho, ele disse que podia ir e voltar três vezes até a próxima lua, e eu estaria em segurança com ele, não é? Mas ele só vai se tiver permissão de Lorde Faa.

Houve um silêncio. Farder Coram suspirou. John Faa estava muito preocupado, os lábios apertados. Antes, porém, que ele dissesse alguma coisa o aeróstata interveio:

-Lorde Faa, se Iorek Byrnison levar a garotinha, ela vai estar tão segura quanto se estivesse aqui conosco. Todos os ursos

são honestos, mas conheço Iorek há anos e nada neste mundo vai

fazer com que ele rompa a palavra dada. Se ordenar que ele tome

conta dela, ele vai fazer isto, não se preocupe. Quanto à velocidade, ele consegue galopar horas seguidas sem se cansar.

-Mas por que não podiam ir alguns homens? -John Faa

perguntou.

-Bom, eles iam ter que caminhar, porque não se pode atravessar aquela serra de trenó -Lyra respondeu. -Iorek Byrnison pode ir mais rápido do que qualquer homem neste tipo de terreno, e sou bastante leve, de modo que ele não vai se cansar .

E prometo, Lorde Faa, prometo não demorar mais do que o necessário, nem dar qualquer informação sobre nós, nem correr qualquer risco.

-Tem certeza de que precisa fazer isso? Esse leitor de símbolos não está bancando o bobo com você?

-Ele nunca brinca, Lorde Faa, e acho que não ia conseguir bancar o bobo.

John Faa esfregou o queixo.

-Bem, se tudo der certo, teremos mais alguma informação. Iorek Byrnison! -chamou. -Está disposto a fazer o que esta menina está pedindo?

#224

-Faço o que o senhor pedir, Lorde Faa. Diga-me para levar a garota e eu levo.

-Muito bem. Leve a garota aonde ela deseja ir e faça o que ela pedir. Lyra, agora estou dando as suas ordens, está entendendo?

-Sim, Lorde Faa.

-Você vai procurar seja o que for, e quando tiver encontrado, volte imediatamente. Iorek Byrnison, vamos estar viajando, de modo que vai ter que nos alcançar.

O urso assentiu com a enorme cabeça.

-Algum soldado na aldeia? -ele perguntou. -Vou precisar da minha armadura? Vamos mais depressa sem ela.

-Não, eu tenho certeza, Iorek. Obrigada, Lorde Faa, prometo fazer o que o senhor mandou.

Tony Costa deu-lhe um pedaço de carne-seca para mascar, e com Pantalaimon como ratinho dentro do seu capuz, Lyra subiu para as costas amplas do urso, agarrando seus pêlos com suas luvas de lã e prendendo os joelhos na cintura fina e musculosa

dele. A pelagem dele era maravilhosamente espessa, e a sensação

de grande poder que ela experimentou era avassaladora. Como se ela nada pesasse, ele virou-se e saiu a galope na direção da serra

e das árvores baixas.

Levou algum tempo para que ela se acostumasse com o movimento, e então sentiu-se invadida por um grande entusiasmo. Estava cavalgando um urso! A Aurora Boreal estendia-se

acima deles em arcos e arabescos dourados, e à volta dela, o impiedoso frio do Pólo Ártico e o silêncio imenso do Norte. As patas de Iorek Byrnison mal faziam ruído na neve. As árvores eram magras e pouco crescidas, pois ficavam na borda da tundra, mas havia galhos secos e moitas espinhentas no caminho.

O urso passava por elas como se fossem teias de aranha. Subiram a serra baixa entre erupções de rocha negra, e logo estavam fora das vistas dos viajantes. Lyra queria conversar com

#225  
o urso, e se ele fosse humano ela já estaria amiga dele; mas ele era

tão estranho, selvagem e frio que ela sentia timidez, talvez pela primeira vez na vida. Assim, enquanto ele seguia a galope, as pernas

poderosas movendo-se incansáveis, ela ficou em silêncio.

Talvez ele

preferisse assim, ela pensou; ela devia parecer um filhote bagunceiro,

mal saído do ninho, aos olhos do urso de armadura.

Raras vezes ela pensara em si própria e achava a experiência interessante, porém desconfortável; aliás, bem parecido com cavalgar o urso. Iorek Byrnison galopava depressa, movendo ambas as pernas de um lado do corpo ao mesmo tempo e balançando-se de um lado para outro num ritmo forte e regular. Ela descobriu que não podia apenas ficar agarrada a ele; precisava

seguir seus movimentos.

Estavam com cerca de uma hora de viagem e Lyra sentiu-se dura e dolorida, porém profundamente feliz, quando Iorek Byrnison diminuiu a velocidade e parou.

-Olhe para cima -ele disse.

Lyra ergueu os olhos e teve que enxugá-los com o pulso, pois sentia tanto frio que tinha lágrimas nos olhos. Quando conseguiu enxergar, ficou boquiaberta com a visão do céu. A Aurora Boreal desbotara para um brilho pálido e trêmulo, mas as estrelas brilhavam como diamantes, e através do grande domo pontilhado de diamantes, centenas e centenas de minúsculas figuras negras voavam do leste e do sul em direção ao norte.

-São pássaros? -ela perguntou.

-São bruxas -disse o urso.

-Bruxas? Que é que estão fazendo?

-Reunindo-se para a guerra, talvez. Nunca vi tantas ao mesmo tempo.

-Conhece alguma bruxa, Iorek?

-Já servi a algumas delas. E lutei contra algumas, também.

Isto vai deixar Lorde Faa assustado. Se elas estão indo ajudar os seus inimigos, vocês todos deviam ficar com medo.

#226

-Lorde Faa não vai ficar com medo. Você não está com medo, está?

-Ainda não. Quando estiver, vou controlar meu medo.

Mas é melhor contarmos a Lorde Faa sobre as bruxas, porque os homens podem não ter visto.

Ele seguiu mais devagar, e ela ficou observando o céu até seus olhos encherem-se novamente de lágrimas de frio, mas não viu terminar o fluxo de bruxas que voavam para o norte.

Finalmente Iorek Byrnison estacou e disse:

-Esta é a aldeia.

A frente deles, havia uma ladeira íngreme e acidentada, e lá embaixo um punhado de construções de madeira ao lado de uma vastidão de neve muito plana, que Lyra imaginou ser o lago congelado. Um cais de madeira mostrou que ela estava certa. Os dois estavam a menos de cinco minutos do lugar.

-Que é que você quer fazer? -o urso perguntou.

Lyra escorregou das costas dele e teve dificuldade em ficar de pé. Seu rosto estava rígido de frio e as pernas tremiam, mas ela

agarrou-se ao pêlo dele e bateu os pés no chão até se sentir mais forte.

-Tem uma criança, ou um fantasma, ou uma coisa qualquer nesta aldeia, ou talvez perto dela, não sei direito. Quero descobrir onde está e levar essa coisa para Lorde Faa e para os outros, se eu conseguir. Pensei que era um fantasma, mas o leitor

de símbolos podia estar me dizendo alguma coisa que não consegui entender .

-Se ele está ao relento, vai ter que encontrar um abrigo qualquer- disse o urso.

-Acho que não está morto... -disse Lyra.

Mas não tinha a menor certeza. O aletômetro havia indicado alguma coisa estranha e antinatural, o que era alarmante; mas quem

era ela? A filha de Lorde Asriel. E quem estava sob seu comando?

Um urso poderoso. Como ela podia demonstrar medo?

#227

-Vamos procurar -ordenou.

Tornou a montar nas costas dele, e o urso desceu encosta abaixo, caminhando sem pressa. Os cães da aldeia farejaram, ouviram ou sentiram a chegada deles e puseram-se a uivar apavorantemente; e as renas em seus currais moviam-se nervosamente, os chifres batendo uns nos outros como

gravetos secos.

No ar imóvel, ouvia-se de longe cada movimento.

Quando chegaram à primeira casa, Lyra olhou para a direita e para a esquerda, tentando enxergar na escuridão, pois a Aurora Boreal estava se dissipando, e a lua ainda demoraria a nascer.

Aqui

e ali uma luz tremulava sob um telhado coberto de neve; Lyra julgou ter visto rostos pálidos atrás da vidraça de algumas janelas,

e ficou imaginando a surpresa deles ao verem uma criança montada num grande urso branco.

No centro da pequena aldeia, havia um espaço aberto junto ao ancoradouro onde os botes tinham sido deixados, parecendo protuberâncias na neve. O barulho dos cachorros era ensurdecedor; no instante

em que Lyra achou que aquilo ia acordar alguém, uma porta se abriu, e um homem saiu segurando uma espingarda.

Seu daemon-carcaju saltou para a pilha de lenha ao lado da porta, espalhando neve.

Lyra desceu imediatamente e ficou parada entre ele e Iorek Byrnison, lembrando-se de ter dito ao urso que não haveria necessidade da armadura.

O homem falou em palavras que ela não conseguiu entender.

Iorek Byrnison respondeu na mesma língua, e o homem, soltou um gemido de medo.

-Ele acha que somos demônios. Que é que eu digo? - quis saber o urso.

-Diga-lhe que não somos demônios, mas temos amigos que são. E estamos procurando... só uma criança. Uma criança estranha. Diga isto a ele.

#228

Assim que o urso disse isto, o homem apontou para a direita, indicando um lugar distante, e falou rapidamente. Iorek Byrnison traduziu:

-Ele quer saber se viemos levar a criança embora. Estão com medo dela. Tentaram fazer que ela fosse, mas ela sempre volta.

-Diga que vamos levar a criança com a gente, mas que eles foram muito maus em tratá-la assim. Onde está ela, afinal?

O homem explicou, gesticulando animadamente. Lyra teve medo de que ele disparasse a arma por acidente, mas assim que acabou de falar ele correu de volta para casa e fechou a porta.

Lyra

via rostos em todas as janelas.

-Onde está a criança? -perguntou.



-Na peixaria -disse o urso, virando-se para seguir na direção do ancoradouro.

Lyra seguiu-o. Estava horrivelmente nervosa. O urso dirigia-se ao barracão estreito de madeira, erguendo a cabeça para farejar, e quando chegou à porta, ele estacou e disse:

-Aí dentro.

O coração de Lyra batia tão depressa que ela mal conseguia respirar. Levantou a mão para bater na porta e então, achando ridículo esse gesto, respirou fundo para chamar, mas percebeu que não sabia o que ia dizer. Ah, estava tão escuro! Devia ter levado uma lamparina...

Não havia escolha, e de qualquer maneira ela não queria que o urso visse seu medo. Ele falara em controlar o medo: era isso que ela teria que fazer. Ergueu atira de couro de rena que segurava a porta e empurrou-a com força. Ela abriu-se com ruído.

Lyra teve que afastar com os pés a neve em pilhada na frente da porta antes de conseguir abrir inteiramente a porta, e Pantalaimon em nada ajudava, correndo de um lado para outro em sua forma de arminho, uma sombra branca sobre o solo branco, fazendo ruídos de medo.

#229

-Pan, pelo amor de Deus! Vire morcego e vá olhar para mim...

Mas ele não quis, e também não quis falar. Ela nunca o vira assim, a não ser na ocasião em que ela e Roger tinham trocado de lugar as moedas dos daemons na cripta da Jordan. Agora ele estava ainda mais amedrontado que ela. Quanto a Iorek Byrnison, o urso estava deitado na neve ali perto, observando em

silêncio.

-Saia daí! -Lyra ordenou, o mais alto que ousou. -

Saia!

Não houve resposta. Ela abriu um pouco mais a porta, e Pantalaimon saltou para os seus braços em forma de gato, cutucando-a e dizendo:

-Vá embora! Não fique aqui! Ah, Lyra, vá agora! Vire as costas!

Tentando segurá-lo, ela viu que Iorek Byrnison ficava de pé e virou-se para ver uma figura correndo pelo caminho que vinha da aldeia, carregando uma lamparina. Quando a figura se aproximou, ergueu a lamparina para mostrar o rosto: um ancião de rosto

largo e enrugado e os olhos perdidos no meio de mil rugas. Seu daemon era uma raposa do Artico.

Ele falou, e Iorek Byrnison traduziu:

-Ele diz que não é a única criança desse tipo. Já viu outras na floresta. As vezes elas morrem logo, às vezes não morrem. Essa

aí é durona, ele acha. Mas seria melhor para ela se morresse.

-Pergunte se ele pode me emprestar a lamparina -disse Lyra.

O urso falou e o homem entregou a lamparina de imediato, assentindo vigorosamente. Ela entendeu que ele tinha vindo trazer a lamparina para ela, e agradeceu. Ele assentiu outra vez e recuou para longe dela, do barracão e do urso.

Lyra pensou de repente: e se for o Roger? E rezou com todas as forças para que não fosse. Pantalaimon estava agarrado a ela, #230

novamente um arminho, as pequenas garras enfiadas no casaco dela.

Lyra ergueu a lamparina e deu um passo para dentro do barracão, e então viu o que era que o Conselho de Oblação estava

fazendo e qual a natureza do sacrifício que as crianças estavam tendo que fazer.

O menininho estava encolhido de encontro à grade de secagem com suas filas e filas de peixes pendurados, duros como

tábuas. Ele apertava ao peito um pedaço de peixe seco como

Lyra

apertava Pantalaimon: com ambas as mãos, contra o coração; mas,

era tudo que ele tinha: um pedaço de peixe seco; porque ele não tinha um daemon. Os Papões tinham separado o daemon dele.

Isso era intercisão, e aquela era uma criança seccionada!

#231

Esgrima

O primeiro impulso dela foi de virar-se e sair correndo, ou então vomitar. Um ser humano sem daemon era como uma pessoa sem rosto, ou com as costelas à mostra e o coração arrancado:

uma coisa antinatural e estranha, que pertencia ao mundo dos pesadelos noturnos, não ao mundo desperto e racional.

De modo que Lyra agarrou-se a Pantalaimon; sentia a cabeça girar e tinha ânsias de vômito; apesar do frio intenso da noite, um suor doentio umideceu sua carne com uma coisa ainda mais fria.

-Rateira! - fez o menino. - Você viu a minha Rateira?

Lyra não tinha dúvidas do que ele queria dizer.

-Não - respondeu, em voz tão fraca e assustada quanto ela se sentia. - Como é que você se chama?

-Tony Makarios - ele disse. - Onde está a Rateira?

-Não sei... -ela começou, mas teve que engolir em seco para controlar a náusea. -Os Papões...

Mas não conseguiu continuar. Teve que sair do barracão e ir sentar-se na neve sozinha, só que naturalmente ela não estava sozinha, nunca estaria sozinha, pois Pantalaimon estava sempre

#232  
ali. Ah, ser afastada dele como aquele menininho tinha sido afastado da sua Rateira! A pior coisa no mundo! Ela soluçava, e Pantalaimon também gemia, e em ambos havia uma imensa piedade e tristeza por aquele meio-menino.

Então ela levantou-se.

-Venha -chamou, em voz trêmula. -Tony, saia daí.

Vamos levar você para um lugar seguro.

Houve um movimento dentro da peixaria, e ele apareceu à porta, ainda agarrado ao peixe seco. Estava usando roupas quentes, um casacão com capuz bem acolchoado e botas de pele, mas que aparentavam ser de segunda mão e não lhe assentavam muito bem. Do lado de fora, sob a luz que vinha dos rastros desbotados da Aurora Boreal e do chão coberto de neve, ele parecia ainda mais perdido e digno de pena do que a princípio, quando estava acorado dentro da peixaria, à luz da lamparina.

O aldeão que trouxera a lamparina tinha recuado alguns metros, e gritou alguma coisa. Iorek Byrnison traduziu:

-Ele está dizendo que você tem que pagar pelo peixe.

Lyra teve vontade de mandar o urso acabar com ele, mas disse apenas:

-Vamos livrar a aldeia desta criança. Eles podem muito bem dar um peixe como pagamento.

O urso falou. O homem resmungou, mas não discutiu. Lyra colocou a lanterna na neve e pegou a mão do meio-menino para guiá-lo até o urso. Ele a acompanhou, sem mostrar surpresa ou medo diante do grande animal branco, e quando Lyra ajudou-o a sentar-se nas costas de Iorek, ele disse apenas:

-Não sei onde está a minha Rateira.

-Não, nem nós, Tony -ela respondeu. -Mas nós vamos... Vamos castigar os Papões. Vamos fazer isso, eu prometo.

Iorek, será que você consegue me carregar também?

-A minha armadura pesa muito mais do que duas crianças.

#233

Ela então subiu para o lado de Tony e ensinou-lhe a agarrar-se aos pêlos longos do urso, e Pantalaimon ficou dentro do capuz dela, aquecido, próximo e cheio de pena. Lyra sabia que

a vontade de Pantalaimon era estender o braço e acariciar o pequeno meio-menino, lambê-lo e aquecê-lo como o daemon dele teria feito; mas o grande tabu impedia isso, naturalmente.

Atravessaram a aldeia em direção à serra, e os rostos dos aldeões mostravam horror e uma espécie de alívio temeroso ao ver aquela criatura horrivelmente mutilada ser levada embora por

uma menininha e um grande urso branco.

No coração de Lyra, a repugnância lutava com a compaixão, e a compaixão venceu. Ela rodeou com os braços o corpinho magro e ossudo, para que ele não caísse. A viagem de volta à caravana foi mais fria, mais difícil e mais escura, porém pareceu passar mais depressa, apesar de tudo isso. Iorek Byrnison era incansável, e os movimentos que Lyra tinha que fazer para equilibrar-se tornaram-se automáticos, de modo que ela não corria perigo de cair. O corpo frio em seus braços era tão leve que

de certo modo era fácil de segurar, mas por outro lado ele estava inerte, rígido, sem se mover de acordo com os movimentos do urso, portanto, de certo modo, ele era difícil de segurar .

De vez em quando, o meio-menino falava.

-Que foi que você disse? -Lyra perguntou.

-Eu disse que ela vai saber onde eu estou.

-É, vai saber, sim, vai encontrar você, e nós vamos encontrar ela. Segure com força, Tony. Não estamos longe...

O urso galopava. Lyra não tinha idéia de como estava cansada até alcançarem os gípcios. Os trenós haviam parado para

o descanso dos cães, e de repente estavam todos ali, Farder Coram,

Lorde Faa, Lee Scoresby, todos vindo ajudar, mas recuando em silêncio ao verem a outra figura com Lyra. Ela estava tão rígida que não conseguia sequer soltar os braços que rodeavam o corpo dele, e John Faa teve que ajudá-la.

#234

-Meu Deus, que é isto? -espantou-se ele. -Lyra, minha filha, que foi que você encontrou?

-O nome dele é Tony -ela murmurou através dos lábios congelados. -E levaram o daemon dele. É isso que os Papões fazem.

Os homens, temerosos, ficavam à distância; mas o urso, para espanto de Lyra, deu-lhes uma bronca.

-Que vergonha! Pensem no que esta criança fez! Vocês podem não ter mais coragem que ela, mas deviam ter vergonha de mostrar que têm menos!

-Tem razão, Iorek Byrnison -disse John Faa, virando-se em seguida para dar ordens. -Atiçam a fogueira e esque ntem sopa para a criança. Para as duas crianças. Farder Coram, seu abrigo está montado?

-Está, sim, John. Traga Lyra, vamos aquecê-la.

-E o menino também -disse outra voz. -Ele pode comer e se aquecer, mesmo não...

Lyra estava tentando contar a John Faa sobre as bruxas, mas estavam todos muito ocupados, e ela cansada demais. Depois de momentos confusos, com vultos andando apressados de um lado para outro, ela sentiu Pantalaimon morder de leve sua orelha, e acordou com o rosto do urso a poucos centímetros do seu.

-As bruxas -disse Pantalaimon. -Eu chamei Iorek.

-Ah, é mesmo -ela resmungou. -Iorek, obrigada por me levar e me trazer. Posso não me lembrar de contar a Lorde Faa sobre as bruxas, de modo que é melhor você fazer isso. Ela ouviu o urso concordar e então adormeceu de vez.

Quando acordou, o dia estava claro -o que, naquela região, significava um céu pálido a sudoeste e o ar cheio de neblina cinzenta através da qual os gípcios moviam-se como fantasmas corpulentos, preparando os trenós e atrelando os cães.

#235

Lyra via isso tudo de dentro do abrigo do trenó de Farder Coram, onde ela estava deitada sob uma pilha de peles.

Pantalaimon acordou antes dela e experimentava a forma de uma raposa

do Artico antes de reverter à sua forma favorita de arminho.

Iorek Byrnison estava dormindo na neve ali perto, a cabeça apoiada nas patas; mas Farder Coram estava de pé e atarefado, e assim que viu Pantalaimon ele veio mancando acordar Lyra. Ela o viu chegar e sentou-se.

-Farder Coram, sei o que era que eu não conseguia entender! O aletômetro ficava dizendo "pássaro" e "não", e isso não fazia sentido, porque significava "nenhum daemon" e eu não sabia como isso podia ser... Que foi?

-Lyra, eu não queria contar isso a você depois de tudo que você fez, mas o menino morreu há uma hora. Ele não conseguia se acomodar, não conseguia ficar num lugar; não parava de perguntar pelo daemon, onde ele estava, se ele ia demorar; e ficava apertando aquele pedaço de peixe velho como se... Ah, não consigo falar sobre isso, filha; mas ele finalmente fechou os olhos e ficou imóvel, e foi a primeira vez que pareceu estar em paz, pois ficou igual a qualquer outra pessoa morta, com

o daemon seguindo o curso natural. Tentaram abrir uma cova para ele, mas o chão está duro como ferro. Então John Faa ordenou que fizessem uma grande fogueira e vão cremar o corpo dele, para que ele não seja devorado pelos comedores de carniça. Minha filha, você fez uma coisa boa e corajosa, e estou orgulhoso

de você. Agora que sabemos da maldade terrível de que aquela gente é capaz, vemos nosso dever com mais clareza. O que você

deve fazer é comer e descansar, porque adormeceu cedo demais para se alimentar ontem à noite, e nesta temperatura é preciso comer para não enfraquecer...

Ele estava arrumando coisas, ajeitando as peles, apertando as cordas do trenó, desembaralhando as rédeas.

-Farder Coram, onde está o menino? Já foi cremado?

#236

-Não, Lyra, está lá atrás.

-Quero ir lá ver.

Ele não poderia recusar, pois ela vira coisa pior do que um cadáver, e isto poderia acalmá-la. De modo que, com Pantalaimon como uma lebre branca saltitando delicadamente a seu lado,

ela seguiu ao longo da fila de trenós até o local onde alguns homens empilhavam lenha.

O corpo do menino estava ao lado da trilha, coberto por um pano xadrez. Ela ajoelhou-se e levantou o pano com a mão enluvada. Um dos homens fez menção de impedir, mas os outros

sacudiram a cabeça.

Pantalaimon aproximou-se enquanto Lyra contemplava o pobre rostinho abatido. Ela descalçou uma das luvas e tocou nos olhos dele. Esta vram frios como mármore, e Farder Coram tinha razão: o coitado do Tony Makarios não era diferente de qualquer outro humano cujo daemon tivesse partido na morte. Ah, se tirassem Pantalaimon dela! Ela o pegou no colo e abraçou-o como

se quisesse enfiá-lo dentro do coração. E tudo que o pequeno Tony tinha era seu pobre pedaço de peixe...

Onde estava o peixe?

Ela puxou a coberta: o peixe não estava lá.

No mesmo instante ela estava de pé, os olhos brilhando de fúria, interpelando os homens:

-Onde está o peixe dele?

Eles pararam de trabalhar, perplexos, sem saber o que ela queria; mas alguns dos daemons deles sabiam e se entreolharam.

Um dos homens pôs-se a sorrir hesitantemente.

-Não ouse achar graça! Vou arrancar os pulmões de quem rir dele! Era tudo que ele tinha, só um pedaço velho de peixe seco,

era tudo que ele tinha no lugar do seu daemon para amar e cuidar!

Quem tirou o peixe dele? Onde é que ele foi parar?

#237

Pantalaimon era um leopardo branco, como o daemon de Lorde Asriel, mas ela nem reparou nisso; tudo que via era o certo

e o errado.

-Calma, Lyra- disse um homem. -Calma, criança!

-Quem foi que pegou? -ela tornou a perguntar.

O gípcio recuou um passo diante daquela fúria.

-Eu não sabia- disse outro, em tom de arrependimento.

-Pensei que era o que ele andava comendo. Tirei da mão dele porque achei mais respeitoso. Só isso, Lyra.

-Então onde está?

O homem explicou, constrangido:

-Sem saber que ele precisava do peixe, eu dei para os meus cachorros. Peça que me perdoe.

-Não sou eu quem tem que perdoar, é ele -ela respondeu.

Imediatamente virou-se e tornou a ajoelhar-se, colocando a mão na face congelada da criança morta.

Então teve uma idéia, e procurou entre suas peles. O ar frio atravessou-a quando ela abriu o casacão, mas em poucos segundos

achou o que procurava e tirou uma moeda de ouro da bolsa antes de tornar a agasalhar-se.

-Preciso da sua faca -disse ao homem que tinha tirado o peixe; depois virou-se para Pantalaimon. -Como era o nome dele?

Pantalaimon compreendeu, naturalmente, e disse:

-Rateira.

Ela segurou a moeda com força na mão esquerda enluvada e segurando a faca como um lápis gravou no metal o nome do daemon perdido.

-Espero que isto sirva, se eu fizer como um Catedrático da Jordan -ela cochichou para o menino morto.

Forçou os dentes dele a se abrirem o suficiente para ela enfiar a moeda. Foi difícil, mas ela conseguiu, e conseguiu também

#238

tornar a fechar-lhe a boca. Então devolveu a faca ao homem e na penumbra da manhã virou-se para ir até Farder Coram.

Ele lhe deu uma caneca de sopa saída do fogo, que ela bebericou com prazer.

-Que é que vamos fazer com as bruxas, Farder Coram?

-ela quis saber. -Será que a sua bruxa estava com eles?

-A minha bruxa? Realmente não tenho idéia, Lyra. Elas podem estar indo a qualquer lugar. A vida das bruxas é cheia de vários tipos de preocupações, coisas invisíveis para nós, doenças misteriosas que as atacam e a nós não, motivos de guerra além da

nossa compreensão, alegrias e tristezas ligadas à florescência de pequenas plantinhas na tundra... Mas eu gostaria de ter visto

esse

vôo, Lyra. Gostaria de poder ver uma coisa como essa. Agora

beba

a sopa toda. Quer mais? Temos um pão assando, também. Coma bastante, filha, porque logo partiremos.

O alimento fortaleceu Lyra, e o gelo em sua alma começou a derreter. Com os outros ela foi ver o pequeno meio-menino ser colocado em sua pira fúnebre, e inclinou a cabeça e fechou os olhos

durante as orações feitas por John Faa; e então os homens aspergiram

álcool de carvão e acenderam o fogo, que num instante se alastrou.

Uma vez certos de que o cadáver tinha sido todo consumido, os viajantes recomeçaram a jornada. Foi uma viagem fantasmagórica: logo começou a nevar, e num instante o mundo estava

reduzido às sombras cinzentas dos cães, os solavancos e estalidos

do trenó, o frio cortante e um mar agitado de grandes flocos pouco mais escuros do que o céu e pouco mais claros do que o solo.

Através de tudo isto, os cães continuaram a correr, caudas no ar, soltando vapor pela boca. Avançavam para o norte, enquanto o pálido meio-dia che gava e passava, e o crepúsculo tornava a abraçar o mundo. Pararam para comer, beber e descansar numa fenda entre os montes, e para verificar a direção, e

enquanto John Faa conversava com Lee Scoresby sobre a melhor

maneira de utilizar o balão, Lyra pensou na mosca-espiã e foi #239

perguntar a Farder Coram o que havia acontecido com a lata de folhas de fumar onde ele aprisionara o inseto.

-Está bem guardada -ele contou. -Está no fundo

daquela valise, mas não dá para abrir; lá no navio eu soldei a tampa, como falei que ia fazer. Não sei o que vamos fazer com ela, para dizer a verdade; talvez jogar no fundo de uma mina de fogo, talvez isto resolvesse. Mas não precisa se preocupar, Lyra. Enquanto eu estiver com ela, você está segura.

Na primeira oportunidade, ela enfiou o braço dentro da lona congelada da valise e tirou a latinha. Antes mesmo de tocála, ela sentiu o zumbido.

Enquanto Farder Coram conversava com os outros chefes, ela levou a lata a Iorek Byrnison e explicou sua idéia. Aquilo lhe ocorrera quando ela se lembrou da facilidade com que ele rasgara

o metal da cobertura do motor.

Ele escutou, e então pegou a tampa de uma lata de biscoitos



e habilmente enrolou-a formando um cilindro pequeno e chato. Ela ficou impressionada com a habilidade das mãos dele: ao contrário da maioria dos ursos, ele e os outros da sua espécie tinham garras-polegares opostas, com as quais podiam segurar com firmeza as coisas; além disso, ele possuía um sentido inato da força e flexibilidade dos metais, o que significava que bastava erguer um pedaço de metal, flexioná-lo desta ou daquela maneira, e então raspar nele um círculo com agarra para marcar o lugar de dobrar. Foi o que fez, dobrando as laterais até formar uma caixinha redonda e uma tampa que lhe servisse. A pedido de Lyra, ele fez duas dessas: uma do mesmo tamanho da lata de folhas de fumar e outra onde coubesse a lata e uma boa quantidade de pêlos e musgo bem comprimidos para abafar o zumbido. Fechada, a caixa tinha o mesmo tamanho e formato do aletômetro. Feito isto, ela sentou-se ao lado de Iorek Byrnison enquanto o urso mastigava um pernil de rena congelado e duro como madeira.

#240

-Iorek, é ruim não ter daemon? Você não se sente solitário?

-ela quis saber.

-Solitário? -ele repetiu. -Não sei. Eles me dizem que está frio: não sei o que é frio, porque não sinto frio. Do mesmo modo, não sei o que é solidão. Os ursos foram feitos para ficarem sozinhos.

-E os ursos de Svalbard? Eles são milhares, não são? Foi o que ouvi dizer.

Ele não respondeu, mas partiu a carne ao meio com um som como um tronco rachando.

-Perdão, Iorek -ela disse. -Não quis ofender. É que fico curiosa. Sabe, fico ainda mais curiosa sobre os ursos de Svalbard por causa do meu pai.

-Quem é o seu pai?

-Lorde Asriel. É ele está preso em Svalbard, entende?

Acho que os Papões traíram ele e pagaram aos ursos para que ele fique preso lá.

-Não sei. Não sou um urso de Svalbard.

-Pensei que era...

-Não. Já fui um urso de Svalbard, mas agora não sou. Fui expulso como castigo porque matei outro urso. Então tiraram o meu cargo, a minha fortuna e a minha armadura, e me mandaram

viver na fronteira do mundo humano e lutar quando alguém me contratasse para isso, ou trabalhar em coisas brutais e afogar as lembranças no álcool.

-Por que matou o outro urso?

-De raiva. Entre os ursos existem maneiras de afastar a raiva de um pelo outro, mas eu estava fora de meu controle. De modo que matei ele e fui castigado com justiça.

-E você era rico e importante -disse Lyra, impressionada. -

Exatamente como o meu pai, Iorek! Foi exatamente o que aconteceu com ele depois que eu nasci; ele também matou alguém e então tiraram toda a fortuna dele. Foi muito antes de #241

virar prisioneiro em Svalbard. Não sei nada de Svalbard, a não ser que fica no Extremo Norte... É tudo coberto de gelo? Podese chegar lá atravessando o mar congelado?

-Não partindo deste litoral. O mar às vezes congela ao sul, às vezes não. Você ia precisar de um barco.

-Ou um balão, talvez.

-É, um balão, mas então você ia precisar do vento certo.

Ele mordeu o pernil de rena, e uma idéia louca entrou na cabeça de Lyra quando ela se lembrou de todas aquelas bruxas no

céu noturno, mas nada falou sobre o assunto. Em vez disso, fez perguntas a Iorek Byrnison sobre Svalbard e escutou atentamente

enquanto ele lhe falava das geleiras que deslizavam devagar; das rochas e icebergs onde os leões-marinhos de presas brilhantes reuniam-se em grupos de 100 ou mais; dos mares repletos de focas, dos narvais batendo as compridas presas brancas acima da água gelada; da enorme costa escura e cercada de ferro, os penhascos com quase 500 metros de altura onde os imundos avantesmas-dos-penhascos vojavam e se empoleiravam; das minas de carvão e minas de fogo onde os ursos-ferreiros martelavam

grandes folhas de ferro e com elas fabricavam armaduras...

-Se eles tomaram a sua armadura, Iorek, onde foi que arranjou esta?

-Eu mesmo fiz em Nova Zembla, com ferro-celeste. Até fazer isto eu estava incompleto.

-Quer dizer que os ursos conseguem fazer sua própria alma... -disse ela. Havia muita coisa a aprender no mundo. -

Quem é o Rei de Svalbard? Os ursos têm rei?

-O nome dele é Iofur Raknison.

Aquele nome disparou um alarme na mente de Lyra; ela já havia ouvido aquele nome, mas onde? E não tinha sido pela voz de um urso, nem de um gípcio. A voz que pronunciara esse nome

era de um Catedrático -precisa, pedante e indolentemente

#242

arrogante, uma voz bem típica da Faculdade Jordan. Ela tentou lembrar-se. Ah, conhecia tão bem aquela voz!

E então lembrou-se: a Sala Privativa, os Catedráticos ouvindo Lorde Asnel.

Tinha sido o Catedrático de palmeriano quem falara alguma coisa sobre Iofur Raknison. Ele tinha usado a palavra "panserbjorne", que Lyra não conhecia, e na ocasião ela não sabia que Iofur Raknison era um urso: mas que foi que havia

sido dito? O rei de Svalbard era vaidoso e podia ser adulado.

Havia

mais alguma coisa; se ao menos ela conseguisse recordar... Mas muita coisa acontecera desde então.

-Se seu pai é prisioneiro dos ursos de Svalbard, ele não vai conseguir escapar -Iorek Byrnison declarou. -Não há madeira para fazer um barco. Por outro lado, se ele é um fidalgo, será bem tratado. Vão lhe dar uma casa para morar, um criado, comida e combustível.

-Os ursos podem ser derrotados, Iorek?

-Não.

-Ou talvez enganados?

Ele parou de mastigar e olhou diretamente para ela. Então disse:

-Você nunca vai derrotar os ursos de armadura. Já viu a minha armadura; agora veja as minhas armas.

Largou a carne e estendeu as patas, com a palma para cima, para que ela visse. Cada palma era coberta de pele calejada com mais de três centímetros de espessura, e cada garra era pelo menos

tão comprida quanto a mão de Lyra, e afiada como faca. Ele deixou que ela as apalpasse.

-Um golpe pode esmagar o crânio de uma foca -ele disse. -Ou quebrar a coluna de um homem, ou arrancar um membro. E posso morder. Se você não tivesse me impedido, em Trollesund, eu teria esmagado a cabeça daquele homem como um ovo. Já falei da força, agora vou falar da esperteza; não se

#243

consegue enganar um urso. Quer uma prova? Pegue um graveto e vamos esgrimir.

Ansiosa para experimentar, ela quebrou o galho de uma moita coberta de neve, tirou todas as folhas e empunhou-o como se fosse uma espada. Iorek Byrnison ficou sentado nas patas traseiras, à espera. Quando estava pronta, ela o atacou, mas não quis golpeá-lo porque ele parecia muito pacífico. De modo que ficou brandindo a arma, avançando pelos lados, sem pretender

encostar nele, e ele não se mexeu. Ela fez isso várias vezes, e nem

uma vez ele se moveu um centímetro.

Finalmente ela resolveu golpeá-lo diretamente, sem força, mas apenas tocando a ponta do galho no estômago dele; no mesmo instante, ele estendeu a pata e afastou o galho para o lado.

Surpresa, ela tentou novamente, com o mesmo resultado.

Ele se movimentava com muito mais rapidez e segurança do que ela. Ela tentou atingi-lo de verdade, movimentando o pedaço de pau como a arma de um espadachim, e nem uma vez tocou no corpo dele. Ele parecia saber antes dela o que ela pretendia fazer,

e quando ela mirava a cabeça dele, a enorme pata desviava o galho.

Quando ela fazia uma finta, ele não se movia.

Ela ficou exasperada e lançou-se num ataque furioso, golpe após golpe, e nem uma vez conseguiu enganar aquelas patas; elas

estavam em toda parte, no momento exato de aparar, no lugar exato de bloquear.

Finalmente ela ficou com medo e parou. Estava suando dentro das peles, sem fôlego, exausta, e o urso continuava sentado

impassivelmente. Mesmo se ela tivesse uma espada de verdade com a ponta aguçada, ele estaria ileso.

-Aposto que você consegue aparar uma bala de espingarda

-ela disse, jogando longe o galho. -Como é que consegue?

-Não sendo um humano -ele respondeu. -É por isso que você nunca conseguiria enganar um urso. Enxergamos truques e mentiras como enxergamos pernas e braços.

Conseguimos

#244

ver de um modo que os humanos esqueceram. Mas você sabe disso; afinal, consegue entender o leitor de símbolos.

-Não é a mesma coisa, é?

Ela estava mais nervosa com o urso agora do que quando ele estava furioso.

-É, sim -ele confirmou. -Pelo que sei, os adultos não conseguem fazer isso. Aquilo que eu sou para os lutadores humanos você é para os adultos com o leitor de símbolos.

-É, pode ser -disse ela, confusa e de má vontade. -

Isto quer dizer que quando eu crescer vou esquecer?

-Quem sabe? Nunca tinha visto um leitor de símbolos, nem alguém que conseguisse ler um. Talvez você seja diferente dos outros.

Ele ficou de quatro novamente e voltou a comer sua carne.

Lyra tinha desabotoado o agasalho de peles, mas agora o frio era muito, e ela teve que fechá-lo.

No geral, fora um episódio inquietante. Ela estava com vontade de consultar o aletômetro ali mesmo, mas o frio era insuportável, e além disso estavam chamando por ela porque era hora de seguir viagem. Ela pegou as latas que Iorek Byrnison tinha

feito, colocou a que estava vazia dentro da valise de Farder

Coram

e colocou a que continha a mosca-espiã junto com o aletômetro na sacola que levava na cintura. Ficou contente quando se puseram em marcha.

Os chefes haviam concordado com Lee Scoresby que quando chegassem à parada seguinte iriam inflar o balão e ele iria espionar

do ar. Naturalmente Lyra estava doida para voar com ele e, obviamente, isso foi proibido; mas ela estava viajando no trenó dele e encheu-o de perguntas.

-Sr. Scoresby, como voaria até Svalbard?

#245

-Você ia precisar de um dirigível com um motor a gás, alguma coisa como um zepelim, ou então um bom vento sul.

Mas

eu não teria coragem, droga. Você já viu aquele lugar? O buraco mais feio, triste, ruim, esquecido que pode existir.

-Eu só estava pensando, se Iorek Byrnison quisesse voltar...

-Iria ser morto. Iorek é um degredado; assim que colocasse os pés lá iria ser feito em pedaços.

-Como é que o senhor infla o balão, Sr. Scoresby?

-De dois modos. Posso fazer hidrogênio derramando ácido sulfúrico em raspas de ferro. A gente recolhe o gás que ele solta e aos poucos enche o balão. A outra maneira é encontrar um

exaustor de gás do solo perto de uma mina de fogo. Há muito gás no subsolo daqui, e também óleo pétreo. Posso extrair gás do

óleo pétreo, se precisar, e também do carvão. Não é difícil fazer gás. Porém a maneira mais rápida é usar gás do solo. Um bom exaustor consegue encher o balão em uma hora.

-Quantas pessoas o senhor pode carregar?

-Seis, se for preciso.

-Poderia carregar Iorek Byrnison de armadura?

-Já fiz isso. Uma vez, eu o salvei dos tártaros, quando ele estava cercado, e eles queriam que ele morresse de fome. Foi na campanha do Tunguska; voei até lá e tirei Iorek. Parece fácil, droga, mas tive que adivinhar o peso do garotão. E então tive que

contar com achar gás do solo debaixo da fortaleza de gelo que ele tinha feito. Mas lá de cima eu conseguia ver o tipo de solo que era, e calculei que podíamos cavar. Sabe, para descer eu tenho que soltar gás do balão, e só posso subir de novo com mais gás. De qualquer ma neira, nós conseguimos, com a armadura e tudo.

-Sr. Scoresby, sabe que os tártaros fazem buracos na cabeça das pessoas?

-Ah, claro. Fazem isso há milhares de anos. Na guerra de Tunguska, capturamos cinco tártaros vivos, e três deles tinham um buraco na cabeça. Um deles tinha dois.

#246

-Fazem isso uns nos outros?

-Isso mesmo. Primeiro cortam um semicírculo de pele no couro cabeludo, para que possam levantar a pele e expor o osso. Então cortam e retiram do crânio um pequeno círculo de osso, com muito cuidado para não atingir o cérebro, e então tornam a costurar o couro cabeludo por cima.

-Pensei que fizessem isso nos inimigos!

-Claro que não. É um grande privilégio. Fazem isso para que os Deuses possam falar com eles.

-Já ouviu falar num explorador chamado Stanislaus Grumman?

-Grumman? Claro. Conheci um homem da equipe dele quando atravessei o rio Yenisei de balão há dois anos. Ele ia morar com as tribos tártaras por lá. Aliás, acho que ele também tinha o tal buraco na cabeça. Fazia parte de uma cerimônia de iniciação, mas o sujeito me disse que não entendia patavina daquilo.

-Então... Se ele era como um tártaro honorário, eles não iam matá-lo?

-Matá-lo? Então ele está morto?

-Está, sim. Eu vi a cabeça dele -disse Lyra com orgulho.

-Foi meu pai quem encontrou. Vi quando ele mostrou a cabeça para os Catedráticos na Faculdade Jordan em Oxford. Estava escalpelada e tudo.

-E quem foi que escalpelou?

-Bom, os tártaros, foi o que os Catedráticos pensaram...

Mas talvez não tenha sido.

-Pode não ter sido a cabeça de Grumman -disse Lee Scoresby. -Seu pai pode ter enganado os Catedráticos.

-É, acho que sim -disse Lyra pensativamente. -Ele estava pedindo dinheiro a eles.

-E quando viram a cabeça eles deram o dinheiro?

-Foi.

#247

-Belo truque. As pessoas ficam chocadas quando vêem

esse tipo de coisa. Não fazem questão de olhar de perto.

-Especialmente Catedráticos -Lyra acrescentou.

-Bom, você deve saber melhor que eu. Mas se era mesmo a cabeça do Grumman, aposto que não foram os tártaros que escalpelaram. Eles escalpelam os inimigos, não os seus, e ele era um tártaro por adoção.

Enquanto seguiam viagem, Lyra ficou remoendo essas coisas. Havia fortes correntes cheias de significado fluindo ao seu redor: os Papões e sua crueldade, o medo que tinham do Pó, a cidade na Aurora Boreal, o pai dela em Svalbard, a mãe... onde estaria sua mãe? O aletômetro, as bruxas voando para o norte. E o pobre coitado do Tony Makarios; e a mosca-espiã movida a corda; e a esperteza extraordinária de Iorek Byrnison... Ela adormeceu. E cada hora os levava mais para perto de Bolvangar .

#248

As Luzes de Bolvangar

O FATO de os gípcios não terem notícias da Sra.

Coulter preocupava Farder Coram e John Faa muito mais do que deixavam Lyra perceber; mas não imaginavam que ela também estivesse preocupada. Lyra tinha medo da Sra. Coulter e pensava nela com frequência. E embora Lorde Asriel agora fosse "papai", a Sra. Coulter nunca foi "mamãe". O motivo disso era o daemon da Sra.

Coulter, o macaco dourado, que tinha despertado uma profunda aversão em Pantalaimon e que, como Lyra suspeitava, havia se intrometido nos segredos dela, particularmente no segredo do aletômetro.

E certamente estariam atrás dela; era tolice pensar o contrário. A mosca-espiã provava isso.

Mas, quando um inimigo realmente atacou, não foi a Sra.

Coulter. Os gípcios tinham planejado parar para descansar os cachorros, consertar dois trenós e preparar todas as armas para o ataque a Bolvangar. John Faa esperava que Lee Scoresby conseguisse encontrar algum gás de solo para encher o balão menor

(pois ele possuía dois, aparentemente) e subir para espionar o terreno. No entanto o aeróstata entendia das condições meteorológicas

#249

como um marinheiro e avisou que ia haver neblina; e assim que eles fizeram alto, a névoa espessa desceu. Lee Scoresby

sabia que nada veria do céu, de modo que se contentou em verificar o equipamento, embora estivesse tudo meticulosamente em ordem. Então, sem qualquer aviso, uma rajada de flechas

caiu

da escuridão.

Três gípcios caíram na mesma hora e morreram tão silenciosamente que ninguém ouviu; só quando eles caíram por cima

das rédeas ou ficaram imóveis inesperadamente foi que os homens

mais próximos perceberam o que estava acontecendo, e então já era tarde demais, porque mais flechas caíam sobre eles. Alguns homens olharam para cima, perplexos com o ruído irregular e rápido de batidas que vinha da fila de trenós, produzido pelas flechas alvejando madeira ou lona congelada.

O primeiro a reagir foi John Faa, que, no centro da fila, gritava ordens. Mãos frias e pernas rígidas movimentaram-se para obedecer

enquanto mais flechas caíam como chuva - uma chuva mortal.

Lyra estava em terreno aberto, e as flechas passavam por cima da sua cabeça. Pantalaimon ouviu antes que ela e tornou-se um leopardo e derrubou-a, tornando-a um alvo menor.

Limpando a neve dos olhos, ela rolou para tentar ver o que estava

acontecendo, pois a semi-escuridão parecia transbordar de barulho e confusão. Ela escutou um rugido poderoso e os ruídos da

armadura de Iorek Byrnison quando ele saltou por cima dos trenós e mergulhou na neblina, e isto foi seguido por gritos, rosnados, ruídos de coisas rasgadas e esmagadas, gritos de terror e rugidos de fúria animal, enquanto o urso os dizimava.

Mas quem eram eles ? Lyra ainda não tinha avistado o inimigo. Os gípcios corriam para defender os trenós, mas isto (como até Lyra enxergava) fazia deles alvos mais fáceis; e não era

fácil disparar suas espingardas usando luvas grossas; ela ouvira apenas quatro ou cinco tiros contra uma tempestade incessante de flechas. E a cada minuto tombavam mais homens.

#250

Ela pensou, angustiada: ah, John Faa, você não previu isto, e eu não o ajudei!

Mas ela não teve mais que um segundo para pensar isto, pois Pantalaimon soltou um rosnado poderoso e alguma coisa - outro daemon - lançou-se sobre ele e derrubou-o, tirando o fôlego de Lyra; e então mãos a agarraram, a levantaram, abafaram

seus gritos com luvas fedorentas, jogando-a pelo ar de um para o outro e depois deixando-a cair com força na neve, de modo que ela estava ao mesmo tempo tonta, sem fôlego e machucada.

Seus



braços foram puxados para trás até seus ombros estalarem e alguém amarrou seus pulsos, depois colocaram um capuz cobrindo toda a sua cabeça para abafar seus gritos, pois ela gritou muito, e com força:

-Iorek! Iorek Byrnison! Socorro!

Mas será que ele podia ouvir? Ela não sabia; foi jogada de um lado para outro e finalmente caiu sobre uma superfície dura que então começou a sacudir-se como um trenó. Os sons que chegavam até ela eram ferozes e confusos. Lyra julgou ter ouvido

o rugido de Iorek Byrnison, mas muito longe; ela estava sendo levada aos solavancos por um terreno acidentado, os braços presos, a boca tapada, soluçando de raiva e medo. E vozes estranhas falavam ao seu redor.

-Pantalaimon! -ela sussurrou.

-Estou aqui, psiu, vo u ajudar você a respirar. Fique imóvel...

As patinhas de rato de Pantalaimon puxaram o capuz até que ela ficou com a boca livre e pôde respirar o ar gelado.

-Quem são eles? -ela sussurrou.

-Parecem tártaros. Acho que atingiram John Faa.

-Não...

-Vi quando ele caiu. Mas ele devia estar preparado para este tipo de ataque. Nós sabemos disto.

# 251

-Mas devíamos ter ajudado! Devíamos ter consultado o aletômetro!

-Psiu. Finja que está desmaiada.

Ouviu-se o estalar de um chicote e o uivo de cães de corrida. Pelo modo como ela estava sendo jogada de um lado para outro, Lyra sabia que estavam indo muito depressa; e embora se esforçasse para ouvir os sons do combate, tudo que conseguiu distinguir

foi uma desesperada saraivada de disparos abafados pela distância.

-Vão nos levar para os Papões -ela cochichou.

Ambos pensaram na palavra "intercissão". Um medo terrível apossou-se de Lyra, e Pantalaimon aninhou-se mais perto dela.

-Eu vou lutar -ele disse.

-Eu também. Vou matar todos eles.

-Iorek também vai matar todos eles quando descobrir.

Vai esmagar um por um.

-Será que estamos muito longe de Bolvangar?

Ele não sabia, mas ambos calculavam que fosse menos de um dia de viagem. Depois de viajarem durante tanto tempo que ela se viu atormentada pelas cãibras no corpo, a velocidade

diminuiu um pouco, e alguém puxou com brutalidade o capuz. Ela deparou com um rosto asiático largo sob um capuz de carcaju iluminado por uma lamparina trêmula. Ele tinha olhos negros que mostraram uma centelha de satisfação, especialmente

quando Pantalaimon deslizou para fora do casaco de Lyra e mostrou os dentes brancos de arminho com um rosnado. O daemon do homem, um carcaju grande e pesado, rosnou de volta,

mas Pantalaimon não se intimidou.

O homem colocou Lyra em posição sentada, apoiando-a na lateral do trenó. Ela caiu de costas, pois tinha as mãos ainda amarradas por trás, de modo que ele amarrou-lhe os pés e soltou-lhe as mãos.

Através da neve que caía e da neblina espessa, ela percebeu que o homem era muito forte, assim como o que dirigia o trenó; #252

ambos se sentiam muito à vontade naquela terra, ao contrário dos

gípcios.

O homem falou, mas naturalmente ela não entendeu. Ele tentou outra língua, com o mesmo resultado. Então tentou falar inglês.

-Seu nome?

Pantalaimon arrepiou-se todo, e ela entendeu de imediato o que ele queria dizer. Então aquela gente não sabia quem ela era!

Ela não tinha sido sequestrada por causa da sua ligação com a Sra.

Coulter; então talvez não estivessem trabalhando para os Papões.

-Lizzie Brooks -respondeu.

-Lizzie Broogs -ele repetiu. -Nós levamos você para lugar bom. Gentes boas.

-Quem são vocês?

-Samoiedes. Caçadores.

-Para onde vai me levar?

-Lugar bom. Gentes boas. Você tem panserbjorne?

-Para me proteger.

-Não adianta! Ra, ra, urso não adianta! Pegamos você assim mesmo!

Ele riu com vontade; Lyra controlou-se e nada respondeu.

-Quem é aquela gente? -o homem perguntou em seguida, apontando para trás.

-Mercadores.

-Mercadores... De quê?

-Peles, bebida, folhas de fumar.

-Vendem folhas de fumar, compram peles?

-É.

Ele disse alguma coisa ao companheiro, que deu uma resposta curta. Durante todo o tempo, o trenó ia em alta velocidade, e Lyra ajeitou-se para tentar ver para onde iam; mas estava

nevando forte, o céu estava escuro, e finalmente ela sentiu frio demais e se deitou. Ela e Pantalaimon sentiam os pensamentos #253

um do outro, e tentaram ficar calmos, mas a idéia de John Faa morto... E o que teria acontecido a Farder Coram? Iorek conseguiria matar os outros samoiedes? E alguém conseguiria encontrar o paradeiro dela?

Pela primeira vez, ela começou a sentir uma certa pena de si mesma.

Depois de muito tempo, o homem sacudiu-a pelo ombro e entregou-lhe um pedaço de carne-seca de rena para mascar.

Era

fedorenta e dura, mas ela estava com fome e aquilo era alimento.

Depois de comer tudo, ela se sentiu um pouco melhor. Enfiou a mão lentamente dentro do casaco até ter certeza de que o aletômetro ainda estava ali, e então retirou cuidadosamente a lata

com a mosca-espiã e enfiou-a dentro da bota de peles.

Pantalaimon entrou na bota em forma de um rato e empurrou a lata bem

para o fundo, prendendo-a sob a perneira de couro de rena.

Depois disto, ela fechou os olhos. Estava exausta de medo, e logo caiu num sono inquieto.

Acordou quando o movimento do trenó mudou, ficando mais suave de repente. Quando ela abriu os olhos, viu luzes passando acima, tão brilhantes que ela teve que puxar mais o capuz sobre a cabeça antes de olhar outra vez. Sentia-se muito mal, com frio e câibras, mas conseguiu sentar-se suficientemente

ereta para ver que o trenó passava entre duas filas de postes altos,

cada um com uma brilhante lâmpada anárquica. Enquanto observava as redondezas, o trenó passou por um portão de metal no

final da avenida de luzes, entrando num grande espaço aberto que parecia uma praça deserta ou uma arena para algum tipo de esporte. Era perfeitamente lisa, regular e branca, com cerca de 100 metros de extensão, rodeada por uma cerca alta de metal.

O trenó parou no extremo oposto dessa arena. Estavam diante de uma construção baixa ou uma série de construções baixas sob uma grossa camada de neve. Era difícil dizer, pois ela

teve a impressão de que havia túneis ligando as diversas partes das

#254

construções -túneis cobertos de neve. De um lado, um grosso mastro de metal tinha uma aparência familiar, embora ela não conseguisse se lembrar do que era.

Antes que ela pudesse ver mais coisas, o homem no trenó cortOU a corda que a prendia e jogou-a na neve com brutalidade,

enquanto o que dirigia gritava com os cães para que ficassem parados. Uma porta se abriu no prédio a poucos metros de distância e uma luz anárquica apareceu, movendo-se para procurá-los, como um holofote.

O raptor de Lyra empurrou-a para a frente sem soltá-la, como se estivesse exibindo um troféu, e disse alguma coisa. A figura, que usava um casaco acolchoado feito de seda carbonífera,

respondeu na mesma língua, e Lyra viu seu rosto. Não era um samoiede, nem um tártaro: parecia um Catedrático da Jordan.

Ele olhou para ela e particularmente para Pantalaimon.

O samoiede tornou a falar, e o homem de Bolvangar perguntou a Lyra:

-Você fala inglês?

-Sim -ela respondeu.

-O seu daemon sempre tem esta forma?

Que pergunta mais inesperada! Lyra não soube o que responder. Mas Pantalaimon respondeu por si mesmo, tornando-se um falcão e lançando-se sobre o daemon do homem, uma grande marmota que tentou atingir Pantalaimon com um movimento rápido e cuspiu enquanto ele voava em volta dela.

-Entendo -disse o homem em tom satisfeito, enquanto Pantalaimon voltava para o ombro de Lyra.

Os samoiedes pareciam esperar alguma coisa; o homem de Bolvangar assentiu e tirou uma luva para enfiar a mão no bolso, de onde tirou um saco fechado por um cordão. Colocou uma dúzia de pesadas moedas na mão do caçador.

Os dois homens contaram o dinheiro antes de guardá-lo com cuidado, cada um ficando com a metade. Sem olhar para

#255

trás, eles entraram no trenó, e o que dirigia estalou o chicote e gritou

para os cães; e o trenó atravessou a praça ampla e entrou na avenida

de luzes, aumentando a velocidade até desaparecer na escuridão.

O homem tornou a abrir a porta.

-Entre depressa -disse. -Lá dentro está quentinho e confortável. Não fique aí fora no frio. Como é o seu nome?

A voz era de um inglês, sem qualquer sotaque que Lyra pudesse identificar. Ele parecia o tipo de pessoa que ela havia conhecido na casa da Sra. Coulter: culto, educado e importante.

-Lizzie Brooks -ela disse.

-Entre, Lizzie. Vamos cuidar de você, não se preocupe.

Ele estava sentindo mais frio do que ela, mesmo estando ao ar livre por menos tempo, e estava impaciente para entrar. Ela resolveu bancar a boba, relutando, arrastando os pés ao entrar na casa.

Havia duas portas e um grande espaço entre elas, de modo que o ar quente não escapasse. Depois que eles entraram pela segunda porta Lyra sentiu um calor insuportável e teve que abrir o casaco e jogar o capuz para trás.

Estavam num espaço de uns três metros quadrados com corredores à direita e à esquerda; na frente dela, havia uma espécie

de balcão de recepção como o de um hospital. Tudo estava brilhantemente iluminado, com superfícies brancas e aço inoxidável. Havia no ar o cheiro de comida -toicinho e café -e sob

ele um leve cheiro de hospital; das paredes vinha um murmúrio baixo, quase baixo demais para ser ouvido -o tipo de ruído com que a pessoa tem que se acostumar para não enlouquecer.

Pantalaimon, agora um pintassilgo, cochichou no ouvido dela:

-Seja lerda e burra. Muito burra.

Alguns adultos a observavam: o homem que a trouxera, outro usando um jaleco branco, uma mulher de uniforme de enfermeira.

#256

- Inglesa - dizia o primeiro homem. - Mercadores, aparentemente.

- Os caçadores de sempre? A história de sempre?

- A mesma tribo, pelo que eu pude perceber. Enfermeira Clara, podia levar a pequena... hum... e cuidar dela?

- Claro, Doutor. Venha comigo, querida - disse a enfermeira.

Lyra acompanhou-a obedientemente.

Seguiram por um corredor curto com portas à direita e uma cantina à esquerda, de onde vinha o ruído de talheres e vozes, e cheiro de comida. Lyra calculou que a enfermeira tinha mais ou menos a idade da Sra. Coulter, e um ar de neutralidade, eficiência

e sensatez; ela teria capacidade de dar pontos num ferimento ou trocar um curativo, mas nunca de contar uma história. Lyra teve um momento de angústia quando percebeu que o daemon da enfermeira era um cachorrinho branco, e não conseguiu entender

por que ficou angustiada com isso.

- Qual é o seu nome, querida? - perguntou a enfermeira, abrindo uma porta pesada.

- Lizzie.

- Só Lizzie?

- Lizzie Brooks.

- E quantos anos você tem?

- Onze.

Lyra tinha ouvido dizer que ela era pequena para sua idade; isto não tinha afetado a idéia que tinha da sua própria importância, mas ela percebeu que agora podia usar isso para fazer de Lizzie

uma pessoa tímida, nervosa e insignificante.

Estava esperando que lhe perguntassem de onde vinha e como tinha chegado, e preparava suas respostas; mas não era só imaginação que faltava à enfermeira, mas também curiosidade; pelo interesse que a Enfermeira Clara parecia demonstrar, Bolvangar podia estar situada nos subúrbios de Londres, com #257

crianças aparecendo a todo momento. O daemon da enfermeira trotava

junto a seus pés com o mesmo jeito eficiente e neutro.

No quarto onde entraram, havia um sofá, uma mesa, duas cadeiras e um arquivo, um armário de vidro com remédios e curativos, e uma pia. Assim que entraram a enfermeira tirou o casaco de Lyra, e deixou-o cair no chão.

- Tire o resto da roupa, querida - disse. - Vamos dar uma olhada para ver se você está bem, sem resfriado ou queimaduras de frio, e depois vamos arranjar roupas limpas.

Vamos lhe

dar um banho de chuveiro, também - acrescentou, pois Lyra não tomava banho nem mudava de roupa havia alguns dias, e no ambiente aquecido este fato ficava cada vez mais evidente.

Pantalaimon remexeu-se protestando, mas Lyra calou-o com um gesto. Ele se acomodou no sofá enquanto Lyra tirava as roupas, peça por peça, sentindo raiva e vergonha, mas ainda com suficiente presença de espírito para fingir-se de boba e obediente.

- E a sua bolsa de dinheiro também, Lizzie - disse a enfermeira.

Ela própria desamarrou com seus dedos fortes o cinto com a sacola e foi colocá-lo na pilha de roupas de Lyra, mas estacou ao palpar o aletômetro.

- Que é isso? - perguntou, desabotoando a bolsa de lona.

- É um brinquedo - disse Lyra. - É meu.

- Está bem, nós não vamos tirar o seu brinquedo, minha querida - disse a Enfermeira Clara, abrindo o embrulho de

veludo negro. - Que bonitinho, parece uma bússola! Agora, para o chuveiro - continuou, largando o aletômetro e abrindo uma cortina de seda carbonífera num canto do aposento.

Com relutância Lyra entrou debaixo da água morna e ensaboou-se, enquanto Pantalaimon empoleirava-se na vara da cortina. Ambos tinham consciência de que ele não podia se mostrar muito esperto, pois os daemons das pessoas lerdas eram lerdos também. Depois que ela se enxugou, a enfermeira tomou #258

sua temperatura e examinou seus olhos, ouvidos e garganta, depois mediu sua estatura e pesou-a numa balança, antes de fazer

anotações numa prancheta. Depois deu a Lyra pijama e um roupão. Eram roupas limpas e de boa qualidade, como o casaco de Tony Makarios, mas também nelas havia um ar de roupa de segunda mão. Lyra sentiu medo.

- Isso não é meu - disse.

- Não, minha querida. As suas roupas precisam de uma boa lavagem.

- Vou ter as minhas roupas de volta?

- Imagino que sim. Claro que sim.

- Que lugar é este?

- O nome é Estação Experimental.

Isto não era uma resposta; porém, embora como Lyra ela teria dito isto e pedido mais informações, sabia que Lizzie Brooks

não agiria assim. Portanto, concordou com a cabeça e ficou quieta.

Depois de vestida, falou, em tom de queixa:

- Eu quero o meu brinquedo.

- Pode pegar, querida - disse a enfermeira. - Mas será que não preferia um belo ursinho? Ou uma linda boneca?

Ela abriu uma gaveta cheia de brinquedos que pareciam coisas mortas. Lyra obrigou-se a levantar e fingir estar pensando antes de escolher uma boneca de trapos de olhos grandes e sem expressão. Nunca tinha tido uma boneca, mas sabia como agir: apertou-a distraidamente contra o peito.

- E a minha bolsa de dinheiro? Gosto de guardar o meu brinquedo lá dentro.

- Pode pegar, minha querida - disse a Enfermeira Clara, que estava preenchendo um formulário cor-de-rosa.

Lyra levantou o paletó do pijama e prendeu o cinto com a sacola em volta da cintura.

#259

- E o meu casaco, e as minhas botas? - ela insistiu. - E as minhas luvas e as minhas coisas?

- Vamos mandar limpar para você - disse a enfermeira

automaticamente.

Então um telefone tocou, e enquanto a enfermeira atendia, Lyra abaixou-se depressa para pegar a outra lata, que continha a mosca-espiã, e colocou-a na sacola com o aletômetro.

- Vamos, Lizzie - chamou a enfermeira, desligando o telefone. - Vamos arranjar alguma coisa para você comer.

Imagino que esteja com fome.

Ela seguiu a Enfermeira Clara até a cantina, onde havia uma dúzia de mesas brancas cobertas de migalhas e de círculos molhados e pegajosos feitos por copos sujos. Pratos e talheres sujos

estavam empilhados num carrinho de aço. Não havia janelas, e para dar ilusão de luz e espaço uma das paredes era coberta por um gigantesco fotograma mostrando uma praia tropical, com um céu azul brilhante, areias brancas e coqueiros.

O homem que levara Lyra para dentro da casa estava pegando uma bandeja.

- Pode comer à vontade.

Não havia utilidade em passar fome, de modo que ela comeu com satisfação o picadinho com purê de batatas. Havia uma terrina de pêssegos em calda e, além disto, sorvete.

Enquanto

ela comia, o homem e a enfermeira conversavam em voz baixa na

outra mesa; quando ela terminou, a enfermeira trouxe-lhe um copo de leite quente e levou a bandeja.

O homem veio sentar-se defronte a ela. O daemon dele, a marmota, não era neutro e alheio como o daemon da enfermeira, mas sentou-se polidamente no ombro dele e ficou prestando atenção.

- Bem, Lizzie, você comeu o bastante?

- Comi, sim, obrigada.

- Quero que me diga de onde veio. Sabe me responder?

#260

- De Londres - ela disse.

- Que é que está fazendo tão longe?

- Com meu pai - ela resmungou. Mantinha os olhos baixos, evitando o olhar da marmota e tentando parecer à beira das lágrimas.

- Com o seu pai? Entendo. E que é que seu pai veio fazer nesta parte do mundo?

- Comércio. Viemos com uma carga de folhas de fumar da Nova Dinamarca e estávamos comprando peles.

- E o seu pai estava sozinho?

- Não. Com meus tios e tudo, e outros homens - ela disse, sem saber o que o caçador samoiede tinha revelado.

- Por que foi que ele trouxe você numa viagem como essa,



Lizzie?

- Porque há dois anos ele trouxe o meu irmão e disse que depois ia me trazer e nunca trazia, e eu fiquei pedindo muito e ele trouxe.

- E quantos anos você tem?

- Onze.

- Bom, bom. Lizzie, você é uma garota de sorte. Aqueles caçadores que encontraram você vieram para o melhor lugar possível.

-Eles não me encontraram. Foi um ataque. Eram muitos, eles tinham flechas...

- Acho que não foi assim. Acho que você deve ter se afastado do seu pai e se perdeu. Aqueles caçadores encontraram você perdida e trouxeram para cá. Foi isso que aconteceu, Lizzie.

- Eu vi o ataque - ela insistiu. - Estavam jogando flechas... Eu quero o meu pai - disse, levantando a voz e sentindo que começava a chorar.

- Bem, você está em segurança aqui até ele chegar - disse o médico.

- Mas eu vi eles atirando flechas!

#261

- Ah, você pensa que viu. Isso acontece muitas vezes no frio intenso, Lizzie. Você adormece, tem pesadelos e não consegue saber o que é verdade e o que não é. Não se preocupe, não

houve ataque. O seu pai está seguro e deve estar procurando você,

e logo chegará aqui, pois é o único lugar em muitas centenas de quilômetros. Que surpresa boa ele vai ter quando encontrá-la em segurança! Agora a Enfermeira Clara vai levar você para o dormitório, onde vai encontrar outras crianças, meninas e meninos que

se perderam na neve como você. Pode ir. Amanhã cedo vamos ter outra conversa.

Lyra levantou-se, agarrada à boneca, e Pantalaimon saltou para o ombro dela enquanto a enfermeira abria a porta.

Mais corredores. Lyra a essa altura estava muito cansada, com tanto sono que não parava de bocejar e mal conseguia levantar os pés nos chinelos de lã que

lhe deram. Pantalaimon estava

exausto, e teve que se transformar em um rato e acomodar-se

dentro do bolso do roupão dela. Lyra teve um vislumbre de uma fila de camas, rostos de crianças, um travesseiro - então adormeceu.

Alguém a sacudia. A primeira coisa que ela fez foi tatear na

cintura

e certificar-se de que as duas latas ainda estavam lá em segurança;

então tentou abrir os olhos, mas isto era extremamente difícil, pois ela sentia um sono como nunca havia sentido.

- Acorde! Acorde!

Eram cochichos de mais de uma voz. Com um esforço enorme, como se estivesse empurrando uma rocha enorme ladeira acima, Lyra forçou-se a despertar.

Na luz fraca de uma lâmpada anárquica de baixa potência que havia acima da porta, ela viu três meninas ao seu redor. Não era fácil enxergar, pois seus olhos custavam a entrar em foco, mas

elas pareciam ter a idade dela, e estavam falando em inglês.

#262

- Ela acordou.

- Deram pílulas de dormir para ela. Deve ter sido...

- Como é o seu nome?

- Lizzie - ela balbuciou.

- Vai chegar um novo carregamento de crianças? - uma das meninas quis saber.

- Não sei. Só eu.

- Então onde pegaram você?

Lyra lutou para sentar-se. Não se lembrava de ter tomado remédio para dormir, mas podia muito bem ter sido no leite quente. Sentia a cabeça cheia de algodão e uma dorzinha latejando atrás dos olhos.

- Que lugar é este?

- É no meio de nada. Eles não contam.

- Geralmente trazem mais de um de cada vez...

- Que é que eles fazem? - Lyra conseguiu perguntar, reunindo os pensamentos enquanto Pantalaimon despertava ao seu lado.

- Não sabemos - disse a menina que mais falava. Era alta e ruiva, com movimentos rápidos e espasmódicos, e um forte sotaque londrino. - Eles medem a gente e fazem testes e...

- Eles medem o Pó - disse outra garota, simpática, gorducha e morena.

- Você não sabe - disse a primeira.

- É isso, sim - disse a terceira, uma menina de ar tremido que ninava seu daemon-coelho. - Eu ouvi eles falando.

- Eles levam uma por uma, é só o que a gente sabe.

Ninguém volta mais - disse a ruiva.

- Aquele garoto, ele acha...

- Não conte isso a ela! - fez a ruiva. - Ainda não.

- Tem garotos aqui também? - Lyra perguntou.

- Tem, sim. Muitos. Uns 30, eu acho.

- Tem mais. Uns 40 - corrigiu a gordinha.

#263

- Mas eles não param de levar a gente - disse a ruiva. -

Geralmente começam trazendo uma turma, aí ficam sendo muitos, e um por um vão desaparecendo.

- São os Papões - disse a gorducha. - Você conhece os Papões. Todos nós tínhamos medo deles até nos pegarem...

Lyra ia despertando gradualmente. Os daemons das outras garotas, com exceção do coelho, estavam por perto, escutando junto

à porta, e ninguém falava mais alto que um cochicho. Lyra perguntou o nome delas; a ruiva era Annie, a morena gorducha era

Bella, a magra era Martha. Não sabiam o nome dos meninos, pois

os dois sexos eram mantidos separados. Não eram maltratados.

-Aqui é legal - disse Bella. - Não tem muita coisa para fazer, a não ser quando eles nos fazem testes e nos mandam fazer

exercícios e então nos medem, tiram a nossa temperatura. É só muito monótono.

- A não ser quando a Sra. Coulter vem - disse Annie.

Lyra teve que se controlar para não soltar uma exclamação, e Pantalaimon sacudiu as asas com tanta força que as outras garotas perceberam.

- Ele está nervoso - disse Lyra, acalmando-o. - Devem ter-nos dado remédio para dormir, porque estamos tontos. Quem é a Sra. Coulter?

- É a mulher que pegou todos nós, ou quase todos- disse Martha. - As outras crianças falam dela. Quando ela vem, a gente sabe que alguém vai desaparecer.

- Ela gosta de assistir quando levam a criança, gosta de ver o que eles fazem com a gente. Esse garoto, o Simon, ele acha que

eles nos matam e a Sra. Coulter fica olhando.

- Eles nos matam? - Lyra repetiu, estremeando.

- Deve ser. Porque ninguém volta.

- Estão sempre mexendo com os daemons, também - disse Bella. - Pesando, medindo e tudo...

- Eles tocam nos daemons de vocês?

#264

- Não! Que horror! Eles botam uma balança, e o nosso daemon tem que subir em cima dela e mudar de forma, e eles tomam notas e tiram retratos. E colocam a gente num armário e medem o Pó, o tempo todo, nunca param de medir o Pó.

- Que pó? - Lyra perguntou.

- A gente não sabe - disse Annie. -, É um negócio qualquer que vem do espaço. Não é pó de verdade. Se a gente não tem Pó nenhum, então está tudo bem. Mas todo mundo tem Pó no final.

- Sabe o que eu ouvi o Simon dizer? - falou Bella. - Ele disse que os tártaros fazem um buraco no crânio para o Pó entrar.

- É, ele com certeza sabe de tudo - disse Annie em tom zombeteiro. - Acho que vão perguntar à Sra. Coulter quando ela vier.

- Você não tem coragem! - disse Martha com admiração.

- Tenho, sim.

- Quando é que ela vem? - Lyra perguntou.

- Depois de amanhã - disse Annie.

Uma onda gelada de terror dominou Lyra, e Pantalaimon aproximou-se mais dela. Ela só tinha um único dia para encontrar

Roger e descobrir tudo que pudesse sobre aquele lugar, e então fugir, ou ser resgatada; e se todos os gípcios tivessem sido mortos, quem ia ajudar as crianças a sobreviver naquela imensidão gelada?

As outras meninas continuaram conversando, mas Lyra e Pantalaimon cobriram-se e tentaram aquecer-se, sabendo que, por muitos quilômetros em volta da sua cama, havia apenas o medo.

#265

Os Daemons nas Caixas de Vidro

NÃO era do temperamento de Lyra ficar parada remoendo os problemas; ela era uma criança impulsiva e prática, e além disso não tinha muita

imaginação. Ninguém que tivesse imaginação pensaria seriamente que era

possível percorrer toda aquela distância

e salvar seu amigo Roger; ou, se pensasse, uma criança com imaginação pensaria logo em várias razões por que aquilo seria impossível. Para ser uma mentirosa experiente não é preciso ter grande imaginação. Muitos mentirosos não têm imaginação; é isso que dá convicção às suas mentiras.

De modo que, agora que estava nas mãos do Conselho de Obleção, Lyra não se permitiu ficar doente de preocupação pelo que teria acontecido aos gípcios. Eram todos bons lutadores, e mesmo Pantalaimon tendo dito que viu John Faa ser atingido, ele podia ter se enganado; se não estivesse enganado, John Faa podia não estar seriamente ferido. Ela ter caído nas mãos dos samoiedes tinha sido uma falta de sorte, mas os gípcios logo viriam libertá-la; se eles não conseguissem, nada impediria Iorek

Byrnison de tirá-la de lá; e então eles voariam para Svalbard no balão de Lee Scoresby e libertariam Lorde Asriel.

#266

Para ela era tudo simples.

Assim, na manhã seguinte, quando acordou no dormitório, ela estava curiosa e pronta para enfrentar o que o dia lhe trouxesse.

E ansiosa para ver Roger - principalmente ansiosa para vê-lo antes que ele a visse.

Não precisou esperar muito. As crianças de todos os dormitórios eram acordadas às 7:30 pelas enfermeiras que tomavam conta delas; vestiam-se e iam juntar-se às outras na cantina, para o café da manhã.

E lá estava Roger.

Ele estava sentado com outros cinco garotos numa mesa logo junto á porta. A fila para pegar a comida passava bem perto dele, de modo que ela deu um jeito de deixar cair um lenço e abaixou-se para apanhá-lo, de modo que Pantalaimon pudesse falar com Salcília, o daemon de Roger.

Ela estava na fôrma de um tentilhão e bateu as asas com tanta agitação que Pantalaimon teve que virar um gato e saltar sobre ela, prendendo-a no chão para poder cochichar no ouvido dela. Por sorte estas escaramuças rápidas entre os daemons das crianças eram comuns, e ninguém prestou atenção, mas Roger empalideceu; Lyra nunca tinha visto uma pessoa ficar tão branca.

Ele ergueu os olhos para ela, que lhe deu um olhar neutro e distante; a cor voltou ao rosto dele, e ele encheu-se de esperança,

excitação e alegria; foi Pantalaimon quem, sacudindo Salcília com

firmeza, conseguiu impedir que Roger desse um grito e um pulo para abraçar sua amiguinha da Jordan.

Lyra desviou os olhos, agindo com o maior desprezo que pôde fingir, fazendo cara de impaciência para as suas novas amigas

verem. As quatro garotas pegaram suas bandejas com flocos de milho e torradas e sentaram-se juntas, numa confraria instantânea, excluindo todas as outras pessoas para poderem mexericar sobre elas.

#267

Não se consegue manter num só lugar um grupo grande de crianças sem lhes dar muitas coisas para fazer, e de certo modo Bolvangar era como uma escola, com atividades programadas, tais como ginástica e "arte". Meninos e meninas eram mantidos separados, a não ser no recreio e na hora das refeições, de modo

que foi só no meio da manhã, depois de uma hora e meia de costura sob a supervisão de uma das enfermeiras, que Lyra teve chance de conversar com Roger. Mas tinha que parecer natural, esta era a dificuldade. Todas as crianças tinham mais ou menos a mesma idade, e era a idade em que meninos conversam com meninos e meninas com meninas, todos eles fazendo a maior questão de ignorar o sexo oposto.

Ela tornou a encontrar sua oportunidade na cantina, quando as crianças foram merendar. Lyra enviou Pantalaimon como mosca para conversar com Salcília na parede ao lado da sua mesa

enquanto ela e Roger ficavam em grupos separados. Era difícil conversar enquanto a atenção do seu daemon está em outro lugar,

de modo que Lyra fingia estar revoltada e melancólica enquanto bebericava o leite com as outras meninas. Metade da sua atenção estava na conversa de zumbidos entre os dois daemons, e ela não

prestava muita atenção às companheiras de mesa, mas, em dado momento, ouviu uma menina de cabelos louros e brilhantes dizer

um nome que lhe deu um sobressalto.

Era o nome de Tony Makarios. Quando sua atenção se voltou para isso, Pantalaimon teve que diminuir a conversa com o daemon de Roger, e ambas as crianças ficaram escutando o que

a menina estava dizendo.

- Não, eu sei por que levaram ele - dizia a garota, enquanto as outras chegavam mais perto para ouvir. - Foi porque o daemon dele não mudava. Eles achavam que ele era mais

velho do que parecia, ou coisa assim, e ele não era mesmo um garoto novo. Mas, na verdade, o daemon quase nunca mudava #268

porque o Tony quase nunca pensava. Eu o vi mudar. O nome dele era Rateira...

- Por que eles estão tão interessados em daemons? - Lyra perguntou.

- Ninguém sabe - disse a loura.

- Eu sei - disse um rapaz que estava escutando. - O que eles fazem é matar o seu daemon para ver se você morre.

- Bom, então por que é que eles fazem isso com várias crianças? - alguém contestou. - Só precisavam fazer uma vez, não é?

- Eu sei o que eles fazem - disse a primeira menina.

Ela agora era o centro das atenções de todos. Porém, como as crianças não queriam que algum adulto soubesse do que

estavam falando, elas tinham que adotar modos de indiferença e distração enquanto ouviam com curiosidade apaixonada.

- Como é que sabe? - alguém perguntou.

- Porque eu estava com ele quando vieram para buscá-lo.

A gente estava na rouparia - ela explicou.

Estava vermelha como um pimentão. Se estava esperando graçolas e implicâncias, ficou aliviada, pois todas as crianças estavam preocupadas e nenhuma sequer sorriu. Ela continuou:

- A gente estava bem quieto, e então a enfermeira entrou, aquela da voz açucarada. E ela disse: "Vem, Tony, sei que você está aí, não vamos machucar você..." E então ele perguntou:

"Que

é que vai acontecer?" E ela disse: "A gente vai botar você para dormir e fazer uma pequena operação, e então você vai acordar muito bem." Mas Tony não acreditou. Ele falou...

- Os buracos! - alguém exclamou, interrompendo. -

Fazem um buraco na cabeça da gente, como os tártaros! Aposto!

- Cala a boca! Que mais que a enfermeira disse? - outra criança perguntou.

#269

A essa altura, havia mais de uma dúzia de crianças em volta da mesa de Lyra, seus daemons igualmente curiosos, todos tensos,

de olhos arregalados. A loura continuou:

- Tony queria saber o que iam fazer com a Rateira, entendem? E a enfermeira disse: "Bom, ela vai dormir também, na hora em que você dormir." E Tony disse: "Vocês vão matar ela, não vão? Sei que vão. Todos nós sabemos que é isso que acontece." E a enfermeira disse: "Claro que não. É só uma pequena operação. Um cortezinho. Não vai nem doer, mas a gente vai fazer você dormir só por segurança."

A cantina inteira estava em silêncio. A enfermeira de plantão tinha saído por um instante, e a portinhola para a cozinha estava fechada, de modo que ninguém podia ouvir de lá.

- Que tipo de corte? - perguntou um menino com a voz assustada. - Ela disse que tipo de corte era?

- Ela disse que era uma coisa para fazer ele ficar mais adulto. Disse que todo mundo tinha que passar por aquilo, e que esse era o motivo dos daemons dos adultos não mudarem como os nossos fazem. Então eles levam um corte que faz eles terem a mesma forma para sempre, e é assim que as pessoas ficam adultas.

- Mas...

- Quer dizer...

- Então todos os adultos levam esse corte?

- E os...

De repente, todas as vozes silenciaram como se elas próprias

tivessem sido cortadas, e todos os olhos viraram-se para a porta. A Enfermeira Clara estava ali, com ar tranqüilo e normal, e ao lado dela estava um homem de jaleco branco que Lyra ainda não tinha visto.

- Bridget McGinn - ele chamou.

A lourinha levantou-se, estremeando. Seu daemon-esquilo agarrava-se ao seu peito.

- Sim? - ela falou, com uma voz que mal se ouvia.

#270

- Termine o seu leite e venha com a Enfermeira Clara - ele instruiu. - O resto de vocês vai para as suas aulas.

Obedientemente as crianças colocavam sua louça no carrinho de aço inoxidável e

saíam em silêncio. Ninguém olhou para

Bridget McGinn a não ser Lyra, que viu o rosto da outra lívido de medo.

O resto da manhã foi ocupado com exercícios de ginástica.

Na Estação, havia um pequeno pavilhão de ginástica, pois era impossível exercitar-se ao ar livre durante a longa noite polar, e os grupos de crianças se revezavam sob a supervisão de uma enfermeira. As crianças tinham que formar times e jogar bola; Lyra, que nunca em sua vida havia brincado assim, no princípio não sabia o que fazer. Mas era rápida e atlética, e uma líder natural, e logo estava se divertindo. Os gritos das crianças, a torcida dos daemons, tudo isto enchia o pequeno pavilhão e logo afastava os pensamentos de temor - o que, naturalmente, era exatamente o propósito dos exercícios.

Na hora do almoço, quando as crianças estavam novamente na cantina, Lyra sentiu Pantalaimon dar um pio de reconhecimento e virou-se para encontrar Billy Costa parado bem atrás dela.

- O Roger me disse que você estava aqui - ele cochichou.

- Seu irmão está vindo aí, mais John Faa e um bando de gípcios - ela disse. - Vieram buscar você.

Ele quase soltou uma exclamação de alegria, mas disfarçou-a com um acesso de tosse.

- E você tem que me chamar de Lizzie, nunca de Lyra -

ela continuou. - E tem que me contar tudo que sabe, certo?

Os dois se sentaram juntos, com Roger por perto. Era mais fácil fazer isto na hora do almoço, com a cantina cheia; as crianças

passavam mais tempo indo e vindo por entre as mesas e havia sempre um grupo junto á portinhola. Sob o barulho de talheres,

#271

Billy e Roger contaram a ela tudo que sabiam. Billy tinha ouvido

uma enfermeira dizer que as crianças que faziam a operação costumavam ser levadas para locais mais ao sul, o que podia



explicar como Tony Makarios acabou perdido. Mas Roger tinha uma coisa ainda mais interessante para contar.

- Achei um esconderijo - disse.

- Onde?

- Está vendo aquele retrato? - Ele mostrou o grande painel da praia tropical. - Olhe para o canto de cima á direita, está vendo aquela placa no teto?

O teto era feito de grandes placas retangulares presas numa armação de tiras de metal, e o canto da placa acima do painel fotográfico estava levemente erguido.

- Eu vi aquilo e achei que as outras placas podiam ser soltas também; experimentei, e são mesmo. É só levantar. Eu e um garoto experimentamos uma noite no dormitório, antes de levarem ele. Tem um espaço lá em cima, e a gente pode rastejar lá dentro...

- Até onde dá para rastejar?

- Sei lá. Só avançamos um pouco. Imaginamos que quando chegasse a hora poderíamos nos esconder lá em cima, mas com certeza iriam nos encontrar.

Lyra não encarava aquilo como um esconderijo, mas como uma passagem. Era a melhor coisa que ela havia ouvido desde que chegara! Mas antes que pudessem conversar mais, um médico

bateu com uma colher na mesa para pedir silêncio, depois começou a falar:

- Escutem, crianças! Prestem bastante atenção. De vez em quando, nós fazemos um treinamento contra incêndio. É muito importante que todos consigam se vestir e sair do prédio sem pânico. De modo que esta tarde vamos fazer um treinamento. Quando o sino tocar, vocês têm que parar o que estiverem fazendo e obedecer ao que o adulto mais próximo mandar.

#272

Guardem na memória o local para onde serão levados. É o lugar aonde deverão ir se houver um incêndio de verdade.

Bem, é uma idéia, pensou Lyra.

Durante o início da tarde, Lyra e outras quatro garotas foram testadas em busca de Pó. Os médicos não disseram que era

isto que estavam fazendo, mas era fácil adivinhar. Elas foram levadas uma a uma para um laboratório, e naturalmente isto as deixou com muito medo. Lyra pensou: que crueldade morrer sem

poder atacá-los! Mas ao que parecia eles não iam fazer a tal operação por enquanto.

- Queremos fazer umas medições - o médico explicou.

Era difícil distinguir entre aquela gente: todos os homens

se pareciam, com seus jalecos brancos, suas pranchetas e seus lápis, e as mulheres também se pareciam, pois os uniformes e aquele estranho ar de neutralidade e apatia faziam com que todas parecessem irmãs.

- Já fui medida ontem - Lyra disse.

- Ah, mas hoje são outras medidas. Fique sobre aquela placa de metal. Ah, primeiro tire os sapatos. Segure o seu daemo n, se quiser. Olhe para a frente, isso mesmo, para aquela luzinha verde. Boa menina...

Uma luz piscou. O médico virou o rosto dela para um lado e para outro, e a cada vez alguma coisa estalava e uma luz piscava.

- Ótimo. Agora venha até esta máquina e coloque a mão dentro do tubo. Prometo que não vai doer. Estique os dedos. Assim.

- Que é que o senhor está medindo? - ela perguntou. - Pó?

- Quem foi que lhe falou de Pó?

- Uma das meninas, não sei o nome dela. Ela disse que a gente estava cheia de Pó. Eu não estou, pelo menos eu acho que não. Tomei banho ontem.

#273

- Ah, é outro tipo de pó. Não dá para ver a olho nu. É uma poeira especial. Agora feche a mão. Isso mesmo. Ótimo. Agora tateie dentro do tubo até encontrar uma espécie de argola. Achou? Segure a argola. Agora pode botar sua outra mão aqui, em cima deste globo de cobre. Ótimo. Vai sentir uma cosquinha leve, nada para se preocupar, é só uma leve corrente anárquica... Pantalaimon, na forma de um gato-do-mato, muito tenso e cauteloso, movia-se em volta da aparelhagem com olhares cheios de suspeita, voltando sempre para esfregar-se em Lyra. A essa altura, ela estava segura de que não iriam fazer a operação nela imediatamente, e também de que seu disfarce como Lizzie Brooks estava a salvo, de modo que arriscou uma pergunta.

- Por que vocês tiram os daemons das pessoas?

- Como assim? Quem lhe falou sobre isso?

- Uma garota, não sei o nome dela. Ela disse que vocês tiram os daemons das pessoas.

- Bobagem...

Mas ele estava nervoso. Ela continuou:

- Porque vocês levam as crianças uma por uma, e elas nunca voltam. E algumas acham que vocês simplesmente matam elas, e outras pessoas acham outras coisas, e essa garota me disse

que vocês tiram os...

- Não é verdade. Quando levamos as crianças, é porque chegou a hora de irem para outro lugar. Elas estão crescendo.

Acho que sua amiga está com medo sem necessidade. Nada disso!

Nem pense nisso. Quem é a sua amiga?

- Eu só cheguei ontem, não sei o nome de ninguém.

- Como é que ela é?

- Esqueci. Acho que tinha cabelos castanhos... bem claros, eu acho... Não sei.

O médico foi falar em voz baixa com a enfermeira. Enquanto os dois conferenciavam, Lyra observava os daemons deles. O

#274

da enfermeira era um lindo pássaro, calmo e desinteressado como

o cão da Enfermeira Clara, e o do médico era uma mariposa grande e pesada. Nenhum dos dois se movia. Estavam acordados,

pois os olhos do pássaro estavam abertos, e as antenas da mariposa

moviam-se languidamente, mas não estavam vivazes como seria de se esperar. Talvez não estivessem mesmo ansiosos ou curiosos.

Finalmente o médico voltou e prosseguiu com o exame, pesando Lyra e Pantalaimon separadamente, examinando-a atrás de uma tela especial, contando o seu pulso, colocando-a sob um pequeno bocal que sibilava e soltava um cheiro de ar fresco.

No meio de um dos testes, um sino começou a tocar sem cessar.

- O alarme de incêndio - disse o médico, suspirando. -

Muito bem, Lizzie, acompanhe a Enfermeira Betty.

- Mas os agasalhos dela estão no prédio do dormitório, doutor. Ela não pode sair assim. Acha que devemos ir lá primeiro?

Contrariado pela interrupção do exame, ele respondeu com irritação:

-Acho que o treinamento é para que surja exatamente esse tipo de detalhe. Que atrapalhão!

Lyra mais que depressa interveio:

- Ontem quando eu cheguei a Enfermeira Clara botou as minhas roupas num armário naquele primeiro quarto onde ela me examinou. O do lado. Eu podia usar as minhas roupas.

- Boa idéia! Vamos, então - aprovou a enfermeira.

Com secreta excitação, Lyra apressou-se a seguir a enfermeira e recuperou seus agasalhos de pele, as perneiras e as botas, e vestiu-se depressa, enquanto a enfermeira vestia-se de seda carbonífera.

Então saíram apressadas. Na grande praça em frente ao principal grupo de construções, havia umas 100 pessoas, entre #275

adultos e crianças: algumas excitadas, outras irritadas, muitas apenas confusas.

- Está vendo? Vale a pena fazer isso para ver o caos que seria se o incêndio fosse de verdade - dizia um adulto. Alguém estava soprando um apito e balançando os braços, mas ninguém prestava atenção. Lyra avistou Roger e chamou-o com um gesto; Roger puxou Billy Costa pelo braço e logo os três

estavam juntos naquela confusão de crianças correndo.

- Ninguém vai notar se a gente der uma olhada por aí -

Lyra sugeriu. - Vão levar anos para contar todo mundo, e podemos dizer que seguimos alguém e nos perdemos.

Esperaram até que a maioria dos adultos estivesse olhando para outro lado, e então Lyra pegou um pouco de neve, fez uma bola e jogou-a no meio da multidão; num instante todas as crianças estavam fazendo isto, e o ar estava cheio de bolas de neve

voando. Gritos e risadas encobriam completamente os gritos dos adultos que tentavam restabelecer a ordem, e num instante as três

crianças dobraram a esquina de uma das construções, ficando fora

da vista dos outros.

A neve era tão espessa que eles não conseguiam mover-se depressa, mas isto parecia não ter importância, pois ninguém os seguiu. Lyra e os outros escalaram o telhado curvo de um dos túneis e encontraram-se numa estranha paisagem lunar de protuberâncias e

reentrâncias, tudo coberto de branco sob o céu negro e iluminado pelos reflexos das luzes em volta da praça.

- Que é que estamos procurando? - Billy quis saber.

- Sei lá. Estamos só olhando - Lyra respondeu, guiando-os até um prédio baixo e quadrado, um pouco separado dos outros, com uma fraca luz anárquica no canto.

O ruído da multidão continuava forte, porém mais distante. Era evidente que as crianças estavam aproveitando ao máximo sua liberdade, e Lyra esperava que elas continuassem assim por algum tempo. Ela rodeou a construção quadrada,

#276

procurando uma janela. O teto estava apenas a pouco mais de dois metros do chão e, ao contrário dos outros, não era ligado ao resto da Estação por um túnel.

Não havia janela, mas uma porta. Um cartaz acima dela dizia, em letras vermelhas: EXPRESSAMENTE PROIBIDA A

ENTRADA.

Lyra estendeu a mão para tentar abrir a porta, mas antes que pudesse girar a maçaneta Roger exclamou:

- Veja! Um pássaro! Ou...

A exclamação terminou em tom de dúvida, porque a criatura que descia do céu negro não era um pássaro; era alguém que Lyra já conhecia.

- O daemon da bruxa!

O ganso bateu as enormes asas, erguendo uma chuva de neve quando pousou.

- Saudações, Lyra-disse. -Segui você até aqui, embora você não tenha me visto. Fiquei esperando que você aparecesse aqui fora. Que é que está acontecendo?

Ela lhe contou e perguntou:

- Onde estão os gípcios? John Faa está bem? Eles conseguiram afastar os samoiedes?

- A maioria deles está a salvo. John Faa está ferido, mas não gravemente. Os homens que a levaram eram caçadores que costumam atacar caravanas, e aos pares eles conseguem viajar mais depressa do que com um grupo grande. Os gípcios ainda estão a um dia de viagem daqui.

Os dois meninos observavam temerosos o daemon-ganso e os modos familiares de Lyra com ele, pois naturalmente nunca tinham visto um daemon sem seu humano, e pouco sabiam sobre bruxas. Lyra lhes disse:

- Escutem, é melhor vocês irem vigiar, certo? Billy, você vai por aquele lado, e Roger, vigie por onde viemos. Não temos muito tempo.

#277

Eles correram para fazer o que ela pediu, e então Lyra virou-se outra vez para a porta.

- Por que está tentando entrar aí? - perguntou o daemon-ganso.

- Por causa do que eles fazem aí dentro. Eles cortam... - ela baixou a voz - ... cortam fora os daemons das pessoas. Das crianças. E acho que talvez isto seja feito aí dentro. Pelo menos tem alguma coisa aí dentro, e eu ia olhar. Mas está trancado...

- Eu consigo abrir - disse o ganso.

Ele bateu as asas uma ou duas vezes, jogando neve na porta, e Lyra escutou alguma coisa girar na fechadura.

- Entre com cuidado - disse o daemon.

Lyra abriu a porta com esforço por causa da neve, e esgueirouse para dentro. O daemon-ganso entrou com ela. Pantalaimon estava agitado e temeroso, mas não queria

que o daemon

da

bruxa visse seu medo, de modo que voou para o peito de Lyra e

abrigou-se dentro do casaco dela.

Assim que os olhos de Lyra se acostumaram á penumbra ela viu o motivo dessa agitação.

Numa série de caixas de vidro em prateleiras nas paredes, estavam todos os daemons das crianças seccionadas: formas fantasmagóricas de gatos, pássaros, ratos e outras criaturas, todos perplexos, assustados e pálidos como fumaça.

O daemon da bruxa soltou uma exclamação de raiva, e Lyra apertou Pantahimon contra si, dizendo:

- Não olhe! Não olhe!

- Onde estão as crianças desses daemons? - o ganso perguntou, tremendo de raiva.

Lyra contou seu encontro com o pequeno Tony Makarios e olhou por cima do ombro para os pobres daemons encarcerados,

que apertavam os focinhos pálidos contra o vidro. Lyra escutava gritos abafados de dor e sofrimento. Na luz fraca de uma lâmpada

anbárica de baixo poder, ela viu em frente a cada caixa um nome #278

num cartão, e havia uma caixa vazia com o nome de Tony Makarios. Havia outras quatro ou cinco caixas vazias com nomes.

- Quero soltar esses pobrezinhos! - disse com fúria. - Vou quebrar o vidro e soltar todos eles...

E olhou em volta procurando alguma coisa para quebrar o vidro, mas não encontrou.

- Espere - disse o daemon-ganso.

Ele era o daemon de uma bruxa e muito mais velho que ela, e mais forte. Ela foi obrigada a obedecer.

- Temos que fazer essas pessoas acreditarem que alguém se esqueceu de trancar o lugar e fechar as caixas - ele explicou.

- Acha que seu disfarce vai durar muito tempo se encontrarem vidro quebrado e pegadas na neve? Ele tem que durar até a chegada dos gípcios. Agora faça exatamente o que eu digo:

pegue

um punhado de neve e quando eu mandar, sopra um pouquinho em cima de cada caixa.

Ela correu para fora. Roger e Billy ainda estavam montando guarda, e o barulho de gritos e risadas na arena ainda era forte, pois tinha se passado pouco mais de um minuto. Ela encheu as duas mãos de neve solta e voltou para dentro para fazer o que o daemon-ganso havia mandado. Enquanto ela soprava um pouco de neve sobre cada caixa, o ganso dava um estalinho com a garganta e a tranca de cada caixa se abria.

Depois de destrancar todas, ela abriu a frente da primeira,

e a figura pálida de uma andorinha lançou-se para fora, mas caiu no chão, sem conseguir voar. O ganso inclinou-se e colocou-a de

pé carinhosamente, com o bico, e a andorinha virou uma ratazana

cambaleante e confusa. Pantalaimon saltou para o chão para consolá-la.

Lyra trabalhou depressa, e em poucos minutos todos os daemons estavam livres. Alguns tentavam falar, e rodeavam os pés

dela e até tentavam bicar suas perneiras, embora o tabu os impedisse. Ela sabia a razão: os pobrezinhos sentiam falta do calor

sólido

#279

e pesado do corpo dos seus humanos; como Pantalaimon teria feito, eles ansiavam por se achegarem a um coração pulsando.

- Agora depressa, Lyra, você tem que voltar correndo e se misturar as outras crianças - disse o ganso. - Seja corajosa, filha. Os gípcios estão vindo o mais depressa possível. Tenho que

ajudar esses coitados a encontrarem seus humanos... - Ele se aproximou dela e disse baixinho: - Mas nunca tornarão a ser unos. Estão separados para sempre. É a coisa mais cruel que já vi... Pode deixar suas pegadas, eu vou cobri-las. Agora corra...

- Ah, por favor, antes de ir... As bruxas... Elas voam mesmo, não é? Eu não estava sonhando quando vi bruxas voando?

- Sim, minha filha. Por quê?

- Elas poderiam puxar um balão?

- Claro que sim, por quê?

- Serafina Pekkala vem também?

- Não tenho tempo para explicar a política das nações das bruxas. Existem grandes poderes envolvidos, e Serafina Pekkala deve cuidar dos interesses do seu clã. Mas pode ser que isso que está acontecendo aqui seja parte de tudo que está acontecendo em toda parte. Lyra, precisa voltar para lá. Corra, corra!

Ela correu, e Roger, que observava de olhos arregalados os daemons pálidos que saíam da construção, foi até ela através da neve.

- Eles são... É como a cripta da Jordan... São daemons!

- Sim, fale baixo. Não conte a Billy. Não conte a ninguém.

Vamos voltar.

Atrás deles, o ganso batia as asas com força, jogando neve sobre as pegadas das crianças; os daemons perto dele se amontoavam com gemidos de sofrimento e saudade. Depois de cobrir

as

pegadas, o ganso virou-se para reunir o grupo de daemons pálidos.

Ele falou alguma coisa, e um por um eles mudaram de forma embora isso lhes custasse um grande esforço, até serem todos #280

pássaros; e como filhotinhos eles seguiram o daemon da bruxa, voejando, caindo e correndo pela neve atrás dele, e finalmente, com grande dificuldade, levantando vôo. Subiram numa fila irregular, pálida e fantasmagórica contra o céu escuro, aos poucos

ganhando altura, embora alguns voassem erraticamente, enquanto outras perdiam altura; mas o grande ganso cinzento voltou-se e os colocou no rumo certo, e finalmente sumiram todos na escuridão.

Roger puxava o braço de Lyra.

- Depressa, eles estão quase prontos - ele disse.

Saíram correndo aos tropeços pela neve ao encontro de Billy, que acenava da esquina do prédio principal. As crianças tinham se cansado, ou então os adultos haviam feito valer sua autoridade, porque havia uma fila começando na porta principal, com muitos empurrões e discussões. Lyra e os outros dois misturaram-se

às outras crianças, mas não antes de Lyra dizer:

- Espalhem entre as crianças que é para elas se prepararem para fugir. Precisam saber onde estão as roupas de frio, ficar prontas para pegar as roupas e correr assim que dermos o sinal. E isso tem que ser um segredo mortal, entenderam?

Billy assentiu, e Roger perguntou:

- Qual será o sinal?

- O alarme de incêndio - disse Lyra. - Quando chegar a hora, eu vou fazer ele disparar.

Esperaram a contagem. Se alguém do Conselho de Obleação tivesse alguma coisa a ver com uma escola, teria preparado melhor

o treinamento: como não estavam divididas em grupos, eles tinham que procurar o nome de cada criança na lista completa, que evidentemente não estava em ordem alfabética; e nenhum dos adultos estava acostumado a controlar crianças. De modo que

houve muita confusão, embora todas permanecessem em fila. Lyra observava tudo. Aquelas pessoas não sabiam trabalhar; eram negligentes em certas coisas; reclamavam daquele treinamento,

#281

não sabiam onde deviam ficar as roupas de frio, não



conseguiram fazer as crianças formarem uma fila decente; e essa negligência poderia ser vantajosa para ela.

Estava tudo quase terminado quando houve outra interrupção, que do ponto de vista de Lyra foi a pior possível.

Ela ouviu o som ao mesmo tempo que os outros. Todos começaram a olhar para o céu escuro em busca do zepelim, cujo motor a gás pulsava no ar imóvel.

A única sorte foi que ele vinha da direção oposta ao caminho do ganso. Mas era o único consolo; logo a nave estava visível, e um murmúrio de excitação percorreu a multidão. O corpo roliço, leve e prateado deslizou acima da avenida de luzes, e suas próprias

luzes clareavam o solo.

O piloto diminuiu a velocidade e iniciou o complicado processo de ajustar a altura. Lyra percebeu a função do mastro: amarrar a aeronave. Enquanto os adultos levavam as crianças para

dentro, com todas olhando para cima e apontando, a equipe de terra subia a escada do mastro, preparando-se para receber os cabos de atracação. Os motores roncavam, e a neve subia do solo,

e os rostos dos passageiros apareciam nas janelas da cabine.

Lyra olhou e o que viu não lhe deixou dúvidas. Pantalaimon agarrou-se a ela, tornou-se um gato-do-mato e sibilou de ódio, porque, olhando pela janela com curiosidade, estava o lindo rosto

da Sra. Coulter, tendo no colo o seu daemon dourado.

#282

A Guilhotina Prateada

LYRA imediatamente enfiou a cabeça dentro do abrigo de seu capuz de pele de carcaju e entrou pelas portas duplas com as outras crianças. Teria tempo suficiente para se preocupar com o que ia dizer quando as duas se encontrassem cara a cara; tinha outro problema a resolver primeiro, qual seja: onde esconder as roupas de modo que pudesse pegá-las sem precisar pedir permissão. Mas por sorte havia tal desordem no prédio, com os adultos tentando apressar a entrada das crianças para darem lugar aos passageiros do zepelim, que ninguém estava vigiando muito bem.

Lyra tirou o casaco, as perneiras e as botas e fez deles a menor trouxa que conseguiu, antes de atravessar os corredores cheios de gente e ir para o seu dormitório.

Rapidamente puxou a mesa-de-cabeceira para o canto, subiu em cima dela e empurrou uma placa do teto. A placa

ergueu-se, como Roger tinha dito, e lá em cima ela enfiou as botas e as pernas. Em seguida tirou o aletômetro da sacola e enfiou no bolso mais escondido do casaco, antes de guardar também o casaco no esconderijo do teto.

#283

Depois saltou para o chão, empurrou a mesinha para o lugar e cochilou com Pantalaimon:

-Temos que fingir que somos idiotas até ela nos ver, e então dizemos que fomos raptados. E nada sobre os gípcios, e especialmente sobre Iorek Byrnison.

Pois Lyra agora percebia algo que não tinha percebido antes: que todo o medo em sua natureza era atraído para a Sra. Coulter como o ponteiro de uma bússola é atraído pelo Pólo. Podia suportar todas as outras coisas que tinha visto, até mesmo a terrível crueldade da intercisão; era suficientemente forte para isto. Mas a idéia daquele rosto delicado e da voz gentil, a imagem

do macaco dourado e brincalhão eram suficientes para fazer seu estômago congelar e deixá-la pálida e nauseada.

Mas os gípcios estavam chegando -precisava pensar nisso, pensar em Iorek Byrnison; e não se denunciar.

Voltou para a cantina, de onde vinha muito barulho.

As crianças faziam fila para ganhar leite quente, algumas ainda usando os casacos de seda carbonífera. As conversas eram sobre o zepelim e sua passageira.

-Era ela. Com o ~~daemon~~ macaco.

-Foi ela quem pegou você também?

-Ela disse que ia escrever para mamãe e papai e apostou que não escreveu...

-Ela nunca nos contou que as crianças morriam. Nunca falou sobre isso.

-Aquele macaco, ele é o pior. Pegou a minha Karossa e quase matou. Eu fiquei fraco...

Todos tinham tanto medo quanto Lyra. Ela encontrou Annie e as outras e sentou-se com elas.

-Escutem, vocês conseguem guardar um segredo?

-Sim!

As três olharam para ela com grande expectativa.

#284

-Existe um plano de fuga. Certas pessoas vêm nos libertar, vão chegar amanhã à noite. Talvez antes. O que temos que fazer é estarmos prontos e assim que ouvirmos o sinal, pegaremos nossas

roupas de frio e correremos para fora. Nada de esperar. Vai ser preciso correr. Mas se não pegarem os agasalhos e as botas, vocês

vão morrer de frio.

-Qual vai ser o sinal? -Annie quis saber.

-O alarme de incêndio vai tocar, como tocou hoje. Está tudo planejado. Todas as crianças vão ficar sabendo, e nenhum dos adultos. Especialmente ela.

Todos tinham os olhos brilhantes de esperança e entusiasmo. E a mensagem estava se espalhando por toda a cantina: Lyra sentia que a atmosfera havia mudado. Ao ar livre, as crianças estavam alegres, cheias de energia e ansiosas para brincar; então,

depois que viram a Sra. Coulter, elas se encheram de medo e histeria reprimida; mas agora havia em sua tagarelice um controle

e um propósito. Lyra maravilhou-se com o poder da esperança. Ficou vigiando a porta aberta, mas com cautela, pronta para baixar a cabeça; ouviram-se vozes de adultos que se aproximavam,

e então a Sra. Coulter em pessoa apareceu por um instante, olhou

para dentro da cantina e sorriu para as crianças felizes, com seus copos de leite quente e seus biscoitos, tão quentinhas e bem nutridas.

Quase instantaneamente um arrepio percorreu a cantina, e todas as

crianças silenciaram e ficaram imóveis, olhando para ela.

A Sra. Coulter sorriu e seguiu em frente sem uma palavra.

Aos poucos, a conversa recomeçou na cantina. Lyra perguntou:

-Onde é que eles conversam?

-Provavelmente na sala de reuniões -disse Annie. -

Uma vez nos levaram lá -acrescentou, referindo-se a ela e seu daemon. -Eram uns 20 adultos e um deles estava fazendo uma palestra. Eu tive que ficar parada lá e fazer o que ele mandava, como ver a distância que o Kyrillion podia ficar de mim, e então ele me hipnotizou e fez outras coisas... É uma sala enorme com #285

muitas cadeiras e mesas e uma pequena plataforma. Fica atrás da recepção. Ei, aposto que eles vão fingir que o treinamento de incêndio deu certo. Aposto que eles têm medo dela, igual a nós...

Pelo resto do dia Lyra ficou perto das outras meninas, observando, falando pouco, agindo discretamente. Houve ginástica,

depois costura, depois o jantar, o recreio no salão -um aposento grande e tristonho, com tabuleiros de jogos, alguns livros velhos e

uma mesa de pingue-pongue. Em certo momento, Lyra e os outros

tomaram consciência de que estava acontecendo alguma emergência, porque os adultos andavam apressados de um lugar para outro

oU ficavam parados em grupinhos, conversando com ansiedade. Lyra adivinhou que eles tinham descoberto a fuga dos daemons e

tentavam entender como aquilo havia acontecido.

Mas não viu a Sra. Coulter, o que foi um alívio. Quando chegou a hora de dormir, ela já sabia que teria que contar tudo às outras.

-Escute, eles costumam vir ver se estamos mesmo dormindo?

-Uma vez só -disse Bella. -Mas só passam o facho da lanterna, não olham de verdade.

-Ótimo, porque vou dar uma olhada por aí. Há um caminho pelo teto que um garoto me ensinou...

Ela explicou e antes mesmo de terminar foi interrompida por Annie:

-Vou com você!

-É bom não ir, porque é melhor que só uma menina fique sumida. Todas podem dizer que estavam dormindo e não me viram sair.

-Mas se eu fosse com você...

-Seria mais fácil sermos apanhadas -Lyra completoU.

Os daemons das duas se entreolhavam: Pantalaimon como gato-do-mato e Kyrillion como raposa. Ambos tremiam de leve. Pantalaimon sibilou quase inaudivelmente e mostrou os dentes, #286

e Kyrillion virou-se para o outro lado e pôs-se a lamber os próprios pêlos despreocupadamente.

-Está certo -resignou-se Annie.

Era comum que discussões entre as crianças fossem resolvidas assim, por seus daemons, um deles se curvando à vontade do outro. Os humanos aceitavam o desfecho sem ressentimento, de modo que Lyra sabia que Annie ia fazer o que ela pedisse.

Todas forneceram peças de roupa para fazer volume sob as cobertas de Lyra como se ela estivesse deitada e prometeram dizer

que nada sabiam sobre aquilo tudo. Então Lyra escutou para ter certeza de que ninguém vinha, subiu na mesinha-de-cabeceira, levantou a placa e puxou-se para cima.

-Não falem nada! -sussurrou para os três rostos que a observavam.

Então recolocou com cuidado a placa no lugar e olhou em volta.

Estava agachada sobre uma estreita canalera de metal presa

numa grade de metal. As placas do teto eram ligeiramente translúcidas, de modo que passava alguma luz de baixo, e Lyra viu que aquele espaço baixo onde estava - cerca de meio metro de altura - estendia-se para todos os lados. Estava apinhado de canos e tubos de metal, e seria fácil perder a direção, mas se ela permanecesse em cima das canaleras e evitasse colocar peso em cima das placas, e contanto que não fizesse barulho, conseguiria atravessar a Estação de uma ponta à outra.

-Igualzinho lá na Jordan, Pantalaimon -ela sussurrou.

-A gente espionando a Sala Privativa.

-Se você não tivesse feito aquilo, nada disso teria acontecido - ele cochichou de volta.

-Então tenho que consertar o que fiz, não é?

Ela marcou as direções, calculando aproximadamente onde ficaria a sala de reuniões, e então partiu. Era uma viagem muito difícil; ela precisava engatinhar, pois não caberia ali de outra

#287

maneira, e de vez em quando tinha que se espremer sob um tubo de metal grande e quadrado, ou então passar por cima de canos de aquecimento. As canaletas de metal pelas quais ela engatinhava

seguiram o topo das paredes internas, pelo que ela podia perceber,

e enquanto permanecesse nelas, sentia uma reconfortante solidez;

mas eram estreitas e tinham as bordas aguçadas, a tal ponto que ela cortou os nós dos dedos das mãos e um joelho, e em pouco tempo estava toda doída, com câibras e muito empoeirada.

Porém sabia mais ou menos onde estava e conseguia ver o volume escuro dos seus agasalhos sobre o teto do dormitório, como um marco para guiá-la de volta. Passou por alguns aposentos vazios, onde as placas não estavam iluminadas por baixo; de

vez em quando, ouvia vozes e parava para escutar, mas eram apenas as cozinheiras na cozinha ou as enfermeiras reunidas naquilo que Lyra concluiu ser sua sala de descanso. Elas nada diziam de interessante, de modo que Lyra seguiu em frente.

Finalmente chegou à área onde deveria estar a sala de reuniões, segundo seus cálculos; de fato, havia uma área sem canalização, onde tubos do ar-condicionado e da calefação desciam por um canto e onde todas as placas num espaço amplo e

retangular estavam iluminadas. Ela colocou o ouvido numa placa e ouviu um murmúrio de vozes adultas masculinas; percebeu que

tinha encontrado o lugar que procurava.

Com muito cuidado, ela avançou centímetro a centímetro

até ficar o mais perto possível das pessoas. Então estendeu-se de corpo inteiro sobre a canaleta de metal e inclinou a cabeça de lado

para melhor escutar .

Ouviu sons ocasionais de talheres e de louça: eles estavam jantando enquanto conversavam. Parecia haver quatro vozes, inclusive a da Sra. Coulter. As outras eram masculinas.

Pareciam

estar discutindo a fuga dos daemons.

-Mas quem está encarregado de supervisionar aquela seção? -perguntou a voz suave e musical da Sra. Coulter.

#288

-Um estudante de pesquisa chamado McKay- disse um dos homens. -Mas existem mecanismos automáticos para impedir esse tipo de coisa...

-Que não funcionam -interrompeu ela.

-Com todo respeito, eles funcionam, sim, Sra. Coulter.

McKay afirma que trancou todas as caixas quando saiu de lá às 11 horas de hoje. A porta externa é claro que não teria sequer sido

aberta, pois ele entrou e saiu pela porta interna, como fazia normalmente. É preciso teclar um código no aparelho que controla as fechaduras, e isso fica registrado na memória do aparelho. Se isso não for feito, o alarme toca.

-Mas o alarme não tocou -ela contestou.

-Tocou, sim. Infelizmente ele tocou quando todos estavam do lado de fora tomando parte no treinamento de incêndio.

-Mas quando vocês tornaram a entrar...

-Infelizmente os dois alarmes estão no mesmo circuito; é uma falha de infra-estrutura que terá de ser retificada. Aconteceu que quando o alarme de incêndio foi desligado depois do treinamento, o alarme do laboratório também foi. Mesmo assim o fato

teria sido percebido, por causa das verificações normais que são feitas depois de qualquer quebra da rotina; mas a essa altura, Sra.

Coulter, a senhora chegou inesperadamente, e como deve se lembrar, pediu especificamente para ver a equipe do laboratório imediatamente, na sua sala. Conseqüentemente, passou-se algum tempo até alguém voltar ao laboratório.

-Entendo -disse a Sra. Coulter em tom frio. -Nesse caso, os daemons devem ter sido libertados durante o treinamento.

E isso amplia a lista de suspeitos para todos os adultos da Estação.

Já pensou nisso?

-A senhora já pensou que pode ter sido feito por uma

criança? -falou outra voz.

Ela ficou em silêncio, e o homem continuou:

#289

-Cada adulto tinha uma tarefa a cumprir. Cada uma ia requerer atenção total, e todas elas foram cumpridas. Não há possibilidade de que alguém da equipe pudesse ter aberto a porta.

Nenhuma possibilidade. Então, ou alguém entrou de fora com a intenção de fazer isso, ou uma das crianças conseguiu entrar, abrir

a porta e as caixas e voltar para a frente do prédio principal.

-E que é que os senhores estão fazendo para investigar?

-ela perguntou. -Aliás, não quero saber. Por favor compreenda, Dr. Cooper, não estou criticando por maldade. Temos que ser extraordinariamente cautelosos. Foi uma falha atroz colocar os dois alarmes no mesmo circuito. Isso tem que ser corrigido imediatamente. Com certeza, o oficial tártaro encarregado da guarda poderia ajudar na investigação? Menciono isso como mera

possibilidade. Aliás, onde estavam os tártaros durante o treinamento? Imagino que já tenha pensado nisso.

-Já pensei, sim -disse o homem em tom cansado. -

O corpo de guarda estava inteiramente ocupado patrulhando.

Todos os homens. Eles mantêm registro de tudo, meticulosamente.

-Tenho certeza de que vocês estão fazendo o possível -

disse ela. -Bem, é isso. Uma pena. Mas vamos mudar de assunto. Fale-me do novo seccionador.

Lyra sentiu um arrepio de medo. Aquilo só podia significar uma coisa.

-Ah, houve um grande progresso -disse o médico,

aliviado ao ver que a conversa tomava outro rumo. -Com o primeiro modelo, nós não conseguíamos anular inteiramente o risco da morte do paciente por choque, mas isso foi muito aperfeiçoado.

-Os esclraelingues faziam isso muito melhor a mão -

disse o homem que ainda não tinha falado.

-Séculos de prática -disse o outro homem.

#290

-Mas, durante algum tempo, a única opção era simplesmente

usar a força -disse o principal interlocutor. -Por mais

que isso perturbasse os operadores adultos. Todos se lembram que tivemos que despedir um bom número deles por problemas de ansiedade causada pela tensão. Mas o primeiro grande progresso foi o uso da anestesia combinado com o bisturi anabárico de

Maystadt. Conseguimos reduzir a menos de cinco por cento o

risco de morte por choque operatório.

-E o novo instrumento? -a Sra. Coulter quis saber.

Lyra estava tremendo. O sangue pulsava em seus ouvidos, e Pantalaimon apertava seu corpo de arminho de encontro a ela, enquanto sussurrava:

-Psiu, Lyra, eles não vão fazer isso, nós não vamos deixar...

-Sim, foi uma curiosa descoberta do próprio Lorde Asriel que nos deu a pista para esse novo método. Ele descobriu que uma liga de manganês e titânio tinha a propriedade de isolar o corpo e o daemon. Aliás, que é que anda acontecendo com Lorde

Asriel?

-Talvez você não tenha ficado sabendo, mas Lorde Asriel está sob sentença de morte pendente. Uma das condições do exílio dele em Svalbard era desistir totalmente da sua obra filosófica. Infelizmente ele conseguiu obter livros e material, e levou suas pesquisas heréticas até o ponto em que é positivamente perigoso deixá-lo vivo. De qualquer maneira, parece que o Tribunal Consistorial de Disciplina começou a debater a questão da sentença de morte, e a probabilidade é de que ele seja executado. Mas quanto ao seu instrumento novo, doutor, como é que ele funciona?

-Ah, sim... Sentença de morte? Meu Deus! Ah, sim, desculpe-me, o novo instrumento. Estamos pesquisando o que acontece quando a intercisão é feita com o paciente consciente, e é claro que isso não podia ser feito pelo processo de Maystadt. De modo que desenvolvemos uma espécie de guilhotina, podese #291

dizer. A lâmina é feita da liga de manganês e titânio, e a criança é colocada num compartimento, como uma cabine, de tela feita da mesma liga, com o daemon num compartimento igual, ligado ao primeiro. Então a lâmina cai entre eles, cortando o elo entre os dois. Então se tornam entidades separadas.

-Eu gostaria de assistir -ela declarou. -E espero que seja logo. Mas agora estou cansada, acho que vou para a cama. Quero ver todas as crianças amanhã. Vamos descobrir quem foi que abriu aquela porta.

Houve o som de cadeiras em purradas, cumprimentos e uma porta fechando-se. Então Lyra ouviu os outros tornarem a sentar-se e continuarem a conversa, mas em tom mais baixo.

-Que é que Lorde Asriel está planejando?

-Acho que ele tem uma idéia inteiramente nova da natureza do Pó. O caso é esse. É profundamente herética, entendem, e o Tribunal Consistorial de Disciplina não pode permitir



outra interpretação além da autorizada. Além disso, ele quer fazer experiências...

-Experiências? Com o Pó?

-Psiu, fale mais baixo...

-Acha que ela vai fazer um relatório negativo?

-Não, não. Acho que você lidou muito bem com ela.

-A atitude dela me preocupa...

-Não é uma atitude filosófica?

-Exatamente. É interesse pessoal. Não gosto de usar esta palavra, mas é quase sinistro.

-Você está exagerando.

-Mas você se lembra das primeiras experiências, quando ela estava tão ansiosa para ver as separações...

Lyra não conseguiu controlar-se: um gemido escapou de seus lábios e ao mesmo tempo ela estremeceu, e seu pé esbarrou numa trave.

-Que foi isso?

#292

-Foi no teto!

-Depressa!

O som de cadeiras afastadas, pés correndo, uma mesa empurrada pelo chão. Lyra tentou arrastar-se para longe dali, mas

havia pouco espaço, e ela não conseguiu mover-se mais que alguns

metros quando a placa ao seu lado foi erguida de repente, e ela deparou com o rosto assustado de um homem. Estava tão perto que ela via todos os pêlos do bigode dele. Ele ficou tão espantado

quanto ela, porém tinha mais liberdade de movimentos e conseguiu enfiar a mão pelo buraco e agarrar-lhe o braço.

-Uma criança!

-Não deixe que fuja...

Lyra enfiou os dentes na mão grande e sardenta do homem.

Ele gritou, mas não soltou o braço dela, mesmo quando os dentes

lhe rasgaram a pele. Pantalaimon rosnava e cuspiu, mas isto não adiantava, o homem era muito mais forte que ela; puxou-a até que ela teve que soltar a trave à qual se agarrava com o outro braço, e metade do seu corpo caiu pelo buraco.

Ainda não tinha feito um único som. Enroscou as pernas na borda aguçada de metal e lutou de cabeça para baixo, arranhando, mordendo, socando e cuspidando com enorme fúria.

Os

homens ofegavam e resmungavam de dor ou cansaço, mas não

cessavam de puxá-la para baixo.

E de repente ela perdeu as forças.

Era como se uma estranha mão tivesse penetrado onde nenhuma mão tinha o direito de ir e arrancado dela algo profundo e precioso.

Ela sentiu-se fraca, tonta, nauseada e frouxa com o choque.

Um dos homens estava segurando Pantalaimon.

Ele tinha agarrado o daemon de Lyra com suas mãos humanas, e o coitado do Pan tremia, quase louco de horror e agonia.

Em forma de gato-do-mato, seu pêlo ora ficava opaco de fraqueza,

#293

ora brilhava anbaricamente de terror... Ele curvava-se para a sua Lyra, que estendia ambas as mãos em sua direção.

Os dois ficaram imóveis. Estavam presos.

Ela sentia aquelas mãos... Aquilo não era correto... Era proibido tocar... Era errado...

-Ela estava sozinha?

Um homem estudava o espaço acima do teto.

-Parece que sim...

-Quem é ela?

-A garota nova.

-Aquela que os caçadores samoiedes...

-É.

-Será que foi ela... os daemons...

-Pode muito bem ter sido. Mas não sozinha.

-Será que devíamos contar...

-Acho que isso ia nos deixar mal, não é?

-Concordo. É melhor ela não ficar sabendo.

-Mas que é que vamos fazer?

-Ela não pode voltar para junto das outras crianças.

-Impossível!

-Só podemos fazer uma coisa, eu acho.

-Agora?

-Tem que ser. Não podemos deixar para amanhã. Amanhã ela vai querer assistir .

-Podíamos fazer nós mesmos. Não há necessidade de envolver outras pessoas.

O homem que parecia ser o chefe, aquele que não estava segurando Lyra nem Pantalaimon, batia nos dentes com a unha. Seus olhos nunca estavam parados; iam de um lado para o outro rapidamente. Finalmente ele assentiu com um gesto de cabeça.

-Agora. Façam agora. Senão ela vai falar. O choque vai impedir pelo menos isso. Ela não vai se lembrar de quem é, o que

viu, o que ouviu... Vamos.

#294

Lyra não conseguia falar; mal conseguia respirar. Teve que permitir que a carregassem através da Estação pelos corredores brancos e desertos, passando por aposentos onde lâmpadas anárquicas zumbiam, pelos dormitórios onde as crianças dormiam com

seus daemons ao lado, compartilhando seus sonhos; a cada segundo do caminho, ela só enxergava Pantalaimon e ele se debruçava

para ela, olhos nos olhos.

Então uma porta foi aberta através de uma grande roda;

houve um sibilo de ar, e eles entraram numa câmara profusamente iluminada, com azulejos brancos brilhando e aço inoxidável. O medo que ela sentia era quase uma dor física -aliás,

tornou-se mesmo uma dor física quando empurraram Lyra e Pantalaimon na direção de uma grande gaiola de tela prateada, acima da qual uma grande lâmina prateada estava prestes a separá-los para todo o sempre.

Ela finalmente conseguiu gritar. O som repercutiu ruidosamente nas superfícies azulejadas, mas a porta pesada tinha se fechado com um sibilo; ela podia gritar para sempre, mas nenhum

som escaparia dali.

Mas Pantalaimon, em resposta, havia se desvencilhado daquelas mãos odiosas -ele era leão, era águia: atacou-os selvagememente com as garras, batendo as grandes asas, depois virou

lobo, urso, gato-do-mato, rosnando, arranhando, uma sucessão de transformações rápidas demais para o olho, e o tempo todo saltando, esvoaçando, evitando as mãos desajeitadas que agarravam o VaziO.

Mas eles também tinham seus daemons. Não eram dois contra três, eram dois contra seis. Um texugo, uma coruja e um babuíno juntaram-se aos esforços para subjugar Pantalaimon, enquanto Lyra lhes gritava:

-Por quê? Por que logo vocês estão fazendo isso? Vocês têm que nos ajudar. Não deviam estar ajudando a eles!  
#295

Ela chutava e mordia com mais afã, até que o homem que a segurava deu um grito e soltou-a por um momento -e ela se viu livre, e Pantalaimon lançou-se sobre ela como um raio. Ela o apertou contra o peito, e ele enfiou as garras de gato-do-mato na carne dela, e a dor era agradável.

-Nunca! Nunca! Nunca! -ela gritou, e encostou-se à parede para defendê-lo até a morte de ambos.

Mas eles caíram sobre ela novamente, três homens grandes e brutais, e ela era apenas uma criança apavorada; eles lhe

arrancaram Pantalaimon, jogaram-na num lado da gaiola de tela e levaram o daemon, ainda lutando, para o outro lado. Havia uma barreira de tela entre eles, mas ele ainda fazia parte dela, ainda estavam unidos. Por mais um segundo, ele ainda era a alma dela. Então, acima dos grunhidos dos homens e do próprio choro, Lyra ouviu um som de zumbido e viu um dos homens (com o nariz sangrando) mexendo nos botões de um painel. Os outros dois ergueram os olhos, e ela seguiu o olhar deles. A grande lâmina prateada erguia-se lentamente, refletindo o brilho da luz. O último instante de vida completa ia ser o pior de todos.

-Que é que está acontecendo aqui? -perguntou uma voz leve e musical.

A voz dela. Tudo ficou imóvel.

-Que é que vocês estão fazendo? E quem é esta criança...

Ela não completou a pergunta, pois nesse instante reconheceu Lyra. Através das lágrimas, Lyra viu-a cambalear e agarrar-se a uma cadeira; o tão lindo e impassível rosto ficou, por um instante, contorcido e aterrorizado.

-Lyra! -ela conseguiu dizer.

No mesmo instante, o macaco dourado afastou-se dela num salto e arrancou Pantalaimon de dentro da gaiola de tela, ao mesmo tempo em que Lyra caía para fora da outra gaiola. Pantalaimon desvencilhou-se das patas solícitas do macaco e foi se aninhar nos braços de Lyra.

#296

-Nunca, nunca- ela sussurrou.

Ele apertou-se contra ela, e os dois assim ficaram, como náufragos estremecendo numa costa desolada. Ela mal ouviu a Sra. Coulter falando com os homens e sequer conseguiu interpretar o tom da voz da mulher. Então todos saíram daquele aposento odioso, a Sra. Coulter amparando Lyra pelo corredor, entraram por outra porta, um quarto de dormir, luz suave, perfume no ar.

A Sra. Coulter colocou-a delicadamente sobre a cama. O braço de Lyra apertava tanto Pantalaimon que ela tremia com o esforço. Uma carinhosa mão acariciou-lhe a testa.

-Minha querida criança -disse a voz doce. -Como foi que você veio parar aqui?

#297

As Bruxas

LYRA gemia e tremia incontrolavelmente, como se tivesse sido retirada de uma água tão fria que quase congelara seu coração. Pantalaimon simplesmente apertara-se contra a pele nua dentro das

roupas de Lyra, acalmando-a com o seu amor, mas durante todo o tempo ele estava consciente da Sra. Coulter, que se atarefava preparando uma bebida ou algo assim, e principalmente do macaco dourado, cujos dedinhos tinham percorrido o corpo de Lyra quando só Pantalaimon poderia ter percebido e tinham sentido a sacola de lona pendurada na cintura dela.

-Sente-se um pouco, querida, e beba isto -disse a Sra. Coulter.

Seu braço carinhoso rodeou os ombros de Lyra e levantou-a. Lyra ia resistir, mas relaxou imediatamente, quando Pantalaimon

transmitiu-lhe um pensamento: "Só ficaremos em segurança se soubermos fingir. " Ela abriu os olhos e percebeu que eles estavam

cheios de lágrimas, e para sua própria surpresa e vergonha pôsse a chorar incontrolavelmente.

A Sra. Coulter, com frases de consolo, colocou a bebida nas mãos do macaco enquanto enxugava os olhos de Lyra com um lençinho perfumado.

#298

-Chore à vontade, querida- disse, com sua voz suave.

Lyra então resolveu parar assim que conseguisse. Esforçou-se para conter as lágrimas, apertou os lábios e engoliu os soluços que ainda lhe sacudiam o peito.

Pantalaimon fazia o mesmo: enganá-los, enganá-los. Ele se tornou um rato e esgueirou-se para longe da mão de Lyra para farejar timidamente a bebida na mão do macaco. Era inócua: um chá de camomila, nada mais. Ele voltou para o ombro de Lyra e sussurrou:

-Beba.

Ela sentou-se e pegou a xícara quente com as duas mãos, bebericando e soprando para esfriar o chá. Mantinha os olhos baixos. Tinha que representar melhor do que jamais fizera na vida.

-Lyra, querida- murmurou a Sra. Coulter acariciando-lhe os cabelos. -Pensei que tínhamos perdido você para sempre!

Que foi que aconteceu? Você se perdeu? Alguém levou-a do apartamento?

-Foi -Lyra sussurrou.

-Quem fez isso, querida?

-Um homem e uma mulher.

-Convidados da festa?

-Acho que sim. Disseram que a senhora precisava de uma coisa que estava no andar térreo, e eu fui buscar. Eles me agarraram e me levaram num carro. Mas quando pararam, eu fugi depressa e me escondi, e eles não me acharam. Mas eu não sabia onde estava...

Outro soluço a interrompeu, agora mais fraco, e ela podia fingir que ele tinha sido provocado pela história que estava contando.

-E fiquei vagando, tentando encontrar o caminho de volta, mas então os Papões me pegaram... E me puseram numa #299

camionete com outras crianças e me levaram para um lugar, uma casa muito grande, não sei onde era.

A cada segundo que se passava, a cada frase inventada, ela se sentia um pouco mais forte. E agora que estava fazendo algo difícil e costumeiro e nunca muito previsível, que era mentir, ela tornou a sentir uma espécie de segurança, o mesmo senso de complexidade e controle que o aletômetro lhe dava. Tinha que tomar cuidado para não dizer alguma coisa obviamente impossível; devia ser vaga em certas partes e inventar detalhes plausíveis

em outras; em suma, tinha que ser uma artista.

-Quanto tempo você ficou naquela casa? -quis saber a Sra. Coulter .

A viagem de Lyra pelos canais e o tempo que ela passara com os gípcios tinham levado semanas; ela precisava justificar esse

tempo. Então inventou uma viagem com os Papões para Trollesund, e depois uma fuga, cuja invenção lhe deu a oportunidade de mencionar muitos detalhes de suas observações da

cidade; e algum tempo trabalhando como criada no Bar de Einarsson, e então algum tempo trabalhando para uma família de fazendeiros no interior, depois presa pelos samoiedes elevada para Bolvangar .

-E eles iam... iam cortar...

-Psiu, querida. Vou descobrir o que está acontecendo.

-Mas por que iam fazer isso? Nunca fiz nada errado!

Todas as crianças têm medo do que acontece lá, e ninguém sabe o que é. Mas é horrível. É a pior coisa... Por que estão fazendo isso, Sra. Coulter? Por que são tão cruéis?

-Pronto, pronto... Você está em segurança, minha querida.

Nunca farão isso com você. Agora que a encontrei, nunca mais estará em perigo. Ninguém vai lhe fazer mal, querida Lyra; ninguém jamais vai magoá-la...

-Mas fazem isso com outras crianças! Por quê?

-Ah, meu amor...

#300

-É o Pó, não é?

-Eles lhe disseram isso? Os médicos disseram isso?

-As crianças sabem. Todas falam sobre isso, mas ninguém sabe direito! E quase fizeram aquilo comigo... A senhora tem

que

me dizer! A senhora agora não tem mais direito de esconder!

-Lyra... Lyra, querida, são coisas complicadas, o Pó e o resto. Não é assunto para uma criança se preocupar. Mas os médicos fazem isso pelo bem da própria criança, meu amor. O Pó é uma coisa ruim, uma coisa errada, uma coisa má e perversa.

Os adultos e seus daemons estão infectados de Pó tão profundamente que para eles é tarde demais. Mas uma simples operação numa criança faz com que fiquem a salvo. O Pó não vai mais se prender a elas. Elas ficam seguras e felizes e...

Lyra pensou no pequeno Tony Makarios; inclinou-se para a frente e teve ânsias de vômito. A Sra. Coulter soltou-a.

-Você está bem, minha querida? Vá ao banheiro...

Lyra engoliu em seco e esfregou os olhos.

-Não precisam fazer isso com agente -disse. -Podiam nos deixar em paz. Aposto que Lorde Asriel não deixaria eles fazerem isso, se soubesse o que está acontecendo. Se ele tem o Pó

e a senhora também, e o Reitor da Jordan e todos os adultos também, deve estar certo. Quando eu sair, vou contar isso a todas

as crianças do mundo. De qualquer maneira, se é uma coisa tão boa, por que a senhora impediu que fizessem comigo? Se fosse uma coisa boa, a senhora devia ter deixado. Devia ficar feliz.

A Sra. Coulter sacudiu a cabeça e sorriu um sorriso triste e sábio.

-Querida, certas coisas boas doem um pouco, e naturalmente outras pessoas ficam perturbadas se você fica... Mas não significa que levem seu daemon para longe de você. Meu Deus, muitos adultos aqui fizeram essa operação. As enfermeiras parecem bastante felizes, não parecem?

#301

Lyra pestanejou; de repente entendia a estranha apatia e falta de curiosidade das enfermeiras, o modo como seus pequenos

daemons pareciam sonâmbulos.

Ela pensou: não diga nada. E ficou de boca fechada.

-Minha querida, ninguém sonharia em fazer uma cirurgia numa criança sem realizar testes antes. E ninguém, nem em mil anos, conseguiria afastar uma criança e seu daemon! Tudo que acontece é um pequeno corte, e então fica tudo bem. Para sempre!

Entende, quando a pessoa é criança, o daemon dela é um amigo e companheiro maravilhoso, mas na idade que chamamos de puberdade, a idade que você logo terá, querida, os

daemonstrazem

todo tipo de pensamentos e sentimentos perturbadores, e é isso que deixa o Pó entrar. Uma pequena operação antes disso faz com

que a criança nunca se perturbe. E o daemon continua com ela, só que... desligado. Como um... como um maravilhoso bichinho de estimação, por exemplo. O melhor bichinho de estimação do mundo! Você não gostaria disso?

Ah, que hipócrita perversa, quantas mentiras deslavadas ela dizia! E mesmo se Lyra não soubesse que eram mentiras (Tony Makarios, os daemons nas caixas de vidro...), ela teria odiado aquela idéia: sua alma querida, o caro companheiro do seu coração, cortado dela e reduzido a um bichinho de estimação?

Lyra quase fervia de ódio, e em seus braços Pantalaimon transformou-se num gato-do-mato, a mais feia e perversa de todas as

suas formas, e rosnou.

Mas nada disseram. Lyra segurou Pantalaimon com força e deixou a Sra. Coulter acariciar seus cabelos.

-Beba seu chá -disse a Sra. Coulter em tom carinhoso.

-Vou mandar preparar uma cama para você aqui. Não é preciso voltar para o dormitório com as outras garotas, agora que tenho de volta minha pequena secretária. A minha favorita! A melhor secretária do mundo. Reviramos Londres inteira atrás de você, sabia, minha querida? E a polícia procurou em todas as cidades.  
#302

Ah, senti tanta saudade! Nem sei dizer como estou feliz por encontrá-la de novo!

Durante todo esse tempo, o macaco dourado mostrava-se inquieto, num minuto empoleirado na mesa balançando o rabo, no outro minuto agarrado à Sra. Coulter, falando baixinho em seu ouvido, no minuto seguinte andando de um lado para outro com a cauda ereta. Ele estava mostrando a impaciência que a Sra.

Coulter sentia e que finalmente ela não conseguiu mais controlar

.

-Lyra, minha querida -disse. -Acho que o Reitor da Jordan lhe deu uma coisa antes de você ir embora. Estou certa? Ele lhe deu um aletômetro. O problema é que o instrumento não era dele, ele apenas tomava conta. É uma coisa valiosa demais para ficar por aí. Só existem dois ou três no mundo inteiro, sabia?

Acho que o Reitor lhe deu o aletômetro na esperança de que ele caísse nas mãos de Lorde Asriel. Ele lhe disse para não me contar, não foi?

Lyra torceu a boca.



-É, estou vendo que sim. Bom, não tem importância, querida, porque você não me contou, certo? Então não quebrou sua promessa. Mas escute, querida, é uma coisa que devia ser guardada com cuidado. É tão rara e delicada que infelizmente não podemos deixá-la correr riscos.

-Por que Lorde Asriel não pode ter essa coisa? -Lyra perguntou.

-Por causa do que ele está fazendo. Você sabe que ele foi exilado porque pretende fazer uma coisa errada e perigosa. Ele precisa do aletômetro para terminar seu plano, mas pode acreditar, minha querida, a última coisa que alguém devia fazer é dar o

aletômetro a ele. Infelizmente o Reitor da Jordan estava enganado. Mas agora que você sabe, não seria melhor me dar para guardar? Você ficaria livre de ter que carregar isso por aí e da preocupação de tomar conta dele. E você deve ter ficado mesmo #303

curiosa, querendo saber para que servia uma coisa boba e velha como essa...

Lyra perguntou-se como foi que tinha um dia achado aquela mulher fascinante e inteligente.

-Então, se você está com ele agora, querida, é melhor me dar para eu tomar conta. Está pendurado na sua cintura, não está?

É, foi inteligente, guardar assim...

Ela levantou a saia de Lyra e começou a desamarrar o cinto de lona. Lyra ficou tensa. O macaco dourado estava agachado no

pé da cama, tremendo de ansiedade, as mãozinhas pretas junto à boca. A Sra. Coulter puxou o cinto da cintura de Lyra e desabotoou a sacola. Tinha a respiração ofegante. Ela tirou o embrulho

de veludo negro e desdobrou o pano, encontrando a lata que Iorek Byrnison tinha feito.

Pantalaimon era novamente um gato pronto para saltar.

Lyra puxou as pernas, afastando-as da Sra. Coulter, e girou-as para o chão, para que ela também pudesse correr quando chegasse a hora.

-Que é isso? -perguntou a Sra. Coulter, como se achasse graça. -Que lata engraçada! Você colocou ele aí dentro para ficar seguro, minha querida? Todo esse musgo... Você foi cuidadosa, não foi? Outra lata, dentro da primeira! E soldada! Quem

fez isso, minha querida?

Ela estava preocupada demais em abrir a lata para esperar a

resposta. Tirou da bolsa um canivete com várias ferramentas, abriu uma lâmina e enfiou sob a tampa.

No mesmo instante, um zumbido furioso encheu o quarto.

Lyra e Pantalaimon ficaram imóveis. A Sra. Coulter, perplexa e curiosa, puxou a tampa, e o macaco dourado debruçou-se para ver de perto.

Então, como uma centelha, a forma negra da mosca-espiã saiu da lata e colidiu com força com o focinho do macaco.

#304

o animal gritou e jogou-se para trás; naturalmente, a Sra. Coulter também estava sentindo a dor e o medo do macaco e gritou junto com ele, e então o pequeno demônio mecânico virou-se para ela e veio em direção ao seu rosto.

Lyra não hesitou; quando Pantalaimon saltou para a porta, ela foi atrás, abriu-a e correu como nunca tinha corrido na vida.

-O alarme de incêndio! -Pantalaimon grunhiu, correndo na frente dela.

Ela viu um alarme na parede e quebrou o vidro com um soco desesperado. E tornou a sair correndo na direção dos dormitórios, acionando todos os alarmes que encontrava, e então os corredores começaram a encher-se de pessoas olhando em volta

à procura do incêndio.

A essa altura, ela estava perto da cozinha; Pantalaimon mandou-lhe um pensamento e ela entrou correndo. Momentos depois, tinha aberto todos os bicos de gás e jogado um fósforo aceso no bico mais próximo. Depois pegou um saco de farinha e jogou-o com força de encontro à beirada da mesa, explodindo o saco e enchendo o ar de branco, pois ouvira dizer que a farinha no ar explode perto do fogo.

Enquanto isto, saiu correndo para seu próprio dormitório.

Os corredores agora estavam apinhados, com crianças correndo para todos os lados, cheias de excitação, pois o plano de fuga havia

se espalhado. As mais velhas iam para os depósitos onde as roupas

ficavam guardadas, levando consigo as mais novas. Os adultos tentavam controlar tudo, e nenhum deles sabia o que estava acontecendo. Por toda parte havia pessoas gritando, empurrando, chorando.

Lyra e Pantalaimon atravessaram tudo aquilo, seguindo sempre na direção do dormitório; assim que lá chegaram ouviram

uma explosão surda que sacudiu o prédio.

As outras meninas tinham fugido, o lugar estava deserto.

Lyra arrastou a mesa-de-cabeceira para o canto, subiu nela,

puxou

#305

suas roupas do teto, procurou o aletômetro, encontrou-o bem seguro. Vestiu-se depressa, puxando o capuz para encobrir o rosto, e então Pantalaimon, uma andorinha junto à porta, avisou: -Agora!

Ela correu para fora. Por sorte algumas crianças que já haviam encontrado agasalhos estavam correndo pelo corredor na direção da entrada principal, e ela juntou-se ao grupo, suando, o coração disparado, sabendo que tinha que fugir ou então morreria.

Porém o caminho estava bloqueado; o incêndio na cozinha se espalhou, e a explosão -por causa do gás ou da farinha - tinha derrubado parte do telhado. As pessoas subiam por cima das vigas retorcidas para chegar ao frio cortante do ar livre. O cheiro de gás era forte. Então houve outra explosão, mais forte que a primeira. O impacto derrubou muita gente, e gritos de medo e dor encheram o ar.

Lyra lutou para levantar-se, com Pantalaimon gritando "Por aqui! Por aqui!", e com esforço subiu pelos destroços. O ar estava gelado, e ela esperava que as crianças tivessem conseguido

encontrar suas roupas de frio; seria o cúmulo conseguir fugir da Estação para morrer de frio!

Agora as chamas eram altas. Quando ela chegou ao telhado sob o céu noturno, viu as labaredas lambendo as bordas de um grande buraco na lateral do prédio. Havia uma multidão de crianças e adultos junto à entrada principal, mas desta vez os adultos estavam mais agitados e as crianças estavam mais assustadas -muito mais assustadas.

-Roger! Roger! -Lyra gritou, e Pantalaimon, com a visão aguçada de uma coruja, avisou que já o tinha visto. No momento seguinte, eles se encontraram.

-Diga a todos que venham comigo! -Lyra gritou no ouvido dele.

-Eles não vão... Estão apavorados...

#306

-Conte o que eles fazem com as crianças que desaparecem!

Cortam os daemons delas com uma faca enorme. Conte o que você viu esta tarde, os daemons que nós soltamos! Diga que isso vai acontecer com elas também se não fugirem!

Roger estava boquiaberto, horrorizado, mas conseguiu controlar-se e correu para o grupo de crianças mais próximo.

Lyra

fez o mesmo, e logo as crianças agarravam-se aos seus daemons.

-Venham comigo! -Lyra gritou. -Está vindo ajuda!

Temos que sair daqui! Vamos, corram!

As crianças ouviram e obedeceram, correndo pela praça na direção da avenida de luzes.

Atrás delas, os adultos gritavam, e houve um estrondo quando outra parte do prédio desabou. As centelhas subiram no ar, e as chamas incharam com o som como o de roupa rasgada. Porém, acima de todo esse ruído, ouviu-se outro som, terrivelmente próximo e violento. Lyra nunca o tinha ouvido antes,

mas soube imediatamente do que se tratava: era o uivo dos daemons-lobas dos guardas tártaros. Ela sentiu uma onda de fraqueza da cabeça aos pés, e muitas crianças estacaram, apavoradas, pois correndo surgiu o primeiro dos guardas tártaros, rifle

empunhado e a sombra enorme e cinzenta do seu daemon logo atrás.

Então surgiu outro, e mais outro. Estavam todos de armadura, os olhos invisíveis por trás das fendas dos elmos. Os únicos olhos à vista eram os orifícios redondos e negros da ponta do cano

dos rifles e os olhos amarelos e brilhantes das daemons-lobas acima

das bocarras cheias de saliva.

Lyra hesitou. Não tinha imaginado como aquelas lobas eram apavorantes. E agora que conhecia a tranqüilidade com que

as pessoas de Bolvangar desobedeciam ao grande tabu, ela se apavorou com a idéia daqueles dentes...

Os tártaros fizeram uma barreira na frente da entrada da avenida de luzes, com seus daemons ao lado, disciplinadas e #307

treinadas como eles. Logo haveria uma segunda barreira, pois vinham mais guardas, e mais ainda atrás desses. Lyra pensou, desesperada: crianças não podem lutar contra soldados. Não era como as batalhas nos Barreiros de Oxford, quando ela arremessava bolas de lama nos filhos dos oleiros.

Ou talvez fosse! Ela lembrava-se de ter jogado um punhado de lama no rosto largo de um menino da olaria que a atacava; ele havia parado para tirar a lama dos olhos e então os aliados dela o atacaram.

Na ocasião, ela estava no meio do barro; agora estava no meio da neve.

Exatamente como tinha feito naquela tarde, mas agora com grande ansiedade, ela fez uma bola de neve e jogou-a no soldado mais próximo.

-Joguem nos olhos! -ela gritou, e jogou outra bola de neve.

Outras crianças a imitaram, e então o daemon de alguém

teve a idéia de voar ao lado dos petardos e dirigi-los diretamente para dentro das fendas dos elmos. Logo todos faziam isto, e em poucos momentos os tártaros estavam cambaleantes, praguejando e tentando tirar a neve pela fenda estreita em frente aos olhos.

-Vamos! -Lyra gritou, e lançou-se pelo portão para a avenida de luzes.

Todas as crianças foram atrás dela, evitando as lobas e correndo o quanto podiam pela avenida em direção à escuridão que as esperava.

Um oficial gritou uma ordem, e todos os rifles foram destravados ao mesmo tempo; houve outro grito e um silêncio tenso, ouvindo-se apenas os passos e a respiração ofegante das crianças em fuga.

Os soldados estavam fazendo pontaria. Não iam errar.

Mas antes que pudessem atirar, ouviu-se o grito de um dos tártaros e exclamações de surpresa dos outros.

#308

Lyra estacou e virou-se para ver um homem caído na neve, com uma flecha de ponta de penas cinzentas enfiada nas costas. Ele se contorcia e tossia, cuspiendo sangue, e os outros soldados olhavam em volta procurando quem havia atirado a flecha, mas o arqueiro não estava à vista.

Então uma flecha veio voando do céu e atingiu outro homem na nuca. Ele caiu. O oficial gritou, e todos olharam para o céu escuro.

-Bruxas! -disse Pantalaimon.

E eram mesmo: figuras elegantes voando lá em cima, o ar zunindo por entre folhas dos galhos de pinheiro nubígeno em que elas voavam. Enquanto Lyra observava, uma das figuras deu um rasante e soltou uma flecha; outro homem caiu.

Então todos os tártaros levantaram os rifles e atiraram para o alto, para nada -sombrias, nuvens -, enquanto mais flechas choviam sobre eles.

Mas o oficial comandante, vendo que as crianças fugiam, mandou um destacamento atrás delas. Algumas crianças gritaram, depois outras, e finalmente todas pararam e viraram-se,

apavoradas pela figura monstruosa que saía da escuridão e vinha sobre elas.

-Iorek Byrnison! -Lyra gritou, o peito quase explodindo de alegria.

O urso de armadura parecia não ter consciência de outra coisa além do seu alvo de ataque; passou por Lyra como um raio e caiu sobre os tártaros, espalhando soldados, daemons e rifles para

todos os lados. Então parou e girou, com força e flexibilidade, e desfechou dois socos, um para cada lado, nos guardas mais próximos.

Um daemon-loba pulou sobre ele; Iorek rasgou-lhe a carne em pleno ar, e ele caiu sobre a neve com o sangue espirrando como se fosse fogo e ficou a contorcer-se e uivar até desaparecer.

Seu humano morreu imediatamente.

#309

o oficial tártaro, ao enfrentar esse ataque duplo, não hesitou, gritou uma longa ordem, e o corpo de guarda dividiu-se em dois: um para repelir as bruxas e o grupo maior para dominar o urso.

Os

soldados foram incrivelmente corajosos; ajoelharam-se em grupos

de quatro e dispararam seus rifles como se estivessem fazendo um

treinamento, e não se moveram nem mesmo quando viram Iorek vindo em sua direção. No momento seguinte, estavam mortos.

Iorek atacou outra vez, enquanto as balas voavam à sua volta como moscas, sem lhe fazer mal. Lyra levava as crianças para a escuridão que havia depois da avenida de luzes. Elas deviam se afastar, pois, por mais perigosos que fossem os tártaros, muito mais perigosos eram os adultos de Bolvangar .

De modo que ela gritou, gesticulou e empurrou para que as crianças avançassem. Enquanto as luzes ficavam para trás, lançando sombras compridas na neve, Lyra sentia o coração alegrar-se no frio e na pureza da escura noite do Artico, assim como Pantalaimon, que agora era uma lebre deliciando-se em correr pela neve.

-Aonde é que nós vamos? -alguém perguntou.

-Lá na frente só tem neve! -disse outro.

-Está vindo um grupo de resgate -Lyra lhes contou. -

São uns 50 gípcios. Aposto que alguns são parentes de vocês.

Todas

as famílias gípcias que perderam uma criança mandaram alguém.

-Eu não sou gípcio -disse um menino.

-Não faz diferença. Vão levar você também.

-Para onde? -alguém perguntou em tom agressivo.

-Para casa -Lyra respondeu. -Foi para isso que eu vim, para salvar vocês, e trouxe os gípcios até aqui para levarem vocês para casa. Só temos que andar mais um pouquinho. O urso estava com eles, de modo que não devem estar longe.

-Viram aquele urso? -fez um menino. -Quando ele rasgou aquele daemon, o homem morreu como se tivessem arrancado o coração dele.

#310

-Eu nunca soube que os daemons podem ser mortos - disse outra criança.

Agora todos estavam falando; a excitação e o alívio destravara a língua de todos. Não tinha importância que conversassem, contanto que continuassem andando.

-É verdade que eles fazem aquilo lá dentro? -perguntou uma menina.

-É, sim -Lyra confirmou. -Nunca pensei que um dia ia ver uma pessoa sem um daemon. Mas no caminho daqui encontramos um menino sozinho, sem daemon. Ele não parava de perguntar por ele, onde ele estava, se ele ia conseguir achá-lo. O nome dele era Tony Makarios.

-Eu conheço! -disse alguém.

-É, levaram ele há uma semana...

-Bom, cortaram e tiraram o daemon dele -Lyra revelou, sabendo que isto os afetaria. -E ele morreu logo depois. E todos os daemons que eles cortam eles guardam em caixas de vidro numa

casinha lá atrás.

-É verdade, e Lyra soltou eles durante o treinamento de incêndio -disse Roger .

-É, eu vi! -disse Billy Costa. -Primeiro eu não sabia o que eram, mas vi quando foram embora voando com aquele ganso.

-Mas por que fazem isso? -um menino quis saber. -

Por que tiram os daemons das pessoas? Isso é tortura! Por que fazem isso?

-Por causa do Pó? -sugeriu alguém.

Mas o garoto riu com zombaria.

-O Pó! -ecoou. -Isso não existe! Eles inventaram! Eu não acredito nesse Pó.

-Ei, vejam o que está acontecendo com o zepelim! - avisou alguém.

Todos olharam para trás. Além das luzes, onde o combate ainda prosseguia, o enorme corpo da aeronave não estava mais

#311

flutuando serenamente, preso ao mastro; a extremidade oposta estava afundando e atrás dela erguia-se um globo que parecia ser...

-O balão de Lee Scoresby! -Lyra exclamou, batendo palmas.

As outras crianças estavam perplexas. Lyra levou-as para a frente, perguntando-se como o aeróstata tinha conseguido trazer seu balão tão longe. Era óbvio o que ele estava fazendo, e era uma

ótima idéia: encher seu balão com o gás do balão deles,

possibilitando a fuga ao mesmo tempo em que impedia a perseguição!

Algumas das crianças estavam tremendo e gemendo de frio, e seus daemons também choravam.

-Vamos, não parem de andar, senão vão congelar- Lyra disse.

Pantalaimon, irritado com o queixume dos daemons, transformou-se num lobinho e rosnou para o daemon-esquilo que

estava deitado no ombro de sua humana gemendo baixinho.

-Entre dentro do casaco dela! Fique maior e aqueça ela!

-ordenou.

O daemon da menina, assustado, obedeceu imediatamente.

O problema era que seda carbonífera não era quente como pêlos de verdade, por mais que fosse acolchoada. Algumas crianças pareciam novelos ambulantes, de tão cheias de roupas, mas

eram roupas feitas em fábricas e laboratórios distantes do frio, e não eram eficazes. Os agasalhos de peles que Lyra usava tinham aparência suja e cheiravam mal, mas conservavam o calor.

-Se não encontrarmos logo os gipcios, eles não vão durar muito -ela cochichou a Pantalaimon.

-Então não deixe ninguém parar. Se alguém se deitar, está perdido. Sabe o que Farder Coram disse...

Farder Coram tinha contado muitas histórias de suas viagens ao Norte. Também a Sra. Coulter -supondo que as histórias dela fossem verdadeiras. Mas ambos foram muito claros

num ponto: era preciso continuar andando.

#312

-Falta muito? -perguntou um menininho.

-Ela só está fazendo a gente andar até aqui para nos matar

-disse uma menina.

-Prefiro aqui do que lá -disse outra criança.

-Eu não! Na Estação é quentinho, tem comida, bebida e tudo.

-Mas está pegando fogo!

-Que é que vamos fazer aqui fora? Aposto que vamos morrer de fome...

A cabeça de Lyra estava cheia de perguntas lúgubres esvoaçando como as bruxas, céleres e inatingíveis, e em algum lugar, logo além de onde ela conseguia alcançar, havia uma euforia e uma emoção que ela não compreendia.

Mas que lhe deu uma onda de energia, e ela puxou uma menina de dentro de um trecho de neve solta e empurrou um menino que havia parado, gritando para todos:

-Não parem! Sigam as pegadas do urso! Ele veio com os



gípcios, então o rastro dele vai nos levar até onde eles estão!  
Continuem andando!

A neve começava a cair em grandes flocos; logo iria encobrir inteiramente as pegadas de Iorek Byrnison. Agora que as luzes de

Bolvangar estavam fora de vista e o incêndio produzia apenas um

leve brilho no céu, a única luz vinha do reflexo fraco do chão coberto de neve. Nuvens espessas escondiam o céu, de modo que

não havia lua nem Aurora Boreal; mas com atenção as crianças conseguiam distinguir as pegadas fundas de Iorek Byrnison na neve. Lyra encorajava, intimidava, batia, carregava, xingava, levantava e arrastava crianças conforme fosse necessário, e Pantalaimon, pelo estado do daemon de cada

criança,

dizia-lhe o que

era preciso fazer em cada caso.

Ela repetia consigo mesma, sem cessar: vou conseguir salvar as crianças; vim até aqui para isto, e vou conseguir, droga!

#313

Roger seguia o exemplo dela, e Billy Costa, que enxergava melhor que a maioria, guiava o grupo. Logo a nevasca era tão forte que eles tinham que se agarrar uns aos outros para não se perderem, e Lyra pensou: talvez, se todos nós deitarmos bem juntos... se fizermos buracos na neve...

Ela começava a ouvir coisas: o ronco de um motor, não o ruído pesado de um zepelim mas um som mais alto, como o zumbido de um marimbondo. O ruído ia e vinha.

E uivos, uivos de... seriam cães? Cães de trenó? Este som também vinha de muito longe, abafado por milhões de flocos de neve e levado por pequenas rajadas de vento. Podia ser os cães dos trenós dos gípcios ou os espíritos selvagens que viviam na tundra, ou até mesmo os daemons libertados chorando por suas crianças perdidas.

Ela estava vendo coisas... Não existiam luzes na neve?

Deviam ser fantasmas também... a não ser que tivessem andado em círculo e estivessem de volta a Bolvangar .

Mas eram fachos amardados de pequenas lamparinas, e não o brilho branco de luzes anárquicas. E estavam se movimentando, e os uivos estavam mais próximos; sem saber se estava acordada ou dormindo, Lyra viu-se rodeada de figuras conhecidas, e homens usando agasalhos de peles estavam amparando-a: os braços poderosos de John Faa ergueram-na do chão, e Farder Coram estava rindo de felicidade; e através da neve que caía ela via gípcios colocando as crianças nos trenós, cobrindo-as com mantas de peles, dando-lhes carne de foca para mascar .E Tony

Costa estava ali, abraçando Billy várias vezes. E Roger...

-Roger vem conosco -ela disse a Farder Coram. -Era ele que eu sempre quis salvar. Vamos voltar para a Jordan no final.

Mas que barulho...

Era outra vez o tal ruído de motor, como uma mosca-espiã enlouquecida e dez mil vezes maior.

#314

De repente, houve um golpe que a jogou longe, e Pantalaimon não pôde

defendê-la, porque o macaco dourado...

A Sra. Coulter...

O macaco dourado lutava com Pantalaimon, mordendo-o e arranhando-o, e Pantalaimon mudava de forma tão depressa que era difícil enxergá-lo, e não parava de atacar: ferroava, arranhava, mordia. Enquanto isto, a Sra. Coulter, cujo rosto emoldurado pelas peles era uma máscara de sentimentos intensos,

arrastava Lyra para um trenó motorizado, e Lyra lutava tanto quanto o seu daemon. A neve era tão espessa que elas pareciam estar isoladas, e os faróis anárquicos do trenó mostravam apenas os flocos caindo pesadamente.

-Socorro! -Lyra gritou para os gípcios que nada conseguiam enxergar. -Me ajudem! Farder Coram! Lorde Faa! Ah, Deus, socorro!

A Sra. Coulter bradou uma ordem na língua dos tártaros do Norte. E eles surgiram, um pelotão armado de rifles, os daemons-lobas rosnando ao lado deles. O chefe viu a Sra. Coulter

lutando e levantou Lyra com uma das mãos como se ela fosse uma boneca, jogando-a dentro do trenó onde ela caiu, fraca e tonta.

Um rifle disparou, depois outro: os gípcios tinham percebido o que estava acontecendo. Mas é perigoso atirar num alvo que não se pode ver; os tártaros, agora formando um grupo em volta do trenó, podiam atirar à vontade, mas os gípcios não ousavam, por medo de atingir Lyra.

Ah, que amargura ela sentia! E que cansaço!

Ainda tonta, com a cabeça zunindo, ela se ergueu e viu Pantalaimon ainda lutando desesperadamente com o macaco, seus dentes de carcaju fincados nos braços dourados, sem mudar de forma, apenas resistindo. E quem era aquele?

Não era Roger?

#315

Sim, Roger, atacando a Sra. Coulter com punhos e pés, batendo a cabeça contra a dela, até ser derrubado por um tártaro como se fosse uma mosca. Era tudo fantasmagórico: branco,

preto, um clarão verde, sombras, luzes disparadas...

De repente, um vulto negro tapou os flocos que caíam: Iorek Byrnison, com o ruído de ferro roçando em ferro. No momento seguinte, as grandes mandíbulas e as garras afiadas puseram-se em ação...

Então alguma coisa poderosa levantou-a, e ela puxou Roger consigo, arrancando-o das mãos da Sra. Coulter, os daemons das duas crianças em forma de pássaros voejando assustados enquanto um pássaro maior voava em torno deles, e então Lyra viu, no ar

a seu lado, uma bruxa, uma daquelas figuras negras e elegantes que ela vira no céu, mas agora bem perto; e havia um arco nas mãos nuas da bruxa, que estendeu os braços pálidos e nus (naquele frio!) para retesar o arco e enviar uma flecha para dentro da

fenda dos olhos do elmo de um tártaro a um metro de distância...

A flecha entrou pela fenda e saiu do outro lado, e o daemon-lobo do soldado desapareceu em pleno salto, antes de seu

humano atingir o chão.

Lyra e Roger foram então erguidos no ar, agarrados, com dedos cada vez mais fracos, a um galho de pinheiro nubígeno, onde a jovem bruxa estava sentada, tensa e graciosamente equilibrada; ela então inclinou-se para a esquerda, de onde alguma

coisa enorme surgia, e então o solo.

Eles caíram na neve junto à cesta do balão de Lee Scoresby.

-Pule para dentro e traga o seu amigo - falou o texano.

-Viu aquele urso?

Lyra viu três bruxas segurando uma corda passada em volta de uma pedra, prendendo o balão à terra.

-Entra aí! -ela gritou para Roger, apressando-se a subir pela borda da cesta e cair do lado de dentro.

#316

Logo em seguida Roger caiu por cima dela, e então um poderoso som entre um rugido e um rosnado sacudiu o próprio chão.

-Vamos, Iorek! Embarque, velho amigo! - gritou Lee Scoresby.

E o urso entrou na cesta, produzindo um terrível ruído de madeira forçada.

Então uma rajada de ar mais leve afastou por um instante a neblina e a neve, e Lyra conseguiu ver tudo que estava acontecendo em volta deles. Viu um grupo de gípcios sob o comando de John Faa atacando a retaguarda dos tártaros, empurrando-os na direção das ruínas flamejantes de Bolvangar; viu os

outros gípcios ajudando cada criança nos trenós, cobrindo-as com mantas; viu Farder Coram olhando em volta ansiosamente, apoiado em sua bengala; seu daemon acastanhado saltava pela neve, olhando para os lados.

-Farder Coram! Estou aqui! -Lyra gritou.

O ancião escutou e voltou-se para olhar, espantado, para o balão que forçava a corda e as bruxas tentando segurá-lo, e Lyra acenando freneticamente de dentro da cesta.

-Lyra! Você está bem, garota? Está bem?

-Melhor que nunca! -ela gritou de volta. -Adeus,

Farder Coram! Adeus! Leve as crianças para casa em segurança!

-Vamos fazer isso! Vá direitinho, filha... vá direitinho...

vá direitinho, minha querida...

Neste momento, o aeróstata baixou o braço como sinal, e as bruxas soltaram a corda.

O balão ergueu-se imediatamente, subindo no ar cheio de neve numa velocidade que Lyra mal podia acreditar. Depois de um instante, o solo desapareceu na neblina, e eles subiram cada vez mais rápido; ela achava que foguete nenhum teria conseguido

subir tão depressa. Estava deitada, agarrada a Roger, no chão da cesta, empurrada pela aceleração.

#317

Lee Scoresby gracejava, ria e soltava berros selvagens de alegria; Iorek Byrnison retirava calmamente sua armadura, enfiando uma garra nas emendas para abri-las e arrumando as peças numa pilha. O ruído do ar que passava através de folhas de

pinheiro nubígeno denunciava que as bruxas lhes faziam companhia.

Aos poucos, Lyra recuperou o fôlego, o equilíbrio e o ritmo do coração. Ela sentou-se e olhou em volta.

A cesta era muito maior do que ela imaginara. Ao longo da borda, havia fileiras de instrumentos filosóficos, e pilhas de mantas de peles, garrafas de ar e uma variedade de outras coisas pequenas demais ou complicadas demais para se distinguirem

no meio da névoa espessa que eles estavam atravessando na subida.

-Isto é nuvem? -ela quis saber.

-É. Enrole o seu amigo numas mantas antes que ele vire um boneco de gelo. Está frio, aqui, e vai ficar ainda mais frio.

-Como foi que nos achou?

-As bruxas. Há uma bruxa que quer conversar com você.

Quando passarmos das nuvens, vamos ver nossa direção e então podemos sentar para bater um papo.

-Iorek, obrigada por ter vindo! -disse Lyra ao urso.

O urso grunhiu e acomodou-se para lamber o sangue dos

pêlos. Seu peso fazia a cestinha ficar inclinada para um lado, mas isto não tinha a menor importância. Roger estava arisco, mas Iorek Byrnison não lhe deu mais atenção do que daria a um floco de neve. Lyra contentou-se em ficar de pé agarrada à borda da cesta (que lhe batia embaixo do queixo), observando a nuvem com olhos arregalados.

Poucos segundos depois, o balão deixou a nuvem para baixo e, ainda subindo rapidamente, ganhou os céus.

Que visão!

Diretamente acima deles, o balão enorme; acima e à frente deles flamejava a Aurora Boreal, com mais brilho e grandiosidade

#318

do que ela jamais tinha visto. A Aurora estava em toda a volta, ou quase, e eles praticamente faziam parte dela. Grandes riscos incandescentes estremeciam e repartiam-se como asas de anjos; cascatas de gloriosa luminosidade desciam de penhascos invisíveis para formar lagos turbilhonantes ou tombar como enormes cascatas.

De modo que Lyra ficou maravilhada; então olhou para baixo, e o que viu era ainda mais maravilhoso.

Até onde a vista alcançava, até o próprio horizonte em todas as direções, estendia-se um ondulado mar de brancura. Picos suaves e abismos vaporosos erguiam-se ou abriam-se aqui e ali, mas no todo aquilo parecia uma massa de gelo sólida.

E havia também, surgindo dela, sozinhas, aos pares ou em grupos maiores, pequenas sombras negras, aquelas figuras de tamanha elegância - as bruxas em seus galhos de pinheiro nubígeno.

Voavam velozes, sem esforço, para cima e na direção do balão, inclinando-se para os lados para direcionar o vôo. E uma delas, a arqueira que tinha salvo Lyra da Sra. Coulter, pôs-se a voar perto da cesta, e Lyra viu-a com clareza pela primeira vez. Era jovem - mais jovem que a Sra. Coulter - e clara, de olhos verdes e brilhantes; usava, como todas as bruxas, faixas de seda negra, mas sem casaco, capuz ou luvas. Parecia não sentir frio. Levava na testa uma coroa simples de pequenas flores vermelhas. Ela cavalgava seu galho de pinheiro nubígeno como se

fosse um garanhão e parecia estar contendo-o a um metro de Lyra.

-Lyra?

-Sim! E você é Serafina Pekkala?

-Sou.

Lyra entendeu porque Farder Coram a amava e por que aquilo estava lhe despedaçando o coração, embora até um momento antes

ela não soubesse essas coisas. Ele estava ficando velho; era um velho

alquebrado, e ela ficaria jovem durante muitas gerações.

#319

-Está com o leitor de símbolos? -perguntou a bruxa em voz tão parecida com o canto selvagem da própria Aurora Boreal

que Lyra mal conseguia entender o sentido por causa da doçura do som.

-Estou, sim. Está no meu bolso, bem seguro.

Um forte rufar de asas anunciou a chegada do daemon-ganso cinzento, que logo estava deslizando ao lado dela. Ele disse alguma coisa e então afastou-se para planar num círculo largo em

volta do balão -que ainda não tinha parado de subir.

-Os gípcios destruíram Bolvangar -contou Serafina Pekkala. -Mataram 22 guardas e nove membros da equipe, e incendiaram tudo que ainda sobrava de pé. Vão arrasar completamente o lugar .

-E a Sra. Coulter?

-Nenhum sinal dela.

Ela soltou um grito estridente, e outras bruxas voaram na direção do balão.

-Sr. Scoresby, a corda, por favor -ela pediu.

-Madame, fico muito agradecido. Ainda estamos subindo. Acho que ainda vamos subir por algum tempo. Quantas vão precisar puxar para nos levar para o norte?

-Somos fortes -foi a única resposta dela.

Lee Scoresby estava prendendo uma corda forte ao anel de ferro coberto de couro que segurava as cordas que prendiam o balão, e de onde a própria cestinha estava suspensa. Depois de prendê-la com segurança, ele jogou a outra ponta para fora e imediatamente seis bruxas voaram até ela, agarraram a corda e puseram-se a puxar, dirigindo seus galhos de pinheiro nubígeno no rumo da Estrela Polar.

Quando o balão começou a mover-se naquela direção, Pantalaimon veio empoleirar -se na borda da cesta como uma andorinha.

O daemon de Roger assomou para olhar, mas logo voltou para baixo,

pois Roger estava dormindo profundamente, assim como Iorek

#320

Byrnison. Só Lee Scoresby estava acordado, mascarando calmamente um charuto fino e observando seus instrumentos.

-Então, Lyra, sabe por que está indo em busca de Lorde Asriel? -perguntou Serafina Pekkala.

Lyra ficou atônita.

-Para levar o aletômetro para ele, é claro! -respondeu. Nunca tinha pensado naquilo, era óbvio. Então recordou seu primeiro motivo, tão antigo que ela quase se esquecera dele.

-Ou... Para ajudá-lo a fugir. É isso. Vamos ajudá-lo a sair de lá.

Mas enquanto falava, achava isto absurdo. Fugir de Svalbard! Impossível!

-Pelo menos tentar- disse, corajosamente. -Por quê?

-Acho que preciso lhe contar umas coisas -disse Serafina Pekkala.

-Sobre o Pólo? -foi a primeira coisa que Lyra quis saber .

-Sim, entre outras coisas. Mas agora você está cansada e vai ser uma viagem longa. Conversamos quando você acordar.

Lyra bocejou. Foi um bocejo de cair o queixo e explodir os pulmões, durando quase um minuto, ou pelo menos parecia, e por mais que Lyra tentasse, não conseguiu resistir ao ataque do sono. Serafina Pekkala estendeu a mão por cima da borda da cesta

e tocou nos olhos dela; Lyra caiu no chão enquanto Pantalaimon voava para baixo, onde se transformou em arminho e acomodou-se em seu lugar de dormir: junto ao pescoço dela.

A bruxa cavalgava seu galho numa velocidade regular ao lado da cestinha, e assim viajaram para o norte, em direção a Svalbard.

\*\*\*\*

Terceira Parte

Svalbard

Gelo e Neblina

LEE Scoresby arrumou algumas mantas sobre

Lyra. Ela enrodilhou-se junto a Roger, e os dois dormiram enquanto o balão Viajava rumo ao Pólo.

De vez em quando, o aeróstata conferia seus instrumentos, mascava o charuto que ele não podia acender com o hidrogênio tão perto e encolhia-se mais dentro de suas peles.

-Esta garotinha é bem importante, não é? -perguntou, depois de vários minutos.

-Mais do que ela saberá -respondeu Serafina Pekkala.

-Quer dizer que vamos ter muita perseguição armada?

Entenda, estou falando como um homem prático, que tem que ganhar a vida. Não posso me dar ao luxo de ser preso ou morto sem alguma espécie de compensação combinada de antemão. Não estou tentando denegrir esta expedição, pode acreditar, madame. Mas John Faa e os gípcios me pagaram uma quantia suficiente para cobrir meu tempo, minhas habilidades e o

desgaste

do balão, e é só. Não incluía seguro contra atos de guerra. E pode

ficar sabendo, madame, que quando desembarcarmos Iorek Byrnison em Svalbard, isso vai ser um ato de guerra.

#325

Ele cuspiu com delicadeza um pedacinho do charuto para fora da cestinha.

-De modo que eu gostaria de saber o que esperar em matéria de tumultos e confusões -concluiu.

-Pode haver luta- admitiu Serafina Pekkala. -Mas o senhor já lutou antes.

-Claro, quando me pagam. Mas o caso é que pensei que isso era um contrato normal de transporte, e foi assim que cobrei.

Agora, depois daquele entrevero lá embaixo, estou pensando até onde vai a minha obrigação de fornecer transporte. Se sou obrigado a arriscar minha vida e o meu equipamento numa guerra entre os ursos, por exemplo. Ou se essa garotinha tem em Svalbard inimigos tão mal-humorados quanto os lá de Bolvangar .

Menciono isso apenas como um assunto trivial numa conversa.

A bruxa respondeu:

-Sr. Scoresby, gostaria de poder responder sua pergunta.

Só posso dizer é que todos nós, humanos, bruxas e ursos, já estamos numa guerra, embora nem todos saibamos disso.

Encontrando perigo em Svalbard ou saindo de lá sem um arranhão, o senhor está recrutado, é um soldado.

-Bom, acho isso meio precipitado. Acho que a pessoa devia ter direito de escolher se quer brigar ou não.

-Nisso não temos mais escolha do que em nascer ou não nascer .

-Ah, mas gosto de escolher -ele insistiu. -Gosto de escolher os trabalhos que faço, os lugares a que vou, a comida que

como e as pessoas com quem me sento para conversar. Não gostaria de poder escolher de vez em quando?

Serafina Pekkala pensou um pouco, depois disse:

-Talvez a palavra " escolher" tenha significados diferentes para nós dois, Sr. Scoresby. As bruxas nada possuem, de modo que não estamos interessadas em preservar valores ou ter lucro, e

quanto a escolher entre uma coisa e outra, quando se vive por

#326

muitas centenas de anos, aprende-se que toda oportunidade voltará. Nós temos necessidades diferentes. O senhor precisa consertar seu balão e mantê-lo em boas condições, e isso toma



tempo e trabalho, eu entendo; mas se nós queremos voar, tUdo que precisamos fazer é cortar um galho de pinheiro nubígeno; qualquer um serve, e ainda restam muitos. Não sentimos frio, de modo que não precisamos de roupas quentes. Não temos moeda de troca a não ser a ajuda mútua; se uma bruxa precisa de alguma

coisa, outra bruxa lhe dará. Se há uma guerra, não pensamos no custo como um dos fatores para decidir se é correto lutar nela, nem temos qualquer conceito de honra, como os ursos, por exemplo. Para um urso um insulto é uma coisa mortal; para nós é só... inconcebível. Como é que se pode insultar uma bruxa? E que importância teria se alguém fizesse isso?

-Bom, até aí eu vou. Se alguém me ataca fisicamente, eu revido, mas se alguém me xinga, não ligo a mínima. Mas, madame, está entendendo o meu dilema, eu espero. Sou um simples aeróstata e gostaria de terminar minha vida com conforto.

Comprar uma fazendinha, algumas cabeças de gado, uns cavalos... Nada de grandioso, a senhora está percebendo. Nada de

palácio, escravos ou montes de ouro. Só o vento da noite nas árvores e um charuto, e um copo de bourbon. O problema é que isso custa dinheiro. De modo que faço meus vôos em troca de dinheiro, e, depois de cada trabalho, eu mando algum ouro para o Banco Wells Fargo, e, quando tiver o suficiente, madame, vou vender este balão e comprar uma passagem num vapor para Port Galveston, e nunca mais saio do chão.

-Há outra diferença entre nós, Sr. Scoresby. Uma bruxa prefere desistir de respirar do que desistir de voar. Voar é sermos inteiramente nós mesmas.

-Estou entendendo, madame, e tenho inveja da senhora; mas não tenho as suas fontes de satisfação. Para mim voar é só um trabalho, e eu sou só um técnico. Podia muito bem estar #327

regulando válvulas num motor a gás ou montando circuitos anabólicos. Mas escolhi isso, entende? Foi uma escolha minha. E é por isso que acho meio chata essa idéia de uma guerra que ninguém tinha me informado.

-A briga de Iorek Byrnison com o rei também faz parte de tudo isso -disse a bruxa. -Esta menina está destinada a ter um papel nisso.

-A senhora fala de destino como se fosse uma coisa fixa, e eu não sei se gosto disso mais do que gosto de uma guerra em que me alistaram sem eu saber. Onde é que está meu livrearbítrio, quer me dizer? -ele argumentou. -E esta criança parece que tem mais livre-arbítrio do que qualquer pessoa que já

conheci. Está querendo me dizer que ela é uma espécie de brinquedo de corda fazendo um papel que ela própria não pode mudar?

-Todos nós somos sujeitos aos fados, mas todos temos que fingir que não somos, para não morrermos de desespero - disse a bruxa. -Existe uma profecia curiosa sobre esta menina: ela está destinada a provocar o fim do destino. Mas tem que fazer

isso sem saber o que está fazendo, como se fosse por sua própria natureza e não por força do seu destino. Se souber o que tem que fazer, tudo fracassará; a morte vai varrer todos os mundos e será o triunfo do desespero, para sempre. Os universos vão se tornar apenas máquinas interligadas, cegas e vazias de pensamentos, de sentimentos, de vida...

Os dois olharam para Lyra, cujo rosto adormecido (o pouco que conseguiam enxergar dentro do capuz) mostrava uma expressão obstinada.

-Acho que parte dela sabe disso -comentou o aeróstata.

-De qualquer maneira, ela parece preparada. E o garoto? Sabe que ela veio até aqui para salvar o garoto daqueles bandidos? Eram

amiguinhos em Oxford ou coisa assim. Sabia disso?

-Sabia. Lyra está carregando uma coisa de imenso valor, e parece que os fados estão usando a menina como mensageira #328

para ela levar esse objeto ao pai. De modo que ela veio até aqui para encontrar o amigo, sem saber que o amigo foi trazido para o Norte pelos fados para que ela pudesse vir atrás e trazer uma coisa para seu pai.

-É assim que a senhora vê as coisas, é?

Pela primeira vez, a bruxa parecia insegura.

-É o que parece... mas não podemos ler a escuridão, Sr. Scoresby. É mais que possível que eu esteja errada.

-E que foi que botou a senhora nisso, se é que posso perguntar?

-O que quer que eles estivessem fazendo em Bolvangar, nossos corações nos diziam que era errado. Lyra é inimiga deles, então somos amigos dela. Não conseguimos enxergar mais que isso.

E também a amizade do meu clã pelo povo gípcio, desde quando Farder Coram salvou minha vida. Estamos fazendo isso a pedido deles. E eles têm laços de obrigação para com Lorde Asriel.

-Entendo. Então vão rebocar o balão até Svalbard por amizade aos gípcios; essa amizade vai fazer vocês nos levarem de

volta? Ou vou ter que esperar um vento bom e enquanto isso depender da indulgência dos ursos? Mais uma vez, madame,

quero dizer que estou perguntando só para passar o tempo.

-Se pudermos ajudar o senhor a voltar para Trollesund, Sr. Scoresby, faremos isso. Mas não sabemos o que vamos encontrar em Svalbard. O novo rei dos ursos fez muitas mudanças; os

velhos hábitos caíram em desgraça; pode ser uma aterrissagem difícil. E não sei como Lyra vai conseguir chegar ao pai. Nem sei

o que Iorek Byrnison pretende fazer, a não ser que o destino dele está ligado ao dela.

-Também não sei, madame. Acho que ele se ligou à garotinha como uma espécie de protetor. Ela ajudou apegar de volta a armadura dele, entende? Quem é que sabe o que os ursos sentem? Mas se um urso algum dia amou um ser humano, ele ama essa menina. Quanto a pousar em Svalbard, isso nunca foi #329

fácil. Mas se eu puder contar com vocês para um puxãozinho na direção certa, vou me sentir mais tranqüilo; e se puder retribuir de algum modo, é só dizer. Mas, só por curiosidade, pode me dizer de que lado eu estou nesta guerra invisível?

-Nós dois estamos do lado de Lyra.

-Ah, quanto a isso não há dúvida.

A viagem prosseguia. As nuvens impediam que se soubesse a velocidade em que iam. Normalmente o balão ficava imóvel em

relação ao vento, movendo-se na velocidade com que o ar se movia; mas agora, puxado pelas bruxas, o balão movia-se através

do ar, e não com ele, e resistia ao movimento, pois sua forma redonda não tinha a aerodinâmica de um zepelim. Como resultado, a cestinha balançava de um lado para outro, muito mais do

que num vôo normal.

Lee Scoresby não estava preocupado com seu conforto, e sim com seus instrumentos, e passou algum tempo certificandose de que eles estavam bem presos. Segundo o altímetro,

estavam

a quase dez mil pés de altura. A temperatura era de 20 graus negativos. Ele já pegara mais frio que isso, mas não muito, e não queria sentir mais frio agora; de modo que desenrolou a lona que usava como barraca de emergência e estendeu-a diante das crianças adormecidas para desviar o vento, antes de se deitar com as

costas apoiadas nas costas de seu velho companheiro de batalha, Iorek Byrnison, e adormecer.

Quando Lyra acordou, alua estava alta no céu, e tudo em volta coberto de prata, desde a superfície das nuvens lá embaixo até

os

pingentes de gelo nas cordas do balão.

Roger dormia, assim como Lee Scoresby e o urso. Ao lado da cesta, porém, a bruxa-rainha voava serenamente.

-Quanto tempo falta para Svalbard? -Lyra perguntou.

#330

-Se não encontrarmos vento, estaremos acima de Svalbard daqui a umas 12 horas.

-Onde é que vamos pousar?

-Depende das condições do tempo. Vamos tentar evitar os rochedos. Lá vivem criaturas que atacam qualquer coisa que se move. Se pudermos, vamos deixar vocês no interior, longe do palácio de Iofur Raknison.

-Que é que vai acontecer quando eu encontrar Lorde Asriel? Ele vai querer voltar para Oxford? Também não sei se devo

contar a ele que eu sei que ele é o meu pai. Ele pode querer fingir

que ainda é meu tio. Nem conheço ele direito.

-Ele não vai querer voltar para Oxford, Lyra. Parece que há uma coisa a ser feita em outro mundo, e Lorde Asriel é o único

que consegue atravessar o abismo entre esse mundo e o nosso. Mas ele precisa da ajuda de uma coisa.

-O aletômetro! -Lyra exclamou. -Quando o Reitor da Jordan me deu o aletômetro, achei que ele queria dizer alguma

coisa sobre Lorde Asriel, mas não teve chance. Eu sabia que ele não queria envenenar Lorde Asriel de verdade. Ele vai ler o aletômetro para ver como fazer a ponte? Aposto que eu podia ajudar. Com certeza, agora consigo ler os símbolos tão bem quanto qualquer pessoa.

-Não sei -disse Serafina Pekkala. -Não sabemos como ele vai fazer isso, e qual será a tarefa dele. Há poderes que falam conosco e poderes acima deles; e há segredos até para os mais elevados.

-O aletômetro me diria! Eu podia ler agora...

Mas estava frio demais; ela não conseguiria segurá-lo. Enrolouse nas peles e puxou bem o capuz contra o vento frio, deixando apenas uma fenda para enxergar. Bem à frente e um pouco abaixo deles, a corda comprida presa ao anel do balão era puxada por seis ou sete bruxas sentadas em seus galhos de pinheiro

nubígeno. As estrelas tinham o brilho frio dos diamantes.

#331

-Não está com frio, Serafina Pekkala?

-Nós sentimos frio, mas não ligamos para ele, porque não

podemos ficar doentes. E se nos agasalharmos contra o frio não sentiremos outras coisas, como a sensação do brilho das estrelas, ou a música da Aurora Boreal, ou, melhor que tudo, a sensação sedosa do luar em nossa pele. Vale a pena sentir frio.

-Eu conseguiria ter essas sensações?

-Não. Você morreria se tirasse os agasalhos. Fique bem agasalhada.

-Quanto tempo vivem as bruxas, Serafina Pekkala? Farder Coram diz que são centenas de anos. Mas você não parece velha.

-Tenho mais de 300 anos. Nossa bruxa-mãe mais idosa tem quase mil anos. Um dia Yambe-Akka virá buscá-la. Um dia ela virá me buscar também. É a deusa dos mortos. Ela vem sorrindo, com muita bondade, e a gente fica sabendo que está na hora de morrer .

-Existem bruxos também, ou só bruxas?

-Existem homens que nos servem, como o Cônsul em Trollesund. E existem homens que tomamos como amantes ou maridos. Você é muito novinha, Lyra, jovem demais para entender, mas vou lhe dizer de qualquer maneira e mais tarde você vai

compreender: os homens passam diante de nossos olhos como borboletas, criaturas que só duram uma estação. Nós os amamos;

eles são corajosos, orgulhosos, belos, inteligentes; e morrem quase

de repente. Eles morrem tão depressa que nosso coração fica constantemente cheio de dor. Damos à luz os filhos deles, que serão bruxas se forem mulheres, e humanos, se forem homens; e então, num piscar de olhos, eles já partiram, caíram, morreram, perderam-se. Nossos filhos também. Quando um menino está crescendo, ele acha que é imortal. A mãe dele sabe que ele não é.

Cada vez fica mais doloroso, até que finalmente agente fica com o coração partido. Talvez seja então que Yambe-Akka vem nos #332

buscar. Ela é mais antiga que a tundra. Talvez para ela a vida de uma bruxa seja tão curta quanto a dos homens é para nós.

-A senhora amava Farder Coram?

-Sim. Ele sabe disso?

-Não sei, mas sei que ele ama a senhora.

-Quando ele me salvou, era jovem, forte, cheio de orgulho e beleza. Eu me apaixonei imediatamente. Eu teria mudado minha natureza, teria renunciado à sensação das estrelas e à música da Aurora; nunca mais teria voado. Eu teria renunciado a tudo num instante, sem hesitar, para ser uma esposa gípcia

e morar num barco, cozinhar para ele, compartilhar seu leito e ter seus filhos. Mas não se pode mudar o que a gente é, só o que a gente faz. Eu sou uma bruxa; ele é humano. Fiquei com ele o tempo suficiente para ter um filho dele...

-Ele nunca me disse isso! É uma menina? Uma bruxa?

-Não. Um menino, e ele morreu na grande epidemia de 40 anos atrás, a doença que veio do Oriente. Pobre criança, ele entrou e saiu desta vida como uma faísca. E isso dilacerou meu coração, como sempre acontece. E o de Coram também. E então veio o chamado para que eu voltasse para o meu próprio povo, porque Yambe-Akka tinha levado minha mãe, portanto, eu era a rainha do clã. Então parti, como era meu dever.

-Nunca mais viu Farder Coram?

-Nunca mais. Ouvi falar das façanhas dele; soube que foi ferido pelos escraelingues com uma flecha envenenada e mandei ervas e encantos para ajudar a cura, mas não estava suficientemente forte para ir visitá-lo. Soube que depois disso ele ficou

muito alquebrado, e sua sabedoria cresceu, ele leu e estudou muito. Fiquei muito orgulhosa dele, mas me mantive afastada, pois era uma época de perigos para o meu clã, com ameaças de guerra entre as bruxas, e além disso achei que ele iria me esquecer

e arranjar uma esposa humana...

#333

-Ele nunca faria isso -Lyra retrucou. -A senhora devia ir até ele. Ele ainda ama a senhora, eu sei disso.

-Mas ele ficaria envergonhado pela sua idade, e eu não quero que ele se sintasse assim.

-Talvez seja verdade. Mas devia pelo menos mandar um recado. É o que eu acho.

Serafina Pekkala ficou longo tempo sem dizer coisa alguma. Pantalaimon transformou-se numa andorinha e voou até o galho dela por um segundo, reconhecendo que talvez eles tivessem sido

insolentes. Lyra perguntou então:

-Por que as pessoas têm daemons, Serafina Pekkala?

-Todo mundo pergunta isso, e ninguém sabe a resposta.

Desde que os seres humanos existem, os daemons existem também. É o que nos torna diferentes dos animais.

-É! Somos mesmo diferentes deles... Como os ursos. Eles são estranhos, não são? Parecem uma pessoa, e de repente fazem uma coisa tão estranha ou tão selvagem que a gente acha que nunca vai conseguir entender um urso... Mas sabe o que Iorek me disse? Ele disse que a armadura dele era para ele o que um daemon é para uma pessoa. Ele disse que é a alma dele. Mas nisso

também somos diferentes, porque ele mesmo fez a sua armadura.

Tiraram a primeira armadura dele quando ele foi para o exílio, ele encontrou um pouco de ferro-celeste e fez uma nova. É como

fazer uma alma nova. Nós não podemos fazer nossos daemons. Então as pessoas em Trollesund fizeram ele ficar bêbado e roubaram a armadura, eu descobri onde estava, e ele pegou de volta... Mas eu queria saber por que ele está voltando para Svalbard. Vão atacar ele. Podem até matar... Eu adoro o Iorek. Gosto tanto dele que queria que ele não tivesse vindo.

-Ele lhe contou quem é?

-Só me contou o nome. E isso foi o Cônsul em Trollesund quem nos contou.

#334

-Ele é nobre. É um príncipe. Aliás, ele seria agora o rei dos ursos se não tivesse cometido um grande crime.

-Ele me disse que o rei se chama Iofur Raknison.

-Iofur Raknison tornou-se rei quando Iorek Byrnison foi exilado. É claro que Iofur também é um príncipe, senão não poderia go verner. Mas ele tem a esperteza dos humanos; faz alianças e tratados. Ele não vive como os ursos em fortalezas de gelo, mas num palácio recém-construído; fala em trocar embaixadores com nações humanas e explorar as minas de fogo com ajuda

de engenheiros humanos... Ele é muito habilidoso e sutil. Dizem alguns que ele levou Iorek ao ato que o condenou ao exílio, e outros dizem que, mesmo que isso não seja verdade, ele encoraja

que pensem que é, pois isso aumenta sua reputação de esperteza e sutileza.

-Afinal, que foi que Iorek fez? Sabe, uma das razões de amar Iorek é o meu pai, tendo feito o que fez, ser castigado.

Acho

que os dois são parecidos. Iorek me contou que matou outro urso,

mas nunca disse como foi.

-A luta foi por uma ursa. O macho que Iorek matou não queria mostrar os sinais de rendição, mesmo estando claro que Iorek era o mais forte. Apesar de todo o seu orgulho, os ursos nunca deixam de reconhecer a superioridade de outro urso e render-se a ela, mas, por um motivo qualquer, esse urso não fez isso. Tem gente que diz que Iofur Raknison influenciou a mente dele, ou então lhe deu ervas embriagantes para comer. De qualquer maneira, o urso jovem insistiu, e Iorek Byrnison permitiu

que seu temperamento o dominasse. O caso não foi difícil de

julgar, pois ele podia ferir, mas não matar.

-Quer dizer que se não fosse isso ele seria o rei... -disse Lyra. -Eu ouvi o professor de palmeriano na Jordan falar alguma coisa sobre Iofur Raknison, porque ele tinha estado no Norte e conhecido ele. Ele falou... Eu queria tanto me lembrar... Acho que ele tomou o poder através de um truque, ou coisa assim...

#335

Mas, sabe, Iorek me disse uma vez que não se consegue enganar um urso e me mostrou que eu não conseguia enganar ele. Parece que os dois foram enganados, ele e o outro urso. Talvez só os ursos

consigam enganar outro urso, talvez as pessoas não consigam. A não

ser... Aquela gente em Trollesund, aquelas pessoas enganaram ele,

não foi? Quando deixaram ele bêbado e roubaram a armadura?

-Quando os ursos agem como gente, talvez possam ser enganados -disse Serafina Pekkala. -Quando os ursos agem como ursos, talvez não possam. Normalmente um urso não beberia álcool; Iorek Byrnison bebeu para esquecer a vergonha do exílio, e foi só isso que permitiu que as pessoas em Trollesund

o enganassem.

-É, sim -Lyra concordou. Achava que era isso mesmo. Admirava Iorek quase ilimitadamente e ficou feliz com a confirmação da nobreza dele. -A senhora foi muito inteligente. Eu

jamais saberia disso se a senhora não tivesse me contado. Acho que deve ser mais inteligente do que a Sra. Coulter.

A viagem continuava. Lyra mascou um pouco de carne de foca que encontrou no bolso. Depois de algum tempo, perguntou:

-Serafina Pekkala, o que é o Pó? Porque acho que toda essa confusão é por causa do Pó, só que ninguém me diz o que é isso.

-Eu não sei -afirmou Serafina Pekkala. -As bruxas nunca se preocuparam com o Pó. Só posso lhe dizer que onde há padres, há medo do Pó. A Sra. Coulter não é um padre, naturalmente, mas é uma poderosa agente do Magisterium e foi ela quem

criou o Conselho de Obleção e convenceu a Igreja a financiar Bolvangar, por causa do interesse dela no Pó. Não conseguimos entender os sentimentos dela. Mas há muitas coisas que nunca conseguimos entender. Vemos os tártaros fazendo buracos no crânio e ficamos curiosas, achamos estranho. Então esse Pó deve ser uma coisa estranha. Ficamos curiosas, mas não nos preocupamos nem cortamos coisas para descobrir o que é. Deixamos isso



para a Igreja.

#336

-A Igreja? - fez Lyra.

Uma coisa tinha lhe voltado: a lembrança de conversar com Pantalaimon, nos Pântanos, sobre o que podia estar movendo o ponteiro do aletômetro, e eles tinham pensado na ventoinha movida a luz no altar principal da Faculdade Gabriel, e como as partículas elementares empurravam as pequenas hélices. O Intercessor tinha sido bem claro sobre a ligação entre as partículas elementares e a religião.

-Pode ser... Afinal, a maioria das coisas da Igreja é segredo -disse. -Mas a maioria das coisas da Igreja é velha, e o Pó não é velho, pelo que sei. Será que Lorde Asriel vai poder me contar...?

Tornou a bocejar.

-Acho melhor me deitar, senão vou congelar -disse a Serafina Pekkala. -Senti bastante frio lá no chão, mas nunca tanto frio assim. Acho que com um pouco mais eu morreria.

-Então deite-se e se enrole nas mantas.

-É, vou fazer isso. Se eu tivesse que morrer, ia preferir morrer aqui em cima do que lá embaixo. Quando nos botaram debaixo daquela coisa de cortar, achei que estava na hora... Nós dois achamos... Ah, aquilo foi muito cruel. Mas agora vamos dormir. Nos chame quando chegarmos -pediu.

E deitou-se na pilha de mantas, desajeitada e dolorida em todas as partes do corpo com a intensidade profunda do frio, o mais perto que pôde do adormecido Roger .

E assim os quatro viajantes seguiram caminho, dormindo no balão encrustado de gelo, rumo às rochas e geleiras, as minas

de fogo e as fortalezas de gelo de Svalbard.

Serafina Pekkala chamou o aeróstata, que acordou de imediato, dormente de frio, mas cômico, pelo movimento da cesta, de que alguma coisa estava errada: ela balançava intensamente, sacudida

pelos ventos fortes que açoitavam o balão de gás, e as bruxas que

#337

puxavam a corda mal conseguiam contê-lo. Se soltassem a corda,

o balão seria arrastado, e a julgar pela bússola ele seria levado na

direção de Nova Zembla, a quase 150 quilômetros por hora.

-Onde é que nós estamos? -ele gritou.

Lyra ouviu a pergunta. Estava semidesperta, temerosa por causa do movimento, e com tanto frio que seu corpo inteiro

estava dormente.

Não conseguiu escutar a resposta da bruxa, mas pela fenda no capuz ela viu, à luz de uma lanterna anárquica, Lee Scoresby agarrar-se a um cabo e puxar uma corda que subia e entrava dentro do próprio balão. Ele deu um puxão forte e levantou o olhar para a escuridão, antes de enrolar a corda numa ranhura do anel de suspensão.

-Estou tirando um pouco do gás -ele gritou para

Serafina Pekkala. -Vamos descer. Estamos alto demais!

A bruxa gritou alguma coisa em resposta, mas Lyra novamente não escutou. Roger também estava despertando; os estalos da cesta eram suficientes para acordar qualquer um -isto sem falar nos solavancos. O daemon de Roger e Pantalaimon estavam

agarrados um ao outro em forma de sagüi, e Lyra concentrou-se em ficar deitada, imóvel, controlando o medo.

-Tudo bem -disse Roger, parecendo muito mais

animado que ela. -Assim que a gente descer vamos fazer uma fogueira para nos aquecer. Tenho uns fósforos no bolso. Roubei da cozinha em Bolvangar.

O balão estava mesmo descendo, pois um segundo depois eles foram envolvidos por uma nuvem espessa e congelante; de repente tudo ficou escuro. Era como a névoa mais forte que Lyra já havia visto. Depois de um instante, ouviu-se outro grito de Serafina Pekkala, e o aeróstata desenrolou a corda e soltou-a. A corda subiu rapidamente, e mesmo com todo o barulho da cesta e do vento Lyra ouviu, ou sentiu, um forte som vindo de algum lugar acima dela.

#338

Lee Scoresby viu-a arregalar os olhos.

-É a válvula do gás -ele gritou. -Funciona com uma mola e prende o gás lá dentro. Quando eu puxo para baixo, o gás escapa por cima, e a gente desce.

-Já estamos...

Ela não terminou, pois uma coisa horrível aconteceu: uma criatura com metade do tamanho de um homem e com asas de couro e garras recurvas estava rastejando pela lateral da cestinha na direção de Lee Scoresby. A coisa tinha a cabeça chata, olhos esbugalhados e uma enorme boca de sapo, de onde saíam lufadas

de um fedor insuportável. Lyra não teve tempo sequer de gritar antes que Iorek Byrnison levantasse a pata e jogasse longe a coisa,

que caiu para fora da cesta e desapareceu com um guincho.

-Avantesma-dos-penhascos -fez Iorek Byrnison laconicamente. No momento seguinte, Serafina Pekkala apareceu e, agarrada à lateral da cesta, falou em tom urgente:

-Os avantesmas-dos-penhascos estão nos atacando. Vamos pousar o balão, e então vamos ter que nos defender. Eles estão... Mas Lyra não ouviu o resto do que foi dito, porque houve um som de coisa rasgada.e tudo virou de lado. Então um golpe terrível arremessou os três humanos contra a lateral do balão onde

a armadura de Iorek Byrnison estava empilhada. Iorek estendeu a pata para segurá-los, por causa dos solavancos da cesta.

Serafina

Pekkala desaparecera. O barulho era assustador: acima de qualquer outro som, vinham os guinchos dos avantesmas-dospenhascos, e Lyra via-os passar e sentia seu cheiro terrível.

Então ocorreu outro solavanco, tão repentino que jogou todos no chão outra vez, e a cesta começou a cair com uma velocidade apavorante, girando todo o tempo. Parecia que tinham se soltado do balão e estavam em queda livre; então aconteceu outra série de solavancos e batidas, a cesta sendo jogada

#339

rapidamente de um lado para outro como se estivesse rebatendo entre paredes de pedra.

A última coisa que Lyra viu foi Lee Scoresby atirando com sua pistola de cano longo diretamente na cara de um avantesmados-penhascos; ela então fechou os olhos com força e agarrou-se ao pêlo de Iorek Byrnison com grande medo. Uivos, guinchos, o açoite e o assobio do vento, os estalos da cesta parecendo um animal torturado, tudo isso enchia o ar com um terrível barulho.

Então aconteceu o maior solavanco de todos, que a jogou para fora da cesta. Todo o ar de seus pulmões foi expulso quando

ela aterrissou tão embalada que não sabia onde era em cima e onde era embaixo; e seu rosto, dentro do capuz bem puxado, estava cheio de pó: cristais secos e frios...

Era neve; ela havia caído numa faixa de neve solta. Estava tão atordoada que mal conseguia pensar. Ficou imóvel por alguns

segundos antes de cuspir a neve da boca num gesto sem energia, e então, com a mesma falta de energia, soprou até formar um pequeno espaço para respirar.

Nada parecia estar doendo excepcionalmente; ela se sentia apenas sem fôlego. Cautelosamente tentou mexer mãos, pés, braços, pernas, e erguer a cabeça.

Conseguia enxergar muito pouco, pois seu capuz ainda estava cheio de neve. Com esforço, como se suas mãos pesassem

uma tonelada cada uma, ela limpou a neve e olhou para fora.

Viu

um mundo cinzento -cinzentos claros, cinzentos escuros e pretos -, onde lufadas de névoa vagavam como fantasmas.

Os únicos sons eram os guinchos distantes dos avantesmas-dospenhascos bem acima, e o fragor de ondas batendo em rochedos a certa distância.

-Iorek! -ela gritou com voz fraca e trêmula, e tentou novamente, mas ninguém respondeu. -Roger! -chamou, com o mesmo resultado.

#340

Parecia que estava sozinha no mundo, mas isto naturalmente ela nunca estava, e Pantalaimon esgueirou-se para fora do agasalho dela como um rato para lhe fazer companhia.

-Verifiquei o aletômetro, e ele está inteiro -ela disse.

-Estamos perdidos, Pan! -ela exclamou. -Viu aqueles avantesmas-dos-penhascos? E o Sr. Scoresby atirando neles?

Deus

nos ajude se eles descerem aqui...

-É melhor tentarmos encontrar a cesta, talvez -disse ele.

-É melhor não gritarmos -ela acrescentou. -Fiz isto há pouco, mas é melhor não, para eles não ouvirem. Queria saber

onde estamos.

-Podemos não gostar de saber -ele observou. -

Podemos estar no fundo de um abismo sem caminho para cima, e com os avantesmas-dos-penhascos lá no alto para nos caçarem quando a névoa dissipar.

Ela tateou em volta, depois de descansar por vários minutos mais, e descobriu que aterrissara numa fenda entre dois rochedos

cobertos de gelo. A névoa congelante encobria tudo; de um lado havia o fragor das ondas a uns 50 metros, julgando pelo som, e de cima ainda vinham os guinchos dos avantesmas-dospenhascos, embora parecessem estar diminuindo um pouco. Ela não enxergava mais do que dois ou três metros, e até mesmo os olhos de coruja de Pantalaimon eram inúteis.

Trabalhosamente, escorregando e deslizando pelas pedras ásperas, ela afastou-se das ondas e subiu um pouco a praia, encontrando apenas rochas e neve, e nenhum sinal do balão ou de algum de seus ocupantes.

-Não podem ter desaparecido todos- ela sussurrou.

Pantalaimon, em forma de gato, andava um pouco à frente dela, e encontrou quatro sacos de areia rebentados, o conteúdo espalhado e já congelando.

-Lastro -Lyra informou. -Ele deve ter jogado fora para poder subir novamente...

#341

Ela engoliu em seco para limpar o nó na garganta, ou o medo em seu peito, ou ambos.

-Ah, meu Deus, estou apavorada -confessou. -Espero que todos estejam bem.

Ele então veio para os braços dela e em forma de rato esgueirou-se para dentro do seu capuz, onde ficaria escondido.

Ela ouviu um ruído, alguma coisa arranhando a pedra, e virou-se para ver o que era.

-Ior...!

Mas não chegou a dizer a palavra inteira, pois não se tratava de Iorek Byrnison. Era um urso desconhecido, usando uma armadura polida e coberta de orvalho congelado, com uma pluma no elmo.

Ele ficou imóvel a uns dois metros de distância, e ela pensou que estava realmente perdida.

O urso abriu a boca e rugiu. Dos rochedos veio um eco que fez aumentar o ruído dos guinchos no céu. Outro urso surgiu da névoa, e mais outro. Lyra ficou imóvel, apertando seus pequenos punhos humanos.

Os ursos não se moveram até o primeiro deles falar:

-Seu nome?

-Lyra.

-De onde você vem?

-Do céu.

-Num balão?

-Sim.

-Venha conosco. Você é nossa prisioneira. Agora mexa-se. Depressa.

Exausta e apavorada, Lyra pôs-se a caminhar, aos tropeções, pelas pedras ásperas e escorregadias, seguindo o urso e se perguntando se a sua esperteza conseguiria livrá-la daquela situação.

#342

O Cativo

OS ursos levaram Lyra por uma trilha que subia até o topo do penhasco, onde a neblina era ainda mais espessa do que na praia. Os guinchos dos avantesmas-dos-penhascos e o fragor das ondas ficavam mais fracos à medida que ela subia, e finalmente o único som era o Incessante piar dos pássaros marítimos. Subiram em silêncio, vencendo rochedos e geleiras, e embora Lyra não cessasse de examinar, de olhos arregalados, a neblina cinza que os envolvia, e forçasse os ouvidos tentando escutar o ruído da chegada de

seus amigos, ela parecia ser o único ser humano em Svalbard, e Iorek poderia muito bem estar morto.

O urso-sargento não falou com ela até atingirem terreno plano. Ali fizeram alto. Pelo som das ondas, Lyra calculou que tinham chegado ao topo do penhasco e não ousou sair correndo para não cair no precipício.

-Olhe para cima -disse o urso, no momento em que uma brisa afastava a pesada cortina de névoa.

De qualquer maneira, a luz do dia era pouca, mas Lyra olhou assim mesmo, e se viu diante de uma enorme construção de pedra. Era tão alta quanto a parte mais alta da Faculdade #343

Jordan, porém muito mais compacta, e toda entalhada com cenas de batalhas mostrando os ursos vitoriosos e os esdraelíngues rendendo-se, tártaros acorrentados trabalhando como escravos nas minas de fogo, zepelins chegando de todas as partes do mundo trazendo presentes e tributos ao rei dos ursos, Iofur Raknison.

Pelo menos foi o que o urso-sargento disse que os entalhes representavam; ela própria não conseguia ver essas coisas, pois cada protuberância e reentrância da fachada ornamentada estava ocupada por mergulhões e gaivotas rapineiras que piavam, gritavam e vojavam constantemente em círculos, e cujas fezes tinham

coberto todo o prédio com espessas manchas de um branco sujo. Os ursos pareciam não ver a sujeira; fizeram-na atravessar o enorme arco, pisando no chão congelado, imundo com as fezes

dos pássaros. Havia um pátio, escadarias e vários portões, e em cada um deles havia ursos de armadura que exigiam a senha para

lhes dar passagem. Suas armaduras eram claras e brilhantes, e todos usavam plumas nos elmos. Lyra não conseguia deixar de comparar cada urso que via com Iorek Byrnison, e ele sempre se saía melhor; era mais forte, mais gracioso, e sua armadura era de verdade, com cor de ferrugem, manchas de sangue e marcas de luta, e não uma armadura elegante, polida e decorativa como a maioria das que ela via agora.

A medida que penetravam no prédio, a temperatura aumentava, e outra coisa também aumentava: o cheiro no palácio de Iofur era insuportável -gordura de foca rançosa, sangue, dejetos de todo tipo. Lyra baixou o capuz para sentir menos calor,

mas não conseguiu deixar de franzir o nariz; esperava que os ursos

não entendessem as expressões do rosto humano. A cada poucos metros, havia alças de ferro prendendo lamparinas a gordura de

peixe, e naquela luz fraca nem sempre era fácil enxergar onde ela estava pisando.

#344

Finalmente pararam diante de uma pesada porta de ferro.

Um urso-guarda puxou a enorme tranca, e o sargento de repente virou a cabeça, empurrando Lyra pelas costas, jogando-a através da porta e desequilibrando-a. Antes que ela conseguisse ficar de pé, ouviu a porta sendo trancada atrás de si.

A escuridão era total, mas Pantalaimon tornou-se um vagalume e lançou um brilho minúsculo em volta deles.

Estavam

numa cela estreita com paredes de onde pingava umidade, e a mobília era apenas um banco de pedra; no canto mais distante, havia uma pilha de andrajos que ela imaginou ser a cama. Isto era

tudo que ela conseguia ver.

Lyra sentou-se, com Pantalaimon no ombro, e tateou nas roupas em busca do aletômetro.

-Ele tem levado muita pancada, Pan. Espero que ainda funcione -cochichou.

Pantalaimon voou para o pulso dela e ficou ali brilhando enquanto Lyra preparava a mente. Uma parte dos seus pensamentos achava incrível que ela pudesse estar em terrível perigo e

mesmo assim mergulhar na calma necessária para ler o aletômetro; no entanto, aquilo agora fazia parte dela de tal maneira que

as perguntas mais complicadas destacavam-se com seus símbolos

com a mesma naturalidade com que seus músculos moviam seus braços; mal precisava pensar neles.

Ela moveu os ponteiros e pensou:

"Onde está Iorek?"

A resposta foi imediata:

"A um dia de distância, levado pelo balão depois da queda; mas está vindo depressa."

"E Roger?"

"Com Iorek. "

"Que é que Iorek Byrnison vai fazer?"

"Ele pretende forçar a entrada do palácio e libertá-la, apesar de todas as dificuldades."

#345

Ela guardou o aletômetro, ainda mais ansiosa do que antes.

-Eles não vão permitir, não é mesmo? São muitos. Eu queria ser uma bruxa, Pan, aí você poderia ir até ele, levar e trazer

recados, e a gente poderia fazer um bom plano...

Então ela levou o maior susto de sua vida, quando uma voz masculina perguntou, a poucos passos dela:

-Quem é você?

Ela deu um salto e um grito de medo. Pantalaimon imediatamente virou morcego, guinchando, e voou em volta da cabeça

dela enquanto ela recuava até a parede.

-Hein? Quem está aí? - insistiu o homem. -Fale! Fale!

-Vire vaga-lume de novo, Pan. Mas não chegue perto demais- ela pediu, com voz trêmula.

O pontinho de luz dançou pelo ar e voejou em volta da cabeça do homem. Afinal, não era uma pilha de andrajos: era um

homem de barba grisalha acorrentado à parede, com olhos que cintilavam à luz de Pantalaimon e cabelos sujos que lhe chegavam

aos ombros. Seu daemon, uma serpente de aparência exausta, estava deitado no colo dele e ocasionalmente dardejava a língua para Pantalaimon.

-Qual é o seu nome? -ela perguntou.

-Jotham Santelia -ele respondeu. -Sou Professor Regius\* de Cosmologia na Universidade de Gloucesster. Quem é

você?

-Lyra Belacqua. Por que está preso?

-Maldade e inveja... De onde você vem? Hein?

-Da Faculdade Jordan.

-O quê? De Oxford?

-É.

-Aquele safado do Trelawney ainda está lá? Hein?

\*RegiUs: designação de certas cátedras, em algumas faculdades inglesas e escocesas,

que foram fundadas ou estabelecidas por ordem real. (N.T.)

#346

-O professor de palmeriano? Está sim -ela disse.

-Está mesmo? Hein? Deviam ter forçado a demissão dele há muito tempo. Plagiador pérfido! Moleque!

Lyra fez um som neutro.

-Ele já publicou seu trabalho sobre os fótons de raio gama? -perguntou o Professor, erguendo o rosto para Lyra.

Ela recuou.

-Não sei -disse. Então, por puro hábito, começoU a inventar. -Não, agora me lembro. Ele disse que ainda precisava verificar certOS cálculos. E... disse que ia escrever sobre o Pó também. É isso.

-Safado! Ladrão! Traidor! Vigarista! -bradou o velho.



Ele tremia com tanta violência que Lyra achou que ele ia ter um ataque. Seu daemon deslizou lentamente do colo do Professor, que dava murros nas pernas, cuspidando uma chuva de saliva.

-É, eu sempre achei que ele era ladrão. E vigarista, e tudo mais -disse Lyra.

Se era improvável que surgisse em sua cela uma garotinha que conhecia o próprio homem que era a sua obsessão, o Professor

Regi us não percebeu. Ele estava mesmo louco -o que não era de estranhar, coitado; mas podia ter alguma informação útil para Lyra.

Ela sentou-se ao lado dele cautelosamente, não suficientemente perto para que ele a tocasse, mas o bastante para que a minúscula luz de Pantalaimon o iluminasse claramente.

-Uma coisa que o Professor Trelawney dizia para se gabar era que conhecia muito bem o rei dos ursos...

-Para se gabar? Hein? Ele é mesmo um gabola! Um fanfarrão! E um mandrião! Nem uma única linha de pesquisa ele fez! Foi tudo pirateado de homens melhores que ele!

-É, tem razão -disse Lyra em tom veemente. -E quando ele faz alguma pesquisa, faz tudo errado.

#347

-Sim! Sim! Perfeitamente! Não tem talento nem imaginação, é uma fraude do princípio ao fim!

-Por exemplo, aposto que o senhor sabe mais que ele sobre os ursos -disse Lyra.

-Ursos! Ra! Eu poderia escrever um tratado sobre eles! Foi por isso que me prenderam, sabia?

-Por quê?

-Porque sei demais sobre eles, e eles não ousam me matar.

Não têm coragem, por mais que tenham vontade. Eu sei, entende? Tenho amigos. Sim, amigos poderosos!

-É, e aposto que o senhor é um professor maravilhoso, tendo tanto conhecimento e com tanta experiência de ensinar...

Mesmo nas profundezas da loucura dele, ainda brilhava uma centelha de bom senso, de modo que ele olhou para a menina

com atenção, quase como se suspeitasse de sarcasmo por parte dela. Mas ela havia passado a vida inteira lidando com professores

idosos e desconfiados e retribuiu o olhar dele com um olhar de admiração que o convenceu e acalmou.

-Professor... -fez ele. -Ensinar... É, eu poderia ensinar. Se eu tivesse um bom aluno, acenderia uma fogueira na mente dele!

-Porque o seu conhecimento não deveria simplesmente

desaparecer -Lyra continuou, em tom encorajador. -Devia ser passado adiante, para que as pessoas se lembrem do senhor .

-É, sim -fez ele, assentindo com seriedade. -Você é muito perspicaz, garota. Qual é o seu nome?

-Lyra- ela tornou a dizer. -Pode me ensinar sobre os ursos?

-Os ursos... -ele ecoou, em tom de dúvida.

-Eu realmente gostaria de aprender sobre cosmologia, o Pó e tudo mais, mas não sou suficientemente inteligente para isso.

E podíamos começar com os ursos e progredir até o Pó, quem sabe?

#348

Ele assentiu outra vez.

-É, acho que tem razão. Existe uma correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo! As estrelas estão vivas, menina. Sabia disso? Tudo lá em cima é vivo, e existem grandes propósitos

lá fora! O universo está cheio de intenções, entende? Tudo acontece com um propósito. O seu é me recordar isto. Muito bom,

muito bom; no meu desespero eu tinha esquecido. Ótimo! Excelente, minha menina!

-Então: já viu o Rei Iofur Raknison?

-Ah, se vi! Vim para cá a convite dele, sabia? Ele ia me fazer Vice-chanceler. Seria um tapa de luva no Régio Instituto do

Pólo Ártico hein? Hein? E naquele safado do Trelawney! Ah!

-Que foi que aconteceu?

-Fui traído por homens indignos. Entre eles Trelawney, é claro. Ele estava aqui, sabia? Em Svalbard. Espalhou mentiras e calúnias sobre a minha qualificação. Calúnias! Invenções!

Quem foi que descobriu a prova definitiva da hipótese de Barnard-Stokes, hein? Hein? Sim, o

velho Santelia. Trelawney não

conseguiu aceitar isso. Mentiu do princípio ao fim. Iofur

Raknison mandou me jogar aqui. Um dia vou sair, você vai ver. Vou

ser Vice-chanceler, ora se vou. E Trelawney vai me procurar, implorando piedade! Quero ver o Régio Instituto do Pólo Ártico recusar meus textos! Ah! Vou denunciar todos eles!

-Acho que Iorek Byrnison vai acreditar no senhor, quando ele voltar... -disse Lyra.

-Iorek Byrnison? Não adianta esperar por isso. Aquele lá nunca vai voltar.

-Ele está vindo.

-Então vai ser morto. Ele não é urso, entende? É um

renegado. Como eu. Um degredado, entende? Sem direito a qualquer um dos privilégios de um urso.

-Se Iorek Byrnison voltasse e desafiasse Iofur Raknison para uma luta...

#349

-Ah, não iam permitir isso -disse o Professor em tom decidido. -Iofur nunca irá se rebaixar reconhecendo o direito de Iorek Byrnison de lutar com ele. Iorek não tem mesmo esse direito; ele pode ser uma foca, ou um leão-marinho, mas não um urso. Seria morto com lançadores de fogo antes de chegar perto. Não há esperança. Não existe piedade.

-Ah... -suspirou Lyra, com o desespero pesando no peito. -E os outros prisioneiros dos ursos, sabe onde ficam?

-Outros prisioneiros?

-Assim como... Lorde Asriel.

De repente o Professor mudou inteiramente; encolheu-se contra a parede e sacudiu a cabeça com nervosismo.

-Psiu! Fale baixo! Podem ouvir!

-Por que não podemos falar no Lorde Asriel?

-Proibido! Muito perigoso! Iofur Raknison não permite que o nome dele seja mencionado!

-Por quê? -Lyra perguntou, aproximando-se e cochichando também, para não assustá-lo.

-Manter Lorde Asriel prisioneiro é uma tarefa especial dada a Iofur pelo Conselho de Obleção -cochichou de volta o velho. -A Sra. Coulter em pessoa veio visitar Iofur e lhe ofereceu

todo tipo de recompensas para ele manter Lorde Asriel fora do caminho. Sei disso porque na época, entende, eu ainda tinha a confiança de Iofur. Conheci a Sra. Coulter! É verdade. Tivemos uma longa conversa. Iofur estava encantado com ela. Não parava

de falar nela. Faria qualquer coisa por ela. Se ela quer que Lorde Asriel fique preso a mil quilômetros de distância, assim será. Qualquer coisa pela Sra. Coulter, qualquer coisa. Ele vai dar o nome dela à capital do seu país, sabia disso?

-Então ele não deixa ninguém visitar Lorde Asriel?

-Não! Nunca! Mas ele também tem medo de Lorde Asriel, entende? Iofur está jogando uma partida difícil: está mantendo Lorde Asriel em confinamento para agradar à Sra.

#350

Coulter, mas deixa Lorde Asriel ter todo o equipamento que quiser, para agradá-lo. Este jogo não pode durar muito. É um equilíbrio instável. Agradar aos dois lados. Hein? A estrutura desta situação vai desmontar logo, logo. Sei disso de fonte segura.

-É mesmo? -fez Lyra, distraída, pensando furiosamente

sobre o que ele acabara de dizer.

-É, sim. A língua do meu daemon sente o sabor da probabilidade, entende?

-É, a minha também. Quando é que nos alimentam, Professor?

-Nos alimentam?

-Devem colocar comida, senão morreríamos de fome. E o chão está cheio de ossos. Imagino que sejam de foca, não são?

-Foca... Não sei. Pode ser.

Lyra levantou-se e bateu até a porta. Não havia maçaneta, naturalmente, nem fechadura, e não havia uma só fresta por onde

passasse a luz. Ela encostou o ouvido, mas nada escutou. Depois ouviu o ruído das correntes do ancião quando ele virou-se para o outro lado, finalmente pondo-se a roncar .

Ela bateu de volta ao banco. Pantalaimon, cansado de emitir luz, tornara-se um morcego, o que para ele era ótimo; ficou

voejando, guinchando baixinho, enquanto Lyra, sentada, roía as unhas.

De repente, sem o menor aviso, ela recordou o que tinha ouvido o Catedrático de palmeriano dizer na Sala Privativa tanto tempo antes. Alguma coisa vinha cutucando sua mente desde que

Iorek Byrnison mencionara pela primeira vez o nome de Iofur, e agora ela se lembrava: o Professor Trelawney tinha dito que aquilo que Iofur Raknison queria mais que tudo era um daemon. É claro que na hora ela não havia entendido o que ele queria dizer; ele tinha falado em "panserbjornes" em vez de usar a palavra

inglesa, de modo que ela não sabia que estavam falando de ursos e não podia imaginar que Iofur Raknison não era um homem. E #351

um homem naturalmente teria seu daemon, de modo que aquilo não fazia sentido.

Mas agora era óbvio. Somando tudo que ela havia ouvido sobre o urso-rei, o resultado era: o poderoso Iofur Raknison desejava

mais que tudo ser um humano e ter seu próprio daemon.

E ao pensar isto veio-lhe um plano: um modo de fazer o que Iofur Raknison normalmente jamais teria feito; um modo de conduzir Iorek Byrnison ao trono a que tinha direito; um modo, em suma, de chegar ao lugar onde tinham aprisionado Lorde Asriel e entregar-lhe o aletômetro.

Essa idéia esvoaçou e brilhou delicadamente, como uma bolha de sabão, e ela temia encará-la de frente, para não destruí-la.

Mas estava familiarizada com todo tipo de idéias, e deixou-a

rebrilhar, olhando para outro lado e pensando em outra coisa. Estava quase dormindo quando os ferrolhos foram corridos ruidosamente, e a porta foi aberta. A luz jorrou para dentro, e ela se pôs de pé no mesmo instante, com Pantalaimon escondido rapidamente no bolso.

Assim que o urso-guarda baixou a cabeça para levantar a posta de carne de foca e jogá-la para dentro, ela estava ao lado dele, dizendo:

-Me leve a Iofur Raknison. Vai ter problemas se não fizer isso. É urgente.

Ele deixou a carne cair da boca e ergueu os olhos. Não era fácil ler a expressão de um urso, mas ele parecia zangado.

-É sobre Iorek Byrnison -ela falou depressa. -Sei de uma coisa sobre ele, e o rei precisa saber .

-Diga o que é e eu mando avisar- disse o urso.

-Isso não seria certo. Ninguém pode saber antes do rei

-ela disse. -Sinto muito, não quero ser grosseira, mas você sabe, a lei diz que o rei tem que ficar sabendo primeiro.

#352

Talvez ele fosse burro; de qualquer maneira, fez uma pausa e depois jogou a carne dentro da cela antes de dizer:

-Está bem. Vem comigo.

Levou-a para o ar livre, o que a agradou muito. A névoa se dissipara, e estrelas brilhavam acima do pátio cercado de muros altos. O guarda conferenciou com outro urso, que veio falar com ela.

-Não pode falar com Iofur Raknison quando bem entender - disse. -Vai ter que esperar até ele querer falar com você.

-Mas é urgente o que eu tenho para dizer a ele -ela argumentou. -É sobre Iorek Byrnison. Tenho certeza de que Sua Majestade ia querer saber, mas ao mesmo tempo não posso contar a outra pessoa, entende? Não seria apropriado. Ele ia ficar furioso se soubesse que nós não agimos dentro da etiqueta.

Aquilo tudo parecia fazer sentido, ou então deixou o urso suficientemente confuso para obrigá-lo a raciocinar. Lyra tinha certeza de que sua interpretação estava correta: Iofur Raknison estava introduzindo tantas mudanças que nenhum dos ursos sabia como proceder, e ela poderia explorar essa insegurança para chegar a Iofur.

Assim, o urso foi consultar o urso acima dele, e não demorou para que Lyra fosse novamente levada para dentro do Palácio, mas desta vez para os aposentos reais. Aquela parte era tão suja quanto a outra, e o ar era até mais irrespirável do que o da cela, porque todos os fedores naturais estavam misturados a uma camada pesada de perfume adocicado. Mandaram que ela esperasse no corredor, depois

na ante-sala, depois junto a uma porta enorme, enquanto ursos discutiam, debatiam e iam apressados de um lado para outro. E ela teve tempo para olhar em volta e contemplar a ridícula decoração: as paredes eram cobertas de trabalhos em gesso dourado, algumas partes já descascando ou desmanchando-se por causa da umidade, e os tapetes floridos estavam imundos.

#353

Finalmente a porta enorme foi aberta por dentro. Um clarão de luz de meia dúzia de candelabros, um tapete roxo e mais perfume adocicado pairando no ar; e as caras de uma dezena de ursos, todos olhando para ela, nenhum deles de armadura, mas todos com o mesmo tipo de enfeites: colar dourado, cocar de plumas roxas, uma faixa carmim na cintura. Curiosamente, havia também pássaros no aposento: andorinhas-do-mar e gaivotas rapineiras empoleiravam-se na sanca de gesso e mergulhavam para bicar os pedaços de peixe que caíam do ninho dos outros pássaros nos candelabros. E num tablado no extremo oposto do aposento, erguia-se um trono enorme. Era feito de granito, para ser forte e maciço, mas como todas as coisas no palácio de Iofur, ele era decorado com arabescos e festões dourados que pareciam purpurina numa montanha. Sentado no trono estava o maior urso que ela já vira. Iofur Raknison era mais alto e mais corpulento até que Iorek, e sua cara era muito mais dinâmica e expressiva, com uma espécie de humanidade que ela nunca tinha visto em Iorek. Quando Iofur olhou para ela, era como se ela visse um homem olhando de dentro dos olhos dele, o tipo de homem que ela conhecera na casa da Sra. Coulter -um político sutil, acostumado ao poder. Ele usava uma pesada corrente de ouro em volta do pescoço e nela um penduricalho chamativo, e suas garras -com uns bons 20 centímetros cada uma -eram folheadas a ouro. O efeito era de enorme força, energia e esperteza; ele era suficientemente corpulento para carregar aquelas jóias de tamanho absurdo; nele elas não pareciam ridículas, e sim bárbaras e magníficas. Ela vacilou. De repente, sua idéia parecia tola demais. Mas adiantou-se, pois era obrigada a isto, e então viu que Iofur segurava algo no colo, como um ser humano seguraria um gato -ou o seu daemon. Era uma grande boneca estufada, um manequim com rosto humano parado e morto. Estava vestida como a Sra. Coulter

#354

gostava de se vestir, e se parecia um pouco com ela. Iofur estava fingindo que tinha um daemon! Então Lyra viu que estava salva.

Ela se aproximou do trono e fez uma profunda mesura, com Pantalaimon quieto e imóvel em seu bolso.

-Nossas saudações, grande Rei -ela disse em voz baixa.

-Quer dizer, minhas saudações, não as dele.

-Não as de quem? -Iofur perguntou.

Tinha a voz mais fina do que ela imaginara, mas cheia de sutilezas e tons expressivos. Enquanto falava, ele balançava a mão

diante da boca para espantar as moscas que se juntavam ali.

-De Iorek Byrnison, Majestade. Tenho Uma coisa muito importante e secreta para lhe contar, e acho que, na verdade, devia

fazer isso em particular.

-É alguma coisa sobre Iorek Byrnison?

Ela se aproximou, pisando cuidadosamente no chão coberto de sujeira de pássaros, e afastou as moscas que zumbiam junto ao seu rosto.

-Alguma coisa sobre daemons - disse, para que apenas ele ouvisse.

A cara dele mudou de expressão. Ela não conseguiu decifrar a nova expressão, mas não havia dúvida de que ele estava imensamente interessado. De repente, ele inclinou-se para a frente,

fazendo com que ela saltasse de lado, e rugiu uma ordem para os outros ursos. Todos eles fizeram uma mesura e recuaram em direção à porta. Os pássaros, que tinham se alvoroçado com o rugido, piavam e voavam baixo antes de se acomodarem novamente em seus ninhos.

Quando só ficaram Iofur Raknison e Lyra na sala do trono, ele voltou-se ansiosamente para ela.

-Então? Diga quem é você. Que história é essa de daemons?

-Eu sou um daemon, Majestade -ela disse.

Ele ficou imóvel.

#355

-De quem? -quis saber.

-De Iorek Byrnison.

Foi a coisa mais perigosa que ela já falara na vida. Via claramente que só o espanto dele o impedia de matá-la ali mesmo.

Então apressou-se a continuar.

-Por favor, Majestade, deixe-me contar tudo primeiro, antes de me matar. Vim até aqui correndo perigo, como o senhor bem sabe, e nada do que eu tenho a dizer poderia prejudicá-lo.

Aliás, eu quero é ajudar, e foi por isso que vim. Iorek Byrnison foi o primeiro urso a conseguir um daemon, mas devia ter sido o senhor. Eu prefiro muito mais ser seu daemon do que dele, por ISSO eu Vim.

-Como? -ele perguntou ofegante. -Como é que um urso consegue um daemon? E por que ele? E como é que você consegue ficar tão longe dele?

As moscas caíam da boca do urso como minúsculas palavras.

-Isto é fácil. Eu posso me afastar dele porque sou como os daemons das bruxas. Sabe que eles podem se afastar centenas de quilômetros de seus humanos? Pois é a mesma coisa. E ele me

conseguiu em Bolvangar. O senhor já deve ter ouvido falar em Bolvangar, porque a Sra. Coulter deve ter-lhe falado disso, mas ela provavelmente não lhe contou tudo que eles faziam lá.

-Cortavam...

-Sim, a intercisão; isso é uma parte. Mas eles faziam muitas outras coisas lá, como por exemplo implantes de daemons.

E experiências com animais. Quando Iorek Byrnison soube disso,

ofereceu-se para uma experiência, para ver se conseguiam fazer um daemon para ele. Eles conseguiram, e o daemon sou eu. Meu nome é Lyra. Os daemons dos humanos têm forma de animais, portanto, o daemon de um urso tem forma humana. E eu sou o daemon dele. Posso ler a mente dele e saber exatamente o que ele

está fazendo, onde está e...

#356

-Onde é que ele está?

-Em Svalbard. Está vindo para cá o mais rápido possível.

-Por quê? Que é que ele quer? Deve estar louco! Vão acabar com ele.

-Ele quer a mim, está vindo me buscar. Mas não quero ser daemon dele, Iofur Raknison, quero ser sua. Porque, depois que eles viram como fica poderoso um urso com daemon, o pessoal em Bolvangar resolveu não repetir a experiência. Iorek Byrnison é o único urso a ter daemon. Com a minha ajuda, ele poderia levantar todos os ursos contra o senhor. É para isso que ele vem a Svalbard.

O urso-rei rugiu de ódio. O rugido foi tão alto que os lustres de cristal tilintaram, todos os pássaros no grande salão piaram e os ouvidos de Lyra zumbiram.

Mas ela conseguiu se sair bem.

-É por isso que gosto mais do senhor -disse a Iofur Raknison. -Porque o senhor é entusiasmado, forte e inteligente também. Eu tinha que abandonar Iorek Byrnison e vir lhe contar



,  
porque não quero que ele governe os ursos. Tem que ser o senhor .

E existe um modo de me tirar dele e me fazer seu daemon, mas o senhor não sabe disso e, se não for avisado, pode fazer com ele o que costuma fazer com ursos renegados; quer dizer, não lutar com ele, mas matar com lançadores de fogo ou coisa assim. E se fizesse isso, eu ia apagar como uma luz, e morreria com ele.

-Mas você... Como é que...

-Eu posso realmente me tornar seu daemon, mas só se o senhor derrotar Iorek Byrnison numa luta dos dois. Então a força dele vai passar para o senhor, e a minha mente vai fluir para dentro da sua, e seremos como uma pessoa, pensando os pensamentos um do outro; e o senhor vai poder me mandar a qualquer lugar. E eu ia ajudar a chefiar os ursos para capturar Bolvangar, se o senhor quiser, e obrigar que eles façam mais daemons para os seus

#357

ursos favoritos; ou, se preferir ser o único urso com daemon, poderíamos destruir Bolvangar para sempre. Nós dois juntos, Iofur Raknison, poderíamos fazer qualquer coisa!

Durante todo o tempo, ela segurava Pantalaimon no bolso com a mão trêmula, e ele estava o mais imóvel possível na menor

forma de rato que conseguia assumir.

Iofur Raknison andava de um lado para outro com ar de explosiva excitação.

-Uma luta de nós dois? -dizia. -Eu tenho que lutar com Iorek Byrnison? Impossível! Ele é um renegado! Como pode

ser isso? Como é que posso lutar com ele? É a única maneira?

-É a única maneira -Lyra ecoou.

Ela queria que não fosse, porque Iofur Raknison parecia maior e mais feroz a cada minuto. Por maior que fosse o seu afeto

por Iorek e por mais forte que fosse sua confiança nele, ela não conseguia acreditar que ele derrotasse este gigante entre gigantes.

Mas era a única esperança que eles tinham; ser destruído à distância por lançadores de fogo não era uma esperança. Iofur Raknison virou-se de repente.

-Então prove! Prove que você é uma daemon!

-Está bem -disse ela. -Posso fazer isso, é fácil. Posso

descobrir alguma coisa que o senhor sabe e ninguém mais;  
qualquer coisa que só um daemon conseguiria descobrir.  
-Então me diga qual foi a primeira criatura que matei.  
-Para isso vou ter que ficar sozinha. Quando eu for seu  
daemon, o senhor vai poder ver como é que faço isso, mas até lá  
tem que ser segredo.  
-Vá para a sala atrás desta aqui e volte quando souber a  
resposta.

Lyra abriu a porta e entrou num aposento iluminado por  
uma tocha e contendo apenas um armário de mogno com  
enfeites

de prata sujos. Ela tirou o aletômetro e perguntou:

"Onde está Iorek agora?"

"A quatro horas de distância, e correndo mais ainda."

"Como é que posso dizer a ele o que eu fiz?"

"Tem que ter confiança nele."

Ela pensou ansiosamente no cansaço que ele certamente  
teria. Mas então refletiu que não estava fazendo aquilo que o  
aletômetro acabava de lhe dizer: confiar nele.

Deixou de lado este pensamento e fez a pergunta que Iofur  
Raknison queria. Qual era a primeira criatura que ele havia  
matado?

Veio a resposta: o próprio pai dele.

Ela fez outras perguntas e descobriu que quando jovem, em  
sua primeira expedição de caça, Iofur estava sozinho no gelo  
quando encontrou um urso solitário. Os dois discutiram e  
lutaram, e Iofur matou o outro. Mais tarde, quando soube que se  
tratava de seu próprio pai (pois os ursos eram criados pelas mães  
e raramente viam os pais), ele escondeu a verdade, portanto  
ninguém sabia disto além do próprio Iofur Raknison.

Ela guardou o aletômetro, pensando em como lhe dizer isto.

-Com lisonja! -sussurrou Pantalaimon. -É só o que  
ele quer.

De modo que Lyra abriu a porta e encontrou Iofur Raknison  
esperando, com expressão de triunfo, esperteza, apreensão e  
cobiça.

-E aí?

Ela ajoelhou-se diante dele e encostou a cabeça na pata  
dianteira esquerda dele, pois todos os ursos eram canhotos.

-Peço o seu perdão, Iofur Raknison! Não sabia que era  
tão forte e grandioso!

-Que é isso? Responda a minha pergunta!

-A primeira criatura que o senhor matou foi o seu próprio  
pai. Acho que o senhor é um novo deus, Iofur Raknison. Só  
pode

ser. Só um deus teria poder para fazer isso.

#359

-Você sabe! Consegue ver!

-Sim, porque eu sou um daemon.

-Diga-me mais uma coisa. Que foi que Lady Coulter me prometeu quando esteve aqui?

Mais uma vez Lyra foi para a outra sala e consultou o aletômetro antes de voltar com uma resposta.

-Ela lhe prometeu que ia fazer o Magisterium em Gênova concordar que o senhor fosse batizado como cristão, mesmo não tendo daemon. Bem, infelizmente ela não fez isso, Iofur Raknison, e para ser sincera acho que eles nunca concordarão se

o senhor não tiver daemon; acho que ela sabia disso e não lhe contou

a verdade. Mas, de qualquer maneira, quando o senhor me tiver como daemon, poderá ser batizado se quiser, pois ninguém poderá

ser contra. O senhor poderá exigir isso, e eles não vão poder recusar .

-Sim... É verdade. Ela disse isso mesmo. É tudo verdade.

E ela me enganou? Eu confiei nela, e ela me enganou?

-Foi, sim. Mas ela não tem mais importância. Com sua licença, Iofur Raknison, espero que não fique zangado por eu dizer isso, mas Iorek Byrnison está a quatro horas daqui, e talvez fosse melhor o senhor dar ordens aos guardas para que não ataquem ele. Se pretende lutar com ele, ele vai ter que chegar até o Palácio.

-É...

-E quando ele chegar, talvez seja melhor eu fingir que ainda pertença a ele e que me perdi. Ele não vai descobrir. Eu vou fingir. O senhor vai contar aos outros ursos que eu sou daemon de Iorek e que vou pertencer ao senhor quando o senhor lutar com ele e vencer?

-Não sei... Que é que devo fazer?

-Acho melhor não contar. Quando estivermos unidos, o senhor e eu, poderemos pensar no que é melhor, e então chegar a uma decisão. Agora o que o senhor precisa fazer é explicar a

#360 todos os outros ursos por que vai lutar com Iorek como se ele fosse um urso comum, mesmo sendo um renegado. Porque eles não vão entender e temos que inventar um motivo para isso. De qualquer maneira, eles vão obedecer, mas se tiverem um motivo, vão admirar o senhor ainda mais.

-É. Que é que devemos dizer a eles?

-Diga.. Diga a eles que para tornar seu reino inteiramente seguro o senhor mesmo chamou Iorek Byrnison de volta para lutar com ele, e o vencedor vai governar os ursos para sempre. Entenda: se disser que a idéia da vinda dele foi sua, eles vão

ficar

mesmo impressionados. Vão pensar que o senhor consegue chamar Iorek de longe. Vão pensar que o senhor consegue fazer qualquer coisa.

-É...

O grande urso estava domado; Lyra sentia o poder que tinha sobre ele quase como uma embriaguez, e se Pantalaimon não tivesse mordiscado sua mão para lembrar o perigo que todos corriam, ela poderia ter perdido o senso de proporção. Mas voltou a ter bom senso e recuou um passo para observar e esperar enquanto os ursos, sob as ordens excitadas de Iofur, preparavam o campo de combate para Iorek Byrnison; e enquanto isso Iorek, sem saber de coisa alguma, aproximava-se depressa daquilo que -ela gostaria de poder contar a ele -era um combate de vida ou morte.

#361

À Outrance

LUTAS entre ursos eram comuns e ocasiões de grandes rituais. Porém era raro um urso matar outro urso, e, quando isso acontecia, em geral era por acidente, ou quando um urso interpretava mal os sinais de outro, como foi o caso de Iorek Byrnison. Casos de assassinato, como aconteceu com Iofur, que matou o próprio pai, eram ainda mais raros.

Mas ocasionalmente surgiam circunstâncias em que a única maneira de resolver uma disputa era através de um combate mortal. E para isso havia todo um cerimonial.

Assim que Iofur anunciou que Iorek Byrnison estava a caminho e haveria um confronto, o campo de combate foi varrido

e alisado, e fabricantes de armaduras vieram das minas de fogo para verificar a armadura de Iofur. Cada pino foi examinado, cada

elo foi testado, e as placas foram polidas com a areia mais fina.

A

mesma atenção foi dada às garras de Iofur; a folha de ouro foi raspada, e cada garra -com quase 20 centímetros -foi afiada e afilada até se tornar uma arma mortal. Lyra observava tudo com

uma crescente sensação de náusea na boca do estômago, pois Iorek Byrnison não receberia todos esses cuidados. Ele vinha

#362

marchando sobre o gelo cerca de 24 horas, sem alimento ou descanso; podia ter-se ferido na queda do balão. E ela havia preparado essa

luta para ele sem que ele soubesse! Em dado momento, depois que Iofur Raknison testou o potencial das suas garras num leãozinho recém-abatido cortando-lhe a pele como se fosse papel, e a força de seus murros no crânio do animal (com dois murros, ele o rachou como se fosse um ovo) , Lyra teve que inventar uma desculpa e pedir licença a Iofur para ir chorar de medo. Até Pantalaimon, que normalmente conseguia alegrá-la, pouco tinha a dizer de otimista. Tudo que ela podia fazer era consultar o aletômetro, que lhe disse que Iorek estava a uma hora de lá e repetiu que ela devia confiar nele; deu-lhe também (e isto foi mais difícil de decifrar) uma repreensão por fazer duas vezes a mesma pergunta. A esta altura, a notícia tinha se espalhado entre os ursos, e o campo de combate estava apinhado. Os ursos de posição mais elevada ocupavam os melhores lugares, e havia um local especial para as ursoras -inclusive as esposas de Iofur, naturalmente. Lyra tinha uma curiosidade enorme a respeito das ursoras, pois sabia muito pouco sobre elas, mas esta não era hora de ficar por ali fazendo perguntas. Em vez disso, ela ficou perto de Iofur Raknison e observou os cortesãos em volta dele exibindo sua posição acima dos ursos comuns; ela tentou adivinhar o significado das variadas plumas, medalhas e comendas que todos pareciam usar. Lyra percebeu que alguns dos mais graduados levavam pequenos bonecos, como a boneca de trapos de Iofur, talvez para lisonjeá-lo imitando um hábito que ele iniciara. A menina ficou satisfeita quando percebeu que, ao verem que Iofur não estava usando o seu boneco, eles ficaram sem saber o que fazer com os deles. Deveriam jogar fora? Os bonecos estavam proscritos? Como deveriam agir? Pois ela começava a constatar que aquele era o estado de espírito reinante na corte: eles não tinham certeza daquilo que eram. Não eram como Iorek Byrnison, puros, seguros e absolutos; havia uma eterna mortalha de insegurança envolvendo todos eles, enquanto observavam uns aos outros e observavam Iofur. E observavam Lyra, também, com evidente curiosidade. Ela permanecia discretamente ao lado de Iofur, sem nada dizer, baixando os olhos sempre que um urso olhava para ela. A esta altura, a névoa se dissipara e o ar estava claro; e, por

um capricho da sorte, o breve intervalo de claridade por volta do meio-dia coincidiu com a hora que Lyra achava que Iorek ia chegar. Tremendo, parada num montinho de neve na borda do campo de combate, ela ergueu os olhos para a leve claridade no céu e desejou com todo o coração avistar uma esquadrilha de vultos negros e elegantes descendo para levá-la, ou a cidade escondida da Aurora Boreal, onde ela poderia andar em segurança

pelas largas avenidas à luz do sol, ou ainda os braços generosos de

Mãe Costa, sentir o cheiro amigo de carne e comida que envolviam Lyra na presença dela...

Quando Lyra deu por si, estava chorando, vertendo lágrimas que congelavam quase instantaneamente e que ela arrancava do rosto dolorosamente. Estava com muito medo. Os ursos, que não choravam, não conseguiam entender o que estava acontecendo com ela; achavam que era um processo humano qualquer, sem

significado. E naturalmente Pantalaimon não podia consolar Lyra como costumava fazer, embora ela mantivesse a mão no bolso segurando com firmeza o pequeno ratinho; ele, por sua vez,

acariciava os dedos dela com o focinho.

Perto dela, os ferreiros estavam fazendo os ajustes finais na armadura de Iofur Raknison. Coberto de aço polido, as placas lisas enfeitadas com fios de ouro incrustados, ele parecia uma grande torre de metal brilhante; o elmo cobria a parte superior da cabeça numa cintilante carapuça cinza-prateada, com fendas na altura dos olhos, e a parte inferior do corpo era protegida por um saiote de malha de metal bem ajustado. Foi quando viu isso #364

que Lyra tomou consciência de que tinha traído Iorek Byrnison, pois Iorek não possuía nenhuma dessas coisas: a armadura dele só protegia as costas e os lados. Ela olhou para Iofur Raknison, tão dinâmico e poderoso, e sentiu uma dor profunda, como uma mistura de culpa e de medo. Disse então:

-Com licença, Majestade. O senhor se lembra do que eu lhe disse antes...

Sua voz trêmula soava fina e fraca. Iofur Raknison virou a cabeça poderosa, tirando sua atenção do alvo que três ursos estavam segurando na sua frente para que ele o rasgasse com suas

garras mortais.

-Que é? Que é?

-Lembra-se, eu disse que era melhor eu ir falar com Iorek Byrnison primeiro, e fingir que...

Mas antes que ela conseguisse terminar a frase, houve um

alvorço dos ursos na torre de vigia. Os outros todos, sabendo de que se tratava aquilo, manifestaram também sua triunfante excitação.

Tinham avistado Iorek.

-Por favor? -disse Lyra em desespero. -Eu consigo enganar ele, o senhor vai ver.

-Certo, certo. Vá. E encoraje ele!

Iofur Raknison mal conseguia falar de tanta raiva e excitação. Lyra afastou-se dele e atravessou o campo de combate vazio e deserto, deixando suas pequenas pegadas na neve; e os ursos do

outro lado abriram caminho para que ela passasse. A medida que os corpanzís se afastavam, o horizonte se abria, escuro na palidez

da luz do dia. Onde estava Iorek Byrnison? Ela não conseguia enxergar; mas a torre de vigia era alta, e eles conseguiam ver coisas

que ela ainda não podia ver. Tudo que ela podia fazer era avançar

caminhando pela neve.

Ele viu Lyra antes que ela o visse; com um ruído forte de metal e uma chuva de neve, Iorek Byrnison estava ao seu lado.

#365

-Ah, Iorek! Eu fiz uma coisa horrível! Meu amigo, você vai ter que lutar com Iofur Raknison, e não está preparado! Está cansado e faminto, e a sua armadura...

-Que coisa horrível você fez?

-Contei a ele que você estava chegando, porque li isso no leitor de símbolos, e ele está desesperado para ser como uma pessoa e ter um daemon, desesperado. Então enganei ele, dizendo

que sou seu daemon e que ia abandonar você para ser dele, mas para isso acontecer ele teria que lutar com você. Porque, senão, meu querido Iorek, eles nunca iriam deixar você lutar, iam botar fogo em você antes de você chegar perto...

-Você enganou Iofur Raknison?

-Foi. Fiz ele concordar em lutar em vez de matar você como um renegado, e o vencedor vai ser rei dos ursos. Tive que fazer isso, porque...

-Lyra Belacqua? Não, você é Lyra da Língua Mágica - ele declarou. -Tudo que eu quero é lutar com ele. Vamos lá, querido daemon.

Ela contemplou Iorek Byrnison em sua armadura marcada pelo tempo, alto e feroz, e sentiu que o coração ia explodir de orgulho.

Caminharam lado a lado em direção ao palácio de Iofur ,

onde o campo de combate estendia-se no sopé da muralha. Os ursos ocupavam as ameias, rostos pálidos enchiam todas as janelas, e os corpos pesados formavam uma densa parede branca, marcada de pontinhos pretos de olhos e focinhos. Os mais próximos afastaram-se para um lado, formando duas filas, entre as quais Iorek Byrnison e seu daemon passaram. Os olhos de todos

os ursos estavam fixos neles.

Iorek parou na borda do campo de combate; na borda oposta estava Iofur Raknison. O rei desceu do monte de neve e os dois se encararam a poucos metros de distância.

#366

Lyra estava tão perto de Iorek que conseguia sentir um tremor dentro dele, como um grande dínamo gerando poderosa energia anárquica. Ela tocou de leve no pescoço dele, na borda do elmo, e disse:

-Boa luta, meu querido Iorek. Você é o verdadeiro rei, e ele não é. Ele não é nada.

Então ela recuou.

-Ursos! -rugiu Iorek Byrnison. Das muralhas do palácio veio um eco, espantando os pássaros de seus ninhos. -Eis os termos deste combate: se Iofur Raknison me matar, ele será rei para sempre, livre de desafio ou disputa. Se eu matar Iofur Raknison, serei o seu rei. Minha primeira ordem a todos vocês será derrubar este palácio, esta casa perfumada de falsidade e purpurina, e jogar o ouro e o mármore no mar. O metal do urso é o ferro. Não é ouro. Iofur Raknison poluiu Svalbard. Eu vim para purificá-la. Iofur Raknison, eu desafio você!

Então Iofur aproximou-se alguns passos, como se mal conseguisse se controlar.

-Ursos! -rugiu por sua vez. -Iorek Byrnison voltou a meu convite. Eu o atraí para cá. Sou eu quem tem que ditar os termos do combate, que são: se eu matar Iorek Byrnison, a carne dele será retalhada e servida aos avantesmas-dos-penhascos. A cabeça vai ficar exposta em cima do meu palácio. A memória dele

será obliterada. Será crime grave falar o nome dele...

Ele prosseguiu, e depois cada um dos dois tornou a falar .

Era uma fórmula, um ritual fielmente obedecido. Lyra olhava para os dois, tão diferentes: Iofur tão brilhante e poderoso, imenso

em sua força e saúde, em sua armadura esplêndida, orgulhoso e fidalgo; e Iorek, menor -embora ela nunca tivesse imaginado que ele um dia ia parecer pequeno -e mal-equipado, a armadura amassada e enferrujada. Mas a armadura dele era a sua alma; ele a tinha fabricado, e ela lhe servia perfeitamente. Ambos eram



uma

coisa só. Iofur não estava contente com a sua armadura; ele queria

#367

também outra alma. Estava inquieto, ao passo que Iorek estava imóvel.

E ela estava consciente de que todos os outros ursos também faziam essa comparação. Mas Iorek e Iofur eram mais do que apenas dois ursos: eram dois tipos de vida, dois futuros, dois destinos. Iofur tinha começado a levá-los numa direção, e Iorek iria levá-los em outra, e no mesmo instante em que um futuro morria, outro começaria a existir.

Enquanto o ritual do combate caminhava rumo à segunda fase, os dois começaram a dar passos inquietos na neve, aproximando-se aos poucos, balançando a cabeça. Entre os espectadores não havia o menor movimento, mas todos os olhos seguiam os dois.

Finalmente os combatentes ficaram imóveis e silenciosos, observando-se de frente através da largura do campo de combate.

Então, com um rugido e uma chuva de neve, ambos os ursos avançaram no mesmo momento. Como duas grandes massas de pedra, equilibradas em picos vizinhos e soltas por um terremoto, que rolam as encostas reunindo velocidade, saltando acima de abismos e reduzindo árvores a gravetos até colidirem uma com a outra com tanta força que ambas são esmigalhadas, transformando-se em pó e lascas de pedra -foi assim o encontro dos dois

ursos. O estrondo ressoou no ar e voltou como eco. Mas eles não foram destruídos como aconteceria com a pedra; ambos caíram de lado, e o primeiro a levantar-se foi Iorek. Ele girou e agarrou-se a Iofur, cuja armadura sofrera danos na colisão e que não conseguia levantar a cabeça com facilidade. Iorek foi direto ao ponto

vulnerável no pescoço do outro, passou as garras pela pele branca

e então fincou-as debaixo da borda do elmo de Iofur e puxou-o para a frente.

Sentindo o perigo, Iofur rosnou e sacudiu-se como Lyra tinha visto Iorek sacudir-se na beira d' água, enviando lençóis de água para o alto; Iorek caiu longe, e com um horrível guinchar

#368

de metal retorcido, Iofur ficou ereto, esticando o aço das placas das costas apenas com sua força bruta. Então, como uma avalanche, ele se jogou sobre Iorek, que ainda tentava levantar-se. Lyra sentiu-se sem fôlego com a força da queda. Certamente o chão estremeceu sob ela. Como Iorek poderia sobreviver a

isto?

Ele estava lutando para girar o corpo e conseguir fincar os pés no

chão, mas estava com os pés para cima e Iofur tinha enfiado os dentes em algum lugar perto da garganta de Iorek. Pingos de sangue quente voavam pelo ar: um deles caiu no casaco de Lyra, e ela apertou-o na mão como um sinal de amor .

Então Iorek enfiou as patas traseiras nos elos do saiote de Iofur e puxou, rasgando-o; a frente inteira caiu, e Iofur jogou-se para um lado para examinar o estrago, permitindo que Iorek ficasse de pé.

Por um instante os dois ursos ficaram afastados, recuperando o fôlego. Iofur agora tinha a malha de aço para atrapalhar, pois em vez de proteção ela se transformara num obstáculo; ainda estava presa a ele, e era arrastada pelo chão entre as pernas dele. No entanto Iorek estava em pior situação: sangrava muito pela ferida no pescoço e ofegava intensamente.

Mas saltou sobre Iofur antes que o rei conseguisse se desvencilhar do saiote de malha de aço, e derrubou-o numa cambalhota, atacando em seguida a parte nua do pescoço onde a borda do elmo estava empenada. Iofur jogou-o longe, e então os dois colidiram outra vez, jogando para o alto esguichos de neve que voavam em todas as direções e às vezes tornavam difícil ver quem estava vencendo.

Lyra assistia, mal ousando respirar e apertando as mãos com tanta força que chegavam a doer. Ela pensou ter visto Iofur abrindo um buraco na barriga de Iorek, mas isto não devia ser real,

porque logo em seguida, depois de outra explosão de neve, os dois ursos estavam de pé nas patas traseiras como dois boxeadores,

#369

e Iorek tentava arranhar o rosto de Iofur com suas garras poderosas, enquanto Iofur atacava de volta com a mesma selvageria.

Lyra estremeceu a cada golpe. Como se um gigante estivesse girando um martelo, e esse martelo tivesse cinco pinos de aço... Ferro batia em ferro, dente batia em dente, respirações ofegavam, pés tropejavam na neve revolta e suja de sangue, formando uma espécie de lama vermelha.

A esta altura, a armadura de Iofur estava em estado lastimável, as placas rasgadas e empenadas, as incrustações de ouro arrancadas ou cobertas de sangue, e o capacete fora arrancado. A armadura de Iorek estava em melhores condições, apesar de sua feiúra: amassada, porém intacta, suportando os murros possantes do urso-rei e desviando aquelas garras brutais.

Por outro lado, Iofur era maior e mais forte que Iorek, que

estava cansado e faminto e que tinha perdido mais sangue. Ele estava ferido na barriga, em ambos os braços e no pescoço, ao passo que Iofur sangrava somente na mandíbula. Lyra daria tudo para ajudar seu querido amigo, mas nada podia fazer.

E as coisas agora estavam ruins para Iorek. Ele estava mancando; cada vez que colocava a pata dianteira esquerda no chão, percebia-se que ela não agüentava o peso dele. Nunca a usava para atacar, e os golpes de sua mão direita também eram bem fracos, comparados aos murros poderosos que ele dera poucos minutos antes.

Iofur havia percebido isso e começou a provocar Iorek, chamando-o de mão-quebrada, filhote desmamado, enferrujado, candidato a morto e outras coisas, enquanto o atacava por todos os lados com socos que Iorek não conseguia evitar. Iorek teve que

recuar, um passo de cada vez, e agachar-se sob a chuva de murros

do sarcástico urso-rei.

Lyra chorava. O seu querido, o seu amigo corajoso, o seu defensor destemido estava prestes a morrer, e ela não ia lhe fazer a traição de não assistir, pois, se ele olhasse para ela, tinha que ver

#370

olhos brilhantes de amor e confiança, não um rosto escondido covardemente ou costas voltadas para ele por medo.

De modo que ela ficou assistindo, mas as lágrimas não deixavam que ela enxergasse o que e-stava realmente acontecendo;

talvez fosse mesmo algo impossível de ver. Iofur certamente não enxergava.

Porque Iorek estava recuando apenas para encontrar solo firme e seco e uma rocha sobre a qual se apoiar, e o inútil braço esquerdo estava, na verdade, forte e apto. Não se pode enganar um urso; porém, como Lyra lhe mostrara,

Iofur não queria

ser um urso, queria ser um homem, e Iorek estava conseguindo enganá-lo.

Finalmente ele encontrou o que procurava: uma pedra firmemente ancorada na terra. Encostou-se nela, tensionando as pernas e esperando a ocasião.

Que chegou quando Iofur ergueu-se na frente dele, urrando sua vitória e virando a cabeça, provocantemente, para o lado esquerdo de Iorek, aparentemente o lado mais fraco.

Foi então que Iorek atacou. Como uma onda que vem aumentando sua força através de milhares de quilômetros de oceano

e que causa pouca agitação em águas profundas, mas que,

quando

chega ao raso, ergue-se no ar aterrorizando as pessoas, antes de tombar sobre a terra com força irresistível- assim Iorek Byrnison ergueu-se contra Iofur, explodindo para o alto em cima dos pés plantados na rocha seca e dilacerando com um feroz movimento da

mão esquerda o queixo desprotegido de Iofur Raknison.

Foi um golpe terrível, que arrancou a parte inferior da mandíbula, a qual voou pelo ar espalhando respingos de sangue pela neve a muitos metros de distância.

A língua vermelha de Iofur ficou pendurada sobre a garganta exposta. O urso-rei, de repente, perdera os dentes, a voz, a luta. Iorek não precisava de mais nada; avançando, enfiou os dentes na garganta de Iofur e sacudiu-se de um lado para outro, erguendo

#371

do solo o corpo enorme e batendo com ele no chão como se Iofur fosse uma foca na beira d' água.

Então fez força para cima, e a vida de Iofur Raknison esvaiu-se entre seus dentes.

Havia ainda um ritual a ser cumprido. Iorek abriu o peito desprotegido do rei morto, arrancando a pele para expor as costelas estreitas, brancas e vermelhas, como o arcabouço de um barco virado; enfiou a mão entre as costelas, arrancou o coração de Iofur -vermelho, soltando vapor -e comeu-o ali mesmo, na frente dos súditos de Iofur.

Houve então aclamações, alvoroço, pandemônio, os ursos avançando em massa para homenagear o matador de Iofur. A voz

de Iorek Byrnison ergueu-se acima do clamor:

-Ursos! Quem é o seu rei?

E o brado retornou num rugido, como se fosse todos os seixos do mundo, açoitados pelas ondas de uma tempestade no mar.

-Iorek Byrnison!

Os ursos sabiam o que tinham a fazer; cada enfeite, medalha e faixa foi jogado fora e pisoteado com desprezo, para logo ser esquecido. Agora eram ursos de Iorek, ursos de verdade, não semi-humanos inseguros, conscientes apenas de uma torturante inferioridade. Correram para o Palácio e começaram a atirar grandes blocos de mármore do alto das torres, soltando as pedras das ameias com suas mãos poderosas e arremessando-as por cima

dos rochedos para o ancoradouro centenas de metros abaixo.

Iorek ignorou-os e soltou as placas da armadura para cuidar dos ferimentos; antes, porém, que começasse, Lyra estava a seu lado, batendo com os pés na neve vermelha e gritando para os

ursos pararem de destruir o Palácio, pois havia prisioneiros lá dentro. Eles não ouviram, mas Iorek sim, e quando ele rugiu, eles

pararam no mesmo instante.

-Prisioneiros humanos? -ele quis saber .

#372

-É, sim, que Iofur Raknison botou nas masmorras. Eles têm que sair e se abrigar em algum lugar, senão vão morrer nas ruínas do palácio...

Iorek deu ordens rápidas e alguns ursos correram para dentro do Palácio para soltar os prisioneiros. Lyra virou-se para Iorek.

-Deixe que eu cuido de você, quero ter certeza de que não está muito ferido, meu querido Iorek, ah, eu queria ter uns curativos ou coisa assim! Este corte na barriga está horrível.. .

Um urso colocou no chão, aos pés de Iorek, um bocado de massa verde rígida, congelada.

-Musgo-de-sangue -Iorek explicou. -Enfie isto dentro das feridas, Lyra. Cubra com pele e então segure um pouco de neve em cima até a massa congelar.

Ele não deixou que os ursos cuidassem dele, apesar da ansiedade deles; as mãos de Lyra eram hábeis, e ela estava desesperada para ajudar. Assim, a garotinha inclinou-se sobre o grande

urso-rei, enfiando o musgo-de-sangue, puxando a pele por cima e congelando o ferimento até parar de sangrar. Quando terminou, tinha as luvas empapadas de sangue de Iorek, mas os ferimentos estavam tratados.

E, a essa altura, os prisioneiros tinham saído, num grupo de cerca de uma dúzia de homens tremendo e piscando muito. Lyra achou que não havia motivo para falar com o Professor, pois

ele estava louco; ela gostaria de saber quem eram os outros homens, mas havia muitas coisas urgentes a fazer. E não queria distrair Iorek, que dava ordens breves que enviavam ursos correndo

para todos os lados, mas ela estava preocupada com Roger, Lee Scoresby e as bruxas, estava com fome e cansada... Achou que a melhor coisa a fazer naquele momento era ficar fora do caminho.

Assim, enrodilhou-se num canto sossegado do campo de combate, com Pantalaimon como filhote de lobo para aquecê-la, e empilhou neve em cima de si como um urso faria; e adormeceu.

#373

Alguma coisa cutucou-lhe o pé, e uma voz de urso desconhecida disse:

-Lyra da Língua Mágica, o rei quer falar com você.

Ela acordou quase congelada e não conseguiu abrir os olhos, pois as pálpebras tinham endurecido de frio; porém Pantalaimon lambeu-as para derreter o gelo dos cílios, e ela logo conseguiu ver

à luz da lua o jovem urso que havia falado. Tentou ficar de pé, mas caiu por duas vezes. O urso ofereceu:

-Suba em mim.

E agachou-se para oferecer as costas largas; pendurada, quase caindo, ela conseguiu ficar montada enquanto ele a levava para um vale profundo onde muitos ursos estavam reunidos.

E entre eles havia uma figurinha que correu para ela e cujo daemon deu um salto para saudar Pantalaimon.

-Roger! -ela gritou.

-Iorek Byrnison me fez ficar aqui fora na neve enquanto vinha buscar você. Nós caímos do balão, Lyra! Depois que você caiu, nós fomos carregados por muitos e muitos quilômetros, e então o Sr. Scoresby esvaziou mais um pouco o balão e nós batemos numa montanha e caímos por uma ladeira como nunca se viu. Não sei onde o Sr. Scoresby foi parar, nem as bruxas. Só eu e Iorek Byrnison. Ele veio direto para cá, procurando você. E aqui me falaram do combate...

Lyra olhou em volta. Sob a direção de um urso mais velho, os prisioneiros humanos estavam construindo um abrigo de madeira e retalhos de lona. Pareciam felizes em ter um trabalho a fazer. Um deles batia numa pederneira para acender o fogo.

-Temos comida -disse o jovem urso que havia despertado Lyra. Uma foca recém-abatida estava sobre a neve. O urso abriu-a com uma garra e mostrou a Lyra onde encontrar os rins. Ela comeu um deles, cru: era quente, macio e mais delicioso do que se poderia imaginar.

#374

-Coma a gordura também -disse o urso, arrancando um pedaço para ela. Tinha sabor de creme temperado com avelãs.

Roger hesitou, mas seguiu o exemplo dela. Os dois comeram gulosamente, e, em poucos minutos, Lyra estava inteiramente acordada e começando a sentir calor. Limpando

a boca,

ela olhou em volta, mas Iorek Byrnison não estava à vista.

-Iorek Byrnison está conversando com seus conselheiros

-informou o jovem urso. -Quer falar com você depois que você tiver se alimentado. Siga-me.

Ele os levou por cima de uma elevação na neve até um lugar onde os ursos estavam começando a construir uma parede de blocos de gelo. Iorek estava sentado no centro de um grupo de ursos mais velhos, e levantou-se para cumprimentá-la.

-Lyra da Língua Mágica, venha ouvir o que estão me dizendo -chamou.

Não explicou a presença dela aos outros ursos, ou talvez eles já soubessem sobre ela; mas deram-lhe um lugar e trataram-na com imensa cortesia, como se ela fosse uma rainha. Ela sentiu um

orgulho desmedido de sentar-se ao lado de seu amigo Iorek Byrnison, sob a Aurora Boreal que cintilava graciosamente no céu polar, e juntar-se à conversa dos ursos.

O que acontecia era que o domínio de Iofur Raknison sobre eles tinha sido como um feitiço; alguns culpavam a influência da Sra. Coulter, que visitara Iofur e lhe dera muitos presentes, antes até do exílio de Iorek, embora este não soubesse disso. Um dos ursos contou:

-Ela deu a Iofur Raknison uma droga para dar a Hjalmur Hjalmurson para que ele ficasse louco.

Lyra calculou que Hjalmur Hjalmurson era o urso que Iorek tinha matado e por causa disto sido exilado. Então a Sra. Coulter estava por trás daquilo também! E havia mais:

-Existem leis humanas proibindo certas coisas que ela planejava fazer, mas as leis humanas não vigoram em Svalbard.

#375

Ela queria montar aqui outra estação como Bolvangar, só que pior, e Iofur ia permitir isso, contra todos os costumes dos ursos; pois já tivemos humanos nos visitando, ou prisioneiros, mas nunca morando ou trabalhando aqui. Aos poucos, ela ia aumentar seu poder sobre

Iofur Raknison e o dele sobre nós, até virarmos escravos dela, fazendo tudo que ela ordenasse, e nosso único dever

ia ser tomar conta da abominação que ela ia criar...

Quem falava era um urso velho. Seu nome era Soren Eisarson, e ele era um conselheiro que tinha sofrido muito sob as

ordens de Iofur Raknison.

-Que é que ela está fazendo agora, Lyra? -Iorek

Byrnison perguntou. -Quando souber da morte de Iofur, quais serão os planos dela?

Lyra pegou o aletômetro. Estava escuro demais para enxergar, e Iorek pediu que trouxessem luz.

-Que foi que aconteceu com o Sr. Scoresby e as bruxas?

-Lyra perguntou, enquanto esperavam.

-As bruxas foram atacadas por bruxas de outro clã. Não sei se eram aliadas dos mutiladores de crianças, mas estavam patrulhando nossos céus em grande número e atacaram durante a tempestade. Não vi o que aconteceu a Serafina Pekkala.

Quanto

a Lee Scoresby, o balão tornou a subir depois que eu caí com o menino, e ele foi dentro. Mas o seu leitor de símbolos vai lhe contar o destino deles.

Um urso chegou puxando um trenó no qual havia um tabuleiro cheio de carvão em brasa, e jogou um galho resinoso dentro dele. O galho pegou fogo no mesmo instante, e nesta luz Lyra girou os ponteiros do aletômetro e perguntou sobre Lee Scoresby.

Pela resposta, ele ainda estava no ar, levado pelos ventos em direção a Nova Zembla, escapara ileso dos avantesmas-dospenhascos e tinha lutado contra as bruxas do outro clã.

Lyra contou a Iorek, que assentiu, satisfeito.

#376

-Se está no ar, está em segurança -disse. -E quanto à Sra. Coulter?

A resposta foi complicada, com o ponteiro indo de um símbolo a outro numa seqüência que deixou Lyra pensando durante muito tempo. Os ursos estavam curiosos, mas reprimidos

pelo respeito por Iorek Byrnison e o dele por Lyra, enquanto ela os esquecia e mergulhava no transe aletométrico.

A mensagem dos símbolos era desalentadora.

-Está dizendo que ela... Ela soube que estávamos voando para cá e conseguiu um zepelim de transporte armado com metralhadoras, acho que é isto, e está voando para Svalbard agora

mesmo. Ela ainda não sabe que Iofur Raknison foi derrotado, é claro, mas logo saberá, porque... Ah, sim, porque algumas bruxas

vão ficar sabendo pelos avantesmas-dos-penhascos e vão contar a

ela. De modo que acho que há espiões no ar por toda parte, Iorek.

Ela vinha para... para fingir ajudar Iofur Raknison, mas, na verdade, ia tomar o poder dele com um exército de tártaros que está vindo por mar, eles chegarão em poucos dias.

Ela fez uma pausa mas logo prosseguiu:

-E assim que puder ela vai até onde Lorde Asriel está preso e vai mandar matar ele. Porque... Agora está ficando claro: uma coisa que eu nunca tinha entendido, Iorek! É por isso que ela quer

matar Lorde Asriel: porque ela sabe o que ele vai fazer e tem medo,

quer fazer ela mesma e obter o controle antes dele... Deve ser sobre a cidade no céu, só pode ser! Ela está tentando chegar lá primeiro! E agora ele está dizendo outra coisa...

Ela inclinou-se sobre o instrumento, concentrando-se



furiosamente enquanto o ponteiro ia de um lado para outro. Ele movia-se quase que depressa demais para a vista: Roger, olhando

por cima do ombro dela; nem conseguia ver o ponteiro parar, e só percebia um diálogo rápido entre os dedos de Lyra movendo os ponteiros menores e o ponteiro grande respondendo, uma linguagem tão extraordinária quanto a própria Aurora Boreal.

#377

Finalmente ela pousou o instrumento no colo e, pestanejando e suspirando, saiu da profunda concentração.

-Sim, entendo o que ele está dizendo -afirmou. -Ela está de novo atrás de mim. Quer alguma coisa que eu tenho, porque Lorde Asriel também quer. Precisam disso para esse... Para essa experiência, seja lá o que for...

Ela se interrompeu para respirar profundamente. Alguma coisa a incomodava, e ela não sabia o que era. Tinha certeza de que aquela coisa tão importante era o próprio aletômetro, porque,

afinal de contas, a Sra. Coulter tentara ficar com ele, e que mais poderia ser? Porém, não era isso, pois o aletômetro tinha outra maneira de se referir a si mesmo.

-Imagino que seja o aletômetro -disse, em tom de tristeza. -Foi o que eu pensei o tempo todo. Tenho que entregar ele a Lorde Asriel antes que ela apareça. Se ela pegar o aletômetro, todos nós morreremos.

Ao dizer isto, ela se sentiu tão cansada, tão exausta e triste, que morrer teria sido um alívio. Mas o exemplo de Iorek Byrnison

impedia que ela admitisse isto. Guardou o aletômetro e sentouse de costas retas.

-A que distância ela está? -Iorek perguntou.

-A poucas horas. Acho que é melhor levar o aletômetro para Lorde Asriel o mais depressa possível.

-Vou com você -decidiu Iorek.

Ela não discutiu. Enquanto Iorek dava ordens e organizava um grupo armado para acompanhá-los na parte final da viagem para o norte, Lyra ficou imóvel, poupando sua energia; sentia que

durante a última leitura alguma coisa se perdera nela. Fechou os olhos e dormiu; mais tarde eles a acordaram, e puseram-se a caminho.

#378

As Boas-vindas de Lorde Asriel

LYRA cavalgava um urso jovem e forte, e Roger viajava montado em outro, ao passo que Iorek caminhava incansavelmente à frente; atrás deles ia

um grupo armado com um lançador de fogo, defendendo a retaguarda.

O caminho era longo e difícil: o interior de Svalbard, montanhoso, com picos irregulares e desfiladeiros profundos cortados por ravinas e vales de paredes íngremes; e o frio, intenso.

Lyra recordou os trenós velozes e macios dos gípcios a caminho de Bolvangar; como aquela viagem parecia agora rápida e confortável! O ar aqui era o mais penetrante e frio que ela já conhecera;

ou podia ser que o urso que ela montava não fosse tão ágil quanto

Iorek Byrnison; ou talvez ela estivesse cansada até a alma. De qualquer maneira, foi uma viagem desesperadamente dura.

Ela pouco sabia sobre para onde estavam indo, ou a que distância ficava; tudo que sabia era o que o urso ancião Soren Eisarson lhe contara enquanto preparavam o lançador de fogo. Ele participara das negociações a respeito das condições do encarceramento de Lorde Asriel e se lembrava muito bem.

#379

Ele disse que, no início, os ursos de Svalbard consideravam Lorde Asriel igual a qualquer dos outros políticos, reis ou baderneiros que tinham sido exilados para aquela ilha distante.

Os

prisioneiros eram importantes, senão teriam sido mortos por seu próprio povo; podiam ser valiosos para os ursos um dia, se seus destinos políticos mudassem e eles voltassem a governar suas terras; portanto, podia valer a pena não tratá-los com crueldade ou desrespeito.

De modo que Lorde Asriel tinha achado as condições em Svalbard nem melhores, nem piores do que as de centenas de outros exilados antes dele. Mas certas coisas faziam seus carcereiros terem mais medo dele do que dos outros prisioneiros; havia

um ar de mistério e de perigo espiritual que envolvia qualquer coisa relacionada ao Pó; eles tinham visto o pânico evidente daqueles que haviam levado Lorde Asriel até lá; e havia as comunicações particulares entre a Sra. Coulter e Iofur Raknison.

Além disso, os ursos nunca tinham visto alguém com a natureza orgulhosa e autoritária de Lorde Asriel. Ele dominava até mesmo Iofur Raknison, discutindo com firmeza e eloquência,

e convenceu o urso-rei a permitir que ele próprio escolhesse o lugar onde ia morar.

O primeiro que lhe deram era baixo demais; ele disse que precisava de um lugar no alto, acima da fumaça e da poluição das

minas de fogo e dos ferreiros. Deu aos ursos uma planta do alojamento que desejava e lhes disse onde devia ser construído; ele os subornou com ouro e lisonjeou e intimidou Iofur Raknison; de boa vontade, achando graça, os ursos puseram-se a trabalhar. Em pouco tempo, uma casa foi construída numa ponta de terra virada para o norte: uma construção ampla e sólida, com lareiras que queimavam grandes blocos de carvão retirados da terra e carregados por ursos, e com grandes janelas de vidro de verdade. Ali ele vivia, um prisioneiro agindo como um rei.

#380

E então dedicou-se a reunir o material para um laboratório. Com furiosa concentração, mandou buscar livros, instrumentos, agentes químicos, todo tipo de ferramentas e aparelhos. E de um jeito ou de outro, recebeu tudo que pedira- uma

parte abertamente, outra contrabandeada pelos visitantes que ele insistia ter direito de receber. Por terra, mar e ar, Lorde Asriel reuniu seu material, e aos seis meses de prisão já possuía todo o equipamento que queria.

E então começou a trabalhar, pensando, planejando e calculando, esperando a única coisa que precisava para completar

o trabalho que tanto assustava o Conselho de Oblação. E essa coisa estava cada vez mais próxima.

A primeira visão que Lyra teve da prisão de seu pai veio quando Iorek Byrnison fez alto no sopé de um rochedo para que as crianças esticassem as pernas, que estavam ficando perigosamente frias e rígidas.

-Olhe lá para cima -ele disse.

Um aclave coberto de rochas e gelo de uma antiga avalanche, onde uma trilha tinha sido trabalhosamente aberta, levava ao topo de um penhasco destacado em silhueta contra o céu. Não havia Aurora, mas as estrelas brilhavam. O penhasco mostrava-se negro e hostil, mas no topo via-se um prédio espaçoso, de onde jorrava luz em todas as direções - não o brilho enfumaçado e inconstante das lamparinas a gordura de peixe, nem a luz branca e chocante dos holofotes anárquicos, mas a luz cálida da nafta.

As janelas de onde a luz emergia também mostravam o formidável poder de Lorde Asriel. O vidro era um material caro, que em grandes extensões ajudava a manter o calor nessas regiões

inóspitas; assim, esse material evidenciava dinheiro e influência, muito mais do que o palácio vulgar de Iofur Raknison.

#381

Montaram nos ursos pela última vez, e Iorek guiou-os encosta acima até a casa. Havia um pátio coberto de neve,

rodeado por um muro baixo; quando Iorek empurrou o portão, ouviu-se uma campainha tocar em algum lugar dentro da casa. Lyra desceu do urso. Mal conseguia ficar de pé. Ajudou Roger a desmontar também e, um apoiando o outro, os dois rumaram para a porta, atravessando a neve que chegava até seus quadris.

Ah, como lá dentro devia estar quentinho! Ah, como ia ser bom descansar em paz!

Ela estendeu a mão para acorda da sineta, mas a porta se abriu antes que pudesse pegá-la. Havia um pequeno vestíbulo mal iluminado, que servia para manter o ar quente dentro de casa,

e parado sob a lamparina estava uma pessoa que ela reconheceu: Thorold, o criado de Lorde Asriel, com seu daemon-pinscher Anfang.

Com um gesto cansado, Lyra empurrou o capuz para trás.

-Quem... -Thorold começou, mas logo a reconheceu, e continuou: -Não é Lyra? A pequena Lyra? Estou sonhando? Ele estendeu a mão para trás para abrir a porta interna.

Um salão com um fogo de carvão ardendo numa plataforma de pedra, a cálida luz de nafta brilhando nos tapetes, nas poltronas de couro, na madeira encerada... Lyra não via isto desde

que deixara a Faculdade Jordan, e sentiu a garganta apertada.

A pantera branca, daemon de Lorde Asriel, rosou.

Ali estava o pai de Lyra, seu rosto moreno e forte, a princípio intenso, triunfante e ansioso. E então a cor desapareceu; ele arregalou os olhos, horrorizado, ao reconhecer a filha.

-Não! Não!

Cambaleou para trás e agarrou-se à prateleira sobre a lareira. Lyra não conseguia se mover.

-Saia! -Lorde Asriel gritou. -Dê meia-volta e saia, vá embora! Não mandei buscá-la!

#382

Ela não conseguia falar. Por duas vezes abriu a boca e então conseguiu dizer:

-Não, não, eu vim porque...

Ele parecia apavorado; não parava de sacudir a cabeça e ergueu as mãos como se para afastá-la. Ela não conseguia acreditar naquilo.

Deu um passo à frente para tranqüilizá-lo, e Roger veio ficar ao seu lado, ansioso. Os seus daemons saíram voejando, e um momento depois Lorde Asriel passou a mão pela testa e controlou-se um pouco. A cor começou a voltar ao seu rosto enquanto ele contemplava as duas crianças.

-Lyra -disse. -É mesmo Lyra?

-Sou, sim, tio Asriel -ela respondeu, achando que aquele não era o momento para falar de seu verdadeiro parentesco. -Vim lhe trazer o aletômetro, da parte do Reitor da Jordan.

-Ah, sim, naturalmente- fez ele. -Quem é este aí?

-É Roger Parslow -ela explicou. -É ajudante na Cozinha da Faculdade Jordan. Mas...

-Como foi que chegou aqui?

-Eu estava contando, Iorek Byrnison está lá fora, ele nos trouxe aqui. Veio comigo desde Trollesund, e nós enganamos Iofur...

-Quem é Iorek Byrnison?

-Um urso de armadura. Ele nos trouxe aqui.

-Thorold! -ele chamou. -Prepare um banho para esses dois e alguma comida. Depois eles vão precisar dormir. As roupas deles estão imundas; arranje alguma coisa para eles usarem. Faça isso agora, enquanto eu converso com esse urso. Lyra sentiu a cabeça rodar. Talvez fosse o calor, talvez alívio. Ela observou o criado fazer uma mesura e sair do salão, e Lorde Asriel sair para o vestibulo e fechar a porta atrás de si, e então ela

se deixou cair na poltrona mais próxima.

#383

Parecia que, no instante seguinte, Thorold estava falando com ela.

-Venha comigo, senhorita.

Ela forçou-se a levantar e foi com Roger para um banheiro aquecido, onde toalhas macias estavam penduradas num varal aquecido e uma banheira de água quente soltava vapor à luz de nafta.

-Vá você primeiro -disse Lyra. -Vou me sentar lá fora para conversarmos.

Então Roger, fazendo careta por causa da água quente, entrou na banheira e tomou banho. Eles tinham nadado sem roupa muitas vezes, brincando no Ísis ou no Cherwell com outras

crianças, mas agora era diferente.

-Estou com medo do seu tio -disse Roger através da porta aberta. -Quer dizer, do seu pai.

-É melhor continuar chamando ele de meu tio. Eu também tenho medo dele, às vezes.

-Quando a gente entrou, ele não me viu. Só viu você. E ficou apavorado, até me ver. Então se acalmou de repente.

-Ele ficou chocado, só isso -disse Lyra. -Qualquer pessoa ficaria, vendo alguém que não esperava ver. A última vez que ele me viu foi depois daquele caso da Sala Privativa. Deve

ter

sido mesmo um choque.

-Não, foi mais que isso -Roger insistiu. -Ele estava olhando para mim como um lobo ou coisa assim.

-Você está imaginando coisas.

-Não estou. Tenho mais medo dele do que tinha da Sra. Coulter, a verdade é esta.

Enquanto ele jogava água em cima do corpo, Lyra pegou o aletômetro.

-Quer que eu pergunte ao leitor de símbolos sobre isso?

-perguntou.

#384

-Bom, sei lá. Algumas coisas eu prefiro não saber. Parece que tudo que ouvi depois que os Papões chegaram em Oxford, tudo foi ruim. Tudo no futuro depois de cinco minutos tem sido ruim. Como agora, este banho está gostoso, e no futuro daqui a cinco minutos vai ter uma toalha quentinha. E enquanto eu me enxugo, vou pensar numa comida gostosa cinco minutos depois, mas só vou até aí. Depois de comer, talvez dentro de cinco minutos eu possa estar dormindo numa cama confortável. Mas Ir depois disso, não sei, Lyra. Nós vimos coisas horríveis, não foi?

E ainda vem mais, com certeza. Então acho melhor não saber o que está no futuro. Prefiro o presente.

-Está certo. As vezes sinto isso também -disse ela em tom cansado.

Assim, embora ficasse com o aletômetro na mão por mais algum tempo, era apenas como um amuleto; não mexeu nos ponteiros e não percebeu que o ponteiro grande se mexia.

Pantalaimon observava em silêncio.

Depois que ambos tomaram banho e comeram pão com queijo, bebendo vinho com água quente, o criado Thorold disse: -O menino deve ir para a cama. Vou-lhe mostrar o caminho. Srta. Lyra, Lorde Asriel pede que vá ao encontro dele na Biblioteca.

Lyra encontrou Lorde Asriel num aposento com janelas largas que davam para o mar congelado bem abaixo deles. Havia um fogo

de carvão numa ampla lareira e uma lamparina a nafta com a chama

bem baixa, de modo que havia poucos obstáculos entre os ocupantes

da sala e a paisagem escura e estrelada lá fora. Lorde Asriel, reclinado

numa grande poltrona a um lado da lareira, indicou que ela ocupasse

a outra poltrona, de frente para ele.

-Seu amigo Iorek Byrnison está descansando lá fora -  
informou. -Ele prefere o frio.

-Ele lhe contou a luta com Iofur Raknison?

#385

-Não com detalhes. Mas entendi que agora ele é o rei de  
Svalbard. Isso é verdade?

-Claro que é. Iorek nunca mente.

-Parece que ele se nomeou seu guardião...

-Não. John Faa disse a ele para tomar conta de mim, e  
ele está obedecendo. Está seguindo as ordens de John Faa.

-Como é que John Faa entrou nesta história?

-Eu lhe conto se o senhor me contar uma coisa -ela  
propôs. -O senhor é meu pai, não é?

-Sou. E daí?

-Daí que devia ter me contado antes. Não devia esconder  
esse tipo de coisa das pessoas, porque elas se sentem idiotas  
quando

descobrem, e isso é crueldade. Que diferença faria se eu  
soubesse

que era sua filha? O senhor podia ter me contado há muitos  
anos.

Podia ter me contado e pedido para eu guardar segredo, e eu  
guardaria, pois mesmo sendo muito criança, eu teria feito isso se  
o

senhor me pedisse. Eu teria tanto orgulho que nada arrancaria  
isso

de mim, se o senhor me pedisse para guardar segredo. Mas o  
senhor

não. Contou a outras pessoas, mas não a mim.

-Quem lhe contou?

-John Faa.

-Ele falou da sua mãe?

-Falou, sim.

-Então não resta muita coisa para eu contar. Acho que  
não quero ser interrogado e condenado por uma garota insolente.  
Quero saber o que você viu e fez na sua viagem para cá.

-Eu lhe trouxe o maldito aletômetro, não trouxe? -Lyra  
explodiu. Estava quase chorando. -Cuidei dele desde que saí  
da Jordan, escondi bem escondido e me preocupei, passando por  
tudo que nos aconteceu. E aprendi como é que se usa e carreguei  
ele por todo o maldito caminho, quando podia simplesmente  
entregar ele e ficar em segurança, e o senhor nem diz obrigado,  
nem mostra qualquer sinal de estar feliz em me ver. Não sei por

#386

que resolvi fazer isso. Mas fiz, persisti, mesmo no palácio  
fedorento de Iofur Raknison, com todos aqueles ursos me  
cercando,

eu persisti, sozinha, e enganei ele, fazendo-o lutar com Iorek para que eu pudesse vir até aqui por sua causa... E quando o senhor me viu, quase desmaiou, como se eu fosse alguma coisa horrível que o senhor nunca mais queria ver. O senhor não é humano, Lorde Asriel. Não é meu pai. Meu pai não me trataria assim. Os pais amam as filhas, não amam? O senhor não me ama, e eu não amo o senhor, e pronto. Eu amo Farder Coram, amo Iorek Byrnison. Amo um urso de armadura mais do que amo o meu pai. E aposto que Iorek Byrnison me ama mais que o senhor.

-Você mesma me disse que ele está só obedecendo ordens de John Faa. Se vai ficar sentimental, não vou perder meu tempo conversando com você.

-Então pegue o seu maldito aletômetro, e eu vou voltar com Iorek.

-Para onde?

-Para o palácio. Ele pode lutar contra a Sra. Coulter e o Conselho de Obleação quando eles aparecerem. Se ele perder, eu também vou morrer, mas não me importo. Se ele vencer, vamos mandar buscar Lee Scoresby, e eu vou embarcar no balão dele e...

-Quem é Lee Scoresby?

-Um aeróstata. Ele nos trouxe aqui e então caímos. Pronto, aqui está o aletômetro. Está em perfeito estado. Ele não fez menção de pegar o instrumento, de modo que ela o colocou na grade de bronze que rodeava a frente da lareira.

-Bom, acho que é minha obrigação dizer que a Sra. Coulter está a caminho de Svalbard e assim que souber o que aconteceu a Iofur Ragnison ela virá para cá. Num zepelim, com muitos soldados, e vão matar nós todos por ordem do Magisterium.

-Não vão nos alcançar- ele disse calmamente.

Estava tão calmo e relaxado que parte da raiva dela se desfez.

#387

-o senhor não tem como saber -ela disse, hesitante.

-Mas sei.

-Então tem outro aletômetro?

-Não preciso de um aletômetro para isso. Agora quero saber da sua viagem para cá, Lyra. Comece do princípio. Conte-me tudo.

Ela assim fez. Começou na noite em que se escondeu na Sala Privativa, depois falou no sequestro de Roger pelos Papões e o tempo que passou com a Sra. Coulter, e tudo que tinha acontecido.

Era uma longa história, e quando terminou, ela disse:



-Só tem uma coisa que eu quero saber, e acho que tenho esse direito, como tinha o direito de saber quem eu sou de verdade. E como não me contou aquilo, vai me contar isso como recompensa. Pronto: o que é Pó? E por que todo mundo tem tanto medo dele?

Ele a encarou como se quisesse adivinhar se ela compreenderia o que ele estava prestes a dizer. Lyra pensou: ele nunca havia olhado seriamente para ela; até então tinha sido sempre como um adulto observando as gracinhas de uma criança. Mas parece que ele achou que ela estava pronta.

-Pó é o que faz o aletômetro funcionar -disse.

-Ah... Achei que fosse mesmo! Que mais? Como foi que descobriram isso?

-De certo modo, a Igreja sempre soube. Durante séculos, eles vêm fazendo sermões sobre Pó, só que não usam este nome. Mas, há alguns anos, um moscovita chamado Boris Mikhailovitch Rusakov descobriu um novo tipo de partícula elementar.

Você já ouviu falar em elétrons, fótons, neutrinos e o resto? Receberam o nome de partículas elementares porque não podem ser divididas: não há nada dentro delas além delas mesmas.

Bem,

esse novo tipo de partícula era realmente elementar, mas era muito difícil de ser medida porque não reagia de modo normal.

#388

A coisa mais difícil para Rusakov foi entender por que a nova partícula parecia juntar-se onde havia seres humanos, como se fosse atraída por nós. E especialmente por adultos. Pelas crianças

também, mas não tanto, até seus daemons fixarem sua forma.

Durante os anos de puberdade, elas começam a atrair Pó com mais força, e ele pousa nelas como pousa nos adultos.

Ele parou para respirar, mas logo prosseguiu:

-Ora, todas as descobertas desse tipo, por terem influência nas doutrinas da Igreja, têm que ser anunciadas através do Magisterium em Gênova. E essa descoberta de Rusakov era tão improvável e estranha que o Inspetor do Tribunal Consistorial de Disciplina suspeitou que Rusakov estivesse possuído pelo diabo. Fizeram um exorcismo no laboratório e interrogaram Rusakov segundo as regras da Inquisição, mas afinal tiveram que

aceitar o fato de que Rusakov não estava mentindo ou tentando enganá-los: o Pó realmente existia. Assim surgiu o problema de decidir o que era isso. E devido à natureza da Igreja só poderiam ter escolhido uma coisa: o Magisterium decidiu que o Pó era a evidência física do pecado original. Sabe o que é pecado

original?

Ela torceu os lábios. Era como estar de volta à Jordan, sendo sabatinada sobre alguma coisa que mal lhe tinham ensinado.

-Mais ou menos -respondeu.

-Não sabe, não. Vá até a prateleira atrás da escrivaninha e me traga a Bíblia.

Lyra assim fez e entregou ao pai o grande livro de capa preta.

-Lembra-se da história de Adão e Eva?

-Claro. Ela não devia comer o fruto, mas foi tentada pela serpente e comeu.

-Que foi que aconteceu então?

-Hum... Eles foram expulsos. Deus expulsou os dois do paraíso.

-Deus tinha dito para eles não comerem o fruto, senão eles iam morrer. Lembre-se, eles estavam nus no paraíso, eram #389

como crianças, seus daemons tinham a forma que desejassem ter.

Mas ouça o que aconteceu.

Ele procurou o Capítulo Terceiro do Gênesis e leu:

"E a mulher disse à serpente: 'Nós comemos do fruto das árvores que estão no paraíso.

Mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso Deus mandou que não o comêssemos, e nem o tocássemos, para que não suceda que morramos.'

" Porém a serpente disse à mulher: 'Vós de nenhum modo morrereis.

Pois Deus sabe que, em qualquer dia que comerdes dele, abrir-se-ão os vossos olhos, e vossos daemons assumirão suas formas verdadeiras, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal'

" Viu, pois, a mulher que (o fruto da) árvore era bom para comer, e formoso aos olhos, e uma árvore desejável para revelar a forma verdadeira do daemon de alguém; e tirou do fruto dela, e comeu; e deu a seu marido, que também comeu.

" E os olhos de ambos se abriram, e eles viram a forma verdadeira de seus daemons, e falaram com eles.

" Mas quando o homem e a mulher conheceram seus próprios daemons, viram que uma grande transformação neles se efetudara,

pois até aquele momento parecia que eles eram como todas as criaturas da terra e do céu, e não havia diferença entre eles.

" E eles enxergaram a diferença, e conheceram o bem e o mal; e envergonharam-se, E coseram folhas de figueira para cobrir sua nudez..."

Ele fechou o livro.

-E foi assim que o pecado chegou ao mundo -disse. -

O pecado, a vergonha e a morte. Ele surgiu no momento em que os daemons de Adão e Eva se tornaram imutáveis.

#390

-Mas... -Lyra lutou para encontrar as palavras que queria. -Mas isso não é verdade, é? Não é como química ou engenharia, não é esse tipo de verdade, é? Adão e Eva nunca existiram, não é? O Catedrático de cassington me disse que era só

uma espécie de conto de fadas.

-A cátedra de cassington tradicionalmente é dada a um livre-pensador; a função dele é desafiar a fé dos Catedráticos. Naturalmente ele tinha que dizer isso. Mas pense em Adão e Eva

como um número imaginário, como a raiz quadrada de menos um: agente nunca vê uma prova concreta de que ele existe, mas quando incluímos esse número nas nossas equações, podemos calcular todo tipo de coisa que seria impossível imaginar sem ele.

De qualquer maneira, essa história é o que a Igreja vem ensinando

há milhares de anos. E quando Rusakov descobriu o Pó, finalmente havia uma prova física de que alguma coisa acontecia

quando a inocência se transformava em experiência. Aliás, a Bíblia nos deu também o nome "Pó"; no princípio chamava-se Partículas de Rusakov, mas logo alguém observou um curioso versículo no final do Capítulo Terceiro do Gênesis, quando Deus

amaldiçoa Adão por ter comido o fruto.

Ele tornou a abrir a Bíblia e mostrou a Lyra. Ela leu:

"Comerás o pão com o suor do teu rosto até que voltes à terra, de que foste tomado: porque tu és pó, e em pó te hás de tornar... "

Lorde Asriel continuou:

-Os estudiosos da Igreja sempre ficaram confusos com a tradução deste versículo. Alguns dizem que não deveria ser "ao pó retornarás" mas sim "serás sujeito ao pó", e outros dizem que o versículo inteiro é uma espécie de trocadilho com as palavras "terra" e "pó" e que ele significa na verdade que Deus está admitindo

que sua própria natureza é parcialmente pecaminosa. Não há um #391

consenso; não se consegue chegar a uma conclusão, porque esse texto foi modificado. Mas a palavra servia bem demais, e é por isso que as partículas ficaram conhecidas como Pó.

-E quanto aos Papões? -Lyra quis saber.

-O Conselho Geral de Oração.. .A quadrilha da sua mãe.

Foi muita esperteza dela identificar a oportunidade de formar sua

própria base de poder, mas ela é uma mulher esperta, como você já deve ter percebido. É vantajoso para o Magisterium permitir que floresça todo tipo de diferentes organizações. Podem jogar umas contra as outras; se uma der certo, podem fingir que a apoiaram o tempo todo, e se ela fracassar, eles podem fingir que era uma organização clandestina que nunca foi licenciada. Sabe, sua mãe sempre ambicionou o poder. No princípio, tentou conseguir poder pela maneira normal, através do casamento, mas

isto não funcionou, como você deve ter ouvido contar. De modo que ela teve que recorrer à Igreja. Naturalmente ela não podia seguir o caminho que um homem seguiria, ser padre e subir na hierarquia da Igreja, de modo que teve que fazer uma coisa alternativa: teve que criar sua própria ordem, seus próprios canais

de influência, e trabalhar com isso. Foi uma boa jogada especializar-se no Pó. Todo mundo tinha medo dele, ninguém sabia o que fazer; e quando ela se ofereceu para dirigir uma investigação, o Magisterium ficou tão aliviado que eles a apoiaram com dinheiro e recursos de todo tipo.

-Mas eles estavam cortando... -Lyra não conseguiu dizer o resto; as palavras ficaram bloqueadas em sua garganta. - O senhor sabe o que estavam fazendo! Por que a Igreja deixou que fizessem uma coisa como essa?

-Havia um precedente. Já ocorrera uma coisa parecida. Sabe o que significa a palavra "castração"? Significa remover os órgãos sexuais de um menino para que ele nunca desenvolva as características de um homem. Um castrato tem a voz fina pelo resto da vida, e é por isto que a Igreja permitia isso: era útil nos

#392  
coros da Igreja. Alguns castrati tornaram-se grandes cantores, artistas maravilhosos. Muitos tornaram-se apenas meio-homens, balofos e temperamentais. Alguns morreram por causa da operação. Mas a Igreja não se importou com a idéia de um pequeno

corte, entende? Havia um precedente. E isso seria muito mais higiênico do que os métodos antigos, quando não existia anestesia

nem curativos esterilizados. Agora a operação seria muito mais suave.

-Não é, não! -Lyra exclamou com ferocidade. -Não é não!

-Não. Claro que não. É por isso que tiveram que se esconder no Extremo Norte, na distância e na escuridão. E por

isso a Igreja ficou tão contente em ter alguém como a sua mãe tomando conta. Quem iria duvidar de uma mulher tão encantadora, tão bem-relacionada, tão simpática e educada? Mas por se

tratar de uma operação obscura e clandestina, ela era alguém que o Magisterium poderia negar conhecer, se fosse necessário.

-Mas de quem foi a idéia de fazer esse corte ?

-Foi dela. Ela adivinhou que as duas coisas que acontecem na adolescência poderiam estar ligadas: a mudança no daemon e o fato de que o Pó começa a pousar. Talvez, se o daemon fosse separado do corpo, pudéssemos não ser sujeitos ao Pó, ao pecado

original. A questão era se seria possível separar o daemon do corpo

sem matar a pessoa. Mas ela viajou por muitos lugares eviu muitas

coisas. Viajou pela África, por exemplo. Os africanos conseguem

criar um escravo chamado zumbi. Ele não tem vontade própria; trabalha dia e noite sem fugir e sem reclamar. Parece um cadáver. ..

-É uma pessoa sem seu daemon!

-Exatamente. Assim, ela descobriu que era possível separar os dois.

-E... Tony Costa me contou sobre os fantasmas horríveis que existem nas florestas do Norte. Imagino que devem ser o mesmo tipo de coisa.

#393

-Isso mesmo. De qualquer maneira, o Conselho Geral de Oração cresceu por causa de idéias como esta e da obsessão da Igreja com o pecado original.

O daemon de Lorde Asriel vibrou as orelhas, e ele pousou a mão na bela cabeça do animal.

-Mais uma coisa acontecia quando faziam o corte, porém eles não perceberam -ele continuou. -A energia que liga o corpo ao daemon é imensamente poderosa; quando o corte é feito, toda essa energia se dissipa numa fração de segundo. Eles não perceberam,

pois confundiram com choque, ou trauma, ou raiva, e treinaram-se para não sentir aquilo. De modo que deixaram de ver o que essa energia podia fazer e nunca pensaram em aproveitá-la...

Lyra não conseguia ficar quieta; levantou-se, caminhou até a janela e ficou contemplando a escuridão. Eles eram cruéis demais! Por mais que fosse importante descobrir sobre o pecado original, era crueldade demais o que tinham feito a Tony Makarios e todos os outros. Nada justificava isso.

-E o que o senhor estava fazendo? -ela perguntou. -

Também cortou alguém?

-Estou interessado em coisa completamente diferente.

Acho que o Conselho de Oblação não avança o suficiente; eu quero ir à própria fonte do Pó.

-A fonte? De onde ele vem, então?

-Do outro universo que conseguimos ver através da Aurora Boreal.

Lyra virou-se outra vez para a sala. Seu pai estava recostado na poltrona, relaxado e poderoso, os olhos tão ferozes quanto os de seu

daemon. Ela não o amava, não conseguia confiar nele, mas não podia

deixar de admirá-lo, admirar o luxo extravagante que ele reunira naquela imensidão desolada, admirar o poder da ambição dele.

-O que é esse outro universo? -perguntou.

-Um dos incontáveis bilhões de mundos paralelos. As bruxas sabem sobre eles há séculos, mas os primeiros teólogos a #394

provarem matematicamente a existência deles foram excomungados, há uns 70 anos ou mais. No entanto, é verdade; não há

como negar. Mas ninguém pensava que um dia seria possível atravessar de um universo para outro. Isso violaria leis fundamentais, nós achávamos. Bem, estávamos errados.

Aprendemos a enxergar o mundo lá em cima; ora, se a luz consegue

atravessar, nós também conseguimos. E tivemos que aprender a enxergar esse outro mundo, Lyra, assim como você aprendeu a usar o aletômetro. Ora, esse mundo e todos os outros universos surgiram como resultado da possibilidade. Veja o exemplo de jogar uma moeda para o alto: pode cair cara ou coroa, e antes que

ela caia não sabemos como vai cair. Se cair cara, isto significa que

a possibilidade de cair coroa está destruída, mas até aquele momento as duas possibilidades eram iguais.

Ele silenciou por um instante.

-Mas em outro mundo ela cai coroa -proseguiu. -E quando isso acontece, os dois mundos se separam. Estou usando o exemplo de uma moeda para tornar a coisa mais clara. Na verdade, essas destruições de possibilidade acontecem do mesmo modo no nível das partículas elementares: em dado momento, várias coisas são possíveis; no momento seguinte, apenas uma acontece e o resto não existe. Porém surgiram outros mundos, onde elas acontecem. E eu pretendo ir a esse mundo por trás da Aurora Boreal, porque acho que é de lá que vem o Pó do nosso universo. Você viu aqueles slides que

mostrei aos Catedráticos na Sala Privativa; viu o Pó jorrando neste mundo, vindo da Aurora Boreal. Você mesma viu aquela cidade. Se a luz pode atravessar a barreira entre os universos, se o Pó pode, se nós conseguimos ver aquela cidade, então podemos construir uma ponte e atravessar. É preciso uma descarga de energia fenomenal, mas tenho como fazer isso. Em algum lugar está a origem de todo o Pó, toda morte, pecado, miséria, destruição no mundo! Os seres humanos não conseguem ver qualquer coisa sem querer destruí-la, Lyra.

#395

Este é que é o pecado original. E eu vou acabar com ele. A morte vai morrer.

-Foi por isso que prenderam o senhor aqui?

-É. Estão apavorados. E com razão.

Ele ficou de pé, imitado pelo seu próprio daemon - orgulhoso, lindo e letal. Lyra ficou imóvel. Tinha medo do pai, admirava-o profundamente e achava que ele estava inteiramente louco, mas quem era ela para julgar?

-Vá para a cama -ele ordenou. -Thorold vai lhe mostrar onde dormir.

Ele virou-se para sair .

-O senhor está esquecendo o aletômetro -ela avisou.

-Ah, é. Na verdade, não preciso mais dele. De qualquer maneira, não ia ser útil sem os livros. Sabe, acho que o Reitor da Jordan estava dando o aletômetro para você. Ele pediu mesmo que você o trouxesse para mim?

-Sim, ora! -ela exclamou.

Mas parou para pensar e concluiu que, na verdade, o Reitor não tinha lhe pedido para fazer isso; ela imaginava que era o que ele pretendia.

-Não -corrigiu. -Não sei. Pensei que...

-Bem, eu não o quero. Ele é seu, Lyra.

-Mas...

-Boa noite, garota.

Sem palavras, perplexa demais com isso para exprimir uma sequer das dezenas de perguntas que lhe enchiam a mente, ela pegou o aletômetro e embrulhou-o no veludo preto. Então sentou-se perto do fogo e ficou vendo Lorde Asriel retirar-se do aposento.

#396

A Traição

ELA despertou com um homem sacudindo-lhe o braço. Então Pantalaimon acordou com um pulo e rosnou, e ela reconheceu Thorold. Ele segurava uma lamparina a nafta na mão trêmula.

-Senhorita, senhorita, levante-se depressa! Ele está quase delirando, desde que a senhorita foi dormir. Nunca vi meu amor tão descontrolado. Arrumou muitos instrumentos e várias baterias num

trenó, atrelou os cachorros e partiu. Mas levou o menino, senhorita!

-Roger? Ele levou o Roger?

-Ele me disse para acordar e vestir o menino, e nem pensei em discutir, nunca fiz isso. O menino ficou perguntando pela senhorita, mas Lorde Asriel queria ele sozinho. Sabe, quando a senhorita chegou? Quando ele viu quem era, não queria acreditar,

e ficou mandando a senhorita ir embora?

A cabeça de Lyra estava tão cheia de pensamentos e temores que ela mal conseguia pensar.

-Sei! Sei! -afirmou.

#397

-Era porque ele precisava de uma criança para terminar a experiência, senhorita! E Lorde Asriel tem um jeitinho todo especial de conseguir o que quer; é só pedir e...

Agora a cabeça de Lyra estava cheia de trovões, como se ela estivesse tentando evitar que certa informação chegasse ao seu consciente.

Tinha saído da cama e ia vestir suas roupas quando caiu no chão de repente. Um agudo grito de desespero envolveu-a. O grito saía dela, mas era maior do que ela; era como se o desespero

é que estivesse gritando. Pois ela havia se lembrado das palavras dele: a energia que une o corpo ao daemon é imensamente poderosa; e para servir de ponte entre os dois mundos era preciso

uma descarga de energia fenomenal.. .

Ela acabava de perceber o que fizera.

Tinha lutado para chegar até ali para trazer algo a Lorde Asriel, pensando saber o que ele queria; e não era o aletômetro. Tudo que ele queria era uma criança.

E ela tinha trazido Roger para ele !

Por isto ele tinha gritado quando viu Lyra: "Não mandei buscá-la!"; ele mandara buscar uma criança, e o destino lhe trouxera sua própria filha -era o que ele havia pensado, até ver Roger .

Ah, que angústia terrível! Ela pensava que estava salvando Roger e o tempo todo estava trabalhando para trair o amigo...

Lyra estremeceu, aos soluços, num frenesi de emoção. Aquilo não

podia ser verdade!

Thorold tentou acalmá-la, mas não sabia o motivo para



tanto sofrimento, e tudo que podia fazer era dar-lhe tapinhas nervosos no ombro.

-Iorek... -ela soluçou, afastando o criado. -Onde está

Iorek Byrnison? O urso? Ainda está lá fora?

O velho deu de ombros, sem saber responder .

#398

-Me ajude! -ela pediu, tremendo de fraqueza e medo.

-Traga meus agasalhos. Tenho que ir. Agora! Rápido!

Ele pousou a lamparina e fez o que ela pedia. Quando dava ordens naquele tom imperioso, ela ficava muito parecida com o pai, embora tivesse o rosto molhado de lágrimas e os lábios trêmulos. Enquanto Pantalaimon andava de um lado para outro sacudindo a cauda com força, a pelagem quase faiscando, Thorold correu para trazer as peles dela, rígidas e fedorentas, e ajudar

Lyra a agasalhar-se. Assim que todos os botões estavam fechados,

ela correu para a porta, e sentiu o frio atingir sua garganta como uma espada e congelar as lágrimas em seu rosto.

-Iorek! -ela se pôs a gritar. -Iorek Byrnison! Venha, preciso de você!

Houve um vulcão de neve, um ruído de metal, e o urso apareceu a seu lado; estivera dormindo tranqüilamente sob a neve

que caía. Na luz da lamparina que Thorold segurava junto à janela, Lyra viu a cabeça comprida e sem rosto, as frestas escuras

dos olhos, o brilho de pêlos brancos sob o metal pretoavermelhado, e teve vontade de abraçá-lo, procurando consolo

no elmo

de ferro, na pele de pontas de gelo.

-Que foi? -ele perguntou.

-Temos que alcançar Lorde Asriel. Ele levou o Roger e vai... não consigo nem pensar nisso... Ah, Iorek, eu lhe imploro, vá depressa, meu querido!

-Então venha- ele retrucou.

Lyra saltou para as costas do urso. Não havia necessidade de perguntar o caminho; o rastro do trenó levava para a planície, e Iorek lançou-se no encaço dele. Seu movimento fazia agora parte de Lyra, de modo que equilibrar-se havia se tornado uma coisa automática para ela. Ele corria mais depressa do que nunca pelo espesso manto de neve sobre o solo rochoso, e as placas da sua armadura roçavam umas nas outras num ritmo regular.

#399

Atrás deles, os outros ursos vinham mais devagar, puxando o lançador de fogo. O caminho estava claro, pois a lua estava alta,

e sua luz, derramando-se sobre o mundo nevado, era tão clara como tinha sido no balão: um mundo de prata brilhante e negrume total. O rastro do trenó de Lorde Asriel ia direto para uma serra de picos pontiagudos, formas aguçadas e estranhas que sobressaíam num céu tão negro quanto o veludo que embrulhava o aletômetro. Não havia sinal do trenó -ou havia um levíssimo movimento na encosta do pico mais alto? Lyra tentou enxergar, forçando os olhos, e Pantalaimon voou o mais alto que pôde para

espíar com sua visão clara de coruja.  
-É Lorde Asriel, sim, ele está chicoteando furiosamente os cães, e tem uma criança com ele...

Lyra sentiu Iorek Byrnison diminuir a velocidade; alguma coisa tinha chamado sua atenção. Ele erguia a cabeça, virando-a para a esquerda e para a direita.

-Que é? -ela quis saber.

Ele não disse. Estava escutando com atenção, mas ela nada conseguia ouvir. Mas então ouviu alguma coisa: um ruído misterioso e muito distante de coisa roçando e estalando. Era um som que ela já ouvira: o som da Aurora Boreal. Um véu de brilho

tinha caído do nada e pendia cintilante no céu austral. Todos aqueles bilhões e trilhões de partículas carregadas invisíveis, e possivelmente também -ela pensou -de Pó, formavam uma radiância descendo da atmosfera superior. Nessa noite, a Aurora Boreal ia ser bem mais brilhante e extraordinária do que qualquer

outra que Lyra já vira, como se soubesse do drama que se desenrolava lá embaixo e quisesse iluminá-lo com os mais impressionantes efeitos especiais.

Mas nenhum dos ursos estava olhando para cima: tinham a atenção voltada para a terra. Então não havia sido a Aurora que

atraía a atenção de Iorek! O urso agora estava imóvel, e Lyra escorregou das costas dele, sabendo que ele precisava de liberdade

#400

de movimentos para poder se orientar. Alguma coisa o preocupava.

Lyra olhou em volta e para trás, para a vastidão plana que levava à casa de Lorde Asriel, olhou para as montanhas que tinham atravessado mais cedo, e nada viu. A Aurora Boreal ficou

mais intensa; os primeiros véus tremularam e deslizaram para um

lado, e cortinas irregulares dobraram-se e desdobraram-se acima

deles, aumentando em tamanho e brilho a cada minuto; espirais e arabescos retorciam-se de um horizonte a outro, e tocavam o próprio zênite com arcos de luz. Ela escutava com mais clareza do que nunca o portentoso canto sibilado de vastas forças intangíveis.

-As bruxas! -exclamou uma voz de urso.

Lyra virou-se, com alegria e alívio, mas um focinho pesado empurrou-a pelas costas e jogou-a no chão; sem fôlego para levantar-se, a menina ficou caída, ofegante e trêmula, pois no lugar onde ela estivera de pé havia agora a pena verde de uma flecha; a ponta e o cabo estavam enterrados na neve.

"Impossível!", ela pensou, mas era verdade, pois outra flecha bateu ruidosamente na armadura de Iorek, que estava de pé acima dela.

Não eram as bruxas de Serafina Pekkala; eram de outro clã. Ficaram voando em círculos, mais de uma dúzia delas, dando rasantes para atirar uma flecha e tornando a subir depressa, e Lyra

praguejou, dizendo todos os palavrões que sabia.

Iorek Byrnison deu ordens rápidas. Era evidente que os ursos tinham prática em lutar contra bruxas, pois no mesmo instante eles se colocaram em posição defensiva, e as bruxas passaram ao ataque. Elas só conseguiam acertar no alvo se atirassem de perto, e para não desperdiçar flechas, elas mergulhavam,

atiravam a flecha e no mesmo instante subiam. Mas quando chegavam ao ponto mais baixo do mergulho, tendo as mãos ocupadas com o arco e a flecha, elas ficavam vulneráveis, e os

#401 ursos saltavam para o alto com as garras estendidas e puxavam as

bruxas para o chão. Várias foram derrubadas assim, e logo liquidadas.

Lyra agachou-se junto a uma rocha, observando. Algumas bruxas atiraram nela, mas erraram o alvo; e então Lyra, olhando para cima, viu que a maior parte do grupo se destacava e ia embora.

Se ela ficou aliviada com isso, o alívio não durou mais que uns instantes: da direção que as bruxas tinham tomado vinham muitas outras, e com elas no céu havia um grupo de luzes brilhantes; e vindo do outro lado da planície de Svalbard, sob a radiância da Aurora Boreal, ela ouviu um som que abominava: o pulsar de um motor a gás. O *æpelim* estava chegando, trazendo a bordo a Sra. Coulter e sua tropa.

Iorek rosou uma ordem, e os ursos tomaram outra formação.

Lyra ficou observando enquanto eles preparavam o lançador

de fogo. A vanguarda da esquadrilha de bruxas também viu isto e a saraivada de flechas recomeçou, mas os ursos confiavam em suas armaduras e trabalharam depressa para montar o aparelho: um braço comprido que se estendia para o alto em ângulo e uma cuia com um metro de diâmetro; e um grande tanque de ferro coberto de fumaça e vapor.

Enquanto ela observava, surgiu uma labareda brilhante, e uma equipe de ursos bem treinados pôs-se em ação. Dois deles baixaram o braço do lançador de fogo, outro jogou pás de fogo dentro da cuia e veio a ordem de disparo; o enxofre flamejante foi lançado para o céu escuro.

As bruxas estavam tão apinhadas no céu acima deles que três delas caíram no primeiro tiro, mas logo ficou óbvio que o verdadeiro alvo era o zepelim. O piloto nunca tinha visto um lançador de fogo, ou então subestimava o poder da arma, pois continuou voando diretamente para os ursos, sem subir ou desviar-se.

#402

Então ficou claro que eles também tinham uma arma poderosa no zepelim: uma metralhadora montada no nariz da gôndola. Lyra viu centelhas voando da armadura de alguns ursos, e viu-os enrodilhar-se para se protegerem, antes de ouvir o ruído das balas. Ela gritou com medo.

-Eles estão seguros -disse Iorek Byrnison. -Essas balas de brinquedo não conseguem furar uma armadura.

O lançador de fogo funcionou de novo: desta vez uma massa de enxofre em chamas foi jogada para o alto e atingiu a gôndola, explodindo numa cascata de brasas. O zepelim fez uma curva para a esquerda e afastou-se num grande arco antes de voltar

para o grupo de ursos que trabalhavam depressa junto ao lançador

de fogo. Enquanto o zepelim se aproximava, o braço da arma descia; a metralhadora cuspiu balas, e dois ursos caíram, arrancando um rugido baixo de Iorek Byrnison; quando a aeronave estava quase acima deles, um urso gritou uma ordem, e o braço do aparelho foi erguido.

Desta vez, o enxofre foi lançado contra o balão de gás do zepelim. A estrutura rígida segurava uma cobertura de seda impermeabilizada que continha o hidrogênio, e, embora ela fosse

suficientemente forte para resistir a pequenos golpes, o peso de toda aquela carga de mineral em chamas foi demais: a seda rasgou-se de um lado a outro e o enxofre e o hidrogênio encontraram-se, numa catástrofe de chamas.

No mesmo instante, a seda ficou transparente; todo o esqueleto do zepelim ficou visível, escuro contra o inferno vermelho e amarelo, e flutuou no ar pelo que parecia ser um tempo impossivelmente longo antes de cair devagar, quase com relutância. Pequenas figuras, escuras contra a neve e o fogo, saíram dele cambaleando ou correndo, e as bruxas desceram para ajudar a arrastá-los das chamas. Em menos de um minuto, o zepelim tinha se tornado uma massa de metais retorcidos, fumaça e algumas chamas esparsas.

#403

Mas os soldados a bordo, e os outros também (embora Lyra estivesse distante demais para identificar a Sra. Coulter, sabia que ela estava lá), não perderam tempo; com a ajuda das bruxas, eles arrastaram e armaram a metralhadora e continuaram o combate em terra firme.

-Vamos -disse Iorek. -Eles vão aguentar muito tempo.

Ele rugiu, e um grupo de ursos destacou-se e atacou o Banco direito dos tártaros. Lyra sentia a vontade que ele tinha de estar lá também, mas os nervos dela gritavam para que partissem, e sua

mente estava cheia de imagens de Roger e Lorde Asriel; e Iorek Byrnison sabia, pois deu as costas à luta e começou a subir a montanha, deixando seus ursos combatendo os tártaros.

Enquanto subiam, Lyra forçava os olhos para enxergar à frente, mas nem mesmo o olhar de coruja de Pantalaimon conseguia vislumbrar qualquer movimento no Banco da montanha que eles estavam subindo. Porém as marcas do trenó de Lorde

Asriel estavam claras, e Iorek seguia-as rapidamente, saltando através da neve, fazendo-a subir atrás de si. O que acontecia atrás

deles era exatamente isto: algo que havia ficado para trás. Lyra sentia que estava deixando o mundo para trás, de tão distante e decidida que estava, de tão alto que estavam subindo, de tão estranha e misteriosa a luz que os banhava.

-Iorek, você vai encontrar Lee Scoresby?

-Vivo ou morto, vou encontrar .

-E se vir Serafina Pekkala...

-Eu conto a ela o que você fez.

-Obrigada, Iorek -ela disse.

Por algum tempo, ficaram em silêncio. Lyra sentiu-se cair numa espécie de transe que não era dormir nem estar acordada,

quase um estado de sonho consciente no qual ela sonhava que estava sendo carregada por ursos para uma cidade nas estrelas. Ia contar isto a Iorek Byrnison quando ele parou.

#404

-Os rastros continuam em frente, mas eu não posso - disse ele.

Lyra saltou para o chão e parou ao lado dele. Estavam de pé na beira de um abismo. Era difícil dizer se se tratava de uma fenda no gelo ou uma fissura na rocha, mas isto não fazia diferença. O que importava era que o precipício mergulhava na escuridão insondável.

E o rastro do trenó de Lorde Asriel chegava até aborda... e ia em frente, através de uma ponte de neve compactada.

Era evidente que a ponte tinha sentido o peso do trenó, pois havia nela uma rachadura junto à outra borda do abismo, e a superfície da ponte perto da rachadura tinha cedido quase meio metro. Poderia suportar o peso de uma criança, mas nunca o de um urso de armadura.

E o rastro de Lorde Asriel atravessava a ponte e subia a montanha do outro lado. Se Lyra continuasse, teria que ir sozinha. Ela voltou-se para Iorek Byrnison.

-Tenho que atravessar-declarou. -Obrigada por tudo que fez por mim. Não sei o que vai acontecer quando eu alcançar

Lorde Asriel. Podemos morrer todos, mesmo que eu não chegue até lá. Mas se eu voltar, virei fazer uma visita para agradecer mais

uma vez, Rei Iorek Byrnison.

Ela colocou a mão na cabeça dele, e ele assentiu delicadamente.

-Adeus, Lyra da Língua Mágica -disse.

Com o coração apertado e dolorido, ela colocou um pé na ponte. A neve estalou sob seu peso, e Pantalaimon voou para pousar na outra extremidade da ponte e encorajá-la a prosseguir

.

Ela deu um passo após outro, perguntando-se a cada passo se não

seria melhor correr até o outro lado e dar um pulo para a margem

ou ir devagar como estava fazendo, pisando de leve. Na metade do percurso, ela ouviu outro estalido da neve; perto de seus pés,

#405

um pedaço de gelo despencou no abismo, e a ponte cedeu mais alguns centímetros.

Ela ficou imóvel. Pantalaimon, em forma de leopardo, estava agachado, pronto para saltar e agarrá-la.

A ponte aguentou. Ela deu outro passo, mais outro, e então sentiu que alguma coisa cedia sob seus pés e saltou para a borda

com toda a força que tinha. Aterrissou de barriga na neve e no mesmo instante a ponte inteira caía no abismo.

Pantalaimon tinha as garras cravadas nas peles do agasalho da menina.

Depois de um minuto, ela abriu os olhos e rastejou para longe da borda. Já não havia caminho de volta. Ela ficou de pé e levantou a mão para o urso que a observava. Iorek Byrnison ergueu-se nas patas traseiras para despedir-se, e então virou-se e desceu a montanha correndo, para ir ajudar seus súditos na batalha contra a Sra. Coulter e os soldados do zepelim.

Lyra estava sozinha.

#406

A Ponte para as Estrelas

QUANDO O urso desapareceu de vista, Lyra sentiu que uma grande fraqueza a dominava, e às cegas tateou em busca de Pantalaimon.

-Ah, meu querido Pan, não posso continuar! Estou tão apavorada, tão cansada, viajei tanto, estou morrendo de medo! Queria que outra pessoa estivesse no meu lugar, eu juro!

O daemon encostou-se ao pescoço dela, morno e reconfortante.

-Não sei o que fazer- Lyra soluçou. -É demais para nós, Pan, nós não vamos conseguir...

Ela agarrou-se a ele, ninando-o e deixando os soluços ecoarem pela neve.

Pensava: mesmo se a... a Sra. Coulter chegasse primeiro, isto não ia salvar Roger. Ela levaria o menino para Bolvangar ou coisa pior, e me mataria por Vingança...

-Por que eles fazem essas coisas, Pan? Será que todos eles odeiam tanto assim as crianças, a ponto de querer fazer isso? Por quê?

#407

Mas Pantalaimon não sabia responder; tudo que podia fazer era apertá-la com força. Aos poucos, enquanto a tempestade de medo se acalmava, ela recuperou a confiança em si. Afinal, ela era

Lyra! Podia estar com frio e com medo, mas era Lyra!

-Eu queria... -começou a dizer, mas parou; querer não levava a nada.

Com um último suspiro trêmulo, ela estava pronta para seguir em frente.

A esta altura, a lua morrera, e o céu ao sul estava profundamente escuro, embora milhões de estrelas ali brilhassem como diamantes no veludo. A Aurora Boreal, porém, brilhava 100 vezes

mais que elas. Lyra nunca a tinha visto tão brilhante e espetacular;

a cada movimento, novos milagres de luz dançavam pelo céu. E por trás da inconstante cortina de luz, aquele outro mundo, a cidade iluminada pelo sol, mostrava-se, clara e sólida.

Quanto mais Lyra e Pantalaimon subiam, mais a terra árida estendia-se abaixo deles. Ao norte estava o mar congelado, com rachaduras onde duas placas de gelo tinham colidido, mas, exceto

isto, plano e infinito, chegando até o próprio Pólo e indo além dele,

sem características, sem vida, sem cor, nu como Lyra jamais poderia

ter imaginado. Para o leste e para o oeste, erguiam-se mais montanhas de picos altos e pontudos, as escarpas cobertas de neve e cortadas

pelo vento em lâminas aguçadas como cimitarras. Para o sul, estava

o caminho por onde tinham vindo, e Lyra olhou para trás com emoção, esperando ver seu querido amigo Iorec Byrnison e sua tropa; mas nada se movia na planície. Ela nem sequer podia ter certeza de estar enxergando os restos do zepelim ou a neve manchada

de vermelho em volta dos cadáveres dos guerreiros.

Pantalaimon levantou vô e voltou para o pulso dela em forma de coruja.

-Estão logo atrás do pico! -disse. -Lorde Asriel preparou todos os seus instrumentos, e Roger não consegue fugir...

#408

Enquanto ele falava, a Aurora Boreal piscou e perdeu intensidade, como uma lâmpada análogica no fim do tempo de uso, e então desapareceu de vez. Na penumbra, porém, Lyra sentia

a presença do Pó, pois o ar parecia cheio de más intenções, como

formas de pensamentos ainda por nascer.

Na escuridão que a envolvia, ela ouviu uma voz infantil:

-Lyra! Lyra!

-Estou indo! -ela gritou de volta, e cambaleou para cima, caindo, levantando, lutando, esforçando-se, já no final de suas forças, porém avançando sem parar através da neve que brilhava fantasmagoricamente.

-Lyra! Lyra!

-Estou quase chegando -ela ofegou. -Quase chegando, Roger!

Pantalaimon, em sua aflição, transformava-se rapidamente:

leão, arminho, águia, gato-do-mato, salamandra, coruja, leopardo, todas as formas que ele já havia tomado, um

caleidoscópio de

formas em meio ao Pó...



-Lyra!

Ela chegou ao topo e viu o que estava acontecendo.

A uns 50 metros de distância, Lorde Asriel estava torcendo juntos dois fios que levavam ao trenó tombado de lado, sobre o qual havia uma fila de baterias, vidros e peças de aparelhagem, já

cobertos de cristais de gelo. Ele vestia peles grossas e tinha o rosto

iluminado pela chama de uma lamparina de nafta. Deitada como a Esfinge ao lado dele estava seu daemon, movimentando a cauda

preguiçosamente sobre a neve, a linda pelagem brilhando.

Em sua boca estava o daemon de Roger.

A pequena criatura lutava, arranhava, mordida, passando de pássaro a cachorro, depois gato, rato, outra vez pássaro, incessantemente chamando por Roger, a poucos metros de distância,

também lutando, tentando dominar o pânico e a dor e gritando de sofrimento e de frio. Ele chamava o nome de seu daemon e #409

chamava Lyra; ele correu para Lorde Asriel e agarrou-lhe o braço,

mas Lorde Asriel jogou-o longe. Ele tornou a tentar, chorando e implorando, mas Lorde Asriel jogou-o no chão outra vez.

Estavam na beira de um abismo; atrás deles havia apenas as trevas infinitas. Estavam mais de 300 metros acima do mar congelado.

Lyra enxergou tudo isso à luz das estrelas; mas então, enquanto Lorde Asriel ligava seus fios, a Aurora Boreal iluminou-se inteira

outra vez, como a centelha de poder mortal que brinca entre dois terminais, só que neste caso um deles tinha mais de mil quilômetros

de altura e 30 mil de comprimento. A Aurora Boreal mergulhava e

crecia, ondulando, cintilando, uma gloriosa catarata de luz.

E era controlada por ele...

Ou então ele estava recebendo energia dela, pois havia um fio que saía de um imenso carretel no trenó e subia diretamente para o céu. Da escuridão surgiu um corvo, que Lyra identificou como o daemon de uma bruxa. Havia uma bruxa ajudando

Lorde

Asriel, e ela levava o fio para as alturas.

E a Aurora brilhava outra vez.

Ele estava quase pronto. Virou-se para Roger e chamou-o, e Roger obedeceu, sacudindo a cabeça, implorando, chorando, mas sem nada poder fazer.

-Não! Fuja, correndo! -Lyra gritou, lançando-se encosta abaixo. Pantalaimon saltou sobre a pantera branca e arrancou o daemon de Roger dos dentes dela. O daemon-pantera saltou sobre ele, e Pantalaimon soltou o outro daemon; ambos, mudando de forma sem parar, viraram-se e deram combate ao enorme animal.

Ele tentava atingi-los com suas garras afiadas, e seu rugido encobriu até mesmo os gritos de Lyra. As duas crianças também lutavam contra ele ou contra as formas no ar, aquelas más intenções que desciam pelos jorros de Pó...

#410

E lá no alto a Aurora Boreal oscilava, e seu brilho iluminava ora um prédio, ora um lago, ora uma fila de palmeiras, tudo tão perto que dava a impressão de que se podia passar caminhando de um mundo ao outro.

Lyra deu um pulo e agarrou a mão de Roger, puxando-o com força. Os dois se desvencilharam de Lorde Asriel e correram de mãos

dadas, mas Roger caiu e contorceu-se, pois a pantera tornara a capturar seu daemon; Lyra conhecia aquela dor e tentou parar...

Mas não conseguiram parar.

O rochedo estava deslizando debaixo deles.

Uma plataforma de neve, deslizando inexoravelmente para o abismo...

Para o mar congelado, centenas de metros abaixo deles...

-LYRA!

Coração pulsando... Mãos que a agarravam com força...

E lá no alto a maior maravilha: o domo celeste, cravejado de estrelas, profundo, de repente foi perfurado como se por uma espada.

Um jato de luz, um jato de pura energia liberada como uma flecha lançada por um arco imenso, disparou para cima. As cortinas de luz e cor que eram a Aurora Boreal rasgaram-se com um som forte que chegou às extremidades do universo; havia terra

seca no céu...

A luz do sol!

A luz do sol brilhando na pelagem de um macaco dourado...

Pois a descida da prateleira de neve havia cessado; talvez uma protuberância na encosta tivesse interrompido a queda. Lyra avistou, na neve remexida do topo da montanha, o macaco dourado surgir do ar ao lado da pantera e viu os dois daemons se eriçarem, fortes e atentos. O macaco tinha a cauda ereta, e a pantera balançava a dela de um lado para outro. Então o macaco estendeu a pata hesitantemente, a pantera baixou a cabeça em gracioso reconhecimento, os dois se tocaram...

#411

E quando Lyra desviou o olhar deles, viu a própria Sra. Coulter presa nos braços de Lorde Asriel. A luz brincava em volta deles como raios e centelhas de intensa energia anárquica. Lyra, impotente, só podia imaginar o que tinha acontecido: a Sra. Coulter havia conseguido atravessar o abismo e chegar até ali... Seu pai e sua mãe, juntos!

E num abraço apaixonado: uma coisa inimaginável. Ela arregalou os olhos. O corpo de Roger estava morto em seus braços, imóvel, quieto, descansando. Ela ouviu os pais conversando. A mãe disse:

-Eles nunca vão permitir...

-Permitir? -o pai repetiu. -Nós já passamos da fase de pedir permissão como se fôssemos crianças. Eu tornei possível

que qualquer um acesse se quiser.

-Eles vão proibir! Vão vedar a passagem e excomungar quem tentar!

-Vai ter gente demais querendo passar. Eles não vão conseguir impedir. Isso vai significar o fim da Igreja, Marisa, o fim do Magisterium, o fim de todos esses séculos de trevas!

Olhe

para aquela luz lá no alto: é o sol de outro mundo! Sinta o calor dele na sua pele, agora!

-Eles são mais poderosos que tudo, Asriel. Você não conhece...

-Eu não conheço? Ninguém no mundo conhece mais do que eu o poder da Igreja! Mas ela não é suficientemente poderosa

para isso. De qualquer maneira, o Pó vai mudar tudo. Agora é impossível impedir.

-Era isso que você queria? Sufocar todos nós, matar todos nós com pecado e trevas?

-Eu queria me libertar, Marisa! E consegui. Olhe, veja as palmeiras balançando na praia! Está sentindo o vento? É o vento de um outro mundo! Sinta nos cabelos, no rosto...

#412

Lorde Asriel afastou o capuz do rosto da Sra. Coulter e virou a cabeça dela para o céu, deslizando os dedos pelos cabelos dela. Lyra observava sem ousar mover um só músculo.

A mulher agarrou-se a Lorde Asriel como se estivesse tonta e sacudiu a cabeça, aflita.

-Não, não... Eles estão vindo, Asriel. Sabem para onde eu vinha...

-Então venha comigo para fora deste mundo!

-Não tenho coragem...

-Você? Logo você, não tem coragem? Até sua filha viria. Sua filha teria coragem para qualquer coisa, envergonhando a mãe dela.

-Então vá com ela, e boa viagem. Ela é mais sua do que minha, Asriel.

-Não. Foi você quem a levou; tentou moldá-la. Naquela época, você a queria.

-Ela era rústica demais, teimosa demais. Deixei passar tempo demais... Mas onde é que ela está? Segui as pegadas dela até aqui...

-Ainda quer ficar com ela? Duas vezes tentou prendê-la e duas vezes ela fugiu. Se eu fosse ela, ia sair correndo para não lhe dar uma terceira oportunidade.

As mãos dele, ainda segurando a cabeça dela, de repente ficaram tensas e puxaram-na para ele num beijo apaixonado.

Para

Lyra aquilo parecia mais crueldade do que amor. Olhando para os daemons dos dois, viu uma cena estranha: a pantera tensa, agachada, com as garras sobre a carne do macaco dourado, e o macaco relaxado, feliz, cambaleando na neve.

A Sra. Coulter desvencilhou-se do beijo e disse:

-Não, Asriel, meu lugar é neste mundo, não no outro...

-Venha comigo! -ele disse, em tom urgente e autoritário. -Venha trabalhar comigo!

-Você e eu não podemos trabalhar juntos.

#413

-Não? Você e eu podemos desmontar o universo e tornar a montar, Marisa! Podemos encontrar a fonte do Pó e destruí-la para sempre! E você gostaria de fazer parte dessa grande obra, não

menta. Pode mentir sobre todo o resto: sobre o Conselho de Obleção, sobre os seus amantes... Sim, eu sei de Boreal, e não me

importo. Pode mentir sobre a Igreja, pode até mentir sobre a menina, mas não minta sobre o que realmente deseja...

E suas bocas novamente se uniram com um desejo avassalador. Seus daemons brincavam violentamente; a pantera deitou-se de costas, e o macaco passou as garras na pele macia do

pescoço dela, e ela ronronou de prazer .

-Se eu não for, você vai tentar me destruir- disse a Sra.

Coulter, desvencilhando-se.

-Por que eu iria querer destruir você? -perguntou ele, rindo, com a luz do outro mundo brilhando em volta da cabeça.

-Se vier comigo, se trabalhar comigo, vou me preocupar com você; se ficar aqui, perderei todo o interesse. Não pense que vou me lembrar de você por um segundo que seja. Agora: ou fique,

para fazer suas maldades neste mundo, ou venha comigo.

A Sra. Coulter hesitou; fechou os olhos e pareceu oscilar, como se fosse desmaiar; mas recuperou o equilíbrio e abriu os olhos, que mostravam uma tristeza bela e infinita.

-Não -disse. -Não vou.

Os dois daemons estavam novamente separados. Lorde Asriel baixou a mão e mergulhou os dedos fortes nos pêlos da pantera; então virou-se e afastou-se sem outra palavra. O macaco

dourado saltou para os braços da Sra. Coulter soltando pequenos gemidos de tristeza e estendendo os braços para a pantera que se afastava; o rosto da Sra. Coulter era uma máscara de lágrimas.

Lyra as via brilhar: eram reais.

Então a mãe dela virou-se, sacudida pelo pranto, e afastou-se montanha abaixo, desaparecendo de vista. Lyra observou-a

#414

friamente, depois ergueu os olhos para o céu. Nunca tinha visto tamanha maravilha.

A cidade ali flutuando, tão vazia e silenciosa, parecia recémconstruída, à espera de ser ocupada, ou adormecida, à espera de ser despertada. O sol daquele mundo brilhava neste mundo, tornando douradas as mãos de Lyra, derretendo o gelo no capuz de

pele de lobo que Roger estava usando, tornando transparentes as faces pálidas do menino, brilhando em seus olhos abertos e cegos.

Ela sentiu-se dilacerada de infelicidade. E de raiva, também.

Poderia ter matado o pai; se pudesse arrancar o coração dele, teria

feito isso, por causa do que ele fizera a Roger. E a ela: ele tinha mentido.

Ela ainda estava abraçada ao corpo de Roger. Pantalaimon dizia alguma coisa, mas ela estava com o cérebro em tumulto e não escutou até que ele enfiou suas garras de gato-do-mato na mão dela. Ela pestanejou.

-Que foi? -perguntou.

-O Pó! -ele disse.

-Que é que você está dizendo?

-O Pó. Ele vai encontrar e destruir a fonte do Pó, não é?

-Foi o que ele disse.

-E o Conselho de Obleação, a Igreja, Bolvangar, a Sra.

Coulter e o resto, todos querem a mesma coisa, não é?

-É... Ou que ele pare de afetar as pessoas... Por quê?

-Porque se eles acham que o Pó é ruim, ele deve ser bom.

Ela não respondeu; uma onda de excitação crescia em seu peito. Pantalaimon continuou:

-Nós ouvimos todos falarem sobre o Pó, e eles têm muito

medo dele, e sabe de uma coisa? Nós acabamos acreditando neles, mesmo vendo que tudo que faziam era errado, perverso e cruel... Pensamos que o Pó devia ser ruim, porque eles eram adultos e diziam isso. Mas e se não for? E se ele for...

#415

Ela o interrompeu:

-É! E se na verdade ele for bom...

Lyra olhou para Pantalaimon e viu seus olhos verdes de gato-do-mato cintilarem. Sentiu uma vertigem, como se o mundo inteiro estivesse oscilando sob seus pés.

Se o Pó era uma coisa boa... Se fosse algo a ser procurado e valorizado...

-Nós também podemos procurar o Pó! -ela exclamou.

Era o que ele queria ouvir.

-Podemos encontrar antes dele e...

A enormidade daquela missão silenciou-os. Lyra ergueu os olhos para o céu em chamas. Tinha consciência de como eram pequenos, ela e seu daemon, comparados com a majestade e a vastidão do universo; e de como sabiam pouco, em comparação com os profundos mistérios acima deles.

-Nós podemos, sim -Pantalaimon insistiu. -Chegamos até aqui, não foi? Podemos conseguir.

-Nós estaremos sozinhos. Iorek Byrnison não vai estar lá para nos ajudar. Nem Farder Coram, nem Serafina Pekkala, ou Lee Scoresby, ninguém.

-Então só nós. Não importa. De qualquer maneira, não estamos sozinhos como...

Ela sabia que ele estava querendo dizer: " Como Tony Makarios, como aqueles pobres daemons perdidos em Bolvangar; ainda somos um ser único; nós dois somos um só."

-E temos o aletômetro -ela completou. -É, acho que temos que fazer isso, Pan. Vamos subir lá e procurar o Pó, e quando encontrarmos, vamos saber o que fazer.

O corpo de Roger jazia imóvel nos braços dela. Ela o colocou no chão carinhosamente.

-E faremos -finalizou.

#416

Ela voltou-se para o outro lado. Atrás deles, ficavam a dor, a morte e o medo; à frente deles, a incerteza, o perigo e mistérios

inimagináveis. Mas eles não estavam sozinhos.

Assim, Lyra e seu daemon deram as costas ao mundo em que nasceram, virando-se na direção do sol, e caminharam para o céu.

Final do Livro Um

\*\*\*\*\*